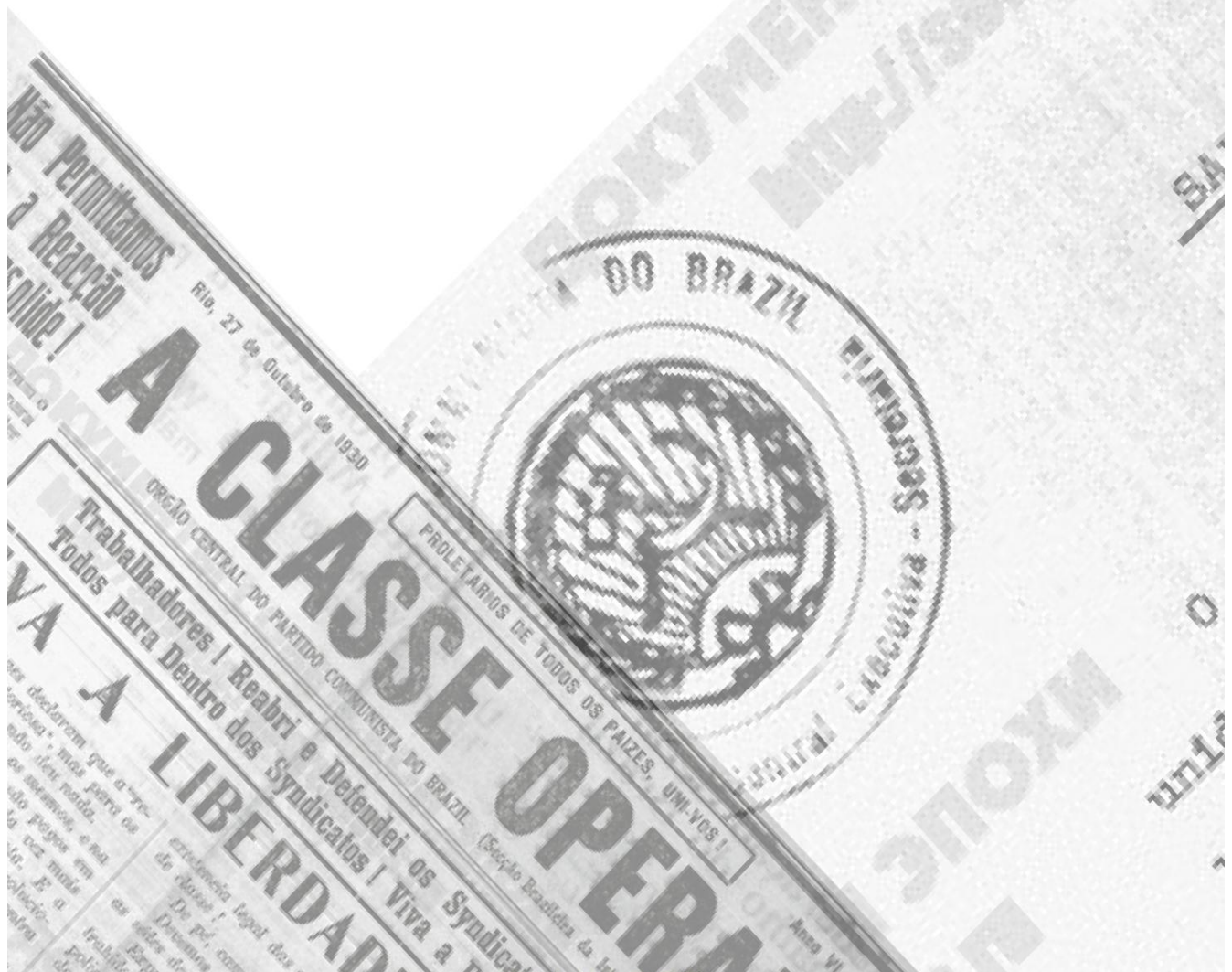




UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

EDE RICARDO DE ASSIS SOARES

A Revolução abandonada: os comunistas, a III Internacional, a crise dos anos vinte e o movimento de outubro de 1930



EDE RICARDO DE ASSIS SOARES

**A REVOLUÇÃO ABANDONADA: OS COMUNISTAS, A III
INTERNACIONAL, A CRISE DOS ANOS VINTE E O MOVIMENTO DE
OUTUBRO DE 1930**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, PPGH, da Universidade Federal da Bahia.

Prof. Dr. Carlos Zacarias de Sena Júnior (UFBA) - Orientador

Salvador

2021

S676 Soares, Ede Ricardo de Assis
A Revolução Abandonada: os comunistas, a III Internacional, a crise dos anos vinte e o Movimento de Outubro de 1930 / Ede Ricardo de Assis Soares. – 2021.
301 f.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Zacarias de Sena Júnior
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2021.

1. Brasil – História – Revolução, 1930. 2. Comunismo. 3. Brasil – História – Tenentismo, 1922-1934. 4. Brasil – História – República Velha, 1889-1930. I. Sena Júnior, Carlos Zacarias de. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 981

EDE RICARDO DE ASSIS SOARES

**A REVOLUÇÃO ABANDONADA: OS COMUNISTAS, A III
INTERNACIONAL, A CRISE DOS ANOS VINTE E O MOVIMENTO DE
OUTUBRO DE 1930**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, PPGH, da Universidade Federal da Bahia.

Prof. Dr. Carlos Zacarias de Sena Júnior (UFBA) - Orientador

Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof. Dr. Paulo Santos Silva (UNEB) - Examinador

Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Eurelino Teixeira Coelho (UEFS) - Examinador

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Profa. Dra. Marly de Almeida Gomes Vianna (UFSCar) - Examinadora

Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Ângelo Aparecido Priori (UEM) - Examinador

Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

Salvador

2021



PARECER SOBRE TRABALHO FINAL DE PÓS-GRADUAÇÃO

NOME DO ALUNO	MATRÍCULA	NÍVEL DO CURSO
Ede Ricardo de Assis Soares	216121215	Doutorado
TÍTULO DO TRABALHO A Revolução abandonada: os comunistas, a III Internacional, a crise dos anos vinte e o movimento de outubro de 1930		
EXAMINADORES	ASSINATURA	CPF
Carlos Zacarias F. de Sena Junior (UFBA) - orientador		457.687.065-34
Eurelino Coelho (UEFS)		479.896.885-49
Marly de Almeida Gomes Vianna (UFSCar)		664.342.032-92
Angelo Aparecido Priori (UEM)		540.260.679-04
Paulo Santos Silva (UNEB)		219.201.415-53

ATA

Aos dezesseis dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e um, na sala virtual no Google Meet, foi instalada a sessão pública para julgamento do trabalho final elaborado por Ede Ricardo de Assis Soares, doutorando do Programa de Pós-graduação em História Social do Brasil. Após a abertura da sessão, o professor Carlos Zacarias F. de Sena Junior, orientador e presidente da banca julgadora, deu seguimento aos trabalhos, apresentando os demais examinadores. Foi dada a palavra ao autor, que fez sua exposição e, em seguida, ouviu a leitura dos respectivos pareceres dos integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas do examinando. Ao final, a banca, reunida em separado, resolveu pela **aprovação** do aluno. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem de direito.

PARECER GERAL

Após a arguição e reunindo-se em separado, a banca considerou que o trabalho de Ede Ricardo de Assis Soares é relevante e constitui uma contribuição à historiografia, devendo, entretanto, passar por uma revisão criteriosa, inclusive nos aspectos apontados pela banca relativos a algumas repetições, usos de conceitos, entre outras questões. Por fim, a banca aponta a importância de publicação da tese, muito especialmente na oportunidade da passagem do centenário de fundação do PCB.

SSA, 16/12/2021: Assinatura do aluno:



PARECER SOBRE TRABALHO FINAL DE PÓS-GRADUAÇÃO

NOME DO ALUNO		MATRÍCULA	NÍVEL DO CURSO
Ede Ricardo de Assis Soares		216121215	Doutorado
TÍTULO DO TRABALHO			
A Revolução abandonada: os comunistas, a III Internacional, a crise dos anos vinte e o movimento de outubro de 1930			
EXAMINADORES	ASSINATURA	CPF	
Carlos Zacarias F. de Sena Junior (UFBA) - orientador		457.687.065-34	
Eurelino Coelho (UEFS)		479.896.885-49	
Marly de Almeida Gomes Vianna (UFSCar)		664.342.037-72	
Angelo Aparecido Priori (UEM)		540.260.679-04	
Paulo Santos Silva (UNEB)		219.201.415-53	

ATA

Aos dezesseis dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e um, na sala virtual no Google Meet, foi instalada a sessão pública para julgamento do trabalho final elaborado por Ede Ricardo de Assis Soares, doutorando do Programa de Pós-graduação em História Social do Brasil. Após a abertura da sessão, o professor Carlos Zacarias F. de Sena Junior, orientador e presidente da banca julgadora, deu seguimento aos trabalhos, apresentando os demais examinadores. Foi dada a palavra ao autor, que fez sua exposição e, em seguida, ouviu a leitura dos respectivos pareceres dos integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas do examinando. Ao final, a banca, reunida em separado, resolveu pela **aprovação** do aluno. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem de direito.

PARECER GERAL

Após a arguição e reunindo-se em separado, a banca considerou que o trabalho de Ede Ricardo de Assis Soares é relevante e constitui uma contribuição à historiografia, devendo, entretanto, passar por uma revisão criteriosa, inclusive nos aspectos apontados pela banca relativos a algumas repetições, usos de conceitos, entre outras questões. Por fim, a banca aponta a importância de publicação da tese, muito especialmente na oportunidade da passagem do centenário de fundação do PCB.

SSA, 16/12/2021: Assinatura do aluno:

Edu Ricardo de Assis Soares

SSA, 16/12/2021.: Assinatura do orientador:

[Handwritten signature]

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq pela bolsa de pesquisa durante todo o doutorado, sem a qual o presente trabalho não seria possível.

Agradeço ao meu orientador de tantos anos, o meu amigo Carlos Zacarias Figueroa de Senna Júnior, um grande exemplo de Historiador, que sendo combativo e severo, não deixa de ser afável, delicado e bondoso. Muito obrigado, Zaca!

Agradeço ao professor Paulo Santos Silva pela atenção dispensada à minha pesquisa, primeiramente examinando o texto de qualificação e, em seguida, quando voluntariamente ocupou-se em ler meus escritos e em dar contribuições fundamentais para que esta tese fosse redigida. Sua generosidade é um grande exemplo para todos nós!

Agradeço ao professor e amigo Eurelino Teixeira Coelho pelas sugestões ao texto de qualificação e por ter aceito compor a banca de defesa, mas preciso confessar também a minha admiração pelo seu trabalho nos combates diários pela História e por um mundo mais justo.

Agradeço à professora Marly de Almeida Gomes Vianna e ao professor Ângelo Aparecido Priori pela gentileza de aceitar examinar meu trabalho. Nutro grande admiração por ambos e muito me honra tê-los na composição de minha banca de defesa.

Agradeço a Eliana Evangelista Batista, minha companheira, com quem eu divido as alegrias e as lutas da vida, por todas as sugestões de pesquisa, pela leitura de meus escritos e pelo apoio em todo o processo, que pode ser exemplificado naquele primeiro dia de aula do doutorado na UFBA, quando você fez de tudo para que eu pudesse seguir meus estudos com tranquilidade.

Agradeço a Débora Batista pelo apoio, sempre que necessário e, principalmente, por ajudar a cuidar da casa na minha ausência quando das minhas idas para Salvador.

Agradeço a Lucas Batista de Assis Soares, Cassiano Batista de Assis Soares e Felipe Batista de Assis Soares, meus filhos, pelo carinho e por terem, ainda muito jovens, compreendido a minha ausência por conta dos estudos e que se divertiram perguntando quantas páginas tinha a tese. Espero que fique o exemplo do estudo, do interesse pela ciência e pela História.

Agradeço, finalmente, aos meus pais, Edson Moreira Soares e Vânia de Assis Soares e ao meu irmão, Amaury Rodrigo de Assis Soares. Tive sorte de nascer numa família composta de pessoas tão especiais, só posso agradecer a todo o cuidado que vocês me dedicam até hoje.

Vocês são o Amor!

RESUMO

Esta tese analisa a atuação do Partido Comunista do Brasil, o PCB, durante a revolução de 1930. Analisamos primeiramente o processo de fundação do partido e sua relação com a III Internacional, a IC. Em seguida examinamos a influência dos levantes tenentistas para a construção da tese pecebista sobre a revolução brasileira - a revolução democrático pequeno burguesa - bem como as consequências de sua aplicação na realidade nacional. Por fim, esquadrihamos como o partido e seus membros portaram-se diante do processo de desagregação do poder oligárquico, finalizado com a tomada do poder pela Aliança Liberal, e as consequências imediatas da revolução para o PCB.

Palavras-chave: PCB – Revolução de 1930 – Comunismo – Movimento tenentista - Primeira República

ABSTRACT

This thesis analyzes the performance of the Brazilian Communist Party, the PCB, during the 1930 revolution. We first analyze the founding process of the party and its relationship with the III International. Next, we examine the influence of the tenentist uprisings for the construction of the PCB thesis on the Brazilian revolution, the petty bourgeois democratic revolution, as well as the consequences of their application in the national reality. Finally, we examine how the party and its members behaved in the face of the disintegration process of oligarchic power, which ended with the Liberal Alliance's takeover, and the consequences of the revolution to the PCB.

Keywords: PCB – Revolution of 1930 – Communism – lieutenant movement – First Republic

LISTA DE SIGLAS

AL – Aliança Liberal

BOC - Bloco Operário Camponês

BSA – Bureau Sul-americano da IC

CCE – Comitê Central Executivo

CEIC – Comitê Executivo da Internacional Comunista

Classop – Jornal *A Classe Operária*

CMR – Comitê Militar Revolucionário

CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea

FGV - Fundação Getúlio Vargas

IC – Internacional Comunista

MCI – Movimento Comunista Internacional

PCB - Partido Comunista do Brasil

PCCh - Partido Comunista Chinês

PCM - Partido Comunista mexicano

PCU - Partido Comunista Uruguaio

PCUS - Partido Comunista da União Soviética

PD – Partido Democrático

PDN - Partido Democrático Nacional

PL - Partido Libertador

POSDR - Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR)

PR- Partido Republicano

PRP - Partido Republicano Paulista

PRP - Partido Republicano de São Paulo (PRP)

RGASPI - Arquivo Estatal Russo de História Social e Política, o SSA

SBIC – Seção Brasileira da Internacional Comunista

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 10

CAPÍTULO I - A CRIAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA NO BRASIL E A SUA RELAÇÃO COM A III INTERNACIONAL, 22

1. O I Congresso e a ligação entre o PCB e a IC na década de 1920: História e Historiografia, p 24
2. Os primeiros contatos entre os grupos comunistas e a III Internacional, 39
3. Abílio de Nequete, a União Maximalista e o Bureau da III Internacional para a América do Sul, 45
4. A IC, os grupos comunistas do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul construindo o PCB, 47
5. O congresso de criação do PCB, 56

CAPÍTULO II - CONSTRUINDO O CAMINHO PARA MOSCOU, 70

1. Os primeiros passos do PCB no ano de 1923, 73
2. Relatando as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e a situação do PCB à III internacional, 88
3. A linha de chegada se aproxima entre elogios, promessas e orientações, 116

CAPÍTULO III - A CONSTRUÇÃO DA TEORIA DA “REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICO PEQUENO-BURGUESA”, 119

1. O PCB e os levantes militares: História e política, 125
2. Sobrevivendo e interpretando os levantes militares em 1924, 128
3. Consequências do levante militar de 5 de julho 1924 para o PCB, 137
4. Otávio Brandão: um intelectual e dirigente comunista na mira da polícia, 142
5. A revolução democrático pequeno-burguesa no II Congresso do PCB, 150

CAPÍTULO IV - OS PRIMEIROS PASSOS DA REVOLUÇÃO: A BOLCHEVIZAÇÃO, O JORNAL “A CLASSE OPERÁRIA” E O PCB NA BAHIA (1925), 157

1. A política revolucionária do PCB, 157
2. Crescimento numérico e político: a bolchevização e o jornal “A Classe operária”, 163
3. O partido da revolução chega ao recôncavo da Bahia (1925), 168
4. A inspiração da Revolução de 1917 e a força da propaganda do jornal “A Classe Operária” no recôncavo baiano, 175
5. A fundação do PCB na Bahia, 182

CAPÍTULO V - A REVOLUÇÃO DO PCB E A REVOLUÇÃO DAS OPOSIÇÕES, 191

1. As oposições e suas “revoluções”
2. Os projetos revolucionários e o PCB, 197
3. Os comunistas, os tenentes e a revolução no Brasil, 209
4. Comunistas, operários, a Coluna Prestes e a Coluna Cleto Campelo, 218

CAPÍTULO VI - A REVOLUÇÃO ABANDONADA: O TRABALHO POLÍTICO, A INTERVENÇÃO DA INTERNACIONAL E A ATUAÇÃO DOS COMUNISTAS NO MOVIMENTO DE 1930, 235

1. O trabalho do PCB em “céu aberto”, 239
2. O PCB e os tenentes na revolução brasileira, 247
3. Mudanças na linha política durante o agravamento da crise do domínio oligárquico, 262
4. A intervenção da IC no PCB, 269
5. O PCB, os comunistas e a revolução de 1930, 275
6. Os comunistas nas conspirações e na revolução de 1930, 282

CONSIDERAÇÕES FINAIS, 293

FONTES, 296

ANEXOS, 297

BIBLIOGRAFIA, 299

INTRODUÇÃO

*Meu partido
É um coração partido
E as ilusões estão todas perdidas
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito¹*

O presente trabalho analisa a atuação do Partido Comunista do Brasil (PCB) diante da revolução de 1930, que pôs fim à Primeira República, mas que também infligiu uma dura derrota aos comunistas. Buscamos compreender as razões que fizeram o partido abandonar a revolução que ele ajudara a construir e as consequências deste ato, deliberado, pela primeira vez, a partir de ordens expressas da Internacional Comunista, de setembro de 1929. Ato que afetou profundamente o PCB, levou à expulsão de seus principais dirigentes, provocando mudanças na organização do Comitê Central e confusão nas bases, acabando por colocar um fim à “autonomia relativa”² que os comunistas brasileiros possuíam diante do *Komintern*. Para tecer esta História percorremos o caminho que levou à fundação do partido em 1922, com destaque à sua relação com a Internacional Comunista, bem como a relação dos comunistas diante do movimento tenentista e com as demais forças políticas da Primeira República, até a derrubada de Washington Luís, em outubro de 1930.

Foi levando em conta as demandas políticas internas, em diálogo com o projeto de revolução mundial em curso - apontada por Eric Hobsbawm como força responsável por criar “o mais formidável movimento revolucionário organizado na história

¹ CAZUZA. *Ideologia*. Gravadora: Polygram, 1988.

² Tomamos de empréstimo aqui o termo cunhado por Michel Zaidan, defensor da tese de que o PCB possuía era possuidor de “autonomia relativa” diante da IC, de modo que foi o precursor do marxismo nacional, fato que concordamos nesta tese, com a diferença de que, ao contrário deste autor, entendemos que tal “autonomia” não foi resultado do distanciamento e do pouco contato do PCB com a IC, mas fruto da liberdade que os comunistas brasileiros detinham para pensar a realidade brasileira a partir do marxismo, ainda que este fosse ainda insuficiente devido ao acesso limitado às obras marxianas e marxistas. Ver: ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985.

moderna”³ - que buscamos compreender como os comunistas brasileiros participaram do processo político que resultou na Revolução de 1930.

Ainda que estejamos falando de movimentos distintos, identificamos que o partido brasileiro, impulsionado pelos êxito dos bolcheviques, e ligou-se à III Internacional e contribuiu ao seu modo para a eclosão da Revolução ocorrida no Brasil em 1930. Esta participação, no entanto, não foi uniforme, mas permeada de mediações e negociações, que ocorreram durante toda a década de 1920 e que prosseguiu mesmo após a intervenção direta da IC, em setembro de 1929, que obrigou o PCB a abandonar e depois a combater o movimento da Aliança Liberal, gerando confusão quanto à linha a ser seguida, desorganizando as forças comunistas que atuaram desordenadamente, parte engajando-se na revolução e parte opondo-se a ela.

Assim, pode-se dizer que, de algum modo, as consequências da revolução mundial também podem ser observadas na Revolução de 1930, que misturou-se às demandas do estágio da luta de classes no Brasil, país de capitalismo atrasado, se comparado com as nações de maior desenvolvimento industrial e dependente, então dirigido por uma fração de classe desinteressada em adaptar a estrutura do estado às demandas crescentes das classes médias urbanas ou pequena burguesia que organizou-se na luta por maior participação política. Em verdade, o surgimento de novos setores urbanos, como o operariado, a burguesia e as classes médias urbanas⁴, tornou evidente a contradição entre o regime vigente e o estágio de desenvolvimento do capitalismo no país.⁵ Ou seja, os elementos internos específicos da luta política e de classes⁶, consubstanciada a componentes da revolução mundial, somaram-se e conseguiram retirar da burguesia agrária a exclusividade de controlar o estado.

³ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos extremos*. O breve século XX. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 62.

⁴ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997.

⁵ Nas palavras de Felipe Demier, a “incompatibilidade do velho regime com o patamar atingido pela modernização capitalista no país”. DEMIER, Felipe Abranches. *O longo bonapartismo brasileiro, 1930-1964*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013, p. 60.

⁶ Aqui utilizamos a definição de Boris Fausto, que tem o mesmo sentido de Classes médias, segundo ele “O conceito é sinônimo aqui de população civil urbana, que trabalha por conta própria ou que recebe salários por trabalho não manual, abrangendo os pequenos empresários e comerciantes, funcionários públicos, empregados no comércio, profissionais liberais”. FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 75.

Este movimento teve início com a ascensão operária do final da década de 1910, com destaque às greves gerais de 1917, 1918 e 1919, ao qual somou-se o movimento tenentista, iniciado em julho de 1922. Suas ações impulsionaram a continuidade da formação de uma oposição ao domínio das oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, então impulsionada pelas críticas da Reação Republicana⁷, fundada em 1921 e derrotada nas eleições majoritárias de 1922.⁸ Sua campanha influenciou a jovem oficialidade militar, que descontente com a política, decidiu resolver com as armas o que a Reação Republicana não havia resolvido nas urnas, iniciando o chamado movimento tenentista em julho daquele ano.

O PCB, fundado em março daquele ano, por militantes, em sua maioria, oriundos do movimento anarquista e anarco-sindicalista, inicialmente hesitou, porém, não demorou em colocar-se a favor dos tenentes, classificando-os os como vanguarda de um movimento nacional-revolucionário, ao buscar aplicar as orientações da própria Internacional Comunista⁹ sobre movimentos democrático-burgueses nos países atrasados.

Com a eclosão do segundo levante tenentista, em julho de 1924, os comunistas brasileiros passaram a classificá-lo como um dos vetores fundamentais para a revolução brasileira, com o qual deveriam estabelecer uma aliança, através da qual acreditavam poder colocá-lo numa rota verdadeiramente revolucionária. Para o PCB, aquele grupo era uma vanguarda revolucionária da pequena-burguesia, que deveria ser estrategicamente apoiada.

Esta é a razão pela qual nesta tese analisamos principalmente a relação dos comunistas brasileiros com o movimento tenentista, que acabou tornando-se o principal vetor da revolução no país, aglutinando um número cada vez maior de aliados e apoiadores.

Aborda-se também como o Partido Comunista relacionou-se com os demais grupos e movimentos atuantes, seja com aqueles ideologicamente ligados ao

⁷ PRESTES, Anita Leocádia. *Os Militares e a Reação Republicana*. Petrópolis, Rio de Janeiro: editora Vozes, 1993.

⁸ FERREIRA, Marieta Moraes. *A Reação Republicana*. CPDOC/FGV. Retirado de <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REA%C3%87%C3%83O%20REPUBLICANA.pdf>. Acesso em 04 de outubro de 2021.

⁹ BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista (1919-1943)*. São Paulo: Sundermman, 2007.

Movimento Comunista Internacional, a exemplo dos partidos comunistas argentino e uruguaio, bem como as organizações que aproximaram-se dos tenentes, como foi o caso do Partido Democrático, além de chefes políticos como Mauricio de Lacerda e Assis Brasil, então autointitulados representantes civis dos militares “revoltosos”.

Para fins de exposição, este trabalho está dividido em dois eixos. O primeiro está dividido em dois capítulos e analisa as etapas do período de fundação, quando os esforços do partido brasileiro estavam voltados para obter a admissão da Internacional Comunista e a consolidação do contato com Moscou, quando as lideranças brasileiras tencionaram buscar uma interseção entre as diretrizes para que a revolução pudesse chegar ao Brasil. O segundo eixo investiga mais detidamente a formação da política revolucionária do PCB, que foi, ao nosso ver, a mais importante consequência do diálogo estabelecido com a Internacional até então, originando a tese da “Revolução democrático pequeno-burguesa”, que orientou as ações dos comunistas diante da luta de classes em curso no Brasil, tornando o PCB uma a força atuante no cenário nacional, até a interdição do PCB pela Internacional Comunista, no final de 1929¹⁰.

No primeiro eixo temos dois capítulos, intitulados, respectivamente de “Os antecedentes e a criação do Partido Comunista no Brasil” e “Construindo o caminho para Moscou”. Neles revisitamos o processo de fundação do PCB para compreender como se estabeleceu a relação entre os comunistas brasileiros e a Internacional Comunista, onde observamos uma influência de Moscou e dos grupos comunistas do Rio Grande do Sul. Recuperar o contato entre PCB e a IC teve por objetivo refletir sobre a natureza da relação estabelecida entre ambos, sobre o que concluímos tratar-se, de fato, de uma relação de proximidade, porém, ao contrário do que apontam alguns autores¹¹, não se estabeleceu uma simples submissão a Moscou, mas um vínculo organizativo, burocrático e teórico, voltado para dar continuidade à revolução, desencadeando-a também no Brasil.

E foi com o objetivo de investigar a formação teórica dos comunistas brasileiros e a relação estabelecida entre PCB e IC, bem como sua atuação nos primeiros anos, que

¹⁰ BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014.

¹¹ Aqui referimo-nos a Paulo Sérgio Pinheiro, em *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; e a Leandro Konder, em *A derrota da dialética*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

nos ocupamos em perscrutar as origens e o processo de fundação da Seção Brasileira da Internacional Comunista.

O segundo eixo aborda a atuação do PCB durante a ampliação da crise oligárquica dos anos vinte e é formado por quatro capítulos. Os três primeiros capítulos, respectivamente intitulados, “A construção da teoria da “revolução democrático pequeno-burguesa”, “Os primeiros passos da revolução: a bolchevização, o jornal ‘A Classe Operária’ e o PCB na Bahia (1925)”, “A revolução do PCB e a revolução das oposições” - em conjunto, abordam o trabalho político e revolucionário desenvolvido pelo Partido Comunista. Neles analisa-se como a teoria revolucionária do PCB originou-se de uma tentativa de aplicação do marxismo à realidade brasileira, principalmente como um esforço intelectual para compreender a lógica dos levantes militares de 1922 e 1924, de Otávio Brandão, produzida no desenrolar dos acontecimentos e que foi o principal referencial teórico do II Congresso do PCB, realizado em 1925, onde ficou definida a política revolucionária a ser aplicada. Em seguida aborda-se como as novas diretrizes revolucionárias resultaram na expansão do partido pelo país, evidenciando que a política possuía aplicabilidade, apesar da crescente repressão das forças públicas de segurança ao comunismo e ao movimento operário.

Entendemos que entre 1925 e 1929 a teoria da “revolução democrático pequeno-burguesa” foi posta em prática, sendo levada também ao conhecimento das demais forças políticas e partidos de oposição, que possuíam suas próprias concepções para uma revolução no Brasil e foi em diálogo com estes que ficou estabelecido o objetivo revolucionário mínimo comum: era a derrubada das oligarquias. Durante este processo, os comunistas dialogaram com liberais, socialistas e principalmente com tenentes – setores então considerados pela doutrina do PCB como vanguarda revolucionária pequeno-burguesa que, com o seu auxílio, colocaria em movimento a revolução democrático-burguesa no Brasil, então considerada antessala da revolução socialista - com os quais buscaram reiteradas vezes o estabelecimento de uma aliança, que, dentre outras coisas, previa a formação de um Comitê Militar Revolucionário, de direção partilhada. No entanto, esta aliança acabou não acontecendo principalmente por uma razão: ao contrário dos comunistas, parte dos tenentes rejeitava a ideia do PCB de mobilizar as massas populares para a revolução, argumentando temer as consequências

de um possível descontrole do que chamavam de “populacho”¹², posição firmemente defendida principalmente por Juarez Távora, enquanto os demais, especialmente Luís Carlos Prestes e Siqueira Campos, tinham dúvidas sobre a questão. Apesar das divergências, os comunistas conseguiram, ainda que modo incipiente, incluir a classe trabalhadora e setores populares em alguns dos mais importantes movimentos do período, como nos levantes de 1924, em São Paulo e durante a marcha da Coluna Prestes pelo nordeste, quando tenentes e comunistas pernambucanos estabeleceram uma estratégia em conjunto, tendo como objetivo o engajamento da “Coluna Cleto Campelo” à Coluna Prestes, o que não aconteceu devido à derrota sofrida pelos insurretos de Pernambuco

Ao final, a aproximação com os “revoltosos” arregimentou para o comunismo o mais importante líder do tenentismo, Luís Carlos Prestes, impactando seriamente o projeto revolucionário aliancista em curso que, sem poder contar com a liderança do Cavaleiro da Esperança, acabou enfraquecido também por conta da saída dos quadros revolucionários a ele ligados, como Antônio Maciel Bonfim¹³, o futuro Miranda, Secretário Geral do PCB, que naquele contexto articulava a revolução junto aos líderes da Aliança Liberal do Rio de Janeiro e na Bahia, mas que abandonou movimento ao saber das novas posições de Prestes. Diante disso, o movimento teve de ser repensado e rearticulado, apesar dos reiterados pedidos da Aliança Liberal para que o Cavaleiro da Esperança assumisse o posto de líder militar da revolução.¹⁴

No último capítulo analisamos a atuação do PCB durante a campanha eleitoral de 1930 e diante do movimento revolucionário, que tomou o poder em outubro daquele ano. Nele observamos as consequências da intervenção da IC sobre o Partido Comunista brasileiro que, impelido a abandonar de imediato a linha política revolucionária praticada desde 1925, acabou, ao menos oficialmente, opondo-se ao movimento, ao tempo em que parte das bases aderiram à campanha¹⁵ e à revolução protagonizada pela

¹² FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, Companhia das Letras, 1997.

¹³ BATISTA, Eliana Evangelista. *A Bahia para os baianos: acomodação e reação política ao governo de Getúlio Vargas (1930-1937)*. Tese de doutorado, PPGH-UFBA, Salvador, 2018, p. 43.

¹⁴ Ver: FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, Companhia das Letras, 1997.

¹⁵ Marly Vianna afirma que “A plataforma “populista” da Aliança Liberal, organizada no final de 1929 pelos partidários da candidatura de Getúlio Vargas à Presidência da República, empolgou os setores

Aliança Liberal,¹⁶ em desobediência à linha oficial recém deliberada pela direção. A postura da Internacional Comunista, criticando duramente a linha do partido e proibindo-o de realizar qualquer apoio ao movimento, não foram suficientes para afastar os comunistas do processo revolucionário, do qual eles também faziam parte, apesar do anticomunismo e do elitismo da maior parte dos líderes revolucionários componentes do tenentismo e da Aliança Liberal. Enquanto PCB oficialmente criticava duramente o movimento, chamando-o de golpe de estado burguês e convocava as massas para a formação de sovietes, as bases e lideranças regionais do partido aderiram ao movimento, foram às ruas e lutaram ao lado dos aliancistas, também contribuindo para a derrocada do governo Washington Luís.

Na Revolução de 1930, o PCB adotou pela oposição direta, atacando de forma virulenta o movimento que, de algum modo, também ajudara a construir, ao menos desde 1925, quando iniciou sua busca por aliança com os tenentes, para construir a “revolução democrático pequeno burguesa”. Ao mudar de postura, o partido acabou afastando-se das massas e da luta política em curso no país. Sem opositores de esquerda, representando os interesses da classe operária no movimento, o rearranjo de poder foi realizado com maior facilidade pela burguesia, que buscou reconciliar a desalojada fração oligárquica e a fração industrial, em mais um episódio da revolução passiva no Brasil.¹⁷

Para escrever este tese, fizemos uso de fontes variadas, dentre as quais destacam-se, os documentos da Internacional Comunista, depositados no Arquivo Estatal Russo de História Social e Política, o RGASPI, que encontram-se à disposição para consulta no site “Documentos da Era Soviética”.¹⁸ Neste acervo, os documentos trocados entre a IC e o PCB, entre 1919 e 1943, encontram-se digitalizados como boa resolução e disponíveis para *download*. Juntos, os documentos totalizam 14.666 páginas, divididos em 220 pastas e estão redigidos em seis idiomas, alemão, português,

progressistas da sociedade, inclusive muitos comunistas”. VIANNA, Marly Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: Sonho e realidade*. 3ª edição, São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 69.

¹⁶ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, Companhia das Letras, 1997.

¹⁷ Sobre a revolução passiva no Brasil ver: VIANNA, Luiz Werneck. *A Revolução Passiva*. Iberismo e americanismo no Brasil. 2ª edição, Rio de Janeiro, editora Revan, 1997.

¹⁸ <http://sovdoc.rusarchives.ru/>

russo, inglês, espanhol e francês. A enorme correspondência mantida entre comunistas brasileiros e Moscou tornou possível parte considerável desta pesquisa. Após o *download* de todo o material, foi necessário reconstruir o percurso burocrático e político de cada documento abordado, o que nos permitiu revisitar questões importantes da história do Partido Comunista, como a sua fundação, sua relação com a Internacional e com os demais componentes do Movimento Comunista Internacional, bem como diante de demais aliados e adversários.

Para melhor compreender o contexto e obter mais informações para as nossas análises fizemos uso de fontes jornalísticas, especialmente a partir dos acervos do Centro de Documentação e Memória, da Fundação Mauricio Grabois e da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional. Os jornais consultados permitiram recuperar os eventos políticos e acompanhar como máquinas privadas de opinião pública posicionavam-se diante dos acontecimentos, nos quais também buscavam influir, o que os comunistas também fizeram, seja também através de periódicos próprios ou por meio de colunas operárias ou literárias de jornais burgueses e operários.

Não foram poucas as vezes em que os jornais também nos ajudaram a acompanhar o andamento de determinações internas do PCB, no seio do operariado e diante de seus adversários, material que, consubstanciado com memórias e¹⁹ escritos da época²⁰, ajudaram a iluminar, ainda que por momentos breves, a colossal escuridão do passado.²¹

Enfim, o presente trabalho busca contribuir à uma escrita da História sobre o PCB, visando, como dissemos, analisar como os comunistas e o próprio partido atuaram diante da

¹⁹ BARROS, Manuel Souza. *A década de 20 em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Editora Paralelo, 1972; BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976; BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978; CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto, como o caso foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes: memórias*. São Paulo: Alfa-ômega, 1978; DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. 2ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977; LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos, memórias de militância*. São Paulo, Brasiliense, 1982; LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna Prestes. Marchas e Combates*. 3ª edição, São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1979; MORAES, Dênis de; VIANA, Francisco. *Prestes: Lutas e autocríticas*. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1982; PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB, 1922-1928*: notas e documentos. São Paulo: Anita Garibaldi, Fundação Mauricio Grabois 2012; TÁVORA, Juarez. *Uma vida e muitas lutas - memórias: a caminhada no altiplano*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976. v. 2; VINHAS, Moisés. *O Partidão – A luta por um partido de massas: 1922 – 1974*. São Paulo: Ed Hucitec, 1982.

²⁰ BRANDÃO, Otávio. *Agrarismo e Industrialismo*. Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924. São Paulo, editora Anita Garibaldi, 2ª edição, 2006.

²¹ Expressão em referência a Fernand Braudel, ao refletir sobre a escrita da História e as fontes históricas. BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Revolução de 1930, entendendo que foram muitas as mediações entre o que foi ordenado pela Internacional – postura autoritária adotada no final de 1929, chocando os comunistas brasileiros pelo virulento das críticas – e o que foi aquiescido oficialmente pelo CC e posto em prática pela militância. Apesar de a URSS e seus líderes serem vistos, como não poderia deixar de ser com muita admiração e reverência, as orientações da Internacional não eram aplicadas sem as devidas adaptações à realidade local, o que era, inclusive, de conhecimento da IC. No entanto, quando as orientações de Moscou chegaram como ordens expressas a serem cumpridas, muitos preferiram desobedecê-las e prosseguir lutando em prol da revolução da Aliança Liberal, mesmo correndo o risco de expulsão, por desobediência aos princípios do centralismo democrático do partido e por acusação de colaborar com a burguesia.

Nesta tese defendemos que os comunistas aplicaram a sua política revolucionária diante das demais forças políticas, contribuindo ao seu modo para o avanço do processo revolucionário que se encontrava em curso no país, através do que esperava desencadear o seu próprio projeto: a revolução democrática pequeno-burguesa. Durante o processo de realização de suas tarefas, o Partido Comunista foi crescendo e impondo-se como uma força que não poderia ser desprezada, razão pela qual acabou sendo um componente ativo na Revolução de 1930.

CAPÍTULO I

A CRIAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA NO BRASIL E A SUA RELAÇÃO COM A III INTERNACIONAL

A Revolução Russa impactou profundamente o mundo, marcando o século XX. Segundo Eric Hobsbawm, sua influência política foi ainda maior e mais profunda do que a sua “ancestral”, a Revolução Francesa. Exemplo disso foi que, num período inferior a quarenta anos após à vitória bolchevique de outubro de 1917, um terço da humanidade já estava organizada sob regimes comunistas, derivados do estado soviético construído pela revolução proletária.²²

Para os militantes revolucionários e para parte da classe operária simpática ao movimento, a vitória da revolução em escala mundial era tanto necessária quanto historicamente inevitável. A Grande Guerra inexoravelmente teria sido a parteira de um mundo que se apresentava com um discurso radicalmente igualitário, onde não seria aceita a exploração do homem pelo homem. Dinâmica engendrada pela Revolução proletária de 1917 e que ameaçava se expandir, levando sua forma e conteúdo em escala global.

No Brasil, as notícias sobre o movimento desencadeado na Rússia empolgaram trabalhadores e militantes. Apesar da predominante influência anarquista, não demorou para que adeptos do bolchevismo organizassem seus primeiros agrupamentos comunistas e tentassem criar seus próprios partidos comunistas, até que, por fim, viesse a ser constituído o Partido Comunista do Brasil, o PCB.²³

²² Segundo Eric Hobsbawm, “a Revolução de Outubro teve repercussões muito mais profundas e globais que sua ancestral. Pois se as ideias da Revolução Francesa, como é hoje evidente, duraram mais que o bolchevismo, as consequências práticas de 1917 foram muito maiores e mais duradouras que as de 1789”. HOBBSAWM, Eric. *A Era dos extremos. O breve século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 62.

²³ A fundação do Partido Comunista do Brasil de 1919, de predominante ideologia anarquista, evidencia a confusão ideológica que estava instalada no movimento anarquista do país. Havia exaltação dos feitos dos revolucionários russos, bem como a ideia de que a Revolução de 1917 tinha por base um “comunismo libertário”. John Foster Dulles escreve que nos anos que precederam a fundação do primeiro partido comunista do Brasil, “Astrojildo (Pereira) e os anarquistas brasileiros acreditavam que a revolução russa ‘se tratava de uma revolução de tipo libertário, abrindo caminho para o anarquismo’”. DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 63.

No entanto, esse processo se deu forma gradativa - em grande medida por conta do desencontro de informações confiáveis sobre o movimento russo - até desembocar em cisões dentro do movimento anarquista, então principal corrente ideológica, mas que naquele momento perdeu uma parte considerável de seus quadros para o comunismo, originando uma disputa que se alongaria por toda a década de 1920, reverberando nas formas de organização da classe operária.²⁴

Nesse contexto, aliaram-se os dois partidos que constituiriam o PCB: a União Maximalista, da cidade de Porto Alegre, liderada por Abílio de Nequete e o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, liderado por Astrojildo Pereira, que fomentava com sucesso a criação de grupos congêneres pelo país. Sendo, portanto, estes os principais organismos que, juntos, trabalharam para a realização do Congresso de fundação do Partido Comunista do Brasil.

O I Congresso do PCB foi realizado nos dias 25, 26 e 27 de março de 1922. Foram realizadas três sessões no total: as duas primeiras na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e a última foi realizada na casa de Astrojildo Pereira, em Niterói. Enviaram delegados ao Congresso os agrupamentos da cidade do Rio de Janeiro, Niterói, São Paulo, Recife, Cruzeiro e Porto Alegre, 9 delegados representaram um total de 73 militantes.²⁵

Após a realização do congresso de fundação, o PCB buscou oficializar a sua relação com a III Internacional, com a qual estabeleceu um contato assíduo durante toda a década, dialogando num primeiro momento sobre a sua formação e organização partidária e, posteriormente, sobre as tarefas que deveriam ser desenvolvidas para a realização da revolução brasileira.

Entretanto, as interpretações sobre a relação entre os comunistas brasileiros e a IC - desde os primeiros contatos em prol da realização do I Congresso do PCB, até a intervenção de Moscou no partido brasileiro, em 1929 - variam da defesa de uma

²⁴ John Foster Dulles chega a afirmar que “O embate ideológico que se seguiu entre anarquistas e comunistas, viria a destruir os sindicatos”. DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 63.

²⁵ PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Fundação Roberto Marinho, 1995; DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil, 1900-1935*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977; CHILCOTE, Ronald. *O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982; CARONE, Edgard. *O PCB: 1922-1943*. São Paulo, Diefel, 1982, vol. 1.

completa independência dos comunistas brasileiros em todo o processo, ao extremo oposto: à sujeição desses aos ditames da Internacional Comunista, que teriam colocado o partido num completo alheamento da realidade política do país. Posições que oferecem um panorama diverso de informações e contribuem, através de investigações avançadas, para o aprofundamento sobre a relação entre o PCB e a III Internacional. Nesse trabalho, dialogaremos com esses estudos para apontar que a fundação do Partido Comunista foi o resultado de um processo de negociação e de mediações políticas entre a União Maximalista do Rio Grande do Sul, a Internacional Comunista e o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, quando cada organismo contribuiu ao seu modo para a criação do Partido Comunista do Brasil

Por outro lado, é ponto pacífico na bibliografia sobre tema que em 1929, a Internacional, de fato, realiza uma intervenção profunda na Seção Brasileira, que, a nosso ver, só foi possível por conta dos laços estáveis até ali estabelecidos, iniciados ainda em 1921 – portanto, antes da fundação do próprio PCB - que serviram de cadeia de transmissão das ordens oriundas da Internacional, então recém convertida em braço da política externa da URSS e ao stalinismo, como veremos nos capítulos posteriores desse trabalho.

1. O I Congresso e a ligação entre o PCB e a IC na década de 1920: História e Historiografia

São muitas as interpretações quanto a participação da IC nas articulações do I Congresso do PCB, bem como também é controverso tipo de contato estabelecido entre ambos durante toda a década de 1920. E como os historiadores não podem deixar de observar os fatos do passado histórico sob a influência do presente, conforme apontou Fernand Braudel²⁶, o debate sobre a fundação da Seção Brasileira da Internacional Comunista permanece em curso no país, mostrando o quanto a trajetória dos comunistas

²⁶ Refletindo sobre História no ano de 1950 quando relembra as experiências dos últimos quarenta anos, Fernand Braudel afirmava que, à época, a História tinha grandes e nobres responsabilidades. Isso se devia, porque ela “jamais cessou, em seu ser e em suas mudanças, de depender de condições sociais concretas. ‘A história é filha de seu tempo’. Sua inquietude é pois a própria inquietude que pesa sobre nossos corações e nossos espíritos”. BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. 3º edição. São Paulo: Perspectiva, 2014, p.17.

brasileiros e das lutas sociais interessam aos olhares contemporâneos. Interesse que, como não poderia deixar de ser, segue obedecendo as questões suscitadas pelo presente, o que também foi apontado por Edward Carr²⁷, onde o discurso anticomunista e a violência contra partidos e movimentos de esquerda são usados como instrumentos de marginalização política, legitimados numa sociedade autoproclamada democrática e liberal.

Assim, é compreensível que o momento de fundação do mais antigo e longo partido brasileiro, na condição de marco fundamental das lutas sociais do Brasil, continue sendo permanentemente revisitado e disputado. Sobre este acontecimento, Dulce Pandolfi lembra que a fundação é “o momento ritual para os comunistas brasileiros. Constantemente lembrado, a ele é também atribuído um sentido mítico. É aí onde os comunistas vão buscar grandes virtudes, a principal razão de ser da organização”.²⁸ Desse modo, é compreensível que as análises sobre o congresso de fundação do PCB movimente tantos corações e mentes e continua a atrair historiadores nos dias atuais.

No que tange à atuação dos comunistas na década de 1920, a fundação do PCB aponta a natureza das relações entre os agrupamentos comunistas e destes com o Movimento Comunista Internacional, especialmente diante da IC, bem como no âmbito da política nacional.²⁹ Processo onde podemos verificar gênese da atuação teórico-política do Partido Comunista, com destaque ao trabalho realizado junto à classe operária e no campo político-eleitoral.

O debate remete aos momentos de articulação do I Congresso do PCB, especialmente quanto à efetiva participação da IC e a relação estabelecida a partir de então. Examinar essa relação reveste-se de importância porque ajuda a compreender a

²⁷ Segundo Edward Carr: “O historiador é, então, um ser humano individual. Como outros indivíduos, ele também é um fenômeno social, tanto o produto como o porta-voz consciente ou inconsciente da sociedade à qual pertence; é nesta situação que ele aborda os fatos do passado histórico”. Assim, como ser social, ele, inevitavelmente, segundo Carr, é um membro de uma “procissão em movimento” e, por isso, só pode observar o passado a partir dos ângulos determinados pelo “serpentear” desse cortejo. Portanto, a escrita da História liga-se diretamente às demandas do tempo presente, onde o historiador está localizado. CARR, Edward Hallet, *Que é história?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3a ed. 1982.p. 63.

²⁸ PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Fundação Roberto Marinho, 1995, p. 70.

²⁹ Concordamos com Michel Zaidan sobre o fato de o PCB estar na raiz de um marxismo nacional. ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985.

ação ambígua dos comunistas brasileiros diante do processo de desagregação da hegemonia das oligarquias cafeeiras, quando por ordem da Internacional PCB fez uma viragem em sua política, abandonando abruptamente a revolução nacional-popular, como também defende Marcos Del Roio³⁰, que vinha construindo desde a sua fundação. Fato que sacramentou a derrota de um projeto mais à esquerda, restando à classe operária também aderir à proposta então dominante de “representação e justiça”³¹, defendida pelos tenentes e reaproveitada pela Aliança Liberal.

Como foi apontado anteriormente, são várias as apreciações historiográficas sobre a participação da IC na fundação do PCB. De um modo geral, elas variam entre os argumentos de que a IC não teria tido nada a ver com a fundação do PCB e o seu oposto, que seria a defesa de que Moscou teria interferido diretamente para que o I Congresso fosse realizado em março de 1922. As abordagens de diferentes autores variam em diferentes matizes entre esses dois polos, recebendo também distintos aportes das memórias de ex-militantes, que se lançaram no intento de analisar as razões e as articulações em torno da criação do Partido Comunista.

Não há dúvidas que o livro de Astrojildo Pereira, *Formação do PCB*, é uma das principais referências³² à pesquisa sobre os primeiros anos do Partido Comunista, contribuindo à escrita da história do partido, como o autor desejava³³, e estabelecendo

³⁰ Para Marcos Del Roio, o projeto por ele chamado de “Nacional-popular”, então encabeçado pelo Partido Comunista foi inviabilizado por conta da “incapacidade teórica e política do movimento operário para inserir-se no processo de desagregação da dominação oligárquica”. Nesse caso, o autor refere-se às falhas do PCB em liderar a classe operária, diante do processo que resultou na Revolução de 1930, principalmente por conta do “predomínio do prestígio-stalinismo na cultura marxista brasileira”, no final da década de 1920. DEL ROIO, Marcos. *A Classe Operária na Revolução Burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p. 13-4.

³¹ Segundo Boris Fausto, o tenentismo tinha uma indefinição ideológica, não transcendendo “os limites da crítica jurídico-política”, o que sintetizava-se num programa mal delineado de “representação e justiça”. FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 86.

³² Dulce Pandolfi afirma que houve o lançamento festivo da obra de Astrojildo Pereira, que se tornou a principal fonte sobre a gênese do PCB. Segundo a autora, “Seu lançamento foi comemorado com grande festa no estádio Caio Martins em Niterói. A obra, reunindo alguns artigos anteriormente divulgados e outros escritos em 1960 e 1961, tornou-se a principal e quase exclusiva fonte de todos os livros escritos pelos militantes do PCB sobre os primeiros anos da vida partidária”. PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Fundação Roberto Marinho, 1995, p. 69.

³³ Segundo Dulce Pandolfi, o intuito de Astrojildo era que a obra servisse de fonte de consulta, uma vez que ele havia declinado da tarefa de escrever a história do PCB. PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Fundação Roberto Marinho, 1995, p. 69. Fato também afirmado por Marly Vianna, em texto publicado numa nova edição do livro do ex-secretário geral. A autora se recorda do fato de Astrojildo ter se dado conta “da dificuldade de escrever sozinho uma história do PCB”, optando por não dar continuidade àquele objetivo, após uma

as principais linhas de interpretação também sobre a relação entre a IC e o PCB, durante a década de 1920.

Na obra, publicada em 1962, Astrojildo vale-se da matéria publicada na revista *Movimento Comunista* como fonte para recuperar os acontecimentos referentes ao I Congresso do PCB, apresentando informações sobre os preparativos ao I Congresso, sobre o que oferece indícios de uma ligação entre o PCB e a IC, no contexto que antecedeu o evento.

Astrojildo escreve que, em fevereiro de 1922, o Grupo Comunista de Porto Alegre teria tomado a iniciativa e procurado o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, com o objetivo de reunir o mais rápido possível os grupos comunistas do país num só partido. Tratava-se, mais precisamente, de uma intervenção de Abílio de Nequete, em sua recente ligação com a Agência de Propaganda da Internacional para América do Sul.³⁴ Ao final do capítulo, já nas notas de fim, Astrojildo afirma que “Abílio de Nequete, delegado de Porto Alegre, representava cumulativamente o Bureau da IC para a América do Sul e do Uruguai”³⁵, evidenciando que a Internacional, nesse caso, também fez representar-se na fundação do PCB, além de enviar uma mensagem de apoio à sua nova Seção. Entretanto, Astrojildo limita-se a apontar esses indícios, não estabelecendo relação entre o contato feito pelo Grupo Comunista de Porto Alegre, liderado por Abílio de Nequete, ao Grupo Comunista do Rio, liderado pelo próprio Astrojildo Pereira. Talvez isso se explique pelo fato de o autor ter construído a sua obra para servir de fonte e não como um livro sobre a história do PCB, como normalmente ele é empregado e entendido.³⁶

De modo semelhante, o historiador Edgard Carone, interpreta essas articulações que levaram à fundação do PCB. Segundo ele, o Grupo Comunista gaúcho teria tido participação importante na fundação do Partido, com destaque para o fato de Abílio de

reunião de uma comissão para realizar aquela tarefa. Comissão que era composta por Astrojildo Pereira, Mário Alves, Apolônio de Carvalho, Renato Guimarães e pela própria Marly Vianna, no ano de 1961. VIANNA, Marly Almeida Gomes. “Nas origens do comunismo brasileiro”. IN: PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB, 1922-1928: notas e documentos*. São Paulo: Anita Garibaldi, Fundação Mauricio Grabois 2012, p. 18

³⁴ PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB, 1922-1928: notas e documentos*. São Paulo: Anita Garibaldi, Fundação Mauricio Grabois 2012, p. 77.

³⁵ Idem, p. 77.

³⁶ Idem, p. 18.

Nequete ter representado também IC e o PC uruguaio no evento. Informação referenciada na obra *Formação do PCB*.

Em *A República Velha*, publicada no ano de 1972, Edgard Carone afirma que, em 1922, existiam no Brasil diversos grupos comunistas dispersos, sobre os quais, afirmava que *precisavam* aglutinar-se.³⁷ Com esse intuito, o Grupo Comunista de Porto Alegre teria tomado a iniciativa e *pedido* ao Grupo Comunista do Rio de Janeiro que tomasse “medidas para concretizar a união, já que deviam os brasileiros comparecer ao IV Congresso da Internacional Comunista, que se realizaria em Moscou”.³⁸ Vê-se que o autor reconhece a participação dos comunistas gaúchos, sem, no entanto, apontar as razões dessa iniciativa naquele momento que, a nosso ver, estavam ligadas aos contatos de Abílio de Nequete junto aos comunistas da região do Prata e com a Agência de Propaganda da IC para a América do Sul, sediado na Argentina.

Em texto posterior, na introdução do livro *O PCB (1922-1943)*, publicado durante as comemorações dos 60 anos do PCB, no ano de 1982, Carone retoma a ideia de que os grupos comunistas do país vinham buscando unir-se, limitando-se a apontar sobre a IC somente a representação feita por Abílio de Nequete, no I Congresso. Segundo o autor, as lideranças dos grupos estaduais vinham “questionando a problemática da Revolução Russa e a necessidade de uma nova organização revolucionárias”³⁹. Carone cita três principais lideranças comunistas daquele movimento⁴⁰ e faz referência indireta à IC, ressaltando, em seguida, o fato de que no I Congresso, Abílio de Nequete havia representado, cumulativamente, o “Bureau da Internacional Comunista para a América do Sul” e o “Partido Comunista do Uruguai”⁴¹, além do Grupo Comunista do Porto Alegre. Apesar de ter ciência desse fato,

³⁷ Segundo o autor: “Para a sobrevivência dos pequenos grupos com ideais idênticos, era necessária a aglutinação”. CARONE, Edgard. *A República Velha ((Instituições e classes sociais)*. 2ª edição revista e aumentada. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972, p. 325.

³⁸ CARONE, Edgard. *A República Velha ((Instituições e classes sociais)*. 2ª edição revista e aumentada. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972, p. 325.

³⁹ CARONE, Edgard. *O PCB: 1922-1943*. São Paulo, Diefel, 1982, vol. 1, p.1.

⁴⁰ Os três principais líderes apresentados são: Abílio de Nequete, do Grupo Comunista de Porto Alegre; Astrojildo Pereira, do Grupo Comunista do Rio de Janeiro; e Cristiano Cordeiro, do Grupo Comunista de Recife. O restante dos delegados são apresentados pelo autor de forma resumida. CARONE, Edgard. *O PCB: 1922-1943*. São Paulo, Diefel, 1982, vol. 1, p.1- 2.

⁴¹ CARONE, Edgard. *O PCB: 1922-1943*. São Paulo, Diefel, 1982, vol. 1, p.2.

novamente, o autor não analisa as razões de Abílio de Nequete estar de posse de uma múltipla representação.

Sobre essa relação, importa lembrar que cinco anos antes da publicação da obra de Edgar Carone, John Foster Dulles, no ano de 1977, havia defendido a efetiva existência do contato entre os comunistas brasileiros e a IC, na obra *Anarquistas e Comunistas no Brasil*.

Dulles é incisivo ao abordar as articulações dos comunistas gaúchos junto aos representantes da IC e comunistas uruguaios e argentinos, com destaque ao trabalho realizado por Abílio de Nequete, para a fundação do PCB. A obra do brasilianista aborda as lutas dos anarquistas e dos comunistas no Brasil, numa análise que tem como baliza temporal o início do século, seguindo até os levantes de 1935. Ao analisar a origem do comunismo no Brasil, o autor apontou o surgimento do Grupo Comunista do Rio de Janeiro como um elemento importante para o movimento, afirmando, ao mesmo tempo, o papel desempenhado pela União Maximalista de Porto Alegre, através de seu líder, Abílio de Nequete, junto à Agência de Propaganda para a América do Sul da Terceira Internacional.

Segundo Dulles, antes disso, o grupo carioca teria entrado em contato com outros centros proletários, com o intuito de divulgar as 21 cláusulas, através do que exortava a criação de grupos comunistas congêneres. Em paralelo, o autor ressalta o fato de que a União Maximalista – depois tornada Grupo Comunista de Porto Alegre - foi a primeira “associação bolchevista a ser fundada no país”.⁴² Fato que a teria destacado como vanguarda comunista diante do restante das organizações do país. Por conta disso, seu líder, Abílio de Nequete, conhecido por suas ideias “bolchevistas”, acabou sendo convidado a Montevideú, recebendo da Agência de Propaganda para a América do Sul da Terceira Internacional, nas palavras do autor: “a *autorização* para fundar o Partido Comunista no Brasil”, interpretação que põe peso na influência da IC para a fundação do PCB, mas que precisa ser relativizada, uma vez que a Internacional não possuía o poder de “autorizar” a fundação de uma de suas seções, mas de, no máximo, orientar e

⁴² DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 143.

oferecer algum apoio aos grupos interessados em juntar-se a ela.⁴³ De toda sorte, o aquela aproximação acabou impelindo Nequete a imediatamente estabelecer contato com o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, que era liderado por Astrojildo Pereira. Assim, o autor acaba afirmando que a IC teria tido, desde o início, interesse na formação de um partido comunista no Brasil, ao que teria contribuído diretamente, oferecendo seu prestigiado apoio político caso.⁴⁴

Ao discutir a fundação do Partido Comunista, John W. Foster Dulles reforça o seu argumento sobre a efetiva relação existente entre Moscou e os comunistas brasileiros. Segundo ele, em fevereiro de 1922, o Grupo Comunista de Porto Alegre, liderado por Nequete, seguindo as orientações recebidas da Agência de Propaganda para a América do Sul, escreveu ao Grupo comunista do Rio de Janeiro “sobre a necessidade de se realizar, o mais cedo possível, um congresso nacional para a organização do partido comunista, a tempo de ser representado no Quarto Congresso da Internacional”.⁴⁵ Articulação que resultou na realização do Congresso de fundação do PCB, ocorrido no mês seguinte, quando Abílio de Nequete foi eleito para o cargo de Secretário-Geral, por força da indicação de Astrojildo Pereira, que o fez por supostamente reconhecer no membro da União Maximalista “grande contribuição para a fundação do partido”.⁴⁶ Para o brasilianista, pesou para essa escolha: “os contatos de Nequete com o movimento no Uruguai e com Agência de Propaganda para a América do Sul da Terceira Internacional”.⁴⁷ Vê-se que além de apontar a relação entre IC e PCB, o autor reflete que essa ligação influenciou na organização da comissão Central Executiva da Seção Brasileira da Internacional.

Paulo Sergio Pinheiro também analisa a relação da IC para a fundação do PCB. Segundo ele, a partir de 1929, o Partido Comunista ficou sob a influência da

⁴³ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 144.

⁴⁴ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 144.

⁴⁵ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 146.

⁴⁶ Dulles faz uso das memórias de Astrojildo Pereira, em *A formação do PCB*, para recuperar o suposto elogio do líder comunista e, em seguida, de uma entrevista de Cristiano Cordeiro, para fortalecer o argumento de que Nequete teria sido indicado por Astrojildo à Secretaria-Geral. Idem, p. 147.

⁴⁷ Idem, p. 148-9.

Internacional Comunista. Diante da aplicação de uma política descolada da realidade, especialmente quanto a participação do partido na Revolução de 1930 e na insurreição de 1935, o autor entende que os comunistas brasileiros, na verdade, desperdiçaram seus esforços guiados por estratégias fantasiosas de revolução oriundas da IC, que, inclusive, justifica o título do livro aqui em análise, *Estratégias da Ilusão*⁴⁸.

Nos anos que antecederam a interdição da IC, Paulo Sérgio Pinheiro não atribui um papel de maior relevo a Moscou nas ações dos comunistas brasileiros. Em suas análises, o autor apresenta as articulações terceiro-internacionalistas para os países coloniais, semicoloniais e politicamente independentes, além da efetiva influência da Internacional nas teses do Partido brasileiro.⁴⁹ Logo em seguida, o autor disserta sobre a expansão da IC na América, destacando o fato de o Partido Comunista mexicano ter contribuído para propaganda e difusão do movimento comunista na América Latina.⁵⁰ Um trabalho que na América do Sul, foi realizado pelos comunistas da região do Prata, especialmente na Argentina, e em menor grau, no Uruguai, visando, ao mesmo tempo, a difusão do comunismo e a defesa de interesses soviéticos na região.⁵¹

Pinheiro lembra que no III Congresso, realizado em 1921, a IC concluiu que a conjuntura não era mais favorável à continuidade imediata da revolução, restando a acumulação de forças para investidas futuras. Com esse adiamento, a Internacional mudou gradativamente de postura, passando a se comportar muito mais como um organismo administrativo e disciplinar do movimento comunista, do que como o centro de coordenação de uma revolução mundial em curso. Além disso, esteve ausente do

⁴⁸ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras.

⁴⁹ Retomando a discussão ocorrida entre o comunista indiano Manavendra Roy e Lênin, Paulo Sérgio Pinheiro escreve que sobre os países coloniais, semicoloniais e politicamente independentes: “Chegou-se à decisão unânime de substituir a expressão ‘movimento democrático-burguês’ por aquela de ‘movimento nacional-revolucionário’”. Em seguida, o autor faz questão de chamar atenção que foi exatamente assim que foram “classificados todos os movimentos ‘tenentistas’ no Brasil dos anos 20”, evidenciado a influência das teses da IC junto ao PCB. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, p.40.

⁵⁰ Segundo Paulo Sérgio Pinheiro: “os comunistas mexicanos, sob orientação da IC, colaboraram para a criação ou orientação de partidos comunistas na América Central”. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, p.47.

⁵¹ Paulo Sérgio Pinheiro afirma que a região era interesse do estado soviético porque: “O controle do movimento operário na região do Prata era um meio de eventualmente neutralizar iniciativas bélicas da Grã-Bretanha”. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 47.

Congresso o debate sobre a questão colonial, que normalmente incluía países da América Latina.

Esta a postura desinteressada da IC, explicaria as razões de a Internacional teria apoiado a fundação do PCB, sem, no entanto, buscar controlá-lo, ao que também se somava o desinteresse recorrente pela América do Sul. Para Paulo Sérgio Pinheiro, eram os comunistas brasileiros que buscavam Moscou e não o contrário.⁵²

No que se refere à fundação do PCB, o autor escreve que nas reuniões do I Congresso, Abílio de Nequete, além de delegado da União Maximalista, também participara como representante do Partido Comunista Uruguaio e do Secretariado da Internacional, que, inclusive, enviou uma mensagem de congratulação pela fundação do PCB. Mensagem que, segundo o autor, provavelmente teria sido encaminhada pelos comunistas uruguaios, uma vez que o Bureau Sul-Americano ainda não existia,⁵³

Pinheiro afirma que Abílio de Nequete representou a Agência de Propaganda da IC para a América Latina e o Partido Comunista Uruguaio, no I Congresso do PCB, o que lhe era motivo de prestígio e acabou influenciado a sua indicação ao cargo de Secretário Geral, por Astrojildo Pereira. Apesar de a interpretação de Pinheiro fazer alguma inferência à participação da Internacional na gênese do PCB, o autor limita-se a descrever os acontecimentos, acabando por não refletir sobre as razões que fizeram Abílio de Nequete ser portador de tanto prestígio, a ponto de ser escolhido para o cargo de secretário-geral do Partido.⁵⁴

Seguindo uma linha interpretativa distinta, Michel Zaidan defende que a IC não teve qualquer relação com a fundação do PCB, nem com a sua atuação posterior, até 1929. Em suas análises, Zaidan afirma que, além de a fundação não ter tido qualquer ligação com Moscou, a aproximação com a Internacional teria sido um “ato unilateral”

⁵² No epílogo, Pinheiro resume sua análise sobre a relação entre o PCB e a IC: “No começo dos anos 20 eram os comunistas brasileiros que procuravam Moscou; no final dos anos 20 e começo dos 30, é Moscou que procura enquadrar os comunistas”. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 52.

⁵³ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 52.

⁵⁴ Segundo Paulo Sérgio Pinheiro: “Como secretário-geral, os delegados aceitaram a sugestão de Astrojildo Pereira, que indicara o nome de Abílio de Nequete por causa de seus contatos com o movimento comunista no Uruguai e com Bureau Sul-Americano de Propaganda da Terceira Internacional”. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 52

dos comunistas brasileiros, de modo que, na verdade, “o PCB nasceu à margem da IC”.⁵⁵ Este distanciamento teriam, inclusive, estabelecido relações distantes e frágeis entre ambos. Segundo o autor:

A despeito de seu anunciado propósito de ‘defender e propagar entre nós, o programa da Internacional Comunista’, as relações entre o Partido Comunista Brasileiro e a III Internacional (*Comintern*), na primeira metade da década de vinte, estarão longe de ser regulares e assíduas.⁵⁶

Por outro lado, este distanciamento teria gerado condições para que o PCB possuísse liberdade de atuação, permitindo que os comunistas pudessem formular suas próprias estratégias e táticas a respeito da questão sindical e sobre a revolução brasileira.

Zaidan assegura que, na verdade, as teses da IC “é que foram adaptadas, bem ou mal, às condições objetivas e subjetivas do meio social brasileiro”,⁵⁷ resultando na formulação da teoria da “Revolução Democrático Pequeno Burguesa”, construída em paralelo e por influência do avanço do movimento tenentista no Brasil, o que só teria sido possível graças a independência dos comunistas brasileiros diante da Internacional Comunista.

Ao analisar a relação entre o PCB e o Movimento Comunista Internacional, Zaidan polemiza com a “Escola histórico-filosófica de Campinas” que teria acentuado em demasia o peso da influência da IC na gênese e na política do PCB.⁵⁸ Em oposição, Zaidan lembra que desde 1980, insistia na “*relativa* subordinação do PCB às teses e resoluções dos diversos congressos da IC e na *especificidade* da elaboração teórico

⁵⁵ ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, p. 21.

⁵⁶ ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, p. 20.

⁵⁷ Idem, p. 21.

⁵⁸ Segundo Michel Zaidan, a “escola histórico-filosófica” por ele criticada era composta por Edgard De Decca, Ítalo Tronca, Kuzumi Munakata e Paulo Sérgio Pinheiro. Segundo Zaidan, esses autores teriam exagerado em sua interpretação ao afirmar que a relação do comunistas brasileiros junto à IC teria sido de “subordinação político-organizativa do PCB”. ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985.

política do comunismo brasileiro, durante a década de vinte”.⁵⁹ Para Zaidan, entre 1922 e 1929, houve uma autonomia, ainda que *relativa* dos comunistas brasileiros diante da Internacional Comunista, resultante, segundo ele, de uma relação pouco assídua e frágil, estabelecida entre ambos até o final da década.

Por outro lado, Zaidan não adentra os detalhes relativos à realização do I Congresso do PCB, a exemplo da múltipla representação de Abílio de Nequete, que estava ligada à aproximação da IC com os comunistas gaúchos. Ao que parece, o intuito de mostrar as formulações teóricas originais do PCB, fez o autor ignorar o contato do partido com a IC, como se a estratégia pecebista da “Revolução democrático pequeno burguesa” não fosse possível sob a influência de Moscou, o que a documentação trocada entre PCB e IC mostra o contrário. Sobre essa problemática, é preciso levar em consideração a maneira como a IC coordenou os partidos comunistas da América Latina, uma vez que, como veremos, os contatos entre o PCB e a Internacional foram assíduos e constantes, o que, no entanto, não impediu a formulação de uma política original e que dialogava com as forças atuantes no cenário nacional.

Segundo Marly Vianna, em *Revolucionários de 1935: Sonho e realidade*, que tinha por objetivo compreender as razões dos levantes de 1935, numa suposta “trama” internacional, mas que a autora evidencia ter sido uma ação ainda de matiz tenentista e que gerou fatos históricos genuinamente nacionais, a autora investiga a trajetória da relação entre a IC e o PCB.⁶⁰

Em primeiro lugar, ela afirma que a IC era indiferente às demandas da América Latina – e, conseqüentemente aos partidos comunistas da região - até 1929. Esse fato teria dado ao PCB: “grande autonomia de ação; até o período da ‘descoberta da América Latina’ pela IC, a atuação do PCB não esteve contaminada por influências sectárias”.⁶¹ Vianna considera que esse distanciamento proporcionou condições para que o Partido

⁵⁹ ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, p. 46. Grifos no original.

⁶⁰ Segundo Marly Vianna: “os movimentos armados de novembro de 1935 foram fatos históricos tipicamente nacionais, que eclodiram a partir de situações gestadas e desenvolvidas no contexto da sociedade brasileira da época, baseados nas tradições das lutas populares e na significativa participação de setores e lideranças políticas oriundas das camadas médias urbanas, principalmente os militares”. VIANNA, Marly Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: Sonho e realidade*. 3ª edição, São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 62.

⁶¹ VIANNA, Marly Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: Sonho e realidade*. 3ª edição, São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 62.

Comunista tivesse condições de apresentar-se como uma força política de atuação eleitoral e revolucionária. Assim como Zaidan, que defende que a IC só teve alguma influência real no PCB a partir de 1929, permitindo até aquele ano uma “autonomia relativa” aos comunistas brasileiros⁶², Vianna argumenta que teria havido um positivo distanciamento entre ambos, favorecendo a atuação do partido brasileiro.

Desse modo, a trajetória do PCB, entre 1922 e 1929, teria sido marcada pela independência político-ideológica. Sob essa ótica, quanto à fundação do partido, Vianna afirma que a ânsia de ligar-se a Moscou teria tido por objetivo captar, a nível local, o prestígio da III Internacional, que serviria para compensar a sua fragilidade teórica e estrutural diante da classe operária e de seus adversários políticos.⁶³ Ou seja, Vianna também entende que a aproximação teria sido um esforço unilateral do PCB, com objetivos bem definidos, oriundos de demandas locais.

A obra da autora, talvez por ter o objetivo de avaliar os levantes de 1935, não aborda detalhes sobre a gênese da relação entre a IC e o PCB, ainda que em suas análises seja fundamental compreender o tipo de ligação entre ambos. A autora prefere mostrar o desinteresse da Internacional em relação à América Latina, até o final da década de 1920. Durante esse período, ao que parece, a Internacional administrava a sua política para a região sob a lógica de acumulação de forças à luta anticolonial e anti-imperialista, em diálogo com os partidos comunistas locais, como era o caso do PCB, orientando ao trabalho de análise de conjuntura, propaganda e de trabalho político eleitoral.

Já Marcos Del Roio, em sua interpretação sobre a gênese do PCB e sua relação com a IC, aponta para a efetiva influência da Internacional Comunista na fundação do partido brasileiro, aproximando-se, nesse caso, dos argumentos de John Foster Dulles.

Segundo Del Roio, a partir de 1919, grupos comunistas pululavam dispersos pelo país. Dois anos mais tarde, alguns deles resolveram investir em uma ação mais incisiva para a criação de um

⁶² Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985.

⁶³ Segundo Vianna, “Era importante para o pequeno grupo que se organizava ser aceito como membro da IC, pois isso o tornaria seção de um partido internacional, compensando a ausência de base física e ideológica nacional com o respaldo nos êxitos e no prestígio mundial da revolução socialista”. VIANNA, Marly Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: Sonho e realidade*. 3º edição, São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 65.

“partido da classe operária”.⁶⁴ Entre agrupamentos, destacou-se o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, principal organizador do movimento no país e que, já naquele momento, teria “estabelecido contato com a IC e tomado ciência das orientações emanadas do III Congresso”.⁶⁵

Quanto a relação do PCB com a IC, Del Roio afirma que o I Congresso teve sua realização apressada “por sugestão de argentinos e gaúchos”⁶⁶, referindo-se implicitamente à União Maximalista e a Abílio de Nequete. Essa corrida justificava-se pela possibilidade de os comunistas brasileiros ligarem-se à prestigiada III Internacional ainda naquele ano. Relacionando o PCB ao movimento comunista da América do Sul, Del Roio afirma que o partido “preservou a herança internacionalista do movimento operário do Brasil”,⁶⁷ o que teria influenciado para a escolha de Abílio de Nequete para a secretaria geral, que do Rio Grande do Sul fez “os primeiros contatos visando à formação do PCB”, favorecendo-se da proximidade geográfica daquele estado com a Argentina e o Uruguai. Por outro lado, esse agrupamento, segundo o autor, a União Maximalista “estava longe de ser o mais importante e mais influente no Brasil”. Fato que confirmar-se-ia pela assunção da direção partidária pelo Grupo Comunista do Rio, liderado por Astrojildo Pereira, após Abílio de Nequete abandonar do cargo.⁶⁸

Os escritos de Del Roio apontam que a IC teria, de fato, influenciado nas articulações para a fundação do PCB, processo que favoreceu a União Maximalista de Porto Alegre, que aproveitou a proximidade com os países do Prata - onde estava instalada a Agência de Propaganda da IC para a América do Sul - para obter apoio dos comunistas da região e, assim, assumir a liderança do movimento em prol da realização de um congresso nacional para a fundação do Partido Comunista do Brasil. No entanto, a liderança da União Maximalista teria sido efêmera, visto que, em pouco tempo, foi substituída pelo o Grupo Comunista do Rio, que desde o início era, nas palavras do

⁶⁴ DEL ROIO, Marcos. “A gênese do Partido Comunista (1919-29)”. IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A Formação das Tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007, p. 231.

⁶⁵ DEL ROIO, Marcos. “A gênese do Partido Comunista (1919-29)”. IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A Formação das Tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007, p. 231

⁶⁶ Idem, p. 232.

⁶⁷ Idem, p. 233.

⁶⁸ Idem, p. 233.

autor: “o grande catalisador e ponto de convergência de outros agrupamentos do mesmo tipo”, com destaque à liderança de Astrojildo Pereira.⁶⁹

Por outro lado, a presença da IC no processo de fundação do PCB não se configurou numa sujeição ideológica dos comunistas brasileiros. Em *A Classe Operária na Revolução Burguesa*, de 1990, Del Roio afirma que o Partido Comunista atuou “relativamente autônomo” até 1929, quando formulou “teoricamente um projeto revolucionário centrado na classe operária, buscando compreender os mecanismos da crise da dominação oligárquica”.⁷⁰ Autonomia que chegou ao fim quando estabeleceu-se o domínio stalinista na URSS, em 1929, que se expandiu às seções da Internacional, num contexto onde crescia o interesse pela América Latina.

As análises de Del Roio, em síntese, apontam para a efetiva existência de uma ligação entre o PCB e a IC antes da realização do I Congresso, que, no entanto, não interferiu na atuação do partido brasileiro até 1929. Até aquele momento, influência da IC teria ficado restrita às teses oriundas de seus congressos, sugerindo não haver uma relação mais próxima. Ou seja, o PCB beneficiou-se do desinteresse de Moscou, tendo liberdade para formular a estratégia que julgava mais adequada, no contexto de desagregação do poder oligárquico, até a stalinização efetiva da IC, no final da década de 1920.

De um modo geral, as interpretações apresentadas são unânimes em afirmar que a liberdade de ação do PCB, da fundação até o ano de 1929, resultou do distanciamento da IC, então ainda desinteressada na América Latina. Apesar de as obras analisadas terem sido produzidas em contextos políticos distintos, nenhuma delas concebe a possibilidade de que os comunistas brasileiros poderiam ter atuado com liberdade em diálogo regular e assíduo com a Internacional, que é a nossa interpretação sobre a relação do PCB e a IC, na década de 1920. Durante este processo, o PCB formulou a “Revolução Democrático Pequeno Burguesa”⁷¹, que resultava das interpretações que os

⁶⁹ DEL ROIO, Marcos. “A gênese do Partido Comunista (1919-29)”. IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A Formação das Tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007, p. 231.

⁷⁰ DEL ROIO, Marcos. *A Classe Operária na Revolução Burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p.15.

⁷¹ Conforme veremos à frente, o PCB estabeleceu a tese da Revolução Democrático Pequeno burguesa, onde entedia ser necessária uma aliança do proletariado e de sua vanguarda com a pequena burguesia revolucionária, os tenentes, para iniciar a Revolução no Brasil. ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985.

comunistas fizeram da luta política em curso no Brasil – principalmente quanto ao movimento tenentista - e considerando as orientações da IC para os países semicoloniais, apesar das suas debilidades teóricas, oriundas de um incipiente conhecimento do marxismo.⁷² Panorama que se altera no final de 1929, quando a IC decide por intervir diretamente no PCB, através do Secretariado Sul-Americano, o SSA-IC, cassando seus líderes e obrigando o Partido a abandonar imediatamente o seu constructo revolucionário e aplicar uma estratégia completamente distinta da que vinha sendo aplicada até então, isolando o PCB no contexto de vitória da revolução de Aliança Liberal.⁷³

Considerando-se esses pontos, revisitar a gênese do Partido Comunista do Brasil e sua relação com a Internacional permite-nos identificar, dentre outras coisas, o sentido da relação estabelecida entre ambos nesse primeiro momento, que se fortaleceu naquela década, onde, de fato, o PCB atuou com uma “autonomia relativa”, como apontou Michel Zaidan⁷⁴, e que acabou tendo suas estruturas convertidas em vias de transmissão e aplicação das ordens de Moscou, a partir de 1929. Ação que desmontou a política revolucionária e as táticas comumente empregadas pelo PCB, causando a desorganização ideológica e abrindo espaço para a influência das ideias da Aliança Liberal nas hostes partidárias.⁷⁵ Na prática, a intervenção da IC acabou desorganizando

⁷² Aqui concordamos com o argumento de Leandro Konder sobre as debilidades teóricas do PCB. Para o autor, a dialética chegou deturpada ao PCB, uma vez que seus principais intelectuais não tiveram acesso diretamente às obras de Marx e até mesmo as de Lênin. Não havia publicação das obras desses e de outros autores marxistas em português e mesmo quando houve algum investimento nesse sentido, a dialética já havia sido soterrada pela avalanche stalinista do “Marxismo-leninismo”: uma ideologia simplificada, vulgar, que servia ao estancamento do debate e contribuía para a manutenção do monolitismo na União Soviética e nos partidos comunistas. KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*. Rio de Janeiro: Campus, 1988. Segue a mesma linha Marly de Almeida Gomes Vianna. Segundo ela: “O marxismo chegou ao PCB e a Prestes na forma dessa vulgata dogmática, mecanicista e eivada de subjetivismo”. VIANNA, Marly Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: Sonho e realidade*. 3ª edição, São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 65.

⁷³ Segundo Michel Zaidan: “Malgrado, todos estes avanços no plano de elaboração teórico-política dos comunistas sobre o caráter da revolução brasileira seriam jogados na *lata do lixo* depois do fracasso da revolução chinesa, da realização do VI Congresso da IC, da instalação do III Congresso do PCB, da organização da 1ª Conferência dos Partidos Comunistas latino-americanos e, por fim, das deliberações tomadas pelo *Komintern* sobre a situação brasileira e a posição do PCB em face dela”. ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, p.49.

⁷⁴ ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985

⁷⁵ Segundo John Foster Dulles, Cristiano Cordeiro afirmou que o número de comunistas que passaram para o lado da revolução ‘foi de tal magnitude que causou cisão e desorganização nas fileiras do partido’. DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 358. Questão que será analisada com profundidade em capítulo posterior.

o partido, causando defecções e o desaparecimento de alguns organismos partidários de base, além da tomada de postura alheia à realidade nacional, exatamente quando acabou sendo deflagrada a Revolução de 1930.⁷⁶

Iniciaremos examinando como os primeiros contatos com a IC e a fundação do PCB, estabeleceram as bases para uma ação autônoma dos comunistas brasileiros, então em diálogo com o centro coordenador da revolução mundial.

2. Os primeiros contatos entre os grupos comunistas e a III Internacional

Como vimos, são muitas as interpretações acerca da influência da IC na gênese do PCB, bem como sobre o nexos posteriormente estabelecido entre ambos. Ao nosso ver, a criação do Partido Comunista resultou, principalmente, do interesse dos comunistas brasileiros, que buscaram algum apoio nas representações da IC existentes na América do Sul.

Relativizando a afirmação de Zaidan, sobre uma aproximação “unilateral” dos comunistas brasileiros, entendemos que houve o interesse de ambas as partes: a Agência de Propaganda para a América do Sul decidiu apoiar a fundação do PCB por identificar potencial no trabalho desenvolvido pelos grupos comunistas no país, enquanto que estes viam na ligação com a IC um meio de obter prestígio político dentro do movimento operário.

Porém, essa relação que não se configurou numa sujeição ideológica, mas em “autonomia relativa”⁷⁷, de constante diálogo com a IC. Situação que durou até a

⁷⁶ Segundo Michel Zaidan, “esta brusca mudança na linha política levaria inevitavelmente o PCB ao isolamento político, posto que ficava à margem do movimento real da sociedade brasileira e jogava os comunistas para uma irreal, fictícia aliança com ‘as massas agrícolas’ do país.” ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, p. 51.

⁷⁷ Aqui estamos empregando o conceito formulado por Michel Zaidan. Segundo o autor, na década de 1920, o PCB gozou dessa “autonomia relativa” e por isso foi capaz de formular sua própria teoria da revolução (a revolução democrático pequeno burguesa), através da qual conseguiu obter significativos avanços políticos naqueles anos. Para Zaidan, isso só teria sido possível devido à inexistência de contatos assíduos e regulares entre o PCB e a IC. Nós, no entanto, entendemos que essa “autonomia relativa” foi uma realidade, a despeito do estabelecimento de uma comunicação constante entre ambos. Ficando evidente que a IC somente buscou controlar a sua Seção Brasileira após a sua estalinização em 1929. ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985.

interdição intervenção ocorrida no ano de 1929, que obrigou o Partido a abandonar tudo o que havia construído com a aplicação da teoria da “Revolução democrático pequeno burguesa”, que, até então, somava-se ao movimento contra o domínio da burguesia cafeeira. Constructo que, em verdade, inquietava também setores das oposições “revolucionárias”, especialmente as oligarquias estaduais dissidentes e ala tenentista, que viam no trabalho do PCB a indesejada participação camadas populares no movimento. Como os tenentes pretendiam fazer a revolução no lugar do povo, em sua visão “elitista”⁷⁸, a aproximação com os comunistas foi sempre vista com desconfiança e tratada com o máximo de distanciamento possível.

O fato é que a interferência da IC retirou do PCB a possibilidade de participar dos eventos decisivos que culminaram na Revolução de 1930. Apesar da mobilização criada pela estratégia da “Revolução democrático pequeno burguesa” - de busca por alianças com a pequena burguesia revolucionária, em prol da derrubada da burguesia cafeeira - as ordens da IC desmantelaram rapidamente a “autonomia relativa” vigente no Partido, colocando-o também em oposição à Revolução e, por isso, isolando-o politicamente.

No que se refere a essa questão, torna-se fundamental compreender como se estabeleceu a ligação entre as direções da IC e do PCB, durante a década de 1920, análise que demonstrará a natureza da estrutura de comunicação estabelecida entre ambos, que, como veremos, era organizada e eficiente, apesar da distância e da perseguição ao comunismo no Brasil.

As fontes analisadas e as memórias de ex-militantes do PCB permitem afirmar que o contato entre os comunistas brasileiros e a III Internacional teve início em 1921⁷⁹,

⁷⁸ Boris Fausto conceitua do seguinte modo a estratégia revolucionária do “elitismo tenentista”: “insurreição desligada das classes populares”, uma vez as “classes populares” eram “incapazes de superar a passividade e promover, por suas próprias mãos, a derrubada das oligarquias”. FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 89.

⁷⁹ Everardo Dias escreve que no processo de fundação do PCB, muitos livros comunistas vinham da Uruguai e da Argentina e “muito mais que viera diretamente de Moscou e que foi lida, difundida e serviu de estudo cuidadoso e profundo”, apontando que essa influência da IC recebia o aporte dos comunistas da região do Prata, com destaque para “um companheiro de Porto Alegre”, líder da União Maximalista, que havia conseguido ligar-se ao movimento comunista da América do Sul. Dias, no entanto, não consegue recordar-se do nome de Abílio de Nequete, em seu livro. DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. 2ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977, p. 111-12. Otávio Brandão é ainda mais direto, afirmando que “A IC contribuiu de um modo decisivo para o nascimento e o desenvolvimento do partido Comunista do Brasil”, ensinando o PCB a “defender os princípios do internacionalismo proletário

ano que antecedeu a fundação do Partido, contribuindo para que, em março de 1922, fosse realizado o congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil.⁸⁰

A Revolução Russa havia sido recebida com simpatia pelo operariado brasileiro, influenciando socialistas e criando cisões no movimento anarquista no país. Sobre este fato, Ronald Chilcote escreve que: “Lênin e a revolução exerceram um poderoso impacto sobre o pensamento radical, projetando uma imagem crescentemente favorável nos socialistas brasileiros ao mesmo tempo em que dividiam a liderança anarquista”.⁸¹ Vitória revolucionária obtida por um partido de novo tipo, idealizado por Lênin: centralizado, disciplinado e formado por revolucionários profissionais, que recebeu milhares de pessoas em 1917, o Partido Bolchevique.

No entanto, trabalhadores, intelectuais e lideranças operárias não possuíam informações seguras sobre a Revolução ocorrida na Rússia. Havia muita especulação oriunda da imprensa conservadora⁸², ao tempo em que chegavam notícias desencontradas até mesmo de correspondentes entusiasmados com o movimento.⁸³ Essa desinformação gerou uma confusão ideológica entre as correntes anarquistas e

revolucionário”. Afinal, “orientado pela IC, o PCB, desde os primeiros anos, lutou pela paz, contra as guerras imperialistas, contra a reação e o fascismo”. BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas. Memórias. 1º Volume*. São Paulo: Editora Alfa Ômega, 1978, p. 221-22.

⁸⁰ Sobre isso, consideramos elucidativos os documentos trocados entre o líder a União Maximalista e futuro secretário geral do PCB, Abílio de Nequete, ainda em 1921, referentes à fundação do PCB, a exemplo da carta enviada por ele ao Comitê Executivo da IC, em primeiro de fevereiro de 1922. Carta que será analisada em detalhes no presente capítulo. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

⁸¹ CHILCOTE, Ronald. *Partido Comunista Brasileiro. Conflito e integração*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982, p. 53.

⁸² As informações sobre os eventos na Rússia chegavam à imprensa brasileira através de telegramas enviados por agências internacionais via Londres, Paris e Amsterdã. Datados de 11 de novembro de 1917, os telegramas noticiavam incansavelmente a derrota iminente dos bolcheviques. DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 63.

⁸³ John Watson Foster Dulles escreve que o então anarquista Antônio Bernardo Canellas acabou sendo enviado à Europa para participar da Conferência Internacional do Trabalho. Após ser impossibilitado de participar do evento, o jornalista de Recife voltou ao Brasil trazendo informações que considerava seguras sobre a Revolução de 1917 e o novo Estado russo. Segundo Dulles, Canellas havia chegado à conclusão de que o bolchevismo vitorioso originou-se de um “partido rigorosamente marxista”. No entanto, os acontecimentos na Rússia obrigaram o bolchevismo a “introduzir nas teorias bolchevistas ‘uma infinidade de métodos que elas não preconizavam nem previam antes da Revolução’. Para Canellas, a influência anarquista teria sido de “enorme importância nessa transmutação do bolchevismo”. Já a ditadura do proletariado, ele via como uma medida temporária “para dar combate à burguesia”. DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 83.

comunistas no Brasil. Isso se deu principalmente porque não se sabia exatamente a natureza da Revolução ocorrida na Rússia, de modo que o debate mal fundamentado sobre essa questão grassou dentro das correntes políticas, principalmente entre as suas principais lideranças. Até o ano de 1919, imaginava-se que a Revolução havia sido, ao mesmo tempo, de caráter bolchevista e libertário e a III Internacional seria como um organismo, não-sindical, de natureza anarquista.⁸⁴ No Brasil, a partir de 1921, depois da repressão à guerrilha de Macknó e do trágico episódio do Kronsdat, essa diferenciação ficou suficientemente clara, após o embate político e público iniciado no ano anterior, na imprensa, entre anarquistas e comunistas.⁸⁵ Ao final da refrega, parte significativa dos quadros libertários acabaram optando pelo bolchevismo.

À medida em que ficava mais definido o espectro ideológico do bolchevismo, da Revolução e da Rússia soviética, que nada tinha de libertário, intensificou-se a passagem de militantes para o campo do comunismo. Essas conversões enfraqueceram o anarquismo no país, fazendo do ano de 1920, segundo Edilene Toledo “a data em que se inicia o declínio do anarquismo no Brasil”.⁸⁶

Sob a influência da Revolução Russa e, posteriormente, com a fundação da Internacional Comunista em 1919, já em 1918, lideranças operárias brasileiras, recém saídas do anarquismo, criaram diversas organizações comunistas de atuação local - os chamados “Grupos Comunistas” - fazendo surgir, com o passar do tempo, o objetivo de fundar um partido comunista centralizado e de atuação nacional, mas ligado à IC⁸⁷, o

⁸⁴ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 83.

⁸⁵ O exemplo apresentado por Dulles evidencia os contornos dessa disputa política. Segundo o autor, no final de 1920, uma “vigorosa campanha antibolchevista” havia sido iniciada através do jornal anarquista *A Plebe*. No dia 27 de novembro, o jornal exortava os libertários à revolução anarquista no Brasil contra a burguesia e contra o bolchevismo. Contexto em que o jornal *A Vanguarda* passou a defender o comunismo, publicando textos de Astrojildo Pereira que fazia uma defesa velada do comunismo. Nas palavras de Dulles, Astrojildo “chamava a atenção para a necessidade de se estudar seriamente a situação insatisfatória dos círculos trabalhistas brasileiros”. Momento que o então militante libertário passava ao bolchevismo, no início de 1921. DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 137.

⁸⁶ TOLEDO, Edilene. “A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República”. IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). *A Formação das Tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 82.

⁸⁷ Quanto à influência da Revolução Russa e do bolchevismo sobre o proletariado brasileiro, minando o anarquismo, John Foster Dulles ressalta que a instalação de governos soviéticos na Baviera e na Hungria foram bem recebidos também pelos anarquistas que “prepararam-se com otimismo para a formação de um Partido Comunista do Brasil”. DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*.

que tornou ainda maior o fosso entre os objetivos e métodos de comunistas e anarquistas. Esses últimos, aliás, só fizeram aprofundar progressivamente o seu declínio nos anos seguintes. Eric Hobsbawm afirma que após 1930, “o anarquismo deixara de existir como força política importante fora da Espanha, mesmo na América Latina”. O que pode-se confirmar a partir do Brasil, onde também o bolchevismo acabou destacando-se diante das outras tradições revolucionárias.⁸⁸ Nessa conjuntura, a III Internacional enviou representantes para fomentar a criação de partidos comunistas nos cinco continentes.⁸⁹ Afinal, o seu objetivo era construir uma entidade única, estruturada para dirigir os partidos comunistas de todo o mundo, canalizando as aspirações dos explorados em prol da derrocada do capitalismo e da burguesia, em nome da revolução socialista mundial.⁹⁰

Esse entusiasmo revolucionário não tardou em chegar à América Latina. Apesar da distância geográfica e das diferenças culturais, a IC criou estruturas organizativas no Continente, através das quais apoiou a criação e auxiliou a organização de partidos comunistas, em diálogo com os militantes oriundos do socialismo e do anarquismo, atuantes na região. No que se refere ao Brasil, foi o Bureau Político da IC para América do Sul que interveio, apoiando diretamente a tentativa de março de 1922, aproveitando para impulsionar os grupos comunistas dispersos, em direção ao mútuo interesse de criar um partido comunista.

(1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 71. Sobre o tema, ver também: CHILCOTE, Ronald. *Partido Comunista Brasileiro. Conflito e integração*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982, p. 54.

⁸⁸ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos extremos*. O breve século XX. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 80.

⁸⁹ Segundo Hernán Camarero, a IC visava: “construir una entidad única y bajo una sólida estructura y dirección, que nucleara a los emergentes Partidos Comunistas (PP.CC) de los cinco continentes. Los objetivos de semejante empresa eran claros: construir el estado mayor de un proceso de escala planetaria, que canalizara las aspiraciones emancipatorias de los explotados, en la perspectiva del derrocamiento de la burguesía y el sistema capitalista, la conquista del poder para los trabajadores a través de la dictadura del proletariado, el establecimiento de una república internacional de Soviets y la instauración del socialismo como primer paso a la sociedad comunista.” JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Vítor. *América Latina en la Internacional Comunista, 1919-1943*. Diccionario Biográfico. Santiago: Ariadna Ediciones, Chile, 2015, p. 18.

⁹⁰ Pierre Broué escreve que a Internacional nasceu da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa. Lênin e Trotsky se convenceram de ter chegado a hora de fundar a III Internacional, principalmente devido à fundação do Partido Comunista da Alemanha. Fato que teria dado ao partido russo “o companheiro tão esperado”. Trotsky se encarrega de escrever uma convocação ao evento de fundação onde apresentar a estratégia e as táticas da III Internacional nos seguintes termos, segundo Broué: “O período é o da decomposição e desmoronamento do capitalismo mundial e será o da destruição da civilização europeia se o socialismo não for construído. O proletariado deve tomar o poder, isto é, destruir o aparato de Estado da burguesia e organizar um novo aparato de Estado proletário”, que seria o principal instrumento de derrubada da burguesia. BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista (1919-1943)*. São Paulo: Sundermman, 2007, p. 91-2.

Esse escritório da IC na América do Sul foi criado pelo Bureau Pan-americano da IC, então sediado no México. Organismo que trabalhou na criação de partidos comunistas na América Central, como foi o caso da Guatemala e de El Salvador, e no Caribe, em Cuba.⁹¹ No caso da América do Sul, o BP Pan-americano decidiu enviar um representante à Argentina para que lá fossem instalados escritórios da IC para o continente.⁹² Tarefa que foi dada ao membro da Internacional, Alex Alexandrovsky (1884-1968).⁹³

Segundo Vitor JEIFETS e Lazar JEIFETS, o russo Mijail Alexeevich Komin-Alexandrovsky, codinome “Kolman”. Alexandrovsky (ou “Kolman”) foi enviado ao México pelo Bureau Político do CEIC, em 7 de setembro de 1920, onde ficou sob as ordens do Bureau Pan-americano da IC. Por decisão deste órgão, em 15 de janeiro de 1921, ele foi enviado para a Argentina com a tarefa de fundar os birôs do Komintern e do Profintern da América Latina⁹⁴, fundando o Bureau Político da IC para América do Sul.

⁹¹ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 47.

⁹² JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. *América Latina em la Internacional Comunista, 1919-1943*. Dicionario biografico. Ariadna Ediciones, Santiago, Chile, 2015, p.326-327.

⁹³ Segundo o dicionário biográfico *A América Latina em la Internacional Comunista, 1919-1943*, seu nome verdadeiro era Mijail Alexeevich Komin-Alexandrovsky. Nascido em Nizhny Novgorod, em 1868, Alexandrovsky, como era chamado, tornou-se membro do círculo marxista e do Partido Operário Social Democrata da Rússia, o POSDR, no ano de 1900. Em 1905, participou da insurreição armada em Sormov, na Rússia. Em 1907, tornou-se membro do Comitê do POSDR em Yusovo-Petrovsk. Passou à clandestinidade após ter sido preso e condenado. Foi para a Alemanha e depois para a Argentina, onde trabalhou como mecânico e participou do movimento grevista em 1919 e 1920. Militou em diversos agrupamentos e movimento políticos, até ser membro fundador do Forsa em 1917. Foi delegado do Forsa ao II Congresso da IC, em 1920. Depois acabou enviado à América do Sul, ficando sob as ordens do Bureau Pan-americano do México. De lá, recebeu recursos e foi enviado de volta à Argentina, onde tornou-se representante da IC para a América do Sul, quando realizou atividades naquele país e no Uruguai. À frente, atuou para a realização do congresso de unificação dos sindicatos argentinos e na campanha de ajuda aos famintos da Rússia. Realizou reuniões com a direção do PCA e visitou diversas vezes o Chile e o Uruguai, quando se encontrou com “el secretario del grupo comunista de Porto Alegre, a. Nequete (princípios de 1922) ‘para empezar la fundación del Partido Comunista del Brasil’”. JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. *América Latina em la Internacional Comunista, 1919-1943*. Dicionario biografico. Ariadna Ediciones, Santiago, Chile, 2015 P.326-327.

⁹⁴ Segundo Vitor JEIFETS e Lazar JEIFETS: “Por decisión del BP (15.1.1921) recibí 5000 libras esterlinas para la actividad en Argentina. Fue representante de la Comintern y de la Profintern em Argentina y otros países de Sudamérica (1921-1922). Formó un Buró provisional de la Profintern en Argentina (antes de 01.1922). Como miembro del Buró de propaganda de la Comintern para Sudamérica, financió la actividad del Buró, los PPCC de Argentina y Uruguay (1921). Realizó múltiples actividades: hizo propaganda en la FORSA por la adhesión al PCA, participó em la preparación del congreso por la unificación de los sindicatos argentinos y em la organización de la campaña de ayuda a los hambrientos en Rusia Soviética; organizó reuniones regulares con el CE del PCA para discutir las cuestiones de estrategia y táctica del partido, visitó Chile y Uruguay”. JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. *América Latina em la Internacional Comunista, 1919-1943*. Dicionario biografico. Ariadna Ediciones, Santiago, Chile, 2015, p.326.

Na Argentina, Alexandrovsky constituiu - os órgãos da IC, ainda em 1921, recebendo a assistência do Partido Comunista Argentino, o PCA⁹⁵ - à época o mais prestigioso partido comunista da região.⁹⁶ Através dessa estrutura, a representação da IC buscou contatar os comunistas da região do Rio da Prata, aproximando-se dos comunistas uruguaios e tendo notícias também da ação do movimento operário do Rio Grande do Sul, dada a proximidade geográfica.

3. Abílio de Nequete, a União Maximalista e o Bureau da III Internacional para a América do Sul

Data do final da década de 1910 a criação das primeiras organizações comunistas do Rio Grande do Sul, como a Liga Comunista de Livramento e centros similares pelo interior do estado. Destacava-se como defensora da Revolução Russa a União Maximalista, fundada em novembro de 1918 e liderada por Abílio de Nequete.⁹⁷ Líder operário que encabeçava a luta contra anarquistas dentro do movimento operário, tentando, inclusive, ligá-lo diretamente a Moscou, já em 1919.⁹⁸ Nos primeiros meses de 1921, Abílio de Nequete conseguiu apoio das lideranças comunistas uruguaias, em especial do deputado Celestino Mibelli, conseguindo ser convidado e representar a União no congresso de constituinte do Partido Comunista uruguaio.⁹⁹ Narrativa

⁹⁵ O Partido Comunista Argentino teve origem no Partido Socialista Internacional que havia sido criado para defender as ideias da Revolução Russa no país. Fundado em 1921, o PCA foi um dos primeiros partidos comunistas a se organizar em todo o Continente. CAMARERO, HERNAN. *Buenos Aires-Moscú. El partido comunista argentino y la Revolución Rusa hasta los años treinta*. Escuela de História, nº 29, 2017, p. 111-12.

⁹⁶ Segundo Hernan Camarero: “Con la creación, en 1921, del Buró de Propaganda Comunista para Sudamérica, con sede en Buenos Aires, el PC empezó a ser considerada su sección más poderosa, una suerte de representante oficial de la revolución rusa en el subcontinente”. CAMARERO, HERNAN. *Buenos Aires-Moscú. El partido comunista argentino y la Revolución Rusa hasta los años treinta*. Escuela de História, nº 29, 2017, p. 111-12.

⁹⁷ Segundo John Foster Dulles, “A primeira associação bolchevista a ser fundada no país foi a pequena União Maximalista de Porto Alegre” e seu líder foi “homem piedoso e idealista”, DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 143.

⁹⁸ No segundo congresso operário do Rio Grande do sul, em 1919, houve uma disputa acirrada entre o anarquista Friedrich Kniested e Abílio de Nequete, por este defender que a Federação Operária do Rio Grande do Sul fosse filiada à IC. Nequete acabou derrotado e a FORGS acabou filiada à Internacional Apolítica de Berlim. BARTZ, Frederico. *Movimento Operário e Revolução Social no Brasil: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto alegre entre 1817 e 1922*. Tese de doutorado, UFRGS, 2014, p. 220.

⁹⁹ Renata Irene Haas Rosito escreveu que Abílio de Nequete acabou “Encontrando, no início do ano de 1921, o diário “Justicia”, órgão do Partido Socialista Uruguaio, tomou conhecimento da preparação do

semelhante é apresentada por John Foster Dulles. Segundo o brasilianista, por ser conhecido por suas ideias bolchevistas e por residir próximo à Agência de Propaganda para América do Sul da Terceira Internacional, Nequete “foi nomeado seu representante” e compareceu ao congresso do Partido Comunista Uruguaio, quando recebeu apoio para fundar o Partido Comunista no Brasil”.¹⁰⁰ A diferença nas abordagens fica somente quanto à representação de Nequete no evento do PC uruguaio, repetindo-se o fato de que o líder da união maximalista ter estado em contato com os comunistas uruguaios que, aliás, teria sido o principal vetor de aproximação entre a União Maximalista e a Internacional. Fato que, como veremos, pode ser confirmado na carta que Nequete enviou à IC, em fevereiro de 1921, onde fica evidente que, naquele momento, ele possuía um contato firme com o CEIC, dando andamento aos preparativos à fundação do PCB.¹⁰¹

A partir do estabelecimento dessa relação, a IC começou a receber materiais sobre o movimento operário brasileiro em 1921, o que indica uma aproximação de maior envergadura já naquele ano. Ao mesmo tempo, intensificava-se a entrada de obras comunistas no país, oriundas da IC e dos partidos comunistas da Argentina e do Uruguai. O que Everardo Dias menciona em suas memórias, ao lembrar do “companheiro de Porto Alegre”, fundador da União Maximalista e que, segundo ele,

conseguiu entrar em contato com agrupações comunistas do Uruguai e Buenos Aires e daí recebera muita literatura comunista, a primeira a chegar ao Brasil, e através desta, muito mais que viera diretamente de

congresso em que esse partido deveria aderir à Moscou. O deputado Celestino Mibelli optava pela adesão imediata. Por ocasião do aparecimento das 21 condições, no II Congresso Internacional de Moscou, reuniu-se novamente o Partido Socialista Uruguaio. Abílio de Nequete escreveu ao deputado Mibelli pedindo que aceitasse as condições e concedendo-lhe a representação da União Maximalista do Rio Grande do Sul - “eis como Mibelli teve de ser o primeiro representante do Brasil num congresso comunista.” [NEQUETE, Abílio. *Apontamentos realizados de 8 a 19 de julho de 1944* - caderno nº II, p. 21] Na mesma carta escrevera a frase de Barbusse (...) sobre as 21 condições: “nada tinha que não pudesse ser aceito por um socialista sincero ou cidadão honesto”. O presidente daquela sessão do congresso telegrafou mais tarde agradecendo à União Maximalista do Rio Grande do Sul. Foi a primeira relação da União com o exterior”. ROSITO, Renata Irene Haas. *O Pensamento político de Abílio de Nequete*. Datilografado. PUC, 1972, p. 8. Apud: CARRION, Raul. *O Partido Comunista do Brasil no Rio Grande do Sul 1922-1929*. Monografia, Rio Grande do Sul, 1997. Retirado de http://www.raulcarrion.com.br/pcdob_fundacao.asp#_ftn7. Acesso em 20 de agosto de 2020.

¹⁰⁰ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 144.

¹⁰¹ *Ao Comitê Executivo da I. Comunista*. Montevidéo, 01 de fevereiro de 1922. 1/2/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

Moscou e que foi lida, difundida e serviu de estudo cuidadoso e profundo. Eram livros e opúsculos oficiais, saídos das oficinas do Estado Soviético, e portanto com esse cunho valioso e incontestável que tem os documentos autênticos.¹⁰²

Eram os primeiros passos no estabelecimento do contato entre os comunistas brasileiros com a Internacional. Momento em que a União Maximalista aproximou-se do Grupo Comunista do Rio de Janeiro, que emergia como núcleo avançado na defesa do comunismo e em prol da criação de uma seção brasileira da Internacional.

4. A IC, os grupos comunistas do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul construindo o PCB

Os primeiros anos da IC foram de grande dinamismo e intensos debates, especialmente até 1924, sob a presidência de Grigori Zinoviev. A ideia de montar uma organização que deveria atuar como o partido mundial avançou, apesar da crescente repressão dos estados burgueses e da recuperação ocorrida no mundo capitalista durante a década de 1920, que acabou subitamente interrompida pela crise de 1929.

No II Congresso da Internacional Comunista, realizado em 1920, ainda havia esperança que a Revolução retomasse seu curso pelo mundo. Durante o conclave, além da estratégia revolucionária para os partidos comunistas atuantes em países de capitalismo avançado, também foram estabelecidos os princípios e as táticas para os partidos atuantes em países tidos como atrasados ou coloniais, âmbito onde estavam incluídos os países da América Latina. Ainda que a região tenha sido classificada com base nos países asiáticos, onde se desenvolviam movimentos de natureza anticolonial, como eram os casos da China e da Índia.¹⁰³

Sobre essa questão, Marly Vianna escreve que, no II Congresso, foi aprovado a realização de “acordos temporários e até alianças com a democracia burguesa das

¹⁰² DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. 2ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977, p. 111-12.

¹⁰³ BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista (1919-1943)*. São Paulo: Sundermman, 2007; MAZZEO, Antônio. *Sinfonia inacabada. A política dos comunistas no Brasil*. São Paulo, Boitempo, 1999.

colônias e dos países atrasados sem perder a independência orgânica e ideológica”. Orientação vigente até 1935.¹⁰⁴

Considerava-se que a Grande Guerra, por sua natureza imperialista e expansionista, teria tirado do isolamento as colônias e os países de capitalismo atrasado. Segundo Lênin, a Guerra havia ajudado a revolução mundial, trazendo para o conflito as colônias e os países mais isolados e lhes ensinado o manejo das armas. Ciência que seria útil ao movimento se fosse conduzida pela então considerada verdadeira vanguarda revolucionária: os partidos comunistas, sob a coordenação da Internacional. Desse modo, tornava-se possível conceber a criação de sovietes revolucionários, mas que ao invés de operários, seriam formados por camponeses e trabalhadores. Para atingir este objetivo tornava-se indispensável o trabalho dos militantes revolucionários, que deveriam assumir a direção do contingente de trabalhadores e mobilizá-los à luta anti-imperialista e anticolonial em seus países, aproveitando-se dessa recém adquirida proficiência bélica¹⁰⁵

Tanto revolucionários quanto trabalhadores deveriam centrar sua luta na libertação nacional, uma vez que, invariavelmente, seus países eram dependentes dos países de capitalismo superior. Desse modo, a natureza desse processo libertação deveria ser transmutada a todo custo de “movimento democrático-burguês” em “movimento nacional revolucionário”, o que os colocaria num rota revolucionária.

A partir desta concepção, passaram a ser aceitos acordos e alianças temporárias com os setores considerados “democrático burgueses”. Pactos onde as vanguardas revolucionárias deveriam manter-se permanentemente vigilantes para não perderem sua independência orgânica e ideológica no movimento. Apesar dessa ressalva, essa política influenciou a atuação dos partidos comunistas dos países tidos como atrasados ou semicoloniais, como era caso do Partido Comunista Chinês e mesmo do PCB, no Brasil.¹⁰⁶ Não por acaso, os acontecimentos de 1927, ocorridos na Revolução chinesa,

¹⁰⁴ VIANNA, Marly Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: Sonho e realidade*. 3º edição, São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 43.

¹⁰⁵ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 39.

¹⁰⁶ Segundo Pierre Broué, quanto ao debate sobre as teses relacionadas à questão nacional e colonial, três aspectos foram ressaltados: o primeiro referia-se à diferenciação entre nações opressoras e nações oprimidas; o segundo aspecto definia que as relações entre os povos estavam divididas entre o grupo das nações imperialistas e a Rússia soviética; o terceiro aspecto, por fim, abordava o movimento da burguesia nos países atrasados, que deveria ser substituído de “burguês-democrático” para “nacional-

que terminaram com o massacre dos comunistas pelas tropas de Chiang Kai-Shek, serão cruciais à viragem da política do PCB de 1929.¹⁰⁷ Derrota empregada pela IC como justificativa para a recusa a qualquer aliança com setores “revolucionários” da burguesia. Para a Seção Brasileira, isso significou abandonar, de imediato, a tese da “Revolução democrático pequeno burguesa” - que, então, preconizava uma aliança tática com os tenentes, então considerados pelos comunistas como um setor revolucionário pequeno-burguês - e a aplicação da tática de “classe contra classe”, imposta por Moscou.

Após as derrotas dos partidos comunistas europeus, a partir de 1921 a Internacional iniciou uma transição da condição de partido revolucionário mundial - quando atuava como força organizativa, política e ideologicamente - para assumir uma postura cada vez mais pragmática diante do refluxo revolucionário em curso no mundo, passando a centrar-se na administração e na organização do movimento comunista internacional.¹⁰⁸ Administração disciplinar que, segundo Marly Vianna, atingiu o PCB uma década depois, mas que levou a IC, desde o início, a buscar posicionar suas forças cada vez em defesa do estado proletário.¹⁰⁹

revolucionário”. Movimento que deveria ter o apoio do *Komintern*, em diálogo com o PCs, visando o combate à “burguesia reformista”. BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014, 204-05.

¹⁰⁷ A revolução chinesa foi motivo de intensificação da luta dentro do PCUS e da Internacional Comunista, entre a oposição liderada por Trotski contra Stálin e Bukharin. Na China, iniciou-se um processo revolucionário, com greves gerais e insurreições operárias e militares. Nesse processo, a IC resolveu que o Partido Comunista Chinês deveria apoiar o que considerava ser a “burguesia revolucionária”, dentro do partido nacionalista, o Kuomintang, contra os setores “feudais” e a fração burguesa ligada ao capital internacional. Concebia-se que era preciso desencadear a etapa burguesa da revolução, para construir a revolução socialista no país. No entanto, levantes operários começaram a surgir, inclusive com a formação de soviets. Contexto no qual o PCCch teve negado o direito de apoiar os trabalhadores, apesar de sua súplica junto à IC. Chiang Kai-Shek, líder militar nacionalista, que encabeçava o Kuomintang, nutria cada vez menos simpatia pelos comunistas, críticos de sua ideologia, a despeito das ordens do *Komintern* de não fazê-lo. A situação chegou ao limite após a eclosão de uma greve geral em Cantão, no dia 19 de março, transformada em insurreição, que acabou sendo utilizada por Chiang Kai-Shek para acusar os comunistas de traição. No dia 12 de abril, o líder nacionalista ordenou o massacre dos comunistas. A oposição, liderada por Trotski, culpou Stálin e Bukharin pelo esmagamento do PCCch e a derrota da revolução chinesa. No entanto, ambos os dirigentes preferiram desviar o foco da discussão, minimizando os acontecimentos ocorridos na China e sufocando as notícias vindas de lá. Essa situação tornou ainda mais grave a luta dentro PCUS entre Trotsky e Stálin. BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014, p. 248.

¹⁰⁸ Segundo Aldo Agosti, “a partir de 1921, o ‘partido mundial’ tornou-se não mais o instrumento organizativo, político e ideológico da revolução mundial, mas antes o meio para evitar a debandada.’ para administrar e disciplinar o movimento comunista *na espera* da revolução mundial. AGOSTI, Aldo. “*O mundo da Terceira Internacional: os ‘estados-maiores’*”. IN: HOBBSAWM, Eric John. *História do Marxismo*. Vol. 6 Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 109.

¹⁰⁹ VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935*. Sonho e Realidade. São Paulo, Editora Expressão Popular, 3ª edição, 2011, p.45.

A constituição do PCB se deu durante este processo de transição. Apesar de a IC não apresentar uma resolução que orientasse especificamente o movimento revolucionário de caráter socialista para as américas, a região recebeu fomento para as lutas de libertação nacional a partir do México. Como foi dito anteriormente, com a ajuda dos comunistas mexicanos, foi instalado o Bureau Pan-americano da IC, em 1920. Órgão que, no ano seguinte, auxiliou a criação do Bureau Sul-americano, contribuindo para que a IC entrasse em contato com os comunistas da região, inclusive com os brasileiros.

No Brasil, por influência ideológica da Revolução Russa, surgiram núcleos simpáticos ao comunismo em vários estados da federação. Estes eram formados por trabalhadores simpáticos ao bolchevismo, oriundos do anarquismo, em sua maioria, que não demoraram em constituir pequenos agrupamentos para realizar atividades em defesa das ideias exaradas por Moscou. E foi exatamente destes núcleos que possuíam projetos distintos de partido de onde se originou o PCB.

Astrojildo Pereira¹¹⁰ assegura que os grupos comunistas tiveram sua origem em pequenos grupos de propaganda de diversas regiões do país. Seus ativistas, de um modo geral, eram desprovidos de conhecimento teórico sobre o comunismo e mesmo sobre própria Revolução Russa. Tratava-se, segundo o dirigente comunista, de “gente pobre, obscura, tolhida por mil dificuldades”, mas que atuou decididamente na construção do PCB.¹¹¹

Apesar do despreparo, em 1921, vários grupos constituiriam a espinha dorsal do PCB, com destaque para sua vanguarda: o Grupo Comunista do Rio de Janeiro e a

¹¹⁰ Astrojildo Pereira Duarte Silva nasceu na cidade de Rio Bonito, no estado do Rio de Janeiro, em 1890. Iniciou sua militância nas organizações operárias anarquistas, sendo um dos organizadores do II Congresso Operário Brasileiro, realizado em 1913. Teve destacada atuação também como jornalista. Em 1918, acabou preso por ter se envolvido numa frustrada insurreição anarquista. Em 1919, após a soltura, passou a afastar-se do anarquismo e defender os ideais da Revolução Russa. Astrojildo acabou participando ativamente das campanhas em prol dos flagelados do Volga, onde aproximou-se ainda mais de outros admiradores da Rússia soviética, com os quais criou o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, em 7 de novembro de 1921. Através deste agrupamento, Astrojildo encabeçou a difusão dos ideais bolcheviques pelo país, fomentando a criação e a conversão de núcleos de simpatizantes também em grupos comunistas. Em aliança com Abílio de Nequete, líder da União Maximalista – tornada também grupo comunista – e em diálogo com o restante dos agrupamentos comunistas espalhados pelo país, fundou o PCB, em março de 1922. CPDOC-FGV. “Astrojildo Pereira”. Verbete: A Era Vargas: dos anos 1920 a 1945. Retirado de https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/astrojildo_pereira. Acesso em 04 de setembro de 2020.

¹¹¹ PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB, 1922-1928: notas e documentos*. São Paulo: Anita Garibaldi, Fundação Mauricio Grabois 2012, p. 30.

União Maximalista, tornada Grupo Comunista do Rio Grande do Sul também naquele ano. Apesar de ambos possuírem projetos distintos para o movimento comunista brasileiro, eles optaram pelo diálogo e acabaram unindo forças para construir um partido comunista unificado e centralizado, para o que também receberam apoio da Internacional Comunista.¹¹²

O Grupo Comunista do Rio de Janeiro teve origem no Comitê em prol dos flagelados do Volga, organismo que acabou tornando-se um centro aglutinador de comunistas e simpatizantes do bolchevismo e da Rússia soviética. Núcleo que, pouco depois, constituiu-se oficialmente em grupo comunista organizado e rapidamente tornou-se influente centro irradiador do comunismo país.¹¹³

Fundado oficialmente em novembro de 1921 e liderado por Astrojildo Pereira, o Grupo Comunista do Rio de Janeiro investiu na propaganda do comunismo no país e contribuiu à criação de outros grupos comunistas congêneres. Sua organização baseava-se num estatuto, composto de 17 artigos, que tinha por fim defender o programa da IC e fomentar a criação de outros grupos comunistas pelo país.

GRUPO COMUNISTA

- 1) Fica fundado o Grupo comunista com o fim de defender e propagar, no Brasil, o programa da Internacional Comunista.
- 2) Os aderentes do Grupo aceitam os princípios, a tática e a disciplina do mesmo, estabelecido de conformidade com o programa da Internacional Comunista.
- 3) O Grupo só aceitará a adesão de pessoas cuja idoneidade constitua suficiente garantia da atuação revolucionária conforme aos fins do programa comunista.
- 4) O Grupo institui uma comissão de admissão, de cujo parecer, baseado no artigo precedente e submetido à sanção da assembleia, depende a adesão de novos aderentes propostos.

¹¹² Segundo John Foster Dulles, em fevereiro de 1922, o Grupo Comunista de Porto Alegre escreveu ao grupo do Rio de Janeiro sobre a necessidade de realizar com urgência um congresso nacional para a organização de um Partido Comunista. DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 146. Em adição, afirmamos que essa iniciativa teve origem nos contatos estabelecidos por Abílio de Nequete - líder da União Maximalista - junto ao Bureau Sul-Americano da IC e junto aos comunistas argentinos e uruguaios. Ver: JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. *América Latina em la Internacional Comunista, 1919-1943*. Dicionario biografico. Ariadna Ediciones, Santiago, Chile, 2015 P.326-327.

¹¹³ Sobre a questão, ver: DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977; DEL ROIO, Marcos. “A gênese do Partido Comunista (1919-29)”. IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A Formação das Tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

- 5) Poderão ser excluídos dos Grupos os aderentes cuja atuação pública ou particular se mostre contrária aos princípios, a tática e a disciplina dos mesmos.
- 6) A exclusão de qualquer aderente de conformidade com o art. Precedente só poderá ser deliberada por assembleia, e quando documentadamente proposta.
- 7) São válidas somente as assembleias a que compareça um mínimo de dois terços dos aderentes do Grupo.
- 8) São válidas e obrigatórias para todos os aderentes do Grupo as deliberações tomadas por maioria nas assembleias regulares do mesmo.
- 9) As assembleias do Grupo se realizam ordinariamente uma vez por mês.
- 10) A comissão executiva do Grupo Comunista, eleita anualmente, em assembleia, se compõe de nove membros que entre si distribuem os serviços de secretaria, tesouraria, imprensa, admissão etc.
- 11) A Comissão executiva se reúne ordinariamente uma vez por semana.
- 12) Todas as publicações do Grupo ficam sob o controle direto da Comissão Executiva;
- 13) Fica estabelecida a cota regular de 2\$000 mensais por aderente. As cotas extraordinárias são ocasionalmente estabelecidas.
- 14) Os aderentes do Grupo Comunista devem pertencer à organização sindical existente de seu ofício ou indústria.
- 15) O Grupo Comunista promoverá a organização de grupos congêneres pelo interior do país, mantendo com os mesmos as mais estreitas relações, tendentes a formação partidária, no Brasil, de uma seção da Internacional Comunista.
- 16) O Grupo manterá as mais estreitas relações com as organizações de outros países aderentes à Internacional Comunista.
- 17) Os casos não previstos nestas bases são resolvidos em assembleias do Grupo.¹¹⁴

O estatuto disciplinava como o Grupo Comunista deveria atuar, frisando a importância da tática e da disciplina para os aderentes; definia também como seria o recrutamento de militantes e a expulsão daqueles com má conduta; determinava também a assembleia como organismo máximo de deliberação do grupo e, por fim, definia os cargos da sua direção e os poderes da sua Comissão Executiva.¹¹⁵

Fica evidente que, através daquele documento, o Grupo Comunista do Rio de Janeiro estabelecia com precisão como os seus termos de organização e disciplina interna, com o que também contribuía à criação de grupos congêneres pelo país. Foi

¹¹⁴ *Grupo Comunista*. Datação indisponível. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

¹¹⁵ *Grupo Comunista*. Datação indisponível. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

essa organização interna, aliado ao trabalho de propaganda e defesa do programa da Internacional Comunista que o tornou um dos alicerces principais do vindouro Partido Comunista do Brasil.

O diferencial em relação aos demais partidos da época é que o Grupo Comunista tinha por objetivo atuar em nível nacional, através de uma direção centralizada e ligada ao movimento comunista internacional. Objetivo significativo, uma vez que na Primeira República não havia agremiações políticas de atuação nacional. Os partidos eram regionais, formados para as disputas regionais¹¹⁶, de acordo com a “política dos estados”, em voga no país até a Revolução de 1930.¹¹⁷

Diante desse contexto, a proposta de criação de uma agremiação comunista nacional, com ramificações estrangeiras, apresentava-se como uma inovação na política nacional. Soma-se a isso a também a novidade de o Grupo Comunista ter sido criado por trabalhadores e intelectuais, para atuar em defesa de toda a classe e em prol da revolução proletária em âmbito nacional, num movimento distinto da lógica regional dos partidos da época.

O outro projeto que alicerçou a fundação do PCB se originou na União Maximalista.¹¹⁸ Fundada por Abílio de Nequete em 1918, que era um admirador da Rússia, a União Maximalista tinha por objetivo defender e propagar as ideias da Revolução de 1917. Sua origem remonta ao mês de novembro de 1918, quando três trabalhadores - Francisco Menervino, Otávio Hengist e Abílio de Nequete - resolveram

¹¹⁶ No início da República travava-se nos municípios lutas entre facções rivais pelo controle da política local e não uma luta entre partidos organizados. Segundo Maria Efigênia Resende, esse embate tinha o objetivo de “posicionar-se na condição de aliado da oligarquia que detém o poder no estado, seja ela uma pessoa, uma família ou um grupo de famílias, entrelaçadas por casamentos, alianças políticas, interesses econômicos ou controle de funções públicas”. RESENDE, Maria Efigênia Lage. “O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico”. In: *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente*. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (organizadores). 7ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 113.

¹¹⁷ Cláudia Viscardi, em sua crítica à “política do ‘café-com-leite’”, caracterizou a “política dos estados”, firmada pelo Presidente Campos Sales como sendo uma forma de o Executivo Federal conseguir uma maior autonomia diante do Parlamento. O acordo era a não-intervenção do Governo nas disputas estaduais em troca do apoio das oligarquias regionais. Segundo a autora, essa “despolitização do Estado Nacional seria contraposta à politização dos estados-atores, resguardando-se o poder soberano e autônomo do Catete”. VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias: uma revisão da "política do café com leite"*. Ebook - 2.ed. - Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

¹¹⁸ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 143.

escrever um manifesto ao operariado gaúcho, acusando o capitalismo como o grande responsável pela pandemia de gripe espanhola.¹¹⁹

A União Maximalista foi criada para defender a Revolução Russa e trabalhar em prol da difusão dos ideais bolcheviques no Brasil. Diferentemente do Grupo Comunista do Rio de Janeiro, a União não tinha como finalidade a criação de um partido comunista, até porque este ideal só se conformou com maior exatidão após a criação da IC, em 1919. No entanto, a agremiação não hesitou em adaptar-se às novas demandas, principalmente ao entender que o caminho mais indicado ao movimento comunista era ligar-se ao centro revolucionário mundial através de uma organização ao estilo bolchevique.

Neste processo, em diálogo com trabalhadores e suas organizações, a União acabou atuando ativamente a partir dos ideais revolucionários, onde buscou ligar os trabalhadores à IC, quando tentou, sem sucesso, filiar a Federação Operária do Rio Grande do Sul, a FORGS a Moscou. O trabalho realizado pela União Maximalista acabou estabelecendo contato com os comunistas da região do Rio da Prata e, conseqüentemente, com o Bureau da IC para América do Sul.¹²⁰

O representante do Bureau da IC para a América do Sul, Alex Alexandrovsky, teve notícia do interesse do líder da União, Abílio de Nequete e resolveu contatá-lo, lhe oferecendo apoio político. Neste contato, o representante do BP sugeriu que havia chegado o momento de os grupos comunistas do Brasil se reunirem para constituir a Seção Brasileira da Internacional Comunista.

Segundo Lazar e Victor JEIFETS, Alexandrovsky realizou reuniões com a direção do PCA e visitou diversas vezes o Chile e o Uruguai, quando se encontrou com “el secretario del Grupo Comunista de Porto Alegre”, Abilio Nequete, “para empezar la fundación del Partido Comunista del Brasil”.¹²¹ O que pode ser confirmado na carta que

¹¹⁹ BARTZ, Frederico. *Movimento Operário e Revolução Social no Brasil: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre entre 1817 e 1922*. Tese de doutorado, UFRGS, 2014, p. 134.

¹²⁰ BARTZ, Frederico. *Movimento Operário e Revolução Social no Brasil: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre entre 1817 e 1922*. Tese de doutorado, UFRGS, 2014.

¹²¹ JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. *América Latina em la Internacional Comunista, 1919-1943*. Dicionario biografico. Ariadna Ediciones, Santiago, Chile, 2015 P.326-327.

o líder da União Maximalista enviou ao CEIC, em fevereiro de 1921¹²², que será analisada no próximo tópico.

Nequete seguiu as sugestões de Alexandrovsky e comunicou o Grupo Comunista do Rio de Janeiro sobre os contatos que havia estabelecido com as lideranças comunistas da Argentina e do Uruguai que, ao lado do Bureau da IC para América Latina, concordavam em apoiar o fundação do Partido Comunista no país. Como o trabalho já estava em andamento no país, em pouco tempo foi articulada a realização do congresso constituinte do PCB.¹²³

Foram esses os três principais vetores que confluíram para a formação do Partido Comunista: o trabalho realizado pelo Grupo Comunista do Rio, fomentando os ideais bolchevistas e da Rússia soviética no Brasil; a atuação da União Maximalista, que vinha desde a sua criação defendendo a Revolução de 1917 e que posteriormente incorporou em seus objetivos a busca por ligar-se à IC através da criação de um partido de atuação nacional; e, por fim, o apoio do Bureau da IC para a América Latina que, através do contato com o Partido Socialista Uruguaio, contactou Nequete, apoiando-o na tarefa de reunir os grupos comunistas para fundar um partido comunista no Brasil. Assim, a atuação da IC serviu de catalisador, aumentando a velocidade do processo de formação do PCB, já em curso.

5. O congresso de criação do PCB

Como resultado das articulações, em março de 1922 foi realizado o congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil. O evento foi o resultado do trabalho dos grupos comunistas brasileiros, em diálogo com Bureau da IC para a América do Sul. Realizado nas cidades do Rio de Janeiro e de Niterói, entre os dias 22 e 25 de março, o

¹²² Ao Comitê Executivo da I. Comunista. Montevideú, 1/2/1922 RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

¹²³ Processo que, como vimos, foi abordado por alguns autores, ainda que sem um maior aprofundamento, a exemplo de John Foster Dulles e, em menor escala, Marcos Del Roio DEL ROIO, Marcos. *A Classe Operária na Revolução Burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990. DEL ROIO, Marcos. “A gênese do Partido Comunista (1919-29)”. IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A Formação das Tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007. DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977.

Congresso do PCB reuniu nove delegados que ali representaram os núcleos comunistas espalhados pelo país.¹²⁴

A organização jurídica do PCB teve por base os estatutos do Partido Comunista Argentino, o que definiu, entre outras coisas, a sua estruturação em centros regionais, abarcando os grupos comunistas espalhados pelo país e colocando-os sob o comando centralizado da Comissão Central Executiva, a CCE. Para o comando do Partido, foram eleitos cinco membros: Abílio de Nequete (Secretário Geral), Antônio Bernardo Canellas (Secretário Internacional), Astrojildo Pereira (Imprensa e publicidade), Luís Peres (Nucleagem sindical) e Cruz Junior (Tesouraria Geral). Cristiano Cordeiro, Rodolfo Coutinho, Joaquim Barbosa, Manuel Cendon e Antônio de Carvalho ficaram como suplentes. Configuração que acomodava as lideranças regionais¹²⁵

As articulações mais diretamente ligadas à realização do I Congresso foram iniciadas um mês antes entre os grupos comunistas e a IC. Parceria que, como vimos, é rejeitada pela maioria da literatura sobre o tema, mas que foi fundamental para a realização do congresso de fundação do PCB.¹²⁶

Em 1º de fevereiro de 1922, Abílio de Nequete enviou uma carta à IC¹²⁷, na condição de Secretário do Grupo Comunista de Porto Alegre. Na missiva, enviada de Montevideu – onde tinha ido para se encontrar com o representante da IC, Alex Alexandrovsky e com o Partido Comunista do Uruguai - o dirigente brasileiro enviou ao Comitê Executivo da Internacional Comunista, o CEIC, um relatório que havia sido solicitado por Alexandrovsky em reunião anterior contendo um histórico das organizações comunistas do país e de que modo elas estavam sendo mobilizadas nos preparativos do congresso constituinte do PCB.¹²⁸

¹²⁴ DEL ROIO, Marcos. “A gênese do Partido Comunista (1919-29)”. IN: FERREIRA, JORGE; REIS, DANIEL AARÃO (orgs.). A formação das tradições. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 232.

¹²⁵ *Partido Comunista do Brasil. Relatório dos trabalhos de preparação e realização do Congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil*, p.2, 29/3/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

¹²⁶ Estamos nos referindo aqui a Edgard Carone, Michel Zaidan e Marly Vianna que defenderam a inexistência da participação da IC para a realização do I Congresso da IC, como discutimos no início desses capítulos.

¹²⁷ *Ao Comitê Executivo da I. Comunista*. Montevideu, 1/2/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

¹²⁸ Segundo Frederico Bartz, Nequete ficou encarregado de produzir “um relatório sobre a situação do movimento comunista no Brasil”, e também “de organizar os grupos dispersos existentes em território

Nequete informava que, em 1919, teria havido um “câmbio ideológico nos anarquistas de todo o país”, estes haviam passado “com armas e bagagens ao bolchevismo” ao pensar que a revolução de outubro ‘na Rússia teria sido obra anarquista. Tal movimentação teria empolgado os meios operários e levado à fundação do primeiro “Partido Comunista do Brasil”, o que encontra aporte na historiografia.¹²⁹ No entanto, cabe adicionar que isso aconteceu também por conta do ideal comunista-libertário atribuído pelos anarquistas à Revolução de 1917.¹³⁰

Nequete prossegue e afirma que aquele partido teria convocado um congresso, que não foi realizado por intervenção da polícia. Fato que, segundo o autor, não arrefeceu o entusiasmo de seus membros. Seus intelectuais “mais entusiastas” – provavelmente referindo-se a José de Oiticica - escreveram um programa, “que embora cheirasse bastante a anarquismo”, poderia ser considerado “bom, tendo em consideração a fonte de onde proveio”. Este programa teria sido produzido em aproveitamento da agitação operária nas principais capitais do país que, segundo ele, “faria supor próxima a implantação dos soviets no Brasil”. Cenário onde mesmo os anarquistas não ousavam atacar abertamente as ações dos revolucionários, fazendo-o “sorratamente”.¹³¹

Nequete escreve em seguida que aquele partido possuía os seguintes órgãos de imprensa “bolcheviques”: *A Plebe*, em São Paulo, que passou de semanário a diário; e *Spartacus*, semanário do Rio de Janeiro que mudou seu nome para *Voz do Povo*, jornal descontinuado em 1921, mas que defendeu até o seu último número a Revolução Russa. Tal partido acabou perecendo por conta da sua própria inconsistência teórica e

nacional em um partido comunista local”, quando reuniu-se com o Bureau da IC para a América Latina, em Montevideú. Ocasão na qual Nequete conhecera Celestino Mibelli - deputado e liderança comunista uruguaia que buscava ligar o seu partido à IC – além do próprio Alexandrovsky, representante da IC para a região. BARTZ, Frederico. *Movimento Operário e Revolução Social no Brasil: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre entre 1817 e 1922*. Tese de doutorado, UFRGS, 2014, p. 257.

¹²⁹ Sobre esse fato, John Foster Dulles escreve que “Foi fundado no Rio, a 9 de março de 1919, um Partido Comunista local que abria as portas para ‘anarquistas, socialistas e todos que aceitem o comunismo social’”. DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p.72.

¹³⁰ Astrojildo Pereira escreve que esse partido era comunista só no nome. Segundo ele, “Tratava-se, na realidade de uma organização tipicamente anarquista, e a sua denominação de ‘Partido Comunista’ era um puro reflexo, nos meios operários brasileiros, da poderosa influência exercida pela revolução proletária triunfante na Rússia, que se sabia dirigida pelos comunistas daquele país. O que não se sabia ao certo é que os comunistas que se achavam à frente da Revolução Russa eram marxistas e não anarquistas”. PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB, 1922-1928: notas e documentos*. São Paulo: Anita Garibaldi, Fundação Mauricio Grabois 2012, p. 72.

¹³¹ *Ao Comitê Executivo da I. Comunista*. Montevideú, 1/2/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

organizativa. Apesar de tudo, essa experiência nos mostra o processo de transição ideológica em direção ao comunismo bolchevista, o que se tornaria mais evidente com a criação de núcleos e de grupos comunistas, signatários das 21 condições da III Internacional, distanciando-se ao máximo do anarquismo.

Nequete lembra ainda da ação dos anarquistas dentro do movimento operário, derrotando a “moção maximalista de adesão à III Internacional, passando a sabotar toda e qualquer ação maximalista”, referindo-se à derrota que a organização sofrera no Congresso Operário do Rio Grande do Sul, realizado entre os dias 21 e 25 de março de 1920.¹³² Com o desaparecimento do Partido Comunista, restou a União Maximalista, agrupamento que resistia aos ataques policiais da burguesia e da confusão anarquista nos meios operários.¹³³

Abílio de Nequete ressalta ainda que a falta de preparação teórica, fruto da ausência de literatura comunista no país, agravava a situação, o que, como vimos anteriormente, foi também relatado por Everardo Dias.¹³⁴ À época, segundo ele, o operariado tinha acesso somente à literatura anarquista, ressaltando-se *O Capital*, de Marx. Situação que prosseguiu sem alterações, até a União Maximalista conseguir alguns avanços ao obter acesso ao diário do Partido Socialista Uruguaio, *Justicia*, através do qual estabeleceu contato por carta com um de seus líderes e então deputado, Celestino Mibelli, de quem conseguiu o endereço do Partido Socialista da Argentina¹³⁵. Através destes contatos com o PCU, os comunistas brasileiros passaram a receber *Justicia* e *La Internacional* e a comprar livros marxistas através do Partido Comunista Uruguaio, evidenciando o estabelecimento do contato com aqueles partidos e depois

¹³² Aqui, Abílio de Nequete faz referência à derrota que ele sofrera no Congresso Operário do Rio Grande do Sul, em 1920. Na ocasião, Nequete propôs que seus membros comunistas aderissem à Internacional Comunista e os anarquistas à Internacional anarquista, sendo rechaçado pela ampla maioria anarquista que compunha a Federação Operária do Rio Grande do Sul, FORGS. OLIVEIRA, Tiago Bernadon. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009, p. 140. Sobre o tema, ver também: BARTZ, Frederico. *Movimento Operário e Revolução Social no Brasil: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto alegre entre 1817 e 1922*. Tese de doutorado, UFRGS, 2014.

¹³³ Sobre este congresso, ver: OLIVEIRA, Tiago Bernadon. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009, p. 144.

¹³⁴ DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. 2ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977, p. 111-12.

¹³⁵ Ambos, Partido Socialista do Uruguai e da Argentina, converteram-se em partidos comunista, aderindo à IC.

com a IC, no ano de 1921.¹³⁶ Material que a União buscou difundir entre trabalhadores e agrupamentos comunistas do país. Questão também apontada por Leandro Konder, em sua análise sobre capacidade teórico-política dos comunistas brasileiros.¹³⁷

Nequete segue dissertando acerca do combate que os anarquistas fizeram aos núcleos comunistas e simpatizantes da Revolução Russa, causando uma cisão que levou à criação da efêmera Colligação Social e, em seguida, do grupo chamado Clarté. Nequete relata ainda que a União Maximalista estava remetendo edições de *Justicia* e de *La Internacional* também ao Clarté, material que recebia dos camaradas argentinos e uruguaios.¹³⁸

Na última página, Nequete reafirma a importância da ação da União Maximalista ao difundir materiais teóricos sobre o comunismo no país. Abordando a criação do Grupo Comunista do Rio de Janeiro, ele ressalta que este sofria por desconhecimento da “doutrina”, mas que teria sido auxiliado pela difusão teórica por ele liderada.

Em que pese este desconhecimento teórico, o líder operário admite ter partido deste grupo a iniciativa de fomentar a criação de grupos comunistas pelo país. Núcleos que formariam a base do Partido Comunista do Brasil. Ele afirma que, apesar da suposta falta de conhecimento, a edificação do PCB dependia do apoio do Grupo Comunista do Rio de Janeiro. Por isso, a antiga União Maximalista achou por bem também converter-se em grupo comunista, somando forças ao movimento dos comunistas do Rio de

¹³⁶ Sobre o estabelecimento desse contato, Frederico Bartz escreve que Nequete teria tido contato com materiais marxistas quando da organização do levante fracassado de 1919, inicialmente com a revista *Documentos del Progreso*, do Partido Socialista Argentino, e depois com o *Justicia*, do Partido Socialista do Uruguai, no ano seguinte. Segundo o autor, teria sido através dos endereços contidos no periódico que Nequete ele teria conseguido contatar os comunistas do Prata. Região onde havia grande circulação de militantes e onde havia se fortalecido a ideia de filiar-se à IC, por conta dos recorrentes debates sobre a adesão ao bolchevismo, atingindo reformistas e radicalizando socialistas. Aquela ideia teria atraído a atenção de Nequete que, nos primeiros meses de 1921, teria contactado o Celestino Mibielli que defendia a filiação do Partido Socialista Uruguaio à IC. Contato que teria sido frutífero, permitindo que Nequete participasse de congresso do Partido Comunista Uruguaio, representando a União Maximalista. Contato e legitimidade que o ligou ao Bureau da IC para América Latina. BARTZ, Frederico. *Movimento Operário e Revolução Social no Brasil: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto alegre entre 1817 e 1922*. Tese de doutorado, UFRGS, 2014, p. 256.

¹³⁷ Leandro Konder concluiu quanto a quase completa desinformação dos comunistas brasileiros sobre as concepções de Marx durante os primeiros anos do Partido Comunista. KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p. 131.

¹³⁸ *Ao Comitê Executivo da I. Comunista*. Montevideu, 1/2/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

Janeiro. Gesto que simbolizava o estabelecimento de uma aliança em prol da criação da seção brasileira da IC.

Porém, vale ressaltar que este arranjo acabou formando um duplo poder na constituição do PCB. Após o I Congresso, as duas vigas mestras do partido acabaram travando uma luta interna pelo controle da Seção Brasileira da IC: Nequete e sua prestigiada relação com os comunistas de região do Prata e com o BP da Internacional, de um lado; e do outro, o Grupo do Rio de Janeiro, mais numeroso e poderoso do país, e sua ligação com o restante do movimento comunista brasileiro e que não tinha relação direta com a IC

Ao contrário do que se pensava, a constituição do PCB não foi suficiente para que estes grupos se unificassem. No I Congresso, a situação foi parcialmente resolvida com a eleição de Nequete para a Secretaria Geral do PCB e a ocupação dos cargos da CCE pelos membros do Grupo do Rio de Janeiro. No entanto, esta acomodação não durou muito tempo e ruiu diante dos ataques das forças públicas de segurança ao partido, principalmente após os levantes militares de julho de 1922 e após a crise resultante da falha da “missão Canellas”, como veremos no capítulo seguinte, quando o PCB não foi aceito como membro efetivo da IC, mas como simpatizante. Foi um momento em que seus líderes, Abílio de Nequete e Antônio Canellas, foram duramente criticados por sua incompetência diante de toda esta situação e, após a agudização do conflito, ambos acabariam expulsos do partido.¹³⁹

Assinando como Secretário do Grupo Comunista de Porto Alegre, Nequete termina a carta confiante quanto as condições futuras do movimento comunista no país e em relação à vindoura fundação do Partido Comunista do Brasil, mesmo diante das dificuldades que se apresentavam:

Eis, camaradas, em breves palavras, em que situação nos encontramos. Estamos dispostos a não nos desesperar porque há uma perspectiva de unificar as pequenas unidades conscientes. E, uma vez isso conseguido, a dificuldade não será tão enorme de despertar a

¹³⁹ Marcos Del Roio escreve sobre diferença de força política entre o grupo do Rio de Janeiro e o grupo do rio Grande do sul. O autor afirma que, apesar da reconhecida influência de Abílio de Nequete junto ao nascente movimento comunista da América do Sul, que tinha Buenos Aires como epicentro, “o Grupo comunista de Porto Alegre estava longe de ser o mais importante e influente no Brasil”. DEL ROIO, Marcos. *A gênese do Partido Comunista (1919-29)*. IN: FERREIRA, JORGE; REIS, DANIEL AARÃO (orgs.). *A formação das tradições*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 233.

simpatia nos ânimos do proletariado. Pelo fato de me achar em Montevideo, este informe seguirá, forçosamente, sem o respectivo carimbo. Salve a III Internacional. Salve o comunismo. Salve a Revolução Social. *Abílio de Nequete*. Secretário do Grupo Comunista de Porto Alegre. Montevideú, 1º de Fevereiro ao V.¹⁴⁰

Apesar da intenção de se mostrar protagonista do processo, o líder comunista dá os devidos créditos ao trabalho do Grupo do Rio de Janeiro. Tudo indica que esta narrativa havia sido tecida pela tentativa de forjar unidade e confiança, ressaltando o protagonismo de ambos os grupos na luta pela fundação do PCB.

O relato segue uma cronologia verificável de fatos referentes ao movimento operário brasileiro, evidenciando seu conhecimento e experiência política na luta política da classe trabalhadora brasileira. Atributos que ele faz questão de destacar, afinal, Nequete havia estabelecido um contato diretamente com a IC, de quem havia recebido apoio para liderar a tarefa de “unificar as pequenas unidades conscientes” para constituir a seção brasileira da IC. Feito que, na constituição do PCB, lhe valeu o cargo de Secretário Geral, apesar de o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, liderado por Astrojildo Pereira, possuir mais força política por entre os núcleos de base do partido, o que Nequete não deixa de afirmar na missiva.

Do ponto de vista político, a carta de Nequete representou o início de um contato com a IC que acabaria se tornando assíduo por duas décadas, apesar das adversidades oriundas de se comunicar com o centro do movimento comunista revolucionário mundial, sediado em outro continente. Além disso, o documento deixa claro que Nequete havia primeiro ligado a União Maximalista à IC - o que ajuda a explicar porque, além de delegado dos operários gaúchos, ele representou a Internacional e o Partido Comunista do Uruguai no Congresso constituinte do PCB. Assim, pode-se afirmar que Nequete atuou como um vetor de intersecção, ligando o comunismo brasileiro ao movimento comunista mundial. Processo que, no Brasil, resultou na criação do PCB, em aliança com o Grupo do Rio.

Todas as informações de Nequete foram reafirmadas posteriormente no documento intitulado: “Relatório dos trabalhos de preparação e realização do congresso

¹⁴⁰ Ao Comitê Executivo da I. Comunista, Montevideú, 1/2/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

constituente do Partido Comunista do Brasil”, enviado uma semana depois da realização do congresso constituinte do PCB, material que também foi assinado por Astrojildo Pereira. Entre outras coisas, reafirmava-se no relatório que Nequete teria recebido instruções do BP Sul-Americano da IC para “realizar-se, com urgência, um congresso dos delegados dos grupos comunistas existentes no país para a definitiva constituição do Partido Comunista do Brasil”.¹⁴¹

Os dirigentes brasileiros lamentavam o curto espaço de tempo de que dispuseram para organizar o congresso de fundação PCB, afirmando também que aquele relatório conteria somente os “antecedentes imediatos” e detalhes sobre os “trabalhos de preparação e realização do *congresso dos Delegados dos Grupos comunistas* existentes no país”.¹⁴² Reafirma-se que a União Maximalista era o grupo comunista mais antigo do país e que os grupos comunistas tinham origem em anarquistas dissidentes, mas que desde a primeira hora apoiaram a Revolução Russa. Eles ressaltam que a conversão completa ao comunismo se deu através da difusão de “literatura bolchevista”, o que aconteceu lentamente, até firmar-se “num sentido marxista”, fazendo referência à distribuição de livros comunistas, vindos da Argentina e do Uruguai.¹⁴³

São apresentados em seguida os argumentos sobre os debates entre anarquistas e comunistas brasileiros acerca da natureza da Revolução Russa. Situação que teria se acentuado em 1921, quando “alguns camaradas definitivamente ganhos à causa do comunismo, provocaram reuniões gerais dos mais conhecidos militantes do proletariado geral”, ponto que Nequete já havia explanado à IC, no relatório anterior. Desse debate, teria havido uma cisão decisiva, onde o grupo majoritário optou pelo bolchevismo. Estes teriam originado o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, em 7 de novembro daquele ano, ligando-se a outros núcleos espalhados pelo país, divulgando as 21

¹⁴¹ *Partido Comunista do Brasil. Relatório dos trabalhos de preparação e realização do congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil*, 29/3/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018. Grifos nossos.

¹⁴² *Partido Comunista do Brasil. Relatório dos trabalhos de preparação e realização do Congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil*, p.2. 29/3/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018. Grifos nossos.

¹⁴³ *Partido Comunista do Brasil. Relatório dos trabalhos de preparação e realização do Congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil*, p.2. 29/3/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

condições de adesão à Internacional e decidindo pela publicação da Revista *Movimento Comunista* para melhor difundir as ideias revolucionárias.

A troca de correspondência com simpatizantes da Revolução Russa teria contribuído ao surgimento de outros grupos pelo país e mesmo a antiga União Maximalista decidiu por transforma-se no Grupo Comunista do Rio Grande do Sul. Neste processo, destaca-se novamente a atuação da União Maximalista e o trabalho do Grupo Comunista do Rio de Janeiro, que cresceu conquistando a adesão “de militantes dos melhores e mais conhecidos nos sindicatos revolucionários”, chegando a “70 aderentes seguros”. Estes, segundo o documento, tinham sido “selecionados entre os trabalhadores mais conscientes, mais ativos e mais influentes em nosso meio”.¹⁴⁴

O PCB repetia a narrativa sobre o chamado que Nequete teria recebido do PCU, quando encontrou-se com Alex Alexandrovsky e em seguida com o Grupo Comunista do Rio:

uma importante comunicação de Porto Alegre: o secretário deste, o camarada Abílio de Nequete, fora chamado a Montevideu pelo Comitê Executivo do PC do Uruguai, avistando-se ali o camarada Alexandrovsky, do Bureau da Internacional comunista para a propaganda na América do Sul. Dessa entrevista resultou o camarada Nequete ao Rio com instruções no sentido de realizar-se, com urgência, um congresso dos delegados dos Grupos Comunistas existentes no país para a definitiva constituição do Partido Comunista do Brasil.¹⁴⁵

Após este contato, Nequete teria buscado o Grupo do Rio de Janeiro no dia 1º de março de 1922, quando decidiram que o congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil seria realizado entre os dias 25 e 27 ainda daquele mês, no Rio e em Niterói, o que teria sido imediatamente noticiado aos grupos comunistas organizados do país. Também acabou sendo deliberado naquele dia a imediata organização de comitativas para

¹⁴⁴ *Partido Comunista do Brasil. Relatório dos trabalhos de preparação e realização do Congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil*, p.2. 29/3/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

¹⁴⁵ *Partido Comunista do Brasil. Relatório dos trabalhos de preparação e realização do Congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil*, p.2. 29/3/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

visitar núcleos comunistas dispersos pelo país, em busca de apoio para fundar o Partido comunista:

Ficou ainda deliberada, além da comunicação por carta, enviar pessoalmente o camarada Nequete a Juiz de Fora, o camarada José Elias a Petrópolis e o camarada Astrojildo Pereira a São Paulo, Santos e Cruzeiro, e entender-se diretamente sobre o assunto, com os grupos já existentes (Juiz de Fora e Cruzeiro) e com os militantes das outras localidades que haviam manifestado acentuadas simpatias pelo programa da Internacional Comunista; em São Paulo e Santos ficaram estabelecidos dois grupos com instruções para enviarem representantes ao congresso. Em Petrópolis, para onde dias depois seguiram Nequete e Astrojildo, não foi possível deixar um grupo definitivamente constituído, manifestando-se ainda certa hesitação entre os militantes consultados. Contudo, após longa discussão, ficaram lançados ali as bases de um futuro grupo. Em Niterói, cidade fronteira ao Rio, ficou também constituído um pequeno grupo”.¹⁴⁶

Os dirigentes ressaltavam que Antônio Bernardo Canellas e Mario Barrel, naquele momento fora do país, estavam “em correspondência assídua” com Astrojildo Pereira e que, por isso, estavam a par dos acontecimentos, o que justificava a indicação de ambos ao IV Congresso da IC, marcado para novembro.

Em seguida, é destacado que Nequete mantinha “já assíduas relações com os Partidos Comunista do Uruguai e da Argentina”, o que reafirmava a tese de que o líder da União Maximalista teria estreitado os laços com os comunistas da região do Prata e com a IC, durante todo o ano de 1921 e que, por isso, apoiavam a fundação do PCB.¹⁴⁷

Após detalhar estes preparativos, são apresentados aspectos do congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil. Segundo o documento, o conclave foi realizado clandestinamente para evitar intervenções das forças públicas de segurança. A “entusiástica saudação enviada pelo Bureau da Internacional Comunista para a propaganda na América do Sul” é relatada de imediato. Ressalta-se em seguida que Nequete representou cumulativamente, além do Grupo de Porto Alegre, o Partido Comunista do Uruguai e o Bureau da IC para a América do Sul no congresso, reforçando ainda mais a tese de que ele teria se aproximado dos comunistas do Prata e

¹⁴⁶ *Partido Comunista do Brasil. Relatório dos trabalhos de preparação e realização do Congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil*, p.2. 29/3/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

¹⁴⁷ *Partido Comunista do Brasil. Relatório dos trabalhos de preparação e realização do Congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil*, p.2. 29/3/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

do Bureau Sul-americano durante o ano de 1921. Em seguida são nominalmente citadas cada uma das representações operárias presentes naquele congresso, bem como as ausências.¹⁴⁸

Nos parágrafos seguintes são citados detalhes sobre as comitivas e os grupos que representavam:

de Recife (Dr. Cristiano Cordeiro); de São Paulo (João da C. Pimenta), de Cruzeiro, (Hermogenio Silva); de Nictheroy (Astrojildo Pereira); e do Rio, (José Elias, Cruz Junior, Joaquim Barbosa, Luiz Peres, e como suplentes: Manoel e Ferreira de Souza). Dos delegados do Rio, não puderam comparecer: Cruz Junior, por (estar) enfermo, e Ferreira de Souza, por desnecessário como suplente. Não puderam enviar delegados os Grupos de Santos e Juiz de Fora. São os seguintes os efetivos desses grupos: de Porto Alegre, 15; de Recife, 45, de São Paulo, 7; do Cruzeiro, 13; do Rio, 70, de Santos, 2; de Juiz de Fora, 13.¹⁴⁹

Chama a atenção os efetivos apresentados no documento: um total de 165 membros espalhados pelo país. Vê-se que estes estavam localizados mais especialmente no nordeste e no sudeste do país, com destaque para os grupos que encabeçavam a fundação do PCB, mas que eram seguidos de perto pelo Grupo Comunista de Pernambuco e seus 45 membros. Agrupamento que numericamente só ficava atrás do Grupo do Rio de Janeiro, então com 70 membros. Números que evidenciam como o PCB foi formado com a participação de regiões geograficamente distantes entre si, mas que acabaram unidas por força do impacto da Revolução de 1917 e das ideias dela exaradas.

Em seguida apresenta-se a ordem do dia do congresso: “1 – Exame das 21 condições da Internacional Comunista. 2– Estatutos do Partido Comunista do Brasil. 3- Eleição da Comissão Central Executiva. 4 – Ação pró flagelados do Volga”. Foram lidas e aprovadas por unanimidade as 21 condições da IC e depois os estatutos, que eles admitem ter sido “inspirados nos do PC da Argentina”. O estatuto foi discutido, e considerando-se “as condições especiais da situação Brasileira”, foi provisoriamente aprovado, por unanimidade.

¹⁴⁸ *Partido Comunista do Brasil. Relatório dos trabalhos de preparação e realização do Congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil*, p.2. 29/3/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

¹⁴⁹ *Partido Comunista do Brasil. Relatório dos trabalhos de preparação e realização do Congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil*, p.2. 29/3/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

As 21 condições foram aprovadas por unanimidade. Já o estatuto, inspirado no Partido Comunista da Argentina, foi discutido e aprovado provisoriamente, com a ressalva de que seria preciso uma revisão para dar conta das especificidades da realidade nacional.

No que se refere ao Comitê de Socorro aos Flagelados Russos, ficou definido que a CCE deveria prosseguir fomentando suas atividades, principalmente no sentido de ampliar a sua composição que, à época, era formada por anarquistas, sindicalistas e comunistas. Deliberava-se convidar indistintamente para a organização de uma ação comum todos os “organismos operários e revolucionários do Brasil, sejam quais forem suas tendências”, mostrando o engajamento e a disposição democrática dos comunistas brasileiros na ação que vinha sendo realizada desde setembro, em prol do povo do Volga.

Após a aprovação de “resoluções de caráter secundário”, não especificadas no Relatório, o hino da Internacional foi cantado com júbilo pelos presentes, que “entoando os delegados, de pé, comovidamente as estrofes da INTERNACIONAL”, gritaram vivas à III Internacional” e deram por encerrados os trabalhos à constituição do Partido Comunista do Brasil.¹⁵⁰ Arroubo que eles deixaram ainda mais evidente no último parágrafo do relatório:

Nem por serem poucos, e sem exagerar a modéstia de sua obra, os delegados presentes no congresso não menos convictos se mostravam da importância histórica do ato que realizavam. Eles representavam, ali, se não organicamente, de certo espírito, as aspirações mais altas do proletariado do Brasil, finalmente integrado na vanguarda revolucionária do proletariado mundial.¹⁵¹

Foi exaltando a entrada do proletariado brasileiro na III Internacional que a recém formada Comissão Central Executiva celebrou a constituição do PCB. Tratava-se da culminância de um processo que havia exigido muito esforço e dedicação de todos, principalmente dos grupos do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, que tiveram seus esforços exaltados naquele relato.

¹⁵⁰ *Partido Comunista do Brasil. Relatório dos trabalhos de preparação e realização do Congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil*, p.2. 29/3/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018. Caixa alta tal qual o original.

¹⁵¹ *Partido Comunista do Brasil. Relatório dos trabalhos de preparação e realização do Congresso constituinte do Partido Comunista do Brasil*, p.2. 29/3/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

A documentação permite concluir que a fundação do PCB foi o resultado da combinação de diversos elementos, com destaque à atuação de Nequete por entre a classe trabalhadora gaúcha e a sua busca em contatar a IC; este, por sua vez, ao lado do trabalho desenvolvido pelo Grupo do Rio de Janeiro, que fomentava a criação de grupos comunistas pelo país; e, por fim, a intervenção do Bureau Sul-americano, em parceria com os partidos da Argentina e do Uruguai, que auxiliaram as articulações ao congresso constituinte do PCB.

Por outro lado, o processo de fundação do PCB acabou sendo a base de conflitos futuros. Talvez o maior deles em curto prazo tenha sido o que rapidamente se instalou entre o Secretário Geral recém empossado, Abílio de Nequete, e o restante da Comissão Central Executiva, liderada por Astrojildo Pereira. Conflito que tem origem no fato de Nequete ter ascendido à Secretaria Geral por conta do prestígio que havia obtido junto aos representantes da IC e dos países platinos. Influência que não lhe garantiu força suficiente para superar a força de Astrojildo Pereira e do núcleo oriundo do Grupo Comunista do Rio de Janeiro. Em outras palavras, Nequete tinha chegado à direção do partido pela influência obtida no sul do país e no Prata, mas o partido nasceu de uma estrutura que já possuía alguma organização, como base e direção, liderado por Astrojildo Pereira, quem ele não tinha como superar somente com o trabalho que havia realizado até então. Para liderar o partido, Nequete teria que ser reconhecido como tal pelo conjunto partidário, não bastando o prestígio obtido junto à IC, o que evidencia os limites da sua influência da IC junto aos comunistas brasileiros. Diante do descrédito e da derrota interna, Nequete acabou optando por abandonar o PCB, tentando em seguida obter apoio do CEIC para fundar outro partido comunista, conforme analisaremos no capítulo seguinte.

Outro problema resultante do processo de criação do PCB foi a rejeição da aceitação do PCB como membro efetivo da IC, com a falha crítica da “Missão Canellas” no IV Congresso. Grandes expectativas foram criadas sobre a adesão do partido na III Internacional. Era dada como certa a filiação, uma vez que a celeridade em fundar o PCB tinha como uma de suas razões a participação e a confirmação do pedido de registro. Expectava frustrada por conta das posições assumidas por Canellas no congresso da IC, o que será abordado no capítulo seguinte. Sua participação acabou

classificando o PCB como um partido permeado por resquícios anarquistas e de ideologia burguesa.

Decepção, que somada à repressão oriunda do estado de sítio instalado no país após os levantes tenentistas de julho de 1922, gerou uma crise generalizada no partido, situação que colocou em xeque a autoridade de dois de seus principais dirigentes: Abílio de Nequete e Antônio Bernardo Canellas, e que só foi resolvida com a expulsão de ambos e a ascensão de Astrojildo Pereira à Secretaria Geral do partido.

A despeito dessas questões imediatas, objetivamos nesse capítulo evidenciar que, segundo documentos de membros fundadores, Alex Alexandrovsky, então representante da IC na América do Sul, contribuiu à fundação do PCB e que, conforme veremos nos capítulos posteriores, a relação entre ambos se fortaleceu na década de 1920.

CAPÍTULO II

CONSTRUINDO O CAMINHO PARA MOSCOU

Apesar dos contatos estabelecidos durante o processo de realização do Congresso Constituinte, o PCB teve negada a sua admissão na Internacional Comunista, no IV Congresso, realizado em novembro de 1922. Ainda que a urgência em constituir a Seção Brasileira da Internacional Comunista tivesse também como motivação a sua participação - e esperada filiação à III Internacional-, a delegação chefiada por Antônio Bernardo Canellas falhou em seu principal objetivo, frustrando temporariamente o objetivo dos comunistas brasileiros.

A decisão da IC baseou-se na conclusão de que a Seção Brasileira estaria permeada por “ideologia burguesa”, oriundos de aderentes ligados à maçonaria, que também estariam permeados por restos de “preconceitos anarquistas”.¹⁵² Ao final do Congresso, o PCB foi reconhecido somente como partido simpatizante por conta de sua participação considerada inadequada pelo CEIC.¹⁵³

Canellas ainda tentou justificar suas posições. Em resposta enviada à IC, o militante brasileiro defendeu ter existido um erro de apreciação, insensatez e injustiça no julgamento de suas posições, especialmente quanto à influência da maçonaria no partido. No Brasil, o PCB decidiu que Canellas deveria fazer uma autocrítica, em vez de ficar criticando a IC, quando também ordenou seu retorno ao país.¹⁵⁴

Em junho de 1923, o partido rechaçou qualquer influência interna da maçonaria, bem como reafirmou que seus membros estavam livres de preconceitos

¹⁵² Segundo o “Comitê Executivo da Internacional Comunista, depois de ter discutido o relatório do representante do Partido Comunista do Brasil, estabelece que este Partido não é ainda um verdadeiro Partido Comunista. Ele conserva restos da ideologia burguesa, sustentados pela presença de elementos da Maçonaria e influenciados por preconceitos anarquistas”. CARONE, Edgard. *O PCB: 1922-1943*. São Paulo, Diefel, 1982, vol. 1, p. 33-4; SEGATTO, José Antônio. *Breve história do PCB*. 2 ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989, p.28.

¹⁵³ No Congresso, em uma discussão, Canellas teria corrigido uma tese de Lênin. Além disso, ele se opôs a algumas deliberações do Presidium da IC, sendo, por vezes, o único voto contrário. Fatos que lhe renderam de Trotsky a alcunha de “fenômeno da América do Sul”. DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 167.

¹⁵⁴ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, 167-68.

anarquistas. No mês anterior, a direção do partido concluiu que Canellas não representou, de fato, o PCB. Sendo duramente criticado por suas posições, o dirigente ter-se-ia indisposto com o conjunto partidário, chegando a retirar-se indignado da reunião de 23 de maio. Canellas acabou suspenso da CCE em setembro, posteriormente resolveu atacar a direção do partido, especialmente Otávio Brandão, e acabou expulso em dezembro após publicar um relatório sobre suas ações em Moscou,¹⁵⁵ fatos que não alteraram em nada a situação do PCB diante da IC.

Por outro lado, na condição de partido simpatizante, o PCB passou a receber um assessoramento advindo diretamente da Internacional, em parceria com o Partido Comunista Argentino, com destaque à atuação de Rodolfo Ghioldi,¹⁵⁶ processo que acabou aproximando o partido brasileiro e a IC. Relação que extrapolou os objetivos iniciais de adequar a Seção Brasileira, estabelecendo em verdade um diálogo frequente e fraternal entre as entidades, a ponto de, em novembro de 1923, ser dada praticamente como certa a filiação do PCB à Internacional Comunista, no vindouro V Congresso, marcado para o ano seguinte.

Durante todo o ano de 1923, os comunistas brasileiros buscaram na Internacional orientação para prosseguir na construção do Partido Comunista do Brasil. É verdade que a partir de 1921, após as seguidas derrotas dos partidos comunistas europeus, a IC iniciou uma transição em seus métodos, deixando progressivamente de ser um instrumento de organização política e ideológica, para assumir uma postura de administradora disciplinar da revolução mundial.¹⁵⁷ Transcorria no período uma desaceleração revolucionária em todo o mundo e os comunistas viam-se diante de um proletariado dividido e perpassado por reformistas, social democratas, partidos e sindicatos diversos. Desse modo, gradativamente a política da IC pendeu da luta revolucionária, para a defesa pura e simples da URSS, em detrimento da revolução mundial.¹⁵⁸ No entanto, para a IC, a América Latina não era ainda terreno de luta pelo

¹⁵⁵ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 168.

¹⁵⁶ Segundo John Watson Foster Dulles, Rodolfo Ghioldi chegou ao Brasil em janeiro de 1924, na condição de delegado do CEIC. DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 168.

¹⁵⁷ VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935. Sonho e Realidade*. São Paulo, Editora Expressão Popular, 3ª edição, 2011, p. 45.

¹⁵⁸ BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista. 1919-1943*. São Paulo, Sundermann, 2007, p. 312.

socialismo, mas de libertação nacional. Pautada nessa leitura, a Internacional desempenhava um papel de orientação que dava liberdade aos PCs, permitindo ao movimento comunista da região, segundo Pierre Broué, “sonhar” e ser “audacioso e vivaz”, até a intervenção direta a partir de 1924.¹⁵⁹

Como concebia a América Latina como um todo homogêneo, formado por países “coloniais”, semi-coloniais e “atrasados” - onde o imperialismo britânico era considerado o principal inimigo - a Internacional buscou fomentar no PCB a constituição de aparatos de propaganda e de recrutamento, aplicando uma política aberta a alianças temporárias com movimentos burgueses de natureza “nacional-revolucionário”.¹⁶⁰

Ao que parece, a posição secundária que a América Latina ocupava ainda em 1923 - quando a IC estava com os olhos voltados para o movimento revolucionário dos países de capitalismo desenvolvido, em especial à Alemanha - acabou surtindo efeitos positivos ao PCs da região, permitindo-lhes a autonomia de projetar seus sonhos revolucionários, sob seus auspícios, como foi caso do PCB.

Diante da receptividade demonstrada pela IC, os comunistas brasileiros expuseram em detalhes os problemas internos e as intrigas que afetavam o partido, bem como o clima de repressão instaurado pelo governo brasileiro, em resposta aos levantes tenentistas de julho de 1922. Levantes que, pouco depois, seriam interpretados pelos comunistas como manifestação do industrialismo brasileiro, supostamente encabeçado pelos tenentes, contra o agrarismo vigente, dirigido pelas oligarquias cafeeiras. Ou seja, os tenentes passaram a ser entendidos como a vanguarda da pequena burguesia em movimento e, por isso, eram vistos como possíveis aliados.¹⁶¹

¹⁵⁹ Broué assegura que, enquanto 1924 não chegava – com o progressivo uso do Komintern em prol da política externa soviética -, os PCs da América Latina podiam “sonhar” e segundo ele, “é neste movimento comunista em plena crise, mas audacioso e vivaz, que aparecem poetas cujas reputações sobreviverão a suas mortes: os brasileiros Otávio e Laura Brandão e, sobretudo, o turco Nazim Hikmet”. BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista. 1919-1943*. São Paulo, Sundermann, 2007, p. 366.

¹⁶⁰ No II Congresso, a IC deliberou que os PCs poderiam fazer alianças, ainda que temporariamente, com movimentos “democrático-burgueses”, se esses fossem convertidos em movimentos “nacional-revolucionários”, através dos quais também combateriam a burguesia reformista. BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista (1919-1943)*. São Paulo: Sundermman, 2007, p. 205

¹⁶¹ Em verdade, em *Agrarismo e Industrialismo*, Otávio Brandão refere-se principalmente ao levante de 1924. No entanto, é evidente que este é visto como continuação da ação ocorrida em 1922. Interpretação responsável por subsidiar a política do PCB nos anos seguintes, que tinha na Revolução Democrático Pequeno Burguesa o seu objetivo imediato e onde uma aliança com os tenentes se fazia necessária para

A análise sobre situação política do país e a postura que deveria ser adotada pelos comunistas acabou aproximando a Internacional e o PCB, dando continuidade à relação iniciada, como vimos, antes mesmo da constituição formal da Seção Brasileira. Situação que fortaleceu os laços entre ambos, ajudando os pecebistas a configurar o Partido de acordo com os preceitos da IC, conduzindo-os a passadas largas em direção à definitiva entrada no partido comunista mundial.

1. Os primeiros passos do PCB no ano de 1923

O ano de 1923 foi desafiador para o Partido Comunista do Brasil. Há poucos meses lhe tinha sido negada a filiação à Internacional Comunista e, em nível nacional, o partido estava sendo tragado pelo turbilhão repressivo oriundo do estado de sítio, decretado pelo governo federal. Terror político que tinha o PCB como alvo preferencial, apesar de os comunistas¹⁶² não terem tomado parte dos levantes tenentistas de 5 de julho¹⁶³, contra a posse do Presidente eleito, Epitácio Pessoa.¹⁶⁴ Foi neste cenário adverso que os comunistas brasileiros conseguiram superar a má impressão deixada pela

alcançar essa meta. BRANDÃO, Otávio. *Agrarismo e Industrialismo*. Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924. São Paulo, editora Anita Garibaldi, 2ª edição, 2006.

¹⁶² Segundo Otávio Brandão, “O PCB não compreendeu a situação política de 1922. Limitou-se a uma atitude passiva em face dos revoltosos da insurreição armada de Copacabana, a 5 de junho de 1922. Continuou sua vida tranquila. Não compreendeu que era preciso passar à vida ilegal, clandestina, subterrânea. Não compreendeu que se abria nova etapa no processo de desenvolvimento do país”. BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p. 227.

¹⁶³ Em 5 de julho de 1922 teve início o movimento tenentista. Segundo José Murilo de Carvalho, assim como em 1889, rebelou-se somente uma parcela do Exército: a Escola Militar e o Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, e uma guarnição local no Mato Grosso. Apesar de ter sido debelada com rapidez, daquele movimento surgiram as principais lideranças de origem militar, que exerceriam sua influência ao menos até a Revolução de 1930, como era o caso de Juarez e Joaquim Távora, Luís Carlos Prestes, João Alberto, Siqueira Campos, Eduardo Gomes, Miguel Costa e Nunes de Carvalho. CARVALHO, José Murilo. “As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador. IN: FAUSTO, Boris (dir.) *O Brasil Republicano*, vol. 9: sociedade e instituições (1889-1930). 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006

¹⁶⁴ Os levantes de 1922 aconteceram por obra do movimento formado por militares rebeldes, que propunham mudanças políticas através das armas. Segundo Anita Prestes, “Enquanto a oposição tentava uma solução política, dentro da ordem, os militares – principalmente os elementos mais jovens – continuavam a desenvolver atividade conspiratória, mantendo-se em ligação com as dissidências oligárquicas e as lideranças de alguns setores das populações urbanas, profundamente sensibilizadas pelo clima revolucionário que tomara conta do país”. Esse agrupamento realizou a primeira ação tenentista da década: o levante de 5 de julho de 1922. PRESTES, Anita Leocádia. *Os Militares e a Reação Republicana*. Petrópolis, Rio de Janeiro: editora Vozes, p. 77.

“Missão Canellas” e gradativamente readquirir a confiança e o prestígio perdidos no IV Congresso.

Durante este processo, eles também tiveram que lidar com os problemas internos resultantes da não adesão à IC, ao tempo em que resolviam as celeumas que exaravam externamente, envolvendo membros do CEIC. Conflitos provocados principalmente pelo Secretário Geral, Abílio de Nequete e pelo Secretário Internacional, Antônio Bernardo Canellas, no âmbito da CCE.

Diferentemente do que defenderam alguns autores, a IC sempre esteve presente na vida do PCB, fato que teve início, como vimos, no período precedente ao I Congresso.¹⁶⁵ Presença cada vez mais recorrente e influente nas ações da Seção Brasileira já durante o ano de 1923, conforme veremos nas documentação enviada pelos pecebistas ao CEIC.

Em abril, Antonio Bernardo Canellas buscava minimizar os efeitos da não filiação do partido brasileiro no IV Congresso. Trabalhando para estabelecer um contato mais próximo, o Secretário Internacional tornou a contatar o CEIC, dessa vez buscava informações sobre o acompanhamento que a IC havia decidido fazer junto ao PCB, visando convertê-lo numa agremiação efetivamente comunista.

Canellas lembrava que tinha solicitado aquela orientação no pleno ampliado do CEIC. No entanto, até aquele momento, segundo o Secretário Internacional, nada havia sido encaminhando, sobre o que interpelou: “Desejamos saber qual foi a resolução tomada em relação à abordagem de nosso delegado”.¹⁶⁶ Delegado que, segundo suas palavras, poderia ser um membro do Partido Comunista Argentino (PCA). Para aquela solicitação, ele pedia à IC maior celeridade possível na resolução da questão.

Apesar do prestígio abalado por conta de sua participação no IV Congresso, as demandas de Canellas acabaram sendo acatadas pelo CEIC. O PCA recebeu ordens de enviar um delegado ao Brasil para auxiliar naquele processo. O que, sem dúvidas, era

¹⁶⁵ Como apontamos no capítulo anterior, um conjunto de autores defendem que a IC não teve participação (direta) no processo de fundação do PCB, nem durante a década de 1920, excetuando-se a intervenção da III Internacional ocorrida em 1929, como foi o caso de Edgard Carone, Michel Zaidan e Marly Vianna.

¹⁶⁶ “Nous désirons savoir quelle a été la resolution prise au sujet de la démarche de notre délégué”. *Aú Presidium du Comité de l'International Communiste*. 12/04/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 11 de novembro de 2018.

positivo, uma vez que o partido brasileiro já mantinha contatos com os comunistas argentinos, onde, inclusive, estava instalada a Agência de Propaganda da IC para a América Latina. A propósito do estabelecimento dessa relação, o delegado enviado, Rodolfo Ghioldi, acabou contribuindo enormemente para a aprovação da entrada do PCB na IC.¹⁶⁷

Em maio, problemas mais graves referentes à Seção Brasileira chegavam à IC. Dessa vez tratava-se de uma série de acusações feitas pelo então Secretário Geral, Abílio de Nequete, aos seus companheiros e ao partido. Remetida de Porto Alegre ao CEIC, em 10 de maio de 1923, a carta informava sobre a sua decisão de sair do PCB e solicitava o apoio da IC para fundar um novo partido comunista.¹⁶⁸

Segundo ele, aquela decisão teria sido motivada pelo suposto anarquismo que grassava nas fileiras do PCB. Nequete recorda com júbilo o fato de ter recebido a “magna tarefa” de fundar o Partido Comunista no Brasil, fato que ele evocava para, quem sabe, convencer os interlocutores do CEIC de sua importância no partido e de sua condição de “vítima” dos demais membros da CCE. Nequete, lamentava ter sido obrigado a realizar a tarefa de fundar o partido “entre elementos anarquistas”. Descompasso ideológico que, segundo Nequete, não tardaria em se fazer notar. Ao contrário do restante dos membros do PCB, Nequete se dizia um verdadeiro comunista, aderente incondicional da “Revolução Russa que data da queda de Kerensky”¹⁶⁹, através do que buscava realçar a sua incontornável divergência ideológica com o restante dos membros. Ou seja, a sua saída resultava da sua incompatibilidade diante da ideologia anarquista dominante no Partido Comunista.

Nequete referia-se aos membros do Grupo Comunista do Rio de Janeiro, liderados por Astrojildo Pereira. Estes não teriam, inclusive, cumprido com suas promessas de ajuda financeira, sabotando a sua estada na Capital Federal. Aqueles

¹⁶⁷ Segundo Marcos Del Roio, “Um amigável relatório do argentino Rodolfo Ghioldi, exarado em janeiro de 1924, possibilitou que Astrojildo Pereira e Rodolfo Coutinho se encaminhassem para o V Congresso da IC, afim de receber a unção de novo membro”. DEL ROIO, Marcos. “A gênese do Partido Comunista (1919-29)”. IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A Formação das Tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007, p. 234. Anuência que acreditamos ter acontecido também após o envio do elogiado Relatório Geral sobre as atividades do PCB, de outubro de 1923.

¹⁶⁸ *Ao Comitê Central da IC*. 10/5/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 11 de novembro de 2018.

¹⁶⁹ *Ao Comitê Central da IC*. 10/5/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 11 de novembro de 2018.

“influentes do Rio”, teriam atuado secretamente contra o Secretário Geral do partido, o que forçou-o a buscar recursos financeiros junto ao Centro Comunista de Porto Alegre e ao membro do Bureau da IC para a América do Sul, Alex Alexandrovsky. Situação que o obrigou a voltar ao Rio Grande do Sul.

Nequete foi ainda mais longe em suas acusações, afirmando que os “influentes do Rio” teriam desviado recursos da campanha em prol dos flagelados do Volga. A quantia por ele deixada e até a sua tipografia pessoal teriam sido tomadas por um camarada que “não é o que parecia”.¹⁷⁰ O dirigente afirma que tinha consciência de que sofreria nas mãos dos “anarquistas”: “Não alimentava esperanças no pessoal de lá, e era justo que, cedo ou tarde, se desse esse rompimento”. Afinal, segundo ele, “Arrebanhados do campo anarquista não poderiam senão por milagres dar bons comunistas, como pretendem, sem estudar ou ouvir a literatura comunista”.¹⁷¹ Para confirmar como a influência anarquista era decisiva, Nequete cita como exemplo a postura e os problemas causados por Antônio Bernardo Canellas, no IV Congresso da Internacional Comunista. Com isso, ele fazia coro às acusações da IC, de que o PCB estaria permeado de “resquícios anarquistas”, esperando com isso captar para si o apoio político de Moscou.

Além disso, Nequete acusava Canellas de ter faltado com a verdade no IV Congresso, ao afirmar que o PCB já possuía 500 membros. Esta, segundo ele, era uma “mentira descabelada”, que lhe obrigava a escrever uma carta a Andreu Nin para informa-lo que, na verdade, os efetivos do partido não ultrapassavam duas centenas de aderentes. Carta que teria sido aprovada em sessão do Centro Comunista de Porto Alegre, com cópia remetida ao Centro do partido, no Rio de Janeiro. Missiva que acabou sendo veementemente repudiada por Canellas, que segundo Nequete: “não queria ser desmentido”.¹⁷²

¹⁷⁰ *Ao Comitê Central da IC*. 10/5/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 11 de novembro de 2018.

¹⁷¹ *Ao Comitê Central da IC*. 10/5/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 11 de novembro de 2018. Grifo original do autor.

¹⁷² *Ao Comitê Central da IC*. 10/5/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 11 de novembro de 2018. Grifo original do autor.

Aquele impasse teria gerado um conflito generalizado dentro do partido e até mesmo os membros que antes tinham aprovado anteriormente a Carta, “desmascararam-se como anarquistas”, opondo-se ao seu envio, saindo em defesa de Canellas. Com isso, Nequete confessa ter perdido “de golpe todas as ilusões já bastante abaladas”, por que há poucos dias, alguns membros teriam se “insurgido contra a leitura do Manifesto Comunista de Marx e Engels”. Obra que seria desconhecida da maioria por não achar-se escrita em português e porque o partido ainda seria, em essência, anarquista.¹⁷³

Em síntese, o PCB seria, segundo as palavras de Nequete, o “último reduto do anarquismo”, o que o deixava numa situação “inajustável no conjunto”. Diante desse quadro, ele aproveita para comunicar à IC o seu intento de recrutar novos militantes, verdadeiramente comunistas, para constituir um novo partido, empreitada para a qual solicitava apoio da IC, querendo saber, ainda, se deveria tornar pública a sua saída do PCB, uma vez que oficialmente ainda era o Secretário Geral e, por isso, representante oficial do partido no Brasil e no exterior.

A carta de Nequete evidencia a disputa política dentro da CCE, entre o Secretário Geral e o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, oriunda ainda das negociações e acomodações políticas ocorridas no I Congresso. Como vimos, Nequete chegou ao mais alto cargo do partido por ter se destacado na organização do congresso constituinte do PCB, ligando-se diretamente com o representante da IC para América do Sul, Alex Alexandrovsky. Por outro lado, o Grupo comunista do Rio de Janeiro era, de fato, politicamente mais poderoso e influente. Não conseguindo reunir o apoio necessário para manter-se na secretaria geral, até porque seus principais apoiadores estavam em Porto Alegre, Nequete recua para seu nicho com o objetivo de reunir forças para enfrentar os membros do Rio. Derrotado, decide recorrer à IC, rotulando o PCB de facção anarquista, com a esperança de captar o apoio à criação de outro partido. Plano que, como veremos, falhou miseravelmente e foi motivo de desprezo dentro da Internacional.

No final, os argumentos e acusações de Nequete só serviram para embasar a sua destituição do cargo de Secretário Geral, seguida de expulsão do partido. De prestigiado líder do comunismo brasileiro, Nequete passou à condição de traidor. Processo liderado

¹⁷³ Ao Comitê Central da IC. 10/5/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 11 de novembro de 2018. Grifo original do autor.

por Otávio Brandão e que contou com o apoio do Centro de Porto Alegre, deixando evidente não haver mais espaço para o ex-Secretário Geral nas fileiras do Partido Comunista do Brasil.

Cinquenta anos depois, Otávio Brandão – demonstrando não ter qualquer afeição por Nequete¹⁷⁴ - recordou-se dessa carta por ele enviada ao CEIC, confirmando o impacto daquelas acusações. Segundo ele, na carta, o ex-secretário geral teria “chamado de ‘anarquistas’ os comunistas do Rio de Janeiro, acusando o PCB de ser o ‘último reduto do anarquismo’ e exigindo ‘elementos jamais contaminados pela anarquia’”. Brandão lembra ter sido encarregado pela CCE de produzir um relatório sobre as atitudes de Nequete. Documento que, inclusive, serviu de base para a expulsão do ex-secretário geral.¹⁷⁵

Segundo ele, Nequete teria dado provas de sua “incapacidade e, mesmo, de imbecilidade” por ter estranhado o fato de a polícia secreta do Rio de Janeiro não andar fardada como a do Rio Grande do Sul. Em seguida, Brandão recorda que em julho de 1922, Nequete teria sido preso “por algumas horas” e saído “completamente avacalhado”. Nessas condições, ele teria imediatamente cumprido as ordens da polícia e embarcado para Porto Alegre, quando iniciou o “derrotismo”, atacando a CCE e tentou reduzir o Centro Comunista gaúcho a “um grupo de iniciados ‘exotéricos’ do marxismo”.¹⁷⁶

John Watson Foster Dulles, baseando-se nas memórias de Otávio Brandão e nas palavras de Cristiano Cordeiro, escreveu que Nequete teria deixado o partido por ter

¹⁷⁴ Segundo Brandão, Nequete era um “fanfarrão e charlatão”, citava reiteradamente Lênin a partir de “más traduções espanholas”. Segundo ele, Nequete odiava os anarquistas, “Começava as conversas chamando-os de canalhas”. Brandão continua, afirmando que Nequete era ‘muito desordenado. Não tinha visão política’, mas que “veio viu e venceu”, em referência ao fato de ter sido eleito ao cargo de secretário geral, por recomendação de Astrojildo, que teria sido “Um erro sério de Astrojildo”. BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p. 243. Em suas memórias, Brandão não faz qualquer referência do trabalho realizado por Nequete e pela União Maximalista junto à Agência de Propaganda da IC para América do Sul, chefiada por Alexandrovsky, atribuindo a ascensão de Nequete à vontade de Astrojildo, como se dita “indicação” não tivesse sido influenciada pelo capital político angariado por Nequete até a fundação do PCB, em março de 1922.

¹⁷⁵ BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p. 244.

¹⁷⁶ BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p. 243.

sido agredido e ameaçado pela polícia, após a perseguição desencadeada com os levantes de julho de 1922.¹⁷⁷

No entanto, a decisão de Nequete em deixar o PCB parece não ter sido por simples medo da repressão policial, como Brandão e Dulles afirmam. A carta de Nequete, datada de maio de 1923, aponta que ele prosseguiu à frente do partido, a despeito de sua detenção, ocorrida em julho de 1922. O problema, segundo ele, teria sido a falta do prometido apoio financeiro da parte dos comunistas do Rio de Janeiro. No entanto, o problema mais sério teria sido as inverdades escritas por Canellas à IC, que foram rebatidas pelo secretário geral, em carta enviada a Andres Nin, que veremos ainda nesse capítulo, aumentando o clima de animosidade entre ele e os comunistas do Rio de Janeiro.¹⁷⁸ Desse modo, este processo teve razões ainda mais profundas, ligadas à forma como o PCB foi estruturado: Nequete, que foi eleito ao cargo de Secretário Geral, ao que tudo indica - aproveitando-se de seus contatos com Alex Alexandrovsky e com os partidos comunistas da Argentina e do Uruguai – assustou-se com a perseguição ao comunismo no Rio de Janeiro, o que o fez perder prestígio diante da CCE e dos membros oriundos do antigo Grupo Comunista do Rio de Janeiro. Ao ficar isolado, Nequete decidiu retornar para suas bases políticas, em Porto Alegre, acelerando a sua remoção da Secretaria Geral e, posteriormente, do próprio PCB.

A posterior expulsão, sob a acusação de traição, relegou a Abílio de Nequete à condição de proscrito da trajetória do PCB, comprometendo até mesmo o entendimento sobre as suas contribuições à formação do partido. A despeito das acusações do dirigente gaúcho, a relação entre o PCB e a IC se estabilizou, apesar da distância. A despeito desses problemas e do agravamento da situação política por conta dos levantes de julho, os comunistas mantinham o contato periódico com a IC. A troca de correspondência manteve-se regular, revelando a disciplina e o compromisso indispensáveis a um partido comunista, apesar da escalada repressiva iniciada após os

¹⁷⁷ Segundo John Watson Foster Dulles, após os levantes de julho de 1922, Nequete “prosseguiu como se tudo continuasse normal e o Partido Comunista fosse uma sociedade legal”, o que teria mudado com a sua prisão em reunião partidária. Após a sua saída, ele teria procurado Otávio Brandão, dizendo estar “morto” por ter sido maltratado pela polícia, que o teria mandado ir embora imediatamente do Rio de Janeiro ou sofreria algo pior. Assim, Nequete teria fugido de navio para Porto Alegre “com o rabo entre as pernas”, sendo, então, escolhido para o cargo de secretário geral, Astrojildo Pereira. DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 149.

¹⁷⁸ Ao Comitê Central da IC. 10/5/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 11 de novembro de 2018. Grifo original do autor.

levantes militares de julho de 1922. A despeito de não ter tido proximidade com os revoltosos de 5 de julho, o PCB foi posto entre os adversários do Estado e figurando como um dos principais alvos da repressão das forças públicas de segurança.

Essa situação política do Brasil foi reportada à IC, principalmente porque afetava diretamente o movimento operário e, por consequência, as atividades do partido. Porém, aquele era um contexto onde a luta interna entre Abílio de Nequete, Antônio Bernardo Canellas e o restante do CCE, se agudizava em direção à ruptura.

Problemáticas abordadas na carta enviada em 3 de junho de 1923, em francês, à direção da Internacional Comunista, novamente por Antônio Bernardo Canellas, ainda no cargo de Secretário Internacional do PCB.¹⁷⁹ Na mensagem, Canellas informa que o partido havia recebido tardiamente o convite ao Pleno da IC, tornando impossível o envio de representantes a tempo de participar do evento. Ainda na correspondência, o Secretário Internacional informa em seguida que as ações desencadeadas pelo governo federal haviam desarticulado o partido, que teve sua sede fechada, afetando a sua organização, especialmente a sua imprensa. Suas publicações só continuavam ativas por conta do sacrifício de alguns membros, mas que havia implicado em perda de arrecadação e impossibilitado a adesão de novos assinantes. As edições passaram a ser confiscadas pelos correios e o partido temia publicar novos números da revista *Movimento Comunista*.

A situação de clandestinidade, além de ter levado a um déficit orçamentário, também causava prejuízo para o recrutamento à formação partidária. O dirigente afirma que o partido havia sido obrigado investir no trabalho de agitação e propaganda em estados mais afastados do epicentro da repressão. O que custava caro, mas era a única saída. Por isso, o PCB havia decidido enviar emissários de seis em seis meses a outros estados, com o objetivo de fomentar a criação de novos núcleos que poderiam se fortalecer e se transformar em efetivos centros comunistas.

Antônio Canellas informa à IC que o PCB havia conseguido realizar a atividade no primeiro de maio, o Dia Internacional dos Trabalhadores, apesar das ameaças da prefeitura do Rio de Janeiro. O evento teria tido êxito, reunindo

¹⁷⁹ *Au C.E. d l'International (Communiste)*. 3/6/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 11 de novembro de 2018.

trabalhadores e suas organizações na capital federal, num *meeting* em defesa da classe trabalhadora. Acontecimento que poderia ser visualizado através do material distribuído – panfletos e fotos - e que seguiam anexados à carta.¹⁸⁰ Na comemoração havia sido aprovada uma moção que, segundo frisava o missivista, estava de acordo com as orientações da IC, apesar de recebidas somente no dia anterior ao evento e que por isso não foram enviadas aos demais estados.¹⁸¹ Canellas finaliza enviado novo endereço para correspondência e saudações comunistas à IC.

Passado o mês de junho¹⁸², Nequete demonstra ainda não ter noção exata da posição da IC sobre a sua reputação. Em correspondência interna de 14 de julho de 1923, ficou evidente a reprovação dos membros da IC às atitudes do Secretário Geral do PCB. Andreu Nin¹⁸³, que era responsável pela tradução das correspondências, leu e repassou péssimas impressões sobre a carta enviada por Nequete, em 13 de maio, ao então responsável da IC na América do Sul, Alfred Stirner.

Na carta endereçada a “mi querido Stirner”, o comunista espanhol informou tê-lo procurado por duas noites seguidas para falar-lhe dos escritos de Nequete, confessando ter tido pouco tempo para trabalhar na tradução. Andreu Nin¹⁸⁴ vai direto

¹⁸⁰ Otávio Brandão lembrou do sucesso na comemoração do 1º de maio de 1923 em suas memórias. Segundo ele, o partido havia decidido celebrar a data apesar do Estado de Sítio vigente no governo Arthur Bernardes, quando lhe foi atribuída a tarefa de liderar a atividade. Em parceria com um grupo de operários, formou um comitê constituído por representantes de 20 sindicatos operários de várias tendências. O comitê conseguiu autorização da polícia e o 1º de maio teve um comparecimento em massa de trabalhadores. Segundo as memórias de Brandão, no evento repetiu-se as palavras de ordem de luta de classes em favor do internacionalismo proletário. Fora também aprovada uma moção especial contra o fascismo e contra as guerras imperialistas. Por tudo isso, nas palavras do ex-dirigente, “O 1º de Maio de 1923 teve, pois, importância política. Demonstrou o despertar das forças proletárias sob a influência do PCB. O governo e a sua polícia política ficaram alarmados”. BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p. 245.

¹⁸¹ *Au C.E. d l'Internationale (Communiste)*. 3/6/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 11 de novembro de 2018.

¹⁸² No mês de junho identificamos somente a missiva datada do dia 13 de junho, que informava sobre o trabalho de educação realizado junto aos trabalhadores do Brasil. O remetente detalha a atuação dos comunistas brasileiros em Recife, Niterói, Juiz de Fora, Porto Alegre, Santos, Cubatão e Rio de Janeiro, onde dá informa, especialmente, sobre a luta travada contra os anarquistas. Ao final, o pecebista aponta novo endereço para correspondência.

¹⁸³ PERÓ, Judith Figuerola. *El Catala de L'URSS. Andreu Nin. Revolucionari i traductor*. Tesi doctotal. Departament de traducció i d'interpretació. Universitat Autònoma de Barcelona. Barcelona, Espanha, 2016. A autora assegura que, além de revolucionário, Andreu Nin atuou como tradutor.

¹⁸⁴ Andreu Nin nasceu em 1892, El Vendrell, na província espanhola de Tarragona. Filho de um sapateiro, Nin seguiu para Barcelona em 1914, onde teve contato com o anarquismo e onde, em 1917, filiou-se ao Partido Socialista Obreiro Espanhol (PSOE). Nin ajudou a formar o Partido Comunista de Espanha, em 1921. Ano em que em aderiu à Confederação Nacional do Trabalho, entidade através da qual foi enviado na qualidade de Delegado ao congresso de formação da Internacional Sindical Vermelha (ISV) e ao II

ao assunto, informando que Nequete alegava ter sido obrigado a mudar-se do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul por razões econômicas, o que segue a narrativa apresentada na carta enviada ao CEIC, em maio daquele ano.¹⁸⁵ Nin mostra como aquela informação se chocava com as palavras de Canellas, que acusava Nequete de ter abandonado “su puesto de Secretario del Partido por motivo del estado de la repression”, posição oriunda das análises de Brandão, como vimos, e que, tudo indica, era majoritária no partido. Segundo Nin, o secretário brasileiro afirmava que o PCB possuía no máximo duzentos filiados e havia se transformado no último reduto do anarquismo, exatamente como consta na carta de maio. Razão pela qual ele teria deixado o partido e decidido reunir novos membros e formar um outro partido comunista. Empreitada sobre o qual queria saber a opinião da IC. Ele também pedia obras de Marx e Engels em diversos idiomas e informes. Após apresentar esses principais pontos da carta de Nequete, Nin despreza diante de Stirner os argumentos de Nequete: “Como se ve, no es de gran importância”.¹⁸⁶

A correspondência interna do CEIC repetia com exatidão os argumentos da carta de Abílio Nequete, remetida em 13 de maio de 1923. Ela revela como o secretário brasileiro estava errado em julgar que poderia difamar o PCB e tomar para si o apoio da Internacional Comunista. E pior: suas palavras tinham menos peso do que as de Canellas, a despeito deste ter sido considerado exemplo de ideologia anarquista, uma

Congresso da IC. Morou em Moscou, onde juntou-se a Trotsky na Oposição de Esquerda, em 1926. Voltou à Espanha em 1930, onde foi um dos fundadores do Partido Operário de Unificação Marxista (POUM). Seu assassinato em 1937 foi cercado de mistério e de polêmica. Os membros do POUM tinham certeza de que Nin foi morto por agentes do estado soviético, já o Partido Comunista Espanhol defendeu que a sua morte foi obra de agentes do fascismo. Com a abertura dos arquivos da Internacional Comunista, após o fim da União Soviética, Dolores Genovês pôde confirmar a autoria soviética da morte de Nin, arquitetada na “Operação Nikolai”. No entanto, apesar disso a sua morte segue envolvida por diversas polêmicas. Ver: BLANCH, Pelai Páges I. El asesinato de Andreu Nin, más datos para la polémica. Ebre 38, Núm 4: 57-76, 2010. Marxists Internet Archive. Andreu Nin (1892-1937)”. Retirado de <https://www.marxists.org/portugues/nin/index.htm> . Acesso em 02 de março de 2019; Spartacus International. Andres Nin. Retirado de <https://spartacus-educational.com/SPnin.htm> . Acesso em 02 de março de 2019.

¹⁸⁵ *Mi querido Stirner*. 14/07/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 9. Письма ИККИ в ЦК КП Бразилии и переписка о КПБ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

¹⁸⁶ *Mi querido Stirner*. 14/07/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 9. Письма ИККИ в ЦК КП Бразилии и переписка о КПБ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

das razões do indeferimento do pedido de adesão à IC. Fato que se relacionava ao declarado interesse do CEIC em enquadrar o PCB no modelo desejado de partido.¹⁸⁷

Assim, não seria um conjunto de acusações de Nequete que mudariam o conceito da IC sobre o partido brasileiro. Além disso, pouco antes, o próprio Stirner havia deliberado quanto à necessidade de maior articulação no processo de adesão do PCB, como consta carta enviada, em nome do Secretariado da IC para a América do Sul do CEIC, de 25 de junho de 1923, contendo críticas, cobranças e orientações à organização e atuação do PCB. A Seção Brasileira parecia, nesse momento, estar informalmente aprovada a compor a elite da IC, faltando a ela somente alguns ajustes para a efetivação no próximo Congresso, como uma volume maior de informações sobre o partido Comunista e o país. Requisitos burocráticos cobrados pelo Secretariado da IC e que seriam sanados com um relatório detalhado sobre as atividades do PCB e sobre a realidade brasileira, como veremos mais à frente.¹⁸⁸

No documento, Stirner acusava o recebimento de correspondência do PCB – a carta enviada por Canellas - solicitando providências da IC para a definitiva adesão à IC. Ao fato de o secretário do PCB solicitar maiores informações sobre a deliberação do CEIC referente ao envio de um delegado do Partido Comunista Argentino ao Brasil, Stirner alega não ter recebido até então qualquer resposta do PCA, onde Rodolfo Ghioldi¹⁸⁹ seria escolhido para auxiliar e avaliar o PCB, aproximando o partido brasileiro ainda mais da Internacional.¹⁹⁰ Stirner informa ao CEIC não estar recebendo informações sobre o PCB e que um relatório detalhado era fundamental para que se

¹⁸⁷ Como vimos anteriormente, a IC já havia decidido orientar de perto o partido brasileiro e Canellas tinha enviado uma carta em abril cobrando à IC respostas quanto ao acompanhamento ao PCB, mostrando o interesse dos comunistas brasileiros em seguir integralmente a política e os métodos da IC. “Nous désirons savoir quelle a été la résolution prise au sujet de la démarche de notre délégué”. *Aú Presidium du Comité de l'Internacional Communiste*. 12/04/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 11 de novembro de 2018.

¹⁸⁸ *An das Sekretariat der K.I.* 25/6/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 9. Письма ИККИ в ЦК КП Бразилии и переписка о КПБ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

¹⁸⁹ Otávio Brandão afirma ter recebido Rodolfo Ghioldi em sua farmácia. Ao estudar a situação do PCB, concluiu que a IC não deveria julgar o Partido brasileiro a partir das ações realizadas por Canellas, acentuando os esforços pela Seção Brasileira, aprovando-a. BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p. 259.

¹⁹⁰ Segundo John Foster Dulles, “O relatório de Ghioldi propiciou melhores relações entre o PCB e a Internacional, decidindo o primeiro envio de Rodolfo Coutinho como representante em Moscou”, o que era uma novidade alvissareira para o Partido Comunista”. DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 168.

puddesse decidir sobre o seu pedido de adesão, o que, como veremos, não demorou de ser enviado à IC.¹⁹¹ Stirner dizia possuir sobre o Brasil naquele momento somente a revista “Movimento Comunista”, considerada por ele demasiadamente teórica e que, por não possuir referências às condições cotidianas da classe trabalhadora brasileira, contribuía pouco para a sua organização.¹⁹²

Encaminhando-se para o final, Stirner orientava para que o CEIC enviasse uma carta ao PCB, informando que o Bureau de Propaganda, localizado na Argentina, havia ficado responsável por relatar a situação da Seção Brasileira, sugerindo que caberia aos comunistas brasileiros entrarem em contato com o PCA para cobrar os devidos encaminhamentos ao seu processo de adesão. O representante da Internacional Comunista na América do Sul ressalta ainda que a IC precisava solicitar relatórios detalhados sobre a situação do partido brasileiro, do movimento sindical, bem como sobre a situação dos trabalhadores e dos agricultores, além de informações acerca da situação política do país em geral. Ou seja, somente através da análise de um relatório amplo e profundo sobre a situação política, social e econômica do Brasil, seria possível avaliar as condições de atuação e, por conseguinte, o pedido de adesão do PCB à IC.¹⁹³

Por último, Stirner recomendou que o CEIC orientasse o PCB a publicar um jornal ao invés de uma revista teórica.¹⁹⁴ O conteúdo desse periódico precisaria ser relevante para as questões diárias reais da classe trabalhadora em geral, e em particular o movimento sindical. Stirner chamava atenção para a necessidade de este jornal ser escrito em uma linguagem adequada e que abordasse as questões cotidianas dos trabalhadores. Essa orientação levou o PCB a, posteriormente, criar o jornal *A Classe*

¹⁹¹ *An das Sekretariat der K.I.* 25/6/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 9. Письма ИККИ в ЦК КП Бразилии и переписка о КПБ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

¹⁹² Fato também abordado com exatidão por Otávio Brandão em suas memórias. Segundo o ex-dirigente, “A IC escreveu ao PCB a 1º de julho de 1923. Recomendou a transformação da revista *Movimento Comunista* num jornal operário popular que tratasse das questões sindicais e se ocupasse das questões diárias dos operários e camponeses”. BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p. 259.

¹⁹³ *An das Sekretariat der K.I.* 25/6/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 9. Письма ИККИ в ЦК КП Бразилии и переписка о КПБ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

¹⁹⁴ Ver a carta nos anexo deste trabalho, onde pode-se conferir como Stirner orienta a troca de uma revista teórica por um jornal popular.

Operária.¹⁹⁵ Esse fato, embora esteja explícito na documentação trocada entre o PCB e a IC, não consta na memorialística sobre o partido.¹⁹⁶

As sugestões de Stirner foram integralmente absorvidas pelo CEIC. Em menos de uma semana, no dia 1º de julho de 1923, o secretariado do órgão enviou uma carta ao Comitê Central do PCB, repassando as orientações feitas por Alfred Stirner.¹⁹⁷ No documento, o Secretariado lembrava que, de fato, na reunião de 12 de abril havia sido decidido que uma delegação formada por membros do Secretariado Sul-Americano¹⁹⁸, sediado na Argentina, iria orientar e relatar as ações do PCB. A missão dessa comissão era conformar uma estrutura sólida, baseada nos princípios da IC. Em seguida, o Secretariado reafirmava a sua vontade em ver o PCB admitido na Internacional, mas lembrava que a classificação da seção brasileira condição de partido simpatizante tinha sido o resultado do comportamento de Antônio Bernardo Canellas, delegado ao IV Congresso do Komintern.

Reproduzindo as palavras de Stirner, o Secretariado afirmava que, até aquele momento, o CEIC não havia recebido nenhum relatório do PCB sobre o partido e o país. Assim, seis meses após o IV Congresso, o órgão afirmava não possuir informações suficientes acerca da realidade dos comunistas brasileiros. Segundo o Secretariado, o CEIC possuía somente alguns números do periódico “Movimento Comunista”, o que

¹⁹⁵ *An das Sekretariat der K.I.* 25/6/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 9. Письма ИККИ в ЦК КП Бразилии и переписка о КПБ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

¹⁹⁶ O jornal *A Classe Operária* teve seu primeiro número publicado em 1º de maio de 1925 e que acabou e que acabou tendo o efeito esperado por Stirner, propagando as ideias comunistas e contribuindo para a formação de novos núcleos do PCB, graças a sua abordagem dos problemas cotidianos e linguagem acessível. No entanto, em seus escritos, Astrojildo Pereira não faz referência à influência do CEIC para a criação do jornal *A Classe Operária*. Segundo o ex-secretário geral, a criação do jornal foi o resultado de um “plano maduramente pensado e traçado pela direção do Partido”, com o objetivo de lançar um “jornal de trabalhadores feito para trabalhadores”, não havendo qualquer menção ao CEIC. PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB, 1922-1928: notas e documentos*. São Paulo: Anita Garibaldi, Fundação Mauricio Grabois 2012, p. 97 Otávio Brandão também escreve sobre a fundação do jornal *A Classe Operária*. Em suas memórias, Brandão afirma ter recebido a tarefa em julho de 1924, quando estava desempregado. Assim, o jornal, que teve seu primeiro número no dia 1º de maio de 1925, foi, segundo ele, “uma das obras magníficas e memoráveis da história épica do povo brasileiro e do seu proletariado, o primeiro órgão de massas do Partido Comunista do Brasil”. Segundo Brandão, a fundação do jornal *A Classe Operária* se deu por ordem da CCE, não há qualquer referência à Internacional em seus escritos. BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p. 301.

¹⁹⁷ *12 de abril de 1923. An das Zentral Komite der K.P. Bresilien.* 12/4/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 9. Письма ИККИ в ЦК КП Бразилии и переписка о КПБ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

¹⁹⁸ Aqui, fala-se de uma delegação formada por membros do Bureau de Propaganda. Stirner referia-se a membros do PCA e do Bureau. Ambos referem-se aos comunistas argentinos, membros de ambos, por isso a imprecisão e a dubiedade na informação.

era insuficiente para avaliar a situação do partido e do país. O secretariado afirmava que uma leitura interessada e cuidadosa do periódico havia sido realizada, mas eram necessárias algumas observações críticas acerca da sua forma e do seu conteúdo. A primeira concluía ser a publicação de um jornal mais útil ao partido do que a revista “Movimento Comunista”, exatamente como Stirner havia recomendado. Em adição, o CEIC argumentava que o Partido Comunista era um formador de militantes revolucionários, um partido que representa os pobres da cidade e do campo, os oprimidos pelo sistema, desse modo, o jornal:

precisa, em primeiro lugar, lidar com as questões diárias desses estratos proletários. O trabalhador deve encontrar neste órgão o que ele conscientemente ou inconscientemente procura, isto é, iluminação, apoio e liderança em sua luta diária contra os capitalistas. Um partido que debate as teorias do marxismo junto trabalhadores e agricultores em sua angústia diária sozinho.¹⁹⁹

Para deixar ainda mais claro, o CEIC assegurava ser fundamental usar uma linguagem direta nos textos e afirma que qualquer compromisso com o “lirismo” poderia levar o partido à inoperância. Ideias que seriam amplamente aplicadas em *A Classe Operária*. Além disso, era preciso avançar na luta objetiva e consistente contra o anarquismo no país. O Secretariado da IC termina a carta reafirmando sua confiança no jovem partido brasileiro e esperava poder acolhê-lo plenamente em seu V Congresso, marcado para o ano seguinte, 1924.²⁰⁰

O documento evidencia características importantes da relação que existia entre a IC e o PCB, já em 1923. De um modo geral, o CEIC mostrava interesse do trabalho de base no Brasil e, conseqüentemente, na efetivação do PCB em suas fileiras. Medidas práticas haviam sido tomadas para isso, como o envio de delegados do PCA, além das recomendações advindas de Stirner, como as críticas à forma e ao conteúdo de *Movimento Comunista* e a necessidade de criação de um órgão de imprensa e propaganda, possuidor de características populares. Esse conjunto de orientações torna evidente o interesse da IC no PCB, sugerindo que a má impressão deixada no IV Congresso pela “Missão Canellas” havia sido superada e a definitiva adesão dependia

¹⁹⁹ *An das Zentral Komite der K.P. Brasilien*. 12/4/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 9. Письма ИККИ в ЦК КП Бразилии и переписка о КПБ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018, p.2.

²⁰⁰ *An das Zentral Komite der K.P. Brasilien*. 12/4/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 9. Письма ИККИ в ЦК КП Бразилии и переписка о КПБ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018, p.2.

da disposição do comunistas brasileiros para pôr em prática aquelas orientações. Ou seja, antes mesmo do envio de uma delegação, o PCB já estava sendo orientado sobre o que fazer e o cumprimento daquelas tarefas seria um parâmetro da capacidade organizativa e comprometimento da Seção Brasileira diante da IC.

Nesse período, os comunistas brasileiros esforçaram-se cada vez mais em manter o contato e aplicar as orientações vindas de Moscou. Com o passar do tempo, houve a estabilização do contato e o conseqüente fortalecimento dos laços com a IC. O PCB conquistava confiança à medida em que realizava com eficiência as tarefas a ele designadas, chegando, por vezes, a mudar um pouco o tom de diálogo, cobrando celeridade no encaminhamento de resoluções definidas em plenária, o que reforçava seu interesse em ser aceito na IC. Por outro lado, o CEIC havia cobrado ao PCB maiores informações referentes à situação política brasileira e sobre as questões internas do partido. Os comunistas brasileiros alegavam que o aumento da repressão estatal teria sido o principal empecilho para a produção e o envio de informações. Porém, eles afirmavam que em breve um relatório detalhado seria enviado, cumprindo a contento a tarefa solicitada. No dia 1º de outubro de 1923, o Partido Comunista enviou ao Comitê Executivo da IC uma correspondência para cumprir a demanda por mais informações, tratava-se do “Relatório geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro”. Relatório onde buscou demonstrar a sua capacidade intelectual, informando detalhes sobre as condições políticas e sociais do Brasil, analisando a estrutura de poder e as condições da luta de classes do momento no país. O documento, que acabou sendo bastante elogiado pela IC, impactou pelo detalhamento, contribuindo, assim, para que a adesão definitiva à Internacional ficasse mais próxima. Tudo isso a despeito dos problemas internos abordados em profundidade no documento.²⁰¹

Por outro lado, a despeito do conteúdo das cartas trocadas, fica evidente que uma relação assídua e regular havia sido estabelecida entre o PCB e a IC. Esse contato, como veremos, se fortaleceu com o passar dos anos, e naquele momento girava em torno do processo de promoção do Partido Comunista à elite revolucionária da III Internacional.

²⁰¹ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

2. Relatando as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e a situação do PCB à III internacional

Endereçado ao Comitê Executivo da IC, o documento intitulado: “Relatório geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro”, datado de 1 de outubro de 1923, foi enviado com uma carta de apresentação, assinada por Astrojildo Pereira, em nome da Comissão Central Executiva do PCB.²⁰²

Nas primeiras linhas da carta de apresentação anexada ao Relatório, Astrojildo argumentava que: “Motivos alheios à nossa vontade nos impediram, até hoje, de prestar à IC, com a necessária regularidade, as informações gerais sobre o país, onde militamos, e particulares sobre o nosso Partido”.²⁰³ Referindo-se ao cenário repressivo do Brasil instaurado após os levantes militares de 5 de julho de 1922, reafirmando o argumento de correspondências anteriores, a CCE afirmava ser aquele um momento distinto, afinal, a direção do partido estava com aquela tarefa em atraso. Assim, informavam que, a partir daquele momento, desobrigava-se, “desse dever, enviando-vos o presente relatório”, no qual alegava ter procurado “enfeixar *todos os dados e informes essenciais de ordem econômica, política e social referentes ao Brasil*”.²⁰⁴ Todos esses elementos estariam alicerçados num desenho de “fundo do quadro geral”, onde estariam resumidos, em seguida, “os acontecimentos e informações particulares de nossa formação e atividade como Partido”. Desse modo, acreditava-se que o Relatório forneceria uma “visão de conjunto assaz precisa a respeito da situação real da Seção Brasileira da IC”.

Aproximando-se do final da carta, a CCE dizia estar certa de que as informações demonstrariam à IC suas “numerosas e sérias” dificuldades, as quais esperavam poder

²⁰² Com o afastamento do Secretário Geral, Abílio de Nequete, e do Secretário Internacional, Antônio Bernardo Canellas, coube a Astrojildo Pereira assumir a direção do PCB, em parceria, principalmente, com o núcleo do antigo Grupo Comunista do Rio de Janeiro. Assim, tudo indica que este relatório tenha sido um trabalho coordenado por aquele que em breve ascenderia à Secretária Geral e acabaria liderando o partido durante toda a década: Astrojildo Pereira.

²⁰³ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²⁰⁴ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018. Grifos nossos.

superar gradativamente, “honrando, nesta parte do mundo, a bandeira vermelha do proletariado internacional”, trabalho ao qual afirmavam não faltar “boa vontade e energia”, alegando, por outro lado, falta de experiência, esperando da IC a “assistência fraternal” necessária para superar tais dificuldades. Ao mesmo tempo, a CCE esperava deixar “apreciável saldo no balanço” de seus “trabalhos positivos”, bem como em seus “erros involuntários”.²⁰⁵ Estas palavras estavam voltadas para mostrar capacidade intelectual e organizativa do PCB, mas também buscavam reconhecer os problemas enfrentados pelo Partido.

O “Relatório Geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais e sobre a situação do PC Brasileiro”, é constituído de um total de cinco partes – que aqui chamaremos de capítulos – intitulados na seguinte ordem: “1 – SITUAÇÃO GERAL DO PAÍS”; “2 – CONDIÇÕES ECONÔMICAS E SOCIAIS DAS MASSAS LABORIOSAS”; “3 – A ORGANIZAÇÃO E O MOVIMENTO OPERÁRIO NO BRASIL”; “4 – IMPRENSA OPERÁRIA E REVOLUCIONÁRIA”; “5 – O PARTIDO COMUNISTA DESDE A SUA FUNDAÇÃO”.²⁰⁶

No capítulo 1, a CCE subdividiu sua análise sobre a “SITUAÇÃO GERAL DO PAÍS” nas esferas econômica, financeira e política. Argumenta-se na primeira parte, intitulada “Econômica”, que a base da economia brasileira encontrava-se na agricultura, sendo o café o principal produto, com uma produção anual de 5.000.000 de contos de reis. Produção superior em 2.000.000 de contos de reis ao valor anual da produção fabril, estimada em 3.000.000 de contos de reis. A principal indústria era a de tecidos, seguida pela de calçados e a de açúcar, além das indústrias de fumo, fósforo, chapéu, bebidas, conservas e etc.²⁰⁷ Após apresentar esse panorama, a CCE concluía que: “De um modo geral, pode-se dizer que a economia brasileira prospera sempre a olhos vistos”, prosperidade evidente no crescimento anual das exportações.

²⁰⁵ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²⁰⁶ Mantive somente os títulos em caixa alta, tal qual os originais. Apesar de existirem tópicos e subtópicos também em caixa alta no documento, preferimos deixar somente os títulos para melhor situar o leitor no texto.

²⁰⁷ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.1. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

A economia é mapeada por região e por estado. São Paulo, Minas e Rio de Janeiro são apontadas como “províncias centrais”, que reuniam cerca de 13 milhões de pessoas, o equivalente a um terço da população brasileira da época. São Paulo é apresentado na condição de estado das “grandes ‘fazendas de café’, com “mais de dois terços da produção de todo o país” e também o estado mais industrializado. Minas Gerais é apresentado, em seguida, como um “Estado Agrícola, por excelência”. Compondo a elite econômica dos estados, consta o Rio de Janeiro, “onde se acha encravado o Distrito Federal” e onde se produzia açúcar e possuía “alguma indústria (tecidos, fósforos)”.²⁰⁸ Essa identificação servirá de base para que o Partido aponte a influência decisiva exercida pela aliança mineiro-paulista no país, através da “Política do café”.

Destacava-se também o norte do país, com a produção de fumo e de cacau na Bahia e Pernambuco com o açúcar. Ao “extremo sul” do Brasil destaca-se o Rio Grande do Sul com a agricultura em geral e a pecuária. Seguem referências à queda na produção de borracha no “extremo norte”, composto por Amazonas, Pará e Acre e à produção pecuária espalhada pelo país, concluindo com uma nota de fim, referenciando os dados apresentados à obra “A realidade brasileira”, de E.B. Carvalho.²⁰⁹

Passando à segunda parte do capítulo, a CCE busca mostrar o contraste existente entre a pujante situação econômica e a grave situação financeira do país. Na seção intitulada de “Financeira”, argumenta-se que o Estado beirava a catástrofe, com a depressão cambial chegando ao pior nível em toda a sua história e o déficit orçamentário “subido a cifras fabulosas, nos últimos anos”. O total da dívida pública ultrapassava os 6.600.00 contos de réis, criando juros de 300.000 contos de réis.

²⁰⁸ Mantive somente os títulos em caixa alta, tal qual os originais. Apesar de existirem tópicos e subtópicos também em caixa alta no documento, preferimos deixar somente os títulos para melhor situar o leitor no texto.

²⁰⁹ Após descrever as regiões onde criava-se gado vacum, equino e suíno (Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso), e as principais localizações das fábricas (Distrito Federal, São Paulo e em menor quantidade em Pernambuco, Minas Gerais, Bahia e Rio Grande do Sul). A CCE aponta a obra “A realidade brasileira”, de E.B. Carvalho, produzida quando da comemoração do centenário da Independência do Brasil, como sua principal referência. A CCE salienta que aquele autor era nacionalista e a obra, escrita no contexto das comemorações do centenário da Independência do Brasil, retirando-se seu cunho apologético, tinha valor por conta da “documentação segura e pela visão de conjunto da situação atual e das possibilidades futuras da economia brasileira”. Obra que não tivemos acesso nessa pesquisa. *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C Brasileiro*, p.1. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

Esta situação, segundo a CCE, onde a produção econômica prosperava e a situação econômica se agravava, atingia em cheio “as massas laboriosas”. Situação proveitosa para os “magnatas da agricultura, do comércio e da indústria”, mas que resultava no geral aumento do custo de vida. A CCE apontava a carestia da última década e o fato de, entre 1914 e 1923, alguns gêneros alimentícios terem se tornado entre 400% e 600% mais caros, dados sobre os quais: “De tudo isso resulta o seguinte paradoxo econômico, que bem sintetiza as contradições mortais do regime capitalista: o Brasil é um dos países mais ricos do mundo, habitado por um dos povos mais pobres do mundo”.²¹⁰ Conclusão que tinha correspondência com a realidade, apesar de não ser somente o aspecto financeiro o elemento definidor.

A terceira seção, finalizando o capítulo 1, intitula-se: “Política”. Nela, a CCE faz uma análise da conjuntura política. Começa pelas transformações decorrentes da Proclamação da República, apontando a sua realização através de um golpe militar e finaliza analisando a luta política desenrolada durante a corrida presidencial, identificando as alianças estabelecidas e a sua influência para a eclosão da rebelião de 5 de julho. A CCE afirma em seguida que o modelo brasileiro teria se baseado federalismo dos Estados Unidos. Essa estrutura que teria permitido: “a) cristalização das oligarquias estaduais; b) a subordinação de fato dos Estados mais fracos aos estados mais fortes; c) a preponderância absoluta dos Estados mais fortes ao governo da União”.²¹¹

Segundo PCB, o presidencialismo teria conformado um “verdadeiro absolutismo” do Poder Executivo por sobre os demais poderes. Estes seriam, na prática, absorvidos e dominados, uma vez que ambos dependiam direta ou indiretamente do Executivo. O domínio sobre o Judiciário se originaria do fato de o Presidente da República ter a prerrogativa de nomear os juízes, convertendo-os em seus lacaios. Acontecendo de modo semelhante com o poder Legislativo que legislava subordinado à vontade do Executivo. Além disso, a máquina eleitoral estaria sempre sob o controle do Executivo, constituindo-se nos principais instrumentos jurídico-políticos que permitia às

²¹⁰ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p. 1. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²¹¹ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p. 2. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018. Grifos originais da fonte.

oligarquias estaduais mais ricas manterem a sua supremacia. Diante desse cenário, a CCE explica para a IC: “Como, por exemplo, se elege um Presidente da República?”, expondo em seguida com o processo eleitoral ocorria sob o controle das oligarquias dominantes: “A escolha é feita, primeiro, nos bastidores pelos Governadores dos Estados – isto é, dos Estados mais fortes – e depois por uma convecção política homologadora”.²¹² Situação que se repetia também em outras esferas de poder.

A CCE identificava a “Política dos Governadores” como uma prática política prejudicial à República por criar somente as agrupamentos de “situação” e de “oposição”, impedindo a efetiva criação de partidos políticos “no sentido orgânico”. Assim, segundo os comunistas, havia somente: “os políticos ‘situacionistas’, que estão no poder, e os ‘oposicionistas, que querem subir ao poder”²¹³, relegando a política um jogo fraudulento e artificial.

Os parlamentos também seriam guiados por essa lógica, resultando sempre na formação de uma maioria que servia de base política ao líder do poder Executivo, que recebia a oposição de numa minoria, normalmente impotente diante dos arranjos e dos acordos prévios, definidos nos bastidores.

Nesse cenário, o proletariado nunca havia tido representantes no poder Legislativo. Isso porque o funcionamento do sistema dificultava a sua participação, somada à influência abstencionista dos anarquistas. Ou seja, ou o proletariado votava nos candidatos burgueses ou recusava a votar, com indiferença e desprezo ao processo eleitoral, uma vez que “a corrupção e a venalidade” eram regras. Além disso, a CCE afirmava que o alistamento eleitoral não conseguia ultrapassar a marca de um milhão de votantes e entre estes a “corrupção e a venalidade” eram regras.²¹⁴

²¹² *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p. 2. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>.

²¹³ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p. 2. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018. Grifos originais.

²¹⁴ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

Em síntese, a política reinante no país, segundo os comunistas, era a “política do café”, que tinha como objetivo a defesa do produto, sendo então o “fator central determinante de toda a política brasileira dos últimos tempos.”²¹⁵

Avaliação semelhante aos argumentos difundidos no ano de 1922, na campanha eleitoral, pela Reação Republicana²¹⁶, e que haviam ganhado continuidade, grassando por entre a jovem oficialidade do Exército²¹⁷, influenciando para o levante tenentista de 5 de julho, com um diferencial: a avaliação do PCB ultrapassava as críticas das oposições, como era o caso da Reação Republicana e dos Tenentes, ambas então limitadas ao corolário vagamente delineado de “representação e justiça”, contra o sistema oligárquico. Posições ideológicas que, anos depois obstaram a formação de uma aliança sólida entre comunistas e tenentes, durante a década de 1920. O PCB investiu grandes esforços nessa aproximação por enxergar no movimento tenentista a vanguarda revolucionária da pequena burguesia, sendo, aos seu ver, a ponta de lança da “revolução democrático pequeno burguesa”, antessala da revolução socialista.

Quanto à oposição, a CCE afirmava que esta havia sido formada pelos chamados estados de “segunda grandeza”, com o apoio do “pensamento ‘liberal do país’”, oriundo da classe média e da pequena burguesia. A esse grupo, a CCE acentua ter que inevitavelmente adicionar os militares. Segundo eles, o Exército possuía uma tradição liberal e por influência do positivismo havia instaurado a República e “participado de todas as campanhas liberais do país”. Isso explicaria o “sentido da rebelião militar de julho de 1922”: em defesa do liberalismo, os militares haviam tentado “sustentar pelas

²¹⁵ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.2. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018. O trechos em aspas são transcrições do documento.

²¹⁶ A Reação Republicana foi um movimento político-eleitoral criado em junho de 1921. Ela reuniu as oligarquias dissidentes, com o objetivo de disputar as eleições presidenciais de março do ano seguinte. Anita Prestes assegura que a Reação Republicana resultou de um clima favorável, onde um “amplo movimento de opinião pública em torno das demandas de caráter liberal, agitadas pelas oligarquias dissidentes”, com o objetivo de desmontar a máquina eleitoral viciada. Cresceu o discurso contra a corrupção do sistema político através do lema “Representação e justiça” que visava defender as “liberdade públicas e os direitos do cidadão”. Esse discurso de “moralização” das práticas políticas era parte da estratégia das oligarquias dissidentes em seu intento de chegar ao poder. PRESTES, Anita. *Os militares e a reação republicana. As origens do tenentismo*. Petrópolis, Rio de Janeiro, vozes, 1993, p. 36.

²¹⁷ Segundo Boris Fausto, o tenentismo era pobre ideologicamente: “O tenentismo da primeira fase pode ser definido como um movimento voltado para o ataque jurídico-político às oligarquias, com um conteúdo centralizador, ‘elitista’, vagamente nacionalista”. FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 87.

armas a oposição política a São Paulo e Minas”. Falando de outro modo, os tenentes teriam dado continuidade à oposição política, assumindo o estandarte da Reação Republicana, dissolvida após o pleito de março.

Apesar do fracasso da insurreição, o PCB dizia identificar sintomas de que “a fermentação continua a lavrar no seio das classes armadas”.²¹⁸ Nas últimas linhas do tópico, a CCE se põe a resumi-lo: o Brasil seria um país de economia agrária, guiado principalmente pelos grandes fazendeiros de café dos estados São Paulo e de Minas Gerais. Em oposição estariam os representantes da indústria e do comércio, liderados pelo Rio de Janeiro, em aliança com a classe média e intelectuais. A “massa laboriosa” não exercia qualquer influência na política nacional, exceto, sugere o documento, após o surgimento do Partido Comunista do Brasil.

Assim, dado o nível de domínio agrário da “política do café”, mudanças na República só poderiam ser efetuadas através da mudança na balança do jogo de forças, cabendo então incluir neste processo as classes média e trabalhadora. Setores normalmente aliados de participação política e que acabaram evocados pela Reação Republicana, no combate ao domínio oligárquico.

À medida em que a burguesia agrária prosseguiu hegemônica, ainda que fazendo uso cada vez mais explícito dos seus métodos para se manter no poder, o discurso radicalizou-se, conformado a ideia de um golpe militar, chamado de “revolução”, para alterar os rumos da República.

Esse ideário político influenciou o Partido Comunista na formulação da teoria da “Revolução democrático pequeno burguesa”: havia a concordância com a percepção de que a República estaria corrompida pela “política do café” e que haviam setores liberal-burgueses interessados em modificá-la, inclusive através das armas. Ou seja, aquilo que os comunistas escreveram sobre a política brasileira, não fugiu ao discurso “moralizante” da época, apesar de ter desembocado, no ano seguinte, num encaminhamento distinto: a Revolução Democrático Pequeno Burguesa como forma de desmontar as estruturas do poder oligárquico.

²¹⁸ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

Diferentemente do restante das oposições, o Partido identificou na montagem do poder estatal e, conseqüentemente, na “política do café”, praticada pelos “agrários” de Minas Gerais e de São Paulo, as causas dos vícios da política brasileira.

Os escritos do PCB retomavam argumentos publicados em artigos da revista *Movimento Comunista*²¹⁹, porém, também apontavam os termos e os efeitos deletérios da aliança mineiro-paulista em torno da “política do café”. Seguindo esse raciocínio, o partido chamava atenção quanto a divisão do país em estados de diferentes “grandezas”, conformando uma federação onde as oligarquias economicamente mais poderosas subordinavam as demais, fazendo uso da força exacerbada do Poder Executivo, através do qual faziam valer na União os seus interesses econômicos.²²⁰ Interpretações críticas à gestão da política econômica realizada sobre o café no país, quando na verdade ele era defendida por expoentes da Reação Republicana, como Nilo Peçanha²²¹, também não aparecendo no discurso político dos tenentes.

Vê-se que o Relatório reunia as análises que o PCB fazia da política brasileira, principalmente a partir da necessidade de compreender a relação entre os levantes tenentistas de julho de 1922 e a “política do café” vigente, praticada pelas oligarquias de São Paulo e de Minas Gerais.

A interpretação do PCB sobre o que intitulou de “Política do café” assemelha-se ao conceito surgido na historiografia após a Revolução de 1930²²², de “Política do café com leite”. Para ambos, a aliança mineiro-paulista teria sido hegemônica durante a

²¹⁹ Ver: PEREIRA, Astrojildo. “Nossa palavra”. IN: ZAIDAN, Michel (org.). *Construindo o PCB*. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1980, pp. 72-76.

²²⁰ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru> Acesso em 01/11/2018.

²²¹ Segundo Nilo Peçanha, em Manifesto publicado no jornal *Estado de São Paulo*: “A questão do café tem-se repetido, não é uma questão de S. Paulo, é uma questão econômica nacional, ela é a espinha dorsal da economia do Brasil”. Centro de Memória da Unicamp, CMU. “Manifesto do Dr. Nilo Peçanha. Paulistas!”. *O Estado de São Paulo*. 24 de fevereiro de 1922, p. 2. Retirado de <https://atom.cmu.unicamp.br/index.php/ag-3-1-1-091-pdf>, acesso em 11 de abril de 2021.

²²² Cláudia Viscardi confessa não ter encontrado em suas pesquisas qualquer referência à política do “café com leite” na década de 1920, o que, inclusive, justificava a escolha da autora por obras produzidas pós-1930, onde o conceito é largamente empregado. Em sua primeira nota de rodapé, a autora busca explicar as razões de suas escolhas metodológicas, explicando que em seu livro: “Não serão tratados os trabalhos produzidos antes de 1930. Pela pesquisa que nos foi possível realizar, não encontramos nenhuma referência à aliança *café com leite* neste período”. VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias: uma revisão da "política do café com leite"*. E-book - 2.ed. - Belo Horizonte: Fino Traço, 2019, p. 32. Grifos nossos.

República e responsável pela estabilidade do regime. Ao tornar nacionais os interesses regionais do café, a aliança teria se apossado da máquina estatal, comandando os demais poderes. Talvez, o diferencial das análises seja o fato de o PCB atribuir ao Exército um papel ativo na luta política em curso no Brasil.

Por outro lado, a despeito dos equívocos que hoje podemos apontar, a análise do PCB se apresentava com um forte apelo político, apresentando os setores agrários como o elemento a ser derrotado no país, tal qual apareceu pouco depois na obra de Otávio Brandão, *Agrarismo e Industrialismo*.

No capítulo intitulado “2 - CONDIÇÕES ECONÔMICAS E SOCIAIS DAS MASSAS LABORIOSAS”, a CCE avança em suas análises, dessa vez tendo como objeto central a classe trabalhadora. Logo no início traça um breve histórico do que chamou de “evolução das condições sociais do trabalho no Brasil”, dividindo-o em “período colonial”, “Império” e “República”.²²³ A análise da CCE tem foco na forma de exploração do trabalho durante o período colonial, onde a escravidão de indígenas e de negros “importados da África” foi empregada na cultura da cana de açúcar e na extração de minérios. No Império, a exploração do “braço escravo negro” seguiu até 1888, “empregado na agricultura, tomando grande incremento à cultura do café”. A imigração de trabalhadores livres europeus é citada e relacionada ao trabalho livre e à industrialização, não fazendo qualquer referência à situação dos trabalhadores negros durante este período, apesar de eles terem sido citados anteriormente. O tópico é finalizado com uma classificação dos trabalhadores assalariados do Brasil em “três grandes categorias”: o “operário dos centros industriais” (onde se incluem os trabalhadores em transportes); o “trabalhador propriamente rural, o jornaleiro agrícola”; e, por último, o “vaqueiro da zona pastoril”.²²⁴

Nas páginas seguintes são apresentadas análises acerca das principais indústrias, as condições ferroviárias, a indústria extrativa e os tipos de trabalhador rural. No final, reflete-se sobre as leis que abarcavam o trabalho, reiterando o mote de que, no Brasil, a questão social era tomada como uma questão policial, de acordo com o que teria

²²³ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.3. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ). Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²²⁴ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p. 4. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

afirmado o ex-presidente Epitácio Pessoa, citado no documento, que teria dito: “a questão social nem existe no Brasil”.²²⁵ Com isso, buscava-se mostrar o quão reacionários eram as mentalidades dos dirigentes burgueses e o quanto a classe trabalhadora estava desprotegida juridicamente.

O capítulo chega ao fim após a análise de algumas leis. Primeiro é citada a lei que regulamentava a organização dos sindicatos e das cooperativas, votada em 1907; em seguida é citada a lei utilizada para “expulsar anarquistas”. Lei que teria sido aperfeiçoada “de par” com outra para combater o anarquismo no país. É também citada a tramitação de uma lei para regulamentar a liberdade de imprensa.²²⁶

São citadas em seguida duas leis favoráveis ao operariado: uma referente aos acidentes de trabalho, que teria sido “votada às pressas” por conta dos movimentos de 1917 e 1918, e a lei que passou a regulamentar as caixas de pensões e aposentadoria de ferroviários. Segundo os comunistas, havia isso “E... mais nada”. No mais, havia sido constituída uma comissão chamada de “Legislação social”, mas que não funcionava há cinco anos, limitando-se a “Estudar a questão”.²²⁷

No último parágrafo, a CCE escreve sobre a criação do Conselho Nacional do Trabalho. Órgão governamental consultivo e conciliador arbitral relativo aos conflitos entre capital e trabalho. Apesar de prever representação operária e patronal, a CCE ressalta que todos os membros eram indicados pelo governo, inclusive as representações operárias.

Por fim, ressalta-se o fato de o presidente do Conselho Nacional do Trabalho, naquele momento, ser um membro do Supremo Tribunal Federal, “católico praticante, presidente da Liga de Defesa Nacional”. Fato que, segundo o partido, era suficiente para

²²⁵ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p. 5. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ). Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²²⁶ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018, p. 5.

²²⁷ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p. 5. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018, p. 5.

“poder calcular o caráter orgânico e funcional desse famoso Conselho Nacional do Trabalho”.²²⁸

No capítulo, a CCE buscava ainda mostrar à IC as condições precárias e a dominação burguesa por sobre os trabalhadores brasileiros. Ao longo da argumentação, demonstra-se conhecimento sobre o complexo industrial, sobre a estrutura ferroviária – então principal meio de transporte do país – e sobre as principais categorias de trabalhadores do campo e da cidade. Certamente que a concisão e a segurança daqueles escritos ofereciam à IC um panorama inédito sobre a situação do Brasil, realçando a capacidade intelectual do partido e o alcance de sua interpretação. Seu conhecimento sobre a realidade social e jurídica dos trabalhadores brasileiros somava pontos a seu favor diante da III Internacional.

Aprofundando a abordagem, segue o capítulo: “3 - A ORGANIZAÇÃO E O MOVIMENTO OPERÁRIO NO BRASIL”. Neste tópico, os argumentos são estruturados segundo a seguinte ordem de temas: “Primórdios”, “1904-1906”, “Durante a guerra”, “O despertar de 1917” e “Período de transição”. Depois é apresentado um tópico de porte de um capítulo, intitulado “Estado atual da organização sindical revolucionária”, que por sua vez é dividido nos subtópicos “As organizações Corporativas”, “As Ligas mistas das Pequenas cidades”, “Camponeses”, “A CSCB”, “Relações Internacionais”, “Partidos Socialistas” e “Congresso de tecelões”. A variedade de temas os quais a CCE se põe a analisar dão pistas da quantidade de informações e de como estas avançariam ainda acerca da então situação da classe trabalhadora brasileira.²²⁹

Em “Primórdios” e depois em “1904-1906”, a CCE faz um breve histórico da classe operária, afirmando inicialmente que sua organização teve início nos primeiros anos da república, sob a direção de “elementos da pequena burguesia liberal” e, por isso, nada tinha de revolucionária, seguindo a legalidade e os limites corporativos. Situação alterada a partir de 1906, com a realização do 1º Congresso Operário Brasileiros, no Rio de Janeiro. Segundo o partido, naquele momento, tomava corpo uma

²²⁸ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p. 5. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²²⁹ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p. 5. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018. Deixaremos os títulos em caixa alta, como consta no original.

vanguarda revolucionária que passava a exercer sua influência por sobre a organização sindical de várias categorias, notadamente do ramo da construção civil, além de sapateiros, alfaiates, padeiros, canteiros, marmoristas, marceneiros, tecelões e etc. Sua principal base ideológica era o anarco-sindicalismo, que durante muitos anos foi influente para as normas de organização e orientação dessa categorias. São citadas a aplicação das resoluções do Congresso, com destaque à fundação da Confederação Operária Brasileira, em 1908, reunindo 8 sindicatos do Rio, 8 sindicatos da Bahia, 12 de São Paulo, 3 ou 4 de Santos, além de um número indeterminado de sindicatos do Rio Grande do Sul e de Alagoas e de extintas ligas locais do estado de São Paulo.

Segundo a CCE, a COB atuou durante um curto espaço de tempo e acabou descontinuada no ano de 1909. Três anos depois, a instituição foi retomada após a convocação do 2º Congresso Operário que, realizado em setembro do ano seguinte, contou com a participação de 117 delegados, representando aproximadamente “60 associações operárias do Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Alagoas etc”.²³⁰ Segundo o documento, o evento teve uma ampla repercussão na opinião pública, mas não avançou para além dos objetivos traçados em sua fundação. No final, a CCE escreve que a COB acabou fortalecida após o 2º Congresso, chegando a confederar 70 sindicatos de ofício do Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Alagoas, Pará, Amazonas. No entanto, eles concluem que a COB teve uma atuação “igualmente efêmera nessa segunda fase”. Após o ardor do 2º Congresso, a COB “se foi lentamente apagando”, quando instaurou-se um “longo período de depressão e apatia, em parte despertado apenas pela catástrofe da Guerra Mundial”.²³¹

No tópico “Durante a guerra”, afirma-se que, entre 1914 e 1915, militantes anarquistas, principalmente do Rio, realizaram diversas atividades contra a guerra, resultando num *meeting*, em 1º de maio de 1915, onde foi produzido e publicado um longo manifesto – documento seguia anexado ao Relatório - além da consecução de um congresso anarquista. Conclaves que, segundo eles, “nada de prático resolveram”, mas que valeram como afirmação do internacionalismo proletário, uma vez que foram

²³⁰ RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro, p.6. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²³¹ RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro, p.6. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

convocados internacionalmente e contaram com a presença de dois delegados representando as organizações anarco-sindicalistas e anarquistas da Argentina e do Uruguai, além da adesão de agrupamentos da Espanha e de Portugal que se fizeram representar delegando poderes a alguns militantes residentes no Brasil.

No último parágrafo do tópico, a CCE afirma que os dois anos seguintes foram de “completa letargia para o movimento nacional”. Letargia que teria sido extirpada com o “O despertar de 1917”, que dá título ao tópico seguinte, que inicia apresentado “um movimento espontâneo de massas”, ocorrido em São Paulo naquele ano. Apesar de os operários terem “dominado a cidade por dois ou três dias”, de acordo com o documento, a derrota não tardou em chegar na forma de uma “brutal repressão policial”, após um “recoo estratégico da burguesia, tomada de pânico no primeiro momento”.²³²

Apesar de “inorgânico” e duramente reprimido pela polícia, a CCE considera que a sua repercussão foi “enorme em todo o país”, iniciando “a fase de mais vasta e mais profunda agitação porque passou o proletariado do Brasil”.²³³ Neste contexto teria crescido rapidamente a organização sindical em vários estados do Brasil, com destaque para o Rio, São Paulo, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Esse período de organização seguiu até 1920, sendo também “fermentado pela influência da Revolução Russa” e dos acontecimentos arrolados após a assinatura do armistício.

Em seguida, é citada uma tentativa de rebelião proletária, dirigida pelos anarquistas, ocorrida em novembro de 1918, da qual Astrojildo Pereira e Brandão participaram e pela qual Astrojildo foi preso, cujo fracasso teria resultado no “maior processo policial-judiciário” da história dos trabalhadores brasileiros. Mais de 50 trabalhadores teriam sido presos, ficando detidos por cinco meses na cadeia.

As atividades de 1º de maio de 1919²³⁴ são citadas, com destaque para o Rio, onde 60 mil trabalhadores desfilaram pelo centro da cidade, dando vivas à Revolução

²³² *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²³³ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²³⁴ Sobre a greve de 1919, ver: CASTELUCCI, Aldrin. *Trabalhadores, máquina política e eleições na Primeira República*. Tese de doutorado, PPGH, UFBA, 2008; FONTES, José Raimundo. *Manifestações operárias na Bahia. O Movimento Grevista 1888-1930*. Dissertação de mestrado, Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, 1982.

Russa e cantando a “Internacional”. As atividades operárias em Pernambuco e na Bahia são citadas em seguida, onde os operários teriam paralisado quase que totalmente o trabalho. Efervescência que teria obrigado a burguesia a sancionar leis exigidas pelo movimento operário, a exemplo da lei de acidentes de trabalho, de aumento de salário e de regulamentação de oito horas diárias de trabalho. Por outro lado, o governo de Epitácio Pessoa teria saído em defesa da burguesia, instaurando uma reação severa, com “prisões, espancamentos, deportações, assalto às redes”.²³⁵

Segundo a CCE, o último grande movimento desse período foi a greve dos ferroviários da Leopoldina Railway, apoiado por uma tentativa de greve geral no Rio. Após o esmagamento da greve em nova intervenção do Estado, acentuou-se o declínio no movimento operário. Teria havido uma “debacle geral”, com a perda de várias conquistas. No entanto, a conclusão é que aquelas derrotas foram experiências dolorosas, mas “que muito veio a ensinar à vanguarda consciente”. Diante do “desengano das táticas de luta até então adotadas e à conseqüente procura de caminho mais consentâneo com as possibilidades e necessidades do proletariado”, o passo seguinte não poderia ser outro a não ser a fundação de um partido comunista, como consta nas primeiras linhas do tópico seguinte, intitulado: “Período de Transição”.

Ao lado da Revolução Russa, a experiência de luta proletariado teriam levado os “melhores militantes do movimento anarco-sindicalista” definitivamente ao comunismo, durante um período de transição que durou até 1921. Ano em que se formou o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, aquele que seria o “núcleo central do futuro Partido Comunista”. Transição caracterizada pela “deserção das massas sindicais e pelas polêmicas escritas e orais entre os militantes”. Essa transição estaria evidente na declaração de princípios aprovada no 3º Congresso Operário, realizado em 1920. Segundo a CCE, a declaração: “já denotava, embora ainda em termos um tanto nebulosos ditados por uma vaga aspiração de ‘justiça’, um vivo sentimento de luta de classes como base de toda organização de combate do proletariado.”²³⁶

²³⁵ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p. 7. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²³⁶ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.7. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

Assim, segundo os comunistas brasileiros, em 1921 a passagem ao comunismo estaria em curso no seio da classe trabalhadora brasileira. Não por acaso, uma resolução aprovada no 3º Congresso ia também nesse sentido, tornando pública a sua simpatia à “Terceira Internacional de Moscou, cujos princípios gerais correspondem verdadeiramente às aspirações de liberdade e igualdade dos trabalhadores do mundo”.

Apesar dos anos seguintes terem sido de “depressão e desânimo”, onde dos sindicatos mais fortes teriam restado somente “os esqueletos” e os mais fracos desapareceram, o ano de 1923 marcava um “novo despertar”, mais lento, porém “mais seguro, mais experimentado...”. Nesse trecho, a CCE referia-se ao momento atual, onde haveria um crescendo na atuação sindical revolucionária, o que servia de introdução ao tema do tópico seguinte: “Estado atual da organização sindical revolucionária”, que pela elevada quantidade de seções e de informações, tem o porte proporcional de um capítulo.²³⁷

No tópico, o partido descreve em detalhes a situação dos sindicatos considerados “revolucionários” no Brasil, a começar pelo Rio de Janeiro. São apontados com destaque os sindicatos dirigidos pelos comunistas, como era o caso dos sindicatos dos padeiros e marmoristas, respectivamente com 1.600 e 450 membros. Outras categorias, como os marmoristas, canteiros e marceneiros estariam tendendo a abandonar o anarquismo e aderir definitivamente ao comunismo. Para a CCE, os 1.500 membros da Federação Operária (construção civil, garçons, cozinheiros, sapateiros, tranceiros e confeitores), outrora forte e combativos, estariam “na mais desastrosa decadência”, onde uma pequena minoria comunista era “asperamente combatida”.

A situação das organizações autônomas, como era o caso do Centro Cosmopolita, é detalhada, destacando-se a direção comunista entre os gráficos e vassoureiros. Em seguida, é apresentada a situação nos estados. Em Pernambuco, a influência comunista se desenvolvia; na Bahia, a situação dos sindicatos revolucionários era de “decadência completa”, havendo apenas “alguns operários simpatizantes”, provavelmente em referência ao operariado do fumo, no recôncavo, que já havia

²³⁷ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.7. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018, p.7

demonstrado publicamente sua simpatia à Revolução Russa, ao menos, desde 1921²³⁸, e que em 1925 organizaria o primeiro comitê do PC no estado. São apresentados detalhes sobre a organização sindical de São Paulo, onde havia “decadência geral, exceto os gráficos”, liderados por membro do PCB; Rio Grande do Sul, “em igual decadência”, onde o Centro Comunista local não exercia influência, apesar de sua “antiguidade”. E, por fim, a “decadência” era geral no restante dos estados.²³⁹

O partido teria alguma influência entre as organizações corporativas, porém, nenhuma força entre as ligas mistas das pequenas cidades, nem entre os camponeses. Já quanto à Confederação Cooperativista Sindicalista Brasileira, a CSCB - que teria algum nível de organização e de luta- estaria realizando um “movimento para a esquerda, tendo mesmo seu chefe procurado aproximar-se dos comunistas”. Sobre este assunto, a CCE informava que, em breve, enviaria um “relatório especial detalhado, com informações mais minuciosas e precisas”. No final do capítulo, a CCE escreve sobre as “Relações Internacionais” das organizações sindicais brasileiras, que, segundo eles, só iniciaram esse nível de contato recentemente, com a ISV, através da ação do PCB.

Em seguida, constam breves linhas no tópico “Partidos Socialistas”, mapeando as “tentativas renovadas mas sempre frustradas” de fundação de agremiações dessa natureza. Tentativas realizadas nos estados do Rio, Bahia e Pernambuco. Somente em São Paulo teria havido alguma atividade mais concreta, através da ação de um grupo de socialistas italianos, que chegou a publicar o diário socialista “Avanti”, mas que também não teria maior influência.

No penúltimo capítulo, intitulado “4 - IMPRENSA OPERÁRIA E REVOLUCIONÁRIA”, a CCE analisa brevemente a história e as características dos periódicos lançados por agrupamentos de diversas tendências políticas. Segundo o

²³⁸ Em 17 de dezembro de 1921, comissões operárias das cidade de São Félix, Cachoeira e Muritiba, publicaram suas reivindicações, dentre outras coisas, orientando a categoria quanto ao valor mínimo que deveriam cobrar no trabalho de beneficiamento do fumo, a regulamentação de 8 horas de trabalho e o horário de almoço. Denunciavam ainda quanto à desproporção entre quantidade de trabalho e o número de trabalhadores. Ao final, exortavam que a “Revolução abre o porvir, a exploração há de sucumbir”. Retomaremos essas questões quando analisarmos a origem do PCB na Bahia. *BOLETIM. O brado de alerta*. 17/12/1921. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 1. Сообщения печати о положении в Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30-10-2018.

²³⁹ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.8. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018, p.8.

partido, as publicações anarquistas²⁴⁰ predominavam no seio do movimento operário até 1918. Nos três anos seguintes, sob o impacto da Revolução Russa, as publicações operárias teriam passado ao anarco-bolchevismo²⁴¹. Mudança que representaria a “fase de transição” do anarquismo ao comunismo atravessada pela classe trabalhadora.

É rapidamente citada a influência de periódicos anarquistas originários de países europeus e da literatura revolucionária traduzida para o português.²⁴² Em seguida, o foco da abordagem é a imprensa comunista. A CCE afirma que em 1922, no Rio, o Grupo Comunista deu início à publicação de “uma pequena revista mensal”: o *Movimento Comunista*. Esta publicação marcava o rompimento definitivo com o anarquismo, sendo, por isso, a primeira publicação unicamente comunista do Brasil. Com a fundação do PCB, o “Movimento Comunista” passou a ser editado como órgão oficial do partido.

Apesar das adversidades financeiras e técnicas, somadas ao estado de sítio decretado no país, a CCE alega que a revista não falhou em seu objetivo de fomentar uma “consciência comunista”, contribuindo à formação política, inclusive, do núcleo central dirigente do partido.

Após citar os efeitos das medidas repressivas à edição da revista, a CCE assegurava estar pensando na proposta da carta²⁴³ do CEIC, de 1º de julho, que sugeria a criação de um jornal voltado aos problemas cotidianos da classe trabalhadora. Ou seja, a CCE aproveita o ensejo para mostrar que havia dado encaminhamento às críticas e as sugestões há poucos meses recebidas. Sugestões que resultaram na publicação do jornal *A Classe Operária*, como apontamos anteriormente.

²⁴⁰ Periódicos de natureza anarquista citados: “Terra Livre”, “Novo Rumo”, “A Lanterna”, “La Bataglia”, “Guerra social”, “A voz do trabalhador”, e “A Plebe”. “Spartacus”. *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²⁴¹ Publicações citadas: “A Plebe” e “Spartacus”.

²⁴² Países citados: Portugal, Espanha e Itália, além da literatura, livros e folhetos São citados as seguintes obras: “Evolução, Revolução e Ideal anarquista”, de E. Ré Clus; “O ABC do comunismo”, de Bukharin;

²⁴³ Nas palavras dos comunistas brasileiros, de acordo com as informações “contidas na carta do Executivo (1.7.923), a CCE está examinando as possibilidades de publicação, em breve, de um órgão mais popular, um semanário mais intimamente ligado ao movimento operário e, geral”. *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.10. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018, p.10.

A CCE afirma ainda que o partido controlava diversos órgãos de imprensa, das entidades corporativas, como era o caso do *O Solidariedade*, de Santos; *O Internacional*, de São Paulo; além do *Voz Cosmopolita*, publicado pelos empregados em hotéis, café e restaurantes do Rio de Janeiro; *O Alfaiate*, da União dos alfaiates, do Rio de Janeiro; e *O Panificador*, da União dos Empregados em Padarias, também da Capital Federal.

No último tópico do capítulo, intitulado “Seções operárias na imprensa burguesa”, a CCE analisa a origem e a natureza desse espaço “operário” nos jornais da imprensa burguesa. Aquilo se explicava pela “força quantitativa do proletariado”, bem como pela “pouca consciência” da “burguesia nacional incipiente”, que instintivamente tentava “desviar o proletariado do caminho revolucionário”. A última razão elencada era o interesse pela “caça aos niqueis” dos leitores operários.

Segundo a CCE, esses espaços, de um modo geral, mais causavam confusão do que auxiliavam a classe trabalhadora. Havia de tudo, desde a “verbiagem” anarquista, às palavras de operários religiosos, patriotas e “ordeiros”. Apesar de tudo, a CCE alega que se fazia necessário delas fazer uso, ainda que cauteloso, principalmente por conta da dificuldade provocada pelo estado de sítio, quando o partido carecia de uma publicação própria e precisava “fazer ouvida” a sua voz.²⁴⁴

No último e mais longo capítulo do relatório, intitulado “5 - O PARTIDO COMUNISTA DESDE SUA FUNDAÇÃO”, a CCE faz um balanço em detalhes das ações do PCB e o trabalho que estava sendo realizado naquele momento. Este que é o capítulo mais longo - formado por quinze tópicos e distribuídos em sete páginas - a CCE descreve a gênese, os conflitos e os objetivos do Partido Comunista.

“Antecedentes” é título do primeiro tópico. Nele, a CCE escreve sobre a gênese do Partido Comunista, apontando a União Maximalista, de Porto Alegre, como o mais antigo dos grupos comunistas organizados no Brasil, grupos que se espalhavam pelo país, oriundos das “camadas mais avançadas do proletariado”, até então adeptas do

²⁴⁴ Segundo a CCE: “Por vezes, no entanto, nós comunistas nos vimos forçados a servir-nos dessas ‘seções operárias’ para fazer ouvida nossa voz. É por exemplo o caso presente, quando não possuímos publicação própria e quando o estado de sítio nos amordaça. Fazemo-lo, todavia, debaixo de certa medida e nas condições que nos parecem favoráveis”. *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p. 11. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

anarquismo, mas que haviam mostrado simpatia desde o primeiro momento à Revolução Russa e à III Internacional.

A efervescência revolucionária teria levado à tentativa de criação de um “Partido Comunista”, em 1919. Partido que, segundo a CCE, deveria chamar-se partido “anarcossindicalista-bolchevista”, dada a multiplicidade ideológica de sua formação. Confusão representativa da transição ideológica em curso no seio da classe operária brasileira, também pressionada pelos acontecimentos internacionais. Após esta fase inicial, o desenrolar da Revolução Russa e a leitura direta de “literatura bolchevista”, lentamente teriam levado a um período onde “a ideologia caótica de então pouco a pouco se esclarecendo e firmando num sentido conscientemente comunista”.²⁴⁵

Ressaltando a importância do Grupo carioca, a CCE escreve que, em meados de 1921, reuniões gerais foram realizadas pelos camaradas do Rio, então “ganhos à causa da III Internacional”, para as quais foram convidados os mais “influentes militantes revolucionários do proletariado local”. Nessas reuniões foram debatidos temas referente ao comunismo, à luz dos acontecimentos na Rússia, “E após uma série de ardentes debates, as posições e atitudes se definiram: uma parte – a maior parte – se inclinava decididamente pelos bolchevistas e outra parte permanecia irredutivelmente apegada aos velhos dogmas libertários”. Após esta definição, “12 camaradas mais esclarecidos decidiram pela fundação do Grupo Comunista, destinado a propagar e defender, no Brasil, o programa da III Internacional”. Narrativa que aparece em outros documentos da época e que é novamente reproduzida, ligando o surgimento do Grupo Comunista do Rio à luta da classe trabalhadora brasileira.

A CCE afirma que o Grupo do Rio teria contatado “todos os centros proletários do Brasil”, divulgando seu programa e as 21 condições de admissão à IC, quando também decidiu pela criação de “um pequeno mensário da doutrina”, *Movimento Comunista*. Vê-se que o trecho apresenta ainda mais detalhes sobre as articulações precedentes à fundação do PCB, evidenciando o plano de ação do Grupo do Rio, que resultaria no surgimento de outros grupos em outras cidades (Recife, Juiz de Fora e, Cruzeiro, no estado de São Paulo), convertendo até mesmo a antiga União Maximalista

²⁴⁵ RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro, p.11. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

em um daqueles “grupos”. Ação que teria também sido apoiada por militantes conhecidos, porém, esparsos pelo país. Em resumo, ressalta-se o trabalho do Grupo Comunista do Rio como elemento primordial para a criação de uma base de militantes, que teria saltado dos 12 aos 70 membros em pouco tempo.

No tópico intitulado “O Congresso constitutivo do PC”, a CCE escreve que em janeiro de 1922, o Grupo Comunista de Porto Alegre foi contatado pelo Partido Comunista Uruguaio. Solicitava-se o envio de um “representante a Montevideú”, para reunir-se com o Bureau da IC para a América do Sul, sabe-se que se tratava de Abílio de Nequete, apesar de seu nome não ter sido diretamente citado. Nessa reunião, o representante brasileiro teria sido incumbido “de promover um congresso de delegados dos grupos do Brasil afim de ficar definitivamente constituída a seção brasileira da IC”.²⁴⁶ Reafirmava-se a narrativa sobre a contribuição da IC para a constituição do PCB, ressaltando-se também o trabalho que os comunistas brasileiros realizaram para fundar o partido.

Segundo o documento, ao retornar de Montevideú, o representante teria sido enviado pelo Grupo de Porto Alegre ao Rio, “a entender-se com os camaradas da Capital da República”, uma vez que era necessário fundar o PCB por conta da vindoura realização do IV Congresso da IC. Sobre este processo, afirma-se: “Neste sentido um trabalho ativo foi iniciado pelo G.C. do Rio de Janeiro juntamente com o delegado de Porto Alegre” que, juntos, decidiram todos os detalhes para a realização do Congresso.²⁴⁷ Neste trecho é mais uma vez repetido como se deu a articulação entre o “representante” do GC do Rio Grande do Sul, Abílio de Nequete, e o GC do Rio de Janeiro.

Em seguida são apresentados detalhes acerca do congresso de fundação do PCB: o número de delegados presentes, a ordem de assuntos debatidos, o debate sobre o estatuto do partido, as eleições à CCE e as medidas para ampliação do Comitê de

²⁴⁶ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p. 11-2. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018, p.11-12. Grifos nossos. Abílio de Nequete, naquele momento afastado e combatendo os dirigentes do Rio, não é citado como o representante enviado ao Uruguai. O seu nome só aparece quando a CCE informa o nome do quadro de dirigentes eleitos no congresso de fundação do PCB.

²⁴⁷ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p. 12. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018, p. 12.

Socorro.²⁴⁸ As moções enviadas foram citadas, seguidas do destaque pelo recebimento de uma mensagem congratulatória do Bureau Político da IC para a América do Sul.

Nos tópicos “O Trabalho doutrinário” e “Propaganda, recrutamento e organização” são apresentadas informações sobre o trabalho de formação de militantes que estava sendo realizado pelo partido. Destacava-se o trabalho dos comunistas na capital federal e os problemas de comunicação com os outros centros espalhados por um país de dimensões continentais, como o Brasil. Por fim, a CCE confessava que este trabalho havia sido desenvolvido apesar de seu quase total desconhecimento acerca das técnicas de organização. “Tivemos de inventar tudo”²⁴⁹, desabafou a CCE à Internacional. Todo o trabalho em curso teria sido interdito com o estado de sítio, decretado por conta dos levantes militares de 5 de julho. Em “Reação e repressão”, a CCE escreve que, naquela ocasião, a sede do partido no Rio havia sido atacada pela polícia, militantes acabaram detidos e houve a apreensão de uma grande quantidade de materiais administrativos e de propaganda. Entre 21 e 23 de maio, foram presos vários membros da CCE, como o Secretário Geral - Abílio de Nequete -, Antonio Canellas, Secretário Internacional e Otávio Brandão.²⁵⁰

Assalto que teria também sido perpetrado aos centros comunistas de Recife, São Paulo, Santos, Cubatão. Desses episódios, a CCE concluía que o pior de tudo aquilo era o arbítrio dos agentes policiais no cumprimento das ordens, uma vez que de nada valia a lei.²⁵¹ A CCE informava que o saldo havia sido prisão indiscriminada de comunistas, a invasão de seus domicílios, sob a acusação, repercutida por toda a imprensa, de que havia no Brasil um suposto “complot bolchevista!”, organizado por “agitadores estrangeiros!”, que seguiam “ordens de Moscou!”.

²⁴⁸ Comitê de Socorro aos Flagelados do Volga. Organização fundada em 1921.

²⁴⁹ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.13. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018, p. 13. Grifo no original.

²⁵⁰ Segundo o documento, Abílio de Nequete teria deixado a Capital Federal e partido a Porto Alegre por conta da prisão e da situação de semilegalidade imposta aos comunistas. Diferentemente do que ele alegara na carta enviada ao CEIC. Já a prisão de Otávio Brandão teria sido justificada por sua suposta participação numa greve promovida por marinheiros que visava “derrubar o governo burguês”.

²⁵¹ Segundo a CCE: “É o arbítrio e são os humores da autoridade policial que decidem, sem absolutamente se levarem em conta os limites traçados pela lei. A lei é coisa literalmente morta, no Brasil, quando se trata de perseguir revolucionários”. *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.13. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018,

Nessas operações policiais, o arquivo do PCB e o depósito da livraria acabaram apreendidos, era o que dizia o documento. Também, diversos membros foram encarcerados e o periódico *Movimento Comunista* teve a sua publicação suspensa. Tudo isso teria ocorrido “Sem processo, nem coisa alguma”, o que, segundo a CCE, tornaria fácil à IC “compreender como tais crises de estupidez policial perturbam nosso trabalho normal de propaganda e de organização”. Assim, a CCE buscava convencer a IC de que a perseguição policial sofrida pelo partido afetava o trabalho político-administrativo, o que, em tese, ajudaria a explicar o seu discreto crescimento numérico – como veremos abaixo - e a morosidade no envio de informações sobre o partido e sobre o país.²⁵²

Foi também a partir do estado político anormal que a CCE detalhou à IC a situação de seus “aderentes” e quanto ao trabalho realizado nos sindicatos. No tópico “Nossos Efetivos”, a direção pecebista atribuiu as dificuldades na obtenção de dados exatos sobre o número de filiados à repressão resultante do estado de sítio. Aquela “vida anormal” não teria permitido “ainda cuidar com precisa meticulosidade do registro de filiados do nosso partido”.²⁵³ Apesar disso, admitia-se que o PCB possuía ainda um número pequeno de membros, não ultrapassando a marca de 300, segundo seus registros oficiais.²⁵⁴

Sem referir-se diretamente à situação política adversa, a CCE detalha as ações e os planos do partido para o campo sindical em “Núcleos sindicais”. Trabalho atribuído ao operário vassoureiro Luiz Peres. Sob a sua direção foram organizados núcleos sindicais no Rio, com destaque à atuação por entre trabalhadores de hotéis e restaurantes, reunidos no Centro Cosmopolita e junto a padeiros e alfaiates. A influência comunista predominava no seio dessas categorias. Já entre sapateiros e trabalhadores da

²⁵² *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.14. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²⁵³ A CCE escreveu o seguinte à IC: “À data de nosso 1º congresso contávamos (março de 1922) 123 aderentes divididos por 8 grupos: Rio, S. Paulo, Cruzeiro, Santos, Porto Alegre, Recife, Niterói, Juiz Fora. Constituído o PC, outros grupos ou centros foram se constituindo: em Cubatão, Ribeirão Preto, Engenheiro Brodowiky, Petrópolis. Em troca o de Cruzeiro desapareceu e o de Juiz de Fora ficou reduzido a apenas 3 camaradas. Como quer que seja, o número de nossos aderentes, atualmente, pelas notas que temos, pode ser calculada seguramente num mínimo de 300, sendo que cerca da metade desse número só no Rio e Niterói”. *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.14. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²⁵⁴ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.14. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

construção civil, uma minoria comunista estaria numa “guerra de morte” contra anarquistas.

A Comissão Central Sindical, a CCS, então ligada à Internacional Sindical Vermelha, a ISV, estaria funcionando com alguma normalidade, apesar da situação adversa. A CCS estava promovendo a criação de novos núcleos e coordenando os existentes.²⁵⁵ Apesar dos avanços alegados, admitia-se que o PCB ainda não havia conseguido um resultado a contento nos estados, exceto em Recife, onde afirmava que “alguma coisa se havia feito já”.²⁵⁶

A CCE esforçava-se em mostrar a força do PCB frente à classe operária. Assim, ela não hesitou em informar à IC que cogitava promover uma ligação direta entre os sindicatos sob sua influência e a ISV. Questão que esperava estar resolvida até a realização do III Congresso da ISV.

No tópico seguinte, intitulado “Imprensa e edições”, a CCE apresenta detalhes acerca de suas publicações, apontando sucessos e fracassos a partir do número de edições que vieram a público, total de tiragem e de assinantes²⁵⁷. Trabalho que acabou prejudicado pelas ações da polícia em repressão desencadeada pelo estado de sítio. Segundo a CCE, o prejuízo incluía as edições de “algumas centenas de livros e brochuras editadas no Uruguai e na Argentina; de Lenin, Trotski, Hadek, resoluções do

²⁵⁵ Segundo a CCE: “A Comissão Central Sindical(CCS) do PC, que se acha em ligação direta com a ISV, tem funcionado com a possível normalidade, cuidando da direção e coordenação do trabalho dos núcleos existentes, promovendo a organização de novos núcleos (nos Cocheiros e Carroceiros, nos Marítimos, nos marceneiros, em alguns sindicatos marítimos), bem como entrando em relações diretas com as comissões administrativas dos centros de São Paulo, Recife, Santos, Porto Alegre, no sentido de se criarem, nessas cidades, subcomissões sindicais encarregadas do trabalho nos sindicatos”. *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.14. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²⁵⁶ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.14. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²⁵⁷ O seguintes dados são apresentados: A tiragem de 1.800 exemplares de “Movimento comunista”, seus 24 números, com uma tiragem total de 36 mil exemplares, publicados entre janeiro de 1922 e junho de 1923. As tentativas malogradas teriam sido os periódicos “Era Nova”, em Santos, “O Comunista”, em Recife e “A Chama”, em Porto Alegre. São apresentados dados sobre a publicação dos seguintes livros e folhetos: “Doutrina contra doutrina”, de Cristiano cordeiro; “Programa Comunista” e “O Comunismo científico e anarquismo”, ambos de Bukharin; “o Fascismo”, reprodução do discurso de Bordiga; “A Rússia Libertadora”, de Otávio Brandão; entre outras que estavam no prelo, mas que acabaram impedidas de vir a público por conta da intervenção policial. *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p. 15. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

III Congresso da IC”, enviadas ao PCB pelo Bureau da IC para a América do Sul. Envio que teria ocorrido no imediato momento de fundação do partido, em março de 1922.²⁵⁸

Estas publicações estavam ligadas aos cursos de formação promovidos pelo partido através da “Comissão de Educação e Cultura”, título do tópico seguinte. Criada em abril de 1923 e dirigida por Otávio Brandão, aquela comissão havia estabelecido programas específicos para “as massas em geral” e para os militantes. O trabalho acabou também interdito pela ação policial. Intervenção que teria ocorrido no curso “marxismo e a Revolução Russa”, realizada na União dos Alfaiates, impedindo as “leituras comentadas”, que estavam projetadas para acontecer na sede dos cocheiros e carroceiros.

No tópico “Relações Internacionais”, a CCE confessava ser ainda insuficiente e inconstante a relação do PCB com o movimento comunista internacional. A distância à Europa e para os demais países da América Latina seria um fator decisivo àquela situação. Apesar desse empecilho, haviam sido estabelecido contatos com os partidos comunistas do Uruguai, da Argentina, da França, Alemanha e Portugal.

No tópico seguinte, intitulado “Delegação ao IV Congresso da IC”, a CCE aproveita para tentar minimizar o fracasso ocorrido no evento, argumentando que Antônio Canellas teria sido escolhido para representar o PCB no IV Congresso por uma questão financeira. O recém fundado partido não possuiria recursos para enviar um delegado e, por isso, acabou designando Canellas que se encontrava na França. Este, no entanto, não teria representado o verdadeiro “pensamento” do PCB em Moscou, razão pela qual a delegação teria obtido um “mau desempenho”, no Congresso. Além disso, o relatório por ele produzido sobre a atuação da delegação no evento foi, segundo a CCE, uma decepção.

A abordagem sobre a participação de Canellas no IV Congresso da IC reintroduzia problemas internos do PCB. Problemas que já haviam chegado ao conhecimento da Internacional por escrito. Além de Nequete e do tesoureiro, Cruz Junior, Canellas estava entre os principais problemas do partido naquele momento.

²⁵⁸ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.14. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018

Segundo o tópico intitulado “Conflitos Internos”, a CCE se propôs a relatar “os casos graves internos surgidos no seio do partido e a maneira como a CCE os liquidou”.

O primeiro caso foi a exclusão do tesoureiro Cruz Júnior por abandono do cargo, logo nos primeiros meses de atividade do PCB. O segundo caso tratava da expulsão de Abílio de Nequete. A CCE argumentava que a sua partida para Porto Alegre causou uma “má impressão moral”.²⁵⁹ Apesar de considerar razoáveis as questões de ordem econômica por ele alegadas – o que reafirmava as queixas do Secretário Geral às promessas não cumpridas por aqueles que chamou de “influentes do Rio”²⁶⁰ – a CCE deixava claro que, na verdade, ele havia fugido por conta do estado de “semi ilegalidade” atribuído ao PCB que, dentre outras coisas, havia resultado no assalto policial à sede do partido.

A CCE afirmava que: “Devido à atitude de Nequete em relação aos camaradas do Rio, de onde fugira na hora do perigo” e uma série de mal entendidos por ele provocados, entre o Centro de Porto Alegre e o Centro do partido, o Secretário Geral optando por demitir-se. Processo realizado em parceria entre ambos os centros e que teria desfeito “os mal entendidos entre o Rio e Porto Alegre” e que poderia ser conferido pelo documento produzido pelos comunistas gaúchos, anexado ao Relatório.

Nessas linhas, a CCE reafirmava à IC a demissão de Abílio de Nequete das fileiras partidárias. Ratificava-se ali o que já havia sido sinalizado em correspondências anteriores: a expulsão do Secretário Geral das fileiras do Partido Comunista do Brasil.

Após informar o trâmite que havia levado à expulsão de Abílio de Nequete, a CCE buscou explicar à IC as razões que haviam levado à suspensão de Antônio Canellas, então Secretário Internacional do PCB. O problema girava em torno de discordâncias sobre o conteúdo do relatório produzido por Canellas, que versava a sua participação no IV Congresso da IC, em novembro de 1922. Segundo a CCE, o relatório estava em total desacordo com a opinião da direção partidária. Os argumentos de

²⁵⁹ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.16. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²⁶⁰ Abílio de Nequete havia se queixado ao CEIC, acusando membros do Rio de não terem cumprido as promessas de auxílio financeiro. Segundo Nequete, “os influentes” do Rio não cumpriram a promessa de conseguir o recurso correspondente ao que ele havia recebido de Alexandrovsky e do Centro de Porto Alegre. Questão que abordamos neste capítulo. *Ao Comitê Executivo da IC*. 10/5/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 11 de novembro de 2018.

Canellas em sua defesa teriam causado “acalorados e longos debates” e revelado que o membro era “refratário ao espírito comunista”. Esse aumento de tom teria levado a CCE a desaprovar, em reunião ampliada, a atitude do delegado no IV Congresso da IC.

A insubmissão e os erros de Canellas não teriam parado por aí. A CCE afirma que, por conta da sua imprudência, a polícia acabou prendendo-o e encontrando a “indicação secreta” do arquivo do partido, o que teria levado à apreensão da documentação de todo o material e à perseguição perpetrada contra os membros. Segundo o documento, mesmo preso, Canellas teria “articulado uma série de acusações à CCE”, algumas até “infamantes e todas de modo mais inconveniente e comprometedor”, apesar de a direção partidária ter prestado toda assistência possível diante daquelas circunstâncias. Em resposta a essas atitudes, a CCE resolveu de suspender Canellas das atividades partidárias até a realização do II Congresso do PCB, onde o seu destino seria decidido em última instância. Decisão motivada pela gravidade do caso em si e pelo objetivo de informar também às bases as consequências das atitudes de Canellas.²⁶¹

Finalizado o caso Canellas, a CCE escreve o tópico “Juventude e mulheres”. Sem rodeios, os comunistas confessam que, até aquele momento, nada havia sido possível fazer para recrutar jovens e militantes do sexo feminino para o partido. Havia, no entanto, a sinalização de que um jovem militante teria recebido a tarefa de organizar a Juventude Comunista, estimando-se a sua fundação para o ano seguinte, certamente referindo-se a Leôncio Basbaum, que recebera esta tarefa. E quanto ao trabalho junto às mulheres, a CCE buscava justificar a sua inação argumentando que o principal empecilho era a condição social feminina, “das mais atrasadas”, sem apresentar mais detalhes de como alegada condição social teria impedido o trabalho do PCB. Até porque, no mesmo parágrafo, a direção escreve que o contingente de mulheres operárias era alto e a sua exploração era ainda mais aguda que a dos homens, evidenciando algum conhecimento da situação.

Confessando ser possível a realização de um trabalho entre as mulheres, a CCE escreve que faltava “suscitar as condições subjetivas”. Em suma, admitia-se

²⁶¹ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro.* 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018, p.17.

implicitamente que a inexistência de militantes mulheres nas fileiras partidárias resultava do pouco empenho em tentar organizar o operariado feminino no partido, que teria sido influenciado pelo cenário político de repressão policial e política do país.

Concluindo o Relatório com o tópico “Perspectivas”, a CCE faz uma projeção sobre a esperada aceitação na IC, argumentando em seu favor, tendo por base a atuação do PCB diante dos ásperos tempos vividos em entre março de 1922 e setembro de 1923. Inicialmente é lembrado que, apesar dos breves 18 meses de fundação, o PCB teria reunido experiência suficiente para solidificar as suas bases político-administrativas.²⁶² A CCE não hesita em afirmar que o “jovem PC” – termo com o qual a CCE carinhosamente se referia ao partido – possuía, já naquele momento, uma estrutura homogênea, capaz de atuar com autonomia e firmeza. O seu núcleo central de militantes estaria ligado pelo “mais íntimo espírito de solidariedade material e moral, fruto das mesmas lutas sustentadas e sofridas em comum”. Afirmação que, além de valorizar o trabalho da direção partidária diante da repressão política, minimizava os conflitos internos apresentados.

A CCE assegurava que o “Jovem PC”, então dirigido por aquele núcleo de militantes, estava sendo incansavelmente trabalhado para tomar forma de um verdadeiro partido revolucionário e para tornar-se a “eficiente e autorizada Seção Brasileira da Internacional Comunista”.

Nas últimas linhas, a CCE confessa esperar por melhores condições políticas no plano nacional e mundial para poder oferecer perspectivas mais alentadoras. Se neste trecho a direção do PCB reiterava os efeitos retardatários da repressão política, por outro lado, ela afirmava que, independentemente da situação, o PC estaria destinado a liderar a luta da classe trabalhadora. Esta posição de vanguarda iniciaria a “segunda etapa” de seu desenvolvimento, onde adotaria uma “larga política de massas, traçada a um tempo com amplidão de vistas e firmeza de direção”. A CCE finaliza seu Relatório

²⁶² Segundo a CCE: “Devemos notar, desde log, que temos adquirido, nestes 18 primeiros meses de atividade, uma soma apreciável de experiências, que esperamos venham a produzir os mais fecundos resultados. Atravessando, desde o seu início, um período de dificuldades de toda ordem, internas e externas, o esforço por vencer tais dificuldades muito há contribuído para cimentar as bases de nosso jovem PC, que aparece hoje, apesar de todas as deficiências, como um organismo homogêneo, com capacidade própria de firme e progressivo desenvolvimento”. *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018, p.17.

sinalizando o seu interesse em ampliar o seu raio de ação política, no entanto, sem descuidar-se do centralismo democrático e da hierarquia. Deixando evidente sua crença na liderança exercida pela III Internacional, que tinha como esteio a Revolução de 1917.

3. A linha de chegada se aproxima entre elogios, promessas e orientações

Após o “Relatório Geral”, o tom da IC se tornou cada vez mais acolhedor e simpático aos comunistas brasileiros. Não faltaram elogios à atuação e aos esforços do PCB em manter contato com a IC, seguidos de promessas de que estaria próxima como nunca a definitiva entrada do partido na elite revolucionária mundial.²⁶³

No mês seguinte, novembro, a correspondência entre o PCB e a Internacional manteve-se intensa. O partido recebeu cartas e circulares vindos da IC, quando também enviou carta informando o envio de relatórios diversos que versavam sobre vários temas.²⁶⁴ E em dezembro, a IC escreveu ao PCB e dentre outras coisas, elogiou o trabalho do partido por manter a regularidade no contato. A missiva, redigida em espanhol, confirmava o recebimento da correspondência e dos relatórios enviados em novembro, além do “gran informe sobre la situacion en general”, que foi enviado em outubro. O envio daqueles materiais mereceu o reconhecimento do CEIC, que não se furtou a elogiar a atuação dos comunistas brasileiros pelo trabalho realizado: “estamos

²⁶³ *Al CE del PC del Brasil*. 10/12/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 9. Письма ИККИ в ЦК КП Бразилии и переписка о КПБ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

²⁶⁴ Em 5 novembro uma nova correspondência em português, redigida por Otávio Brandão, foi enviada ao CEIC. Na missiva, o PCB informa o recebimento das circulares 1 e 2, além de uma cópia de uma carta da IC ao Partido Comunista do México. Nele ressalta-se a preferência em escrever em português, o que Otávio Brandão afirma não ser um problema para Alfred Stirner, reafirmando, em seguida, seu alinhamento junto à IC. Acusa a leitura das circulares 1 e 2 e da referida carta enviada ao Partido Comunista Mexicano e segue respondendo em tópicos. Segundo o documento, o PCB tinha enviado publicações para a sessão de informações da IC em Berlim, através de Max Liese. Afirma que irá traduzir e publicar a circular de 24 de outubro, informa quanto a soltura do último militante, F. Tumine, preso desde 22 de maio; comunica, também, que havia sido enviado um pequeno relatório sobre o desenvolvimento capitalista no Brasil e mais dois outros sobre os tecelões, além de um relatório extenso, escrito por Astrojildo Pereira, enviado a Rodolfo Coutinho que estava na Alemanha e deveria traduzi-lo para o alemão. O redator informa que os problemas oriundos da Lei de Imprensa tolhiam ainda mais a atuação do PCB. *Ao Comitê Executivo da IC*. 5/11/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 11 de novembro de 2018. Redigimos os nomes dos militante como consta na carta e não conseguimos maiores informações sobre eles.

agradecidos que realmente haceis todos los esfuerzos para estar em contacto continuo com nosotros”.²⁶⁵ Elogio que evidenciava um maior interesse da IC no PCB e que era um passo seguro em direção à efetiva admissão na primeira divisão do “Partido da revolução mundial”.

Não por acaso, na mesma missiva, a IC também solicitava que os comunistas brasileiros enviassem outros endereços de correspondência para o envio de cópias de materiais. Foi solicitado ainda o envio de correspondências para o seu bureau na Alemanha, ao invés de endereçá-las a Moscou. Constam detalhes sobre a chegada de Rodolfo Coutinho, com o qual formaram uma comissão responsável por tratar da definitiva adesão do PCB à Internacional e que resolveu produzir um documento amplo contendo as orientações sobre “la linea de conducta que vuestro partido debera seguir durante los próximos tiempos”. Em seguida, a IC afirma não duvidar que “se resolvera favorablemente la cuestion de la adesion definitiva a la IC”, deixando entrever que o trabalho realizado pelo PCB havia gerado frutos e que a admissão definitiva parecia uma questão de tempo.²⁶⁶

Em seguida, a IC, ressaltou a necessidade de os comunistas brasileiros realizarem um trabalho na legalidade, e no caso de algum impedimento, caberia buscar outra alternativa: não sendo possível publicar um jornal identificado como órgão do partido, que este viesse à público sem essa identificação. Sobre essas questões, o remetente diz que essas minucias serão aprofundadas em carta específica, “com mas amplitud”.

A IC orienta nos parágrafos seguintes que o PCB deveria sempre aproximar-se a outros partidos comunistas do continente e que àquela correspondência seguia em anexo um conjunto de resoluções e teses definidas na “primeira Conferência Internacional Campesina”. Teses traduzidas por Rodolfo Coutinho - que pleiteava a sua permanência por mais alguns meses em Moscou - e que serviriam para orientar o trabalho do partido entre as massas camponesas, o que nunca foi seguido. Material que

²⁶⁵ *Al CE del PC del Brasil*. 10/12/1923 RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 9. Письма ИККИ в ЦК КП Бразилии и переписка о КПБ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

²⁶⁶ BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo, Sundermann, 2014, p. 197. A “Bolchevização” representava a imposição da ideia de que a revolução só era possível se fosse feita ao modo dos bolcheviques, ou seja, estes eram os portadores da verdade revolucionária e que a Internacional era um partido único, centralizado, sem qualquer divergência. Desse modo, cabia às seções nacionais tão somente seguir as suas orientações para também chegar ao socialismo.

deveria ser publicado em jornais, exceto aqueles que tratavam dos métodos de ação do PCB, de restrita circulação interna.

Ao final, o remetente pede desculpas pelo seu domínio insuficiente da língua espanhola e reforça a necessidade do envio de novos endereços para futuras correspondências, solicitando também que o PCB não tardasse em confirmar se o endereço das correspondências estava funcionando a contento.

Após as saudações comunistas de praxe, a IC frisa numa nota de fim que, se Antônio Canellas trabalhar como um “soldado disciplinado”, não era interessante demiti-lo, evidenciando que até mesmo Canellas já havia sido retirado do limbo político em que se metera no IV Congresso, possivelmente porque o próprio PCB também de lá já havia sido retirado. Isso porque o partido havia superado as acusações que lhe haviam sido atribuídas a partir do comportamento de Canellas. Pelo contrário, o PCB mostrou organização e disciplina, mesmo diante da repressão implacável das forças públicas de segurança, dando os encaminhamentos devidos às orientações da IC.²⁶⁷

A intensa correspondência de 1923, mostra a natureza do contato estabelecido entre a IC e o PCB e como o caminho à elite revolucionária internacional foi pavimentado. Se era perceptível, por um lado, o interesse dos comunistas brasileiros em adequar-se aos métodos de trabalho da IC, por outro, esta foi sendo paulatinamente conquistada, de modo que, no período de menos de um ano já era tida como certa a admissão do PCB à Internacional, iniciando-se também um diálogo cada vez mais intenso sobre as características e a estratégia para a revolução brasileira. O Relatório geral sobre as atividades do partido brasileiro surtiu o efeito esperado por Astrojildo Pereira e pelos demais membros da CCE, convencendo que a Seção brasileira estava apta a ser admitida nas fileiras da III Internacional, o que não demorou de ocorrer, também por conta do parecer favorável de Rodolfo Ghioldi, mas essencialmente pela capacidade organizativa e política do PCB. Essa situação levou à formulação da tese da “Revolução democrático pequeno burguesa”, estratégia baseada na leitura sobre a política no Brasil e em diálogo com as teses da IC, oportunizando uma ação revolucionária consoante com táticas aliancistas e eleitorais, dando ossatura ao partido e

²⁶⁷ *Al CE del PC del Brasil*. 10/12/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 9. Письма ИККИ в ЦК КП Бразилии и переписка о КПБ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

tornando-o um personagem a ser considerado no cenário nacional de crise do poder oligárquico.

CAPÍTULO III

A CONSTRUÇÃO DA TEORIA DA “REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICO PEQUENO-BURGUESA”

Oficialmente, a ação desenvolvida pelo PCB durante a década teve origem no II Congresso do partido, realizado em maio de 1925 e foi pautada na teoria da “Revolução democrático pequeno burguesa”. No evento foram ratificadas as principais diretrizes orientadoras do trabalho político-revolucionário a ser desenvolvido os anos seguintes. Essas diretrizes basearam-se principalmente na obra de Otávio Brandão *Agrarismo e Industrialismo*, escrita como forma de intervenção no Congresso e publicada em 1926. Este trabalho é considerado o primeiro esforço de análise marxista-leninista sobre a realidade brasileira. Porém, antes do II Congresso, suas ideias principais já estavam sendo difundidas nos meios partidários e operários, constando em relatórios e informes de circulação interna e externa, de modo que o lançamento do livro de Brandão ratificou um ideário político que já era familiar aos membros do partido, uma vez que suas teses foram produzidas em simultaneidade aos levantes militares de 1924.²⁶⁸

A dissertação de Brandão foi produzida no calor dos acontecimentos e sob a rigorosa clandestinidade que se abateu sobre os comunistas após o levante militar de 1922. Suas teses possuem erros conceituais e equívocos teóricos, mas, ainda assim, tiveram sua importância para a ação do PCB.

O seu marco principal foi o movimento 1924, ocorrido em São Paulo, sucessor do levante do Forte de Copacabana. E foi com o objetivo de compreender o seu significado para a revolução brasileira que o dirigente comunista se debruçou em analisá-los, chegando à conclusão de que ambos movimentos estavam interligados e tinham caráter “nacional-revolucionário”, cabendo ao PCB intervir para transmutá-lo

²⁶⁸ BRANDÃO, Otávio. *Agrarismo e Industrialismo*. Ensaio marxista-leninista sobre a Revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil. 2ª edição, São Paulo: editora Anita Garibaldi, 2006. Exemplo da aparição das teses que viriam a ser publicadas por Brandão consta no documento “Apelo aos trabalhadores de todos os países” de 08 de outubro de 1924, que analisaremos neste capítulo. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 17. Резолюции, воззвания, газеты и бюллетени ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01 de novembro de 2018.

em “Revolução democrático pequeno burguesa”, antessala da revolução proletária propriamente dita.

Baseando-se nas teses de Brandão, o PCB identificava a existência da luta entre os imperialismos norte-americano e inglês no Brasil, que seria a contradição fundamental do país naquele momento: o conflito entre “capitalismo agrário semifeudal” - então representado pela hegemonia econômica dos fazendeiros de São Paulo e Minas Gerais – em oposição ao “capitalismo industrial”, representado pela burguesia industrial brasileira. Nesse embate, segundo Brandão, o capitalismo hegemônico no Brasil – por ele apontado como “agrário” e “semifeudal” – estava sendo auxiliado pelo imperialismo inglês, ao tempo em que o capitalismo industrial recebia o aporte do capital norte-americano. Diante dessa disputa, o Estado brasileiro seguia sob o domínio dos interesses agrários, estando, porém, sendo ameaçado pela ascensão dos setores industriais.

Em nível nacional, o “agrarismo” estava representado na hegemonia política e econômica dos estados de São Paulo e de Minas Gerais, o que, desde 1923, o PCB chamava de “Política do café”, como havia sido apontado na análise de conjuntura realizada naquele ano²⁶⁹. A política econômica praticada no executivo federal seria, desse modo, a simples continuidade dessa lógica: ela servia como instrumento de defesa deste conglomerado político-financeiro, sob a égide do imperialismo inglês, sob essa ótica, os estados de sítio e as intervenções federais faziam parte de uma “ditadura burguesa”, voltada à defesa do seu senhor, o “capitalismo semifeudal”, que estava sendo auxiliado pelo imperialismo inglês, através de vultuosos empréstimos para o cultivo do café, enquanto que o nascente capitalismo industrial estaria sendo fomentado no país pelo capital norte-americano.²⁷⁰

Na ótica do PCB, os imperialismos inglês e norte-americano disputavam então a “supremacia no mercado brasileiro”. Haveria então uma rivalidade entre os grandes industriais e os grandes fazendeiros de café e açúcar, que não queriam ver diminuídos seus lucros, concentrando capitais. Essa luta, entre outras coisas, estaria empobrecendo

²⁶⁹ No segundo capítulo foram analisadas as concepções do PCB sobre o que chamou de “Política do Café”. *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.1. 1/12/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

²⁷⁰ BRANDÃO, Otávio. *Agrarismo e Industrialismo*. Ensaio marxista-leninista sobre a Revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil. 2ª edição, São Paulo: editora Anita Garibaldi, 2006, p.26.

os pequenos proprietários, pequenos comerciantes, industriais e funcionários nos últimos dez anos. Fatores responsáveis por causar um processo de proletarização da pequena burguesia brasileira que, para resistir àquele processo de pauperização, postava-se politicamente contra o domínio agrário, ao tempo em que a sua “vanguarda”, lotada nas fileiras das Forças Armadas, optara por pegar em armas em levantes contra a opressão em curso no país.²⁷¹

Em sendo os levantes militares pequeno burgueses o resultado do choque interimperialista no Brasil, cabia ao PCB buscar apoiá-los taticamente estimulando à uma terceira revolta, encabeçando e conduzindo-o para a esquerda. O tenentismo era, aos olhos dos comunistas, um movimento “nacional-revolucionário” contra o imperialismo, cumprindo um papel de libertação nacional, que com a devida intervenção do partido, seria a antessala da revolução socialista.²⁷²

Tal concepção do PCB embasava-se também nas teses da Internacional, ainda que estas tenham tido como base países do Oriente. No II Congresso da IC, realizado em 1920 – evento que pode ser considerado como o alicerce político da Internacional²⁷³- demonstrou-se grande preocupação quanto aos países coloniais, semicoloniais e até mesmo para com os países politicamente independentes.²⁷⁴

No discurso de abertura, Lênin falou da necessidade de o Congresso ter como tarefa essencial definir os melhores parâmetros para organizar a ação revolucionária nesses países.²⁷⁵ No decorrer do evento, foram debatidas e aprovadas as teses de Lenin, com emendas de Manavendra Roy - comunista indiano e fundador do PC Mexicano - sobre a situação nacional e colonial, em especial na Índia, mas que serviria de orientação a todos os países onde predominassem instituições feudais e patriarcais no

²⁷¹ BRANDÃO, Otávio. *Agrarismo e Industrialismo*. Ensaio marxista-leninista sobre a Revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil. 2ª edição, São Paulo: editora Anita Garibaldi, 2006, p.26.

²⁷² Z Aidan Filho, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo, Global, 1985, p.68.

²⁷³ Pierre Broué afirma que o II Congresso da IC foi a “pedra fundamental” da construção da Internacional, que então apenas havia sido proclamada: “Eis que estava se construindo, sendo verdadeiramente fundada”, passando a existir efetivamente desde aquele mês de agosto de 1920.²⁷³ Deste modo, pode-se ter dimensão da natureza revolucionária da IC, ainda muito animada pela recente vitória na Rússia, bem como pelas crescentes perspectivas de revolução em outros países, construindo a revolução mundial. BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista (1919-1943)*. São Paulo: Sundermman, 2007, p. 225.

²⁷⁴ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 37

²⁷⁵ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 37

meio rural, como era o caso do Brasil. Ficava determinado que os comunistas deveriam fomentar os movimentos revolucionários de emancipação. Uma frente única deveria ser formada com as burguesias democráticas desses países “atrasados” e “coloniais”. Esses acordos e alianças deveriam ser temporários, com vigilância permanente para que os PCs não perdessem sua independência ideológica.²⁷⁶

Nesse processo, cabia distinguir primeiramente as nações entre opressoras e oprimidas, bem compreender que a situação de todos os povos estavam sendo determinadas “pela luta de um grupo de nações imperialistas contra a Rússia soviética”. Era igualmente importante reconhecer e apoiar a luta do movimento democrático-burguês nos “países atrasados”, que passavam a ser qualificados como “nacional-revolucionários”, devendo, ao mesmo tempo, ser aberto o combate à “burguesia reformista”. Essa proposta, no entanto, não significava a busca por um “desenvolvimento capitalista” nos “países atrasados”, como ressalta Pierre Broué, mas uma aliança revolucionária contra o imperialismo que, em seu desenvolvimento, deveria ser convertida em revolução socialista.²⁷⁷ Ou seja, os movimentos burgueses de libertação nacional, ao combaterem o imperialismo em aliança com os comunistas, contribuiriam diretamente para a Revolução.²⁷⁸

Essa posição, por sua vez, tinha origem em Lênin, que desde 1916 apontava para a necessidade de uma luta contra o imperialismo, contra o qual os comunistas deveriam aliar-se aos movimentos nacionalistas anticoloniais. Como lembra Vijay Prashad: “O objetivo continuou sendo a ‘revolução social’, mas a fraqueza da classe trabalhadora exigiu uma aliança com todas as classes na luta nacional”.²⁷⁹ Apesar de estas forças não serem necessariamente anticapitalistas, elas seriam úteis para uma aliança tática por sua aversão às forças estrangeiras.

²⁷⁶ VIANNA, Marly Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: sonho e realidade*. 3ª Edição, São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 44.

²⁷⁷ BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista (1919-1943)*. São Paulo: Sundermman, 2007, p. 205.

²⁷⁸ Segundo Pierre Broué, retomando uma fala de Karl Radek no II Congresso: “a Internacional Comunista não derrotará o imperialismo com a ajuda somente das massas europeias, mas também com a ajuda de suas colônias. Recordando a utilização de tropas africanas, ele diz que a Comintern deve agir. O dever dos comunistas é o de dar uma ajuda direta às lutas de libertação dos povos”. BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista (1919-1943)*. São Paulo: Sundermman, 2007, p. 205.

²⁷⁹ PRASHAD, Vijay. *Estrela Vermelha sobre o Terceiro Mundo*. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019, p. 93.

E foi exatamente a partir das teses exaradas dessa Internacional que o PCB pautou os caminhos da revolução brasileira. Sobre essa questão, Antônio Mazzeo acrescenta que ainda que:

Essa concepção, que prevaleceria no II Congresso (da IC), além de colocar em destaque as lutas de libertação nas colônias deixará de subordinar mecanicamente a vitória de uma revolução colonial à vitória do proletariado das metrópoles. Nessa formulação, passa-se a ver nos movimentos coloniais um teor revolucionário. Porque trazem em seu bojo a possibilidade de transformarem-se em movimentos revolucionários de caráter socialista, o que possibilitaria ‘saltar’ a etapa capitalista.²⁸⁰

Posteriormente, no ano de 1924, durante o V Congresso da IC, foi reafirmada essa tese sobre aliança temporária dos comunistas com os movimentos de origem burguesa e pequeno-burguesa, de natureza “nacional-revolucionária”. A novidade de então foi a alteração no conteúdo da teoria do nacionalismo revolucionário, onde foi definida a necessidade de incorporar frações burgueses e pequeno burguesas ao bloco operário e camponês.²⁸¹

Astrojildo Pereira foi enviado para representar o PCB naquele evento. A morte de Lênin acabou adiando o congresso por alguns meses e, por isso, o secretário geral acabou substituído por Rodolfo Coutinho, dirigente do Comitê Regional de Pernambuco. Coutinho, por sua vez, produziu um relatório sobre o V Congresso da IC para ser entregue ao PCB. Segundo ele, ocorreram algumas articulações para estreitar os laços entre partidos comunistas da América Latina e a IC. Apesar de aventada a realização de um congresso para esse fim, este não chegou a acontecer, por outro lado, ficou definido a criação de um bureau para propaganda e coordenação das atividades no continente.²⁸²

²⁸⁰ MAZZEO, Antônio Carlos. *Sinfonia inacabada: a política dos comunistas no Brasil*. Marília: Edunesp; São Paulo: Boitempo, 1999, p. 38.

²⁸¹ MAZZEO, Antônio Carlos. *Sinfonia inacabada: a política dos comunistas no Brasil*. Marília: Edunesp; São Paulo: Boitempo, 1999, p. 42.

²⁸² Entre outras coisas, houve o estabelecimento do espanhol como idioma para correspondências e o comprometimento da IC em dar maior assistência aos partidos comunistas da América Latina. Os detalhes para a criação do novo *bureau* deveriam ser vistas após o V Congresso, ficando deliberado também a publicação de um revista com um conteúdo voltado para a região. MAZZEO, Antônio Carlos. *Sinfonia inacabada: a política dos comunistas no Brasil*. Marília: Edunesp; São Paulo: Boitempo, 1999, p.42.

Em maio de 1925, o partido ratificou as tarefas da Revolução Democrático Pequeno Burguesa, durante a realização do seu II Congresso, reafirmando as orientações da IC para os países tidos como “coloniais”, “semicoloniais” ou atrasados, como era o caso do Brasil. Na ocasião, deliberou-se pela a busca de uma aliança com os tenentes, responsáveis pelas rebeliões ocorridas em 1922 e 1924. A aliança seria em prol da chamada “Terceira Revolta”, continuação do processo revolucionário encabeçado pelo militares revoltosos que se encontravam em ação através da Coluna Prestes-Miguel Costa.

A partir das teses da IC e dos levantes militares em curso no país, o PCB formulou a sua teoria para a revolução brasileira: no Brasil, o setor “nacional revolucionário” seria a pequena-burguesia, que tinha na baixa oficialidade militar o seu setor mais avançado e responsável por dois levantes contra o estado oligárquico e que ainda se achava em movimento numa guerrilha pelo interior do país. Era essa a fração de classe que interessava ao Partido Comunista, em adaptação local às teses da IC. Sem se deixar levar por suas “ilusões democráticas”, o partido deveria conquistar ou, ao menos, esforçar-se em neutralizar os seus elementos “em vias de proletarização e em luta contra a grande burguesia industrial ou agrária”.²⁸³

O partido considerava que deveria apoiar a pequena-burguesia com independência e conduzi-la à esquerda, fazendo-a combater simultaneamente os grandes fazendeiros e os grandes industriais, o que colocava ambos – fração de classe e partido – do mesmo lado do campo de batalha. Assim preconizava a “Revolução democrático pequeno-burguesa”.

Michel Zaidan considera que esta tese era uma “criadora de possibilidades”, por permitir ao proletariado fazer a sua revolução, onde a “etapa burguesa” seria, na verdade, “pequeno-burguesa”, formulação original que visava levar em consideração as rebeliões militares ocorridas no Brasil, dirigidas pela vanguarda da pequena-burguesia em processo de proletarização: os tenentes. Neste processo, aquela revolução seria um “ato de libertação nacional”²⁸⁴ que, conseqüentemente, sob a influência dos comunistas, seria convertida em revolução proletária. Desse modo, a revolução dirigida pelos

²⁸³ CARONE, Edgar. *O PCB*. São Paulo: Diefel, 1982, p. 39.

²⁸⁴ ZAIDAN, Michel. *O PCB (1922-1929)*. São Paulo: Global, 1985, p. 77.

militares e pelo PCB seria a revolução burguesa brasileira: o 12 março de 1917 do Brasil, segundo o partido, ou seja, a formação de sovietes de operários e soldados.²⁸⁵

Conclusão que, para ele, estabelecia distinções nas formulações da IC e do PCB, tanto no caráter, como nas forças motrizes da revolução. Tais elementos evidenciavam a autonomia e a originalidade dos comunistas brasileiros diante das orientações de Moscou. E foi a partir da aplicação da tese da “Revolução democrático pequeno-burguesa” que o PCB orientou seu trabalho político nos anos seguintes, buscando aliar-se aos militares revoltosos e tentando fazer da luta revolucionária um meio de luta político-eleitoral, quando organizou o Bloco Operário e Camponês e difundiu a consigna de que votar no BOC era votar na Revolução.

Esta concepção não surgiu ao acaso no PCB. Os parâmetros da “Revolução democrático pequeno-burguesa” foram construídos com o tempo, principalmente sob o influxo dos levantes de 1922 e 1924. Nesse contexto, a interpretação sobre as razões e os objetivos dos militares revoltosos ocupou o tempo dos comunistas que, em diálogo com a IC, buscou refinar suas análises através da leitura do que era entendido como o marxismo-leninismo, chegando à conclusão de que não se tratava de simples golpes de estado promovido pela “politicalha”, mas de uma ação contra o domínio oligárquico, então lastreado pelo capital internacional, sendo, portanto, útil ao movimento comunista, especialmente se fosse direcionada para uma revolução proletária.

1. O PCB e os levantes militares: História e política

Em novembro de 1922, em nome da CCE, Astrojildo Pereira buscou justificar porque o PCB não havia ainda realizado um trabalho sistemático para formar quadros de militantes do sexo feminino no partido.²⁸⁶ O dirigente pecebista atribuía a não realização daquele trabalho ao estado de sítio instaurado no Brasil após a ocorrência de

²⁸⁵ “Empurremos a revolução da burguesia industrial – o 1789 brasileiro, o ‘nosso’ 12 de março de 1917 – aos seus últimos limites, a fim de, transportada a etapa da revolução burguesa, abrir-se a porta de revolução proletária comunista”. ZAIDAN, Michel. *O PCB (1922-1929)*. São Paulo: Global, 1985, p. 69.

²⁸⁶ Segundo a CCE: “D’aillaus, dés plus cause d’um "putsch" militarist avorté, ce qui nous a difficulté beaucoup notre propagande en general”. *Au Frauensekretariat der Kommunistischen Internationale*. 13/11/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

um “‘putsch’ militarist avorté”, ou seja, aquele “golpe militar abortado” teria dificultado todo o trabalho partidário de propaganda também referente ao comitê feminino, então reiterada, cobrado pela IC.²⁸⁷

“Golpe de estado abortado”, era assim que o PCB interpretava de imediato o levante militar de 5 de julho 1922 e a repressão dele decorrente servia de justificativa para a não-realização dos trabalho entre as mulheres. No entanto, a visão sobre aquele movimento foi mudando à medida em que os comunistas brasileiros iniciaram suas primeiras análises sobre a realidade do país. Exemplo disso foi o novo enfoque dado à revolta do Forte de Copacabana, à medida em que foi sendo formulada a tese da “Revolução democrático pequeno burguesa”: o movimento passou da condição de “putsch abortado”, para primeiro levante armado, responsável por dar início a um ciclo de revoltas, que se fossem corretamente dirigidas – através da ação do PCB em convertê-las em movimentos “nacional-revolucionários” – levariam à consecução da revolução socialista no Brasil.

Em 1923, um ano após os eventos de 5 de julho, o movimento insurrecional já não era mais considerado pelo partido como um simples golpe de Estado, mas como um motim liderado por políticos burgueses que, ao ser derrotado pelo governo, acabou trazendo consequências terríveis ao proletariado e para o PCB. O que podemos ver no documento endereçado à IC, no dia 6 de julho daquele mês, por Otávio Brandão: “Uma rebelião em julho de 1922, liderada por políticos burgueses liberais, ao falhar, o governo do presidente Epitácio, um dos mais funestos para o proletariado, decretou estado de sítio”.²⁸⁸ A ação teria sido dirigida pela burguesia liberal e levado à decretação do estado de sítio no país e atingido em cheio a classe operária e o PCB, apesar destes não terem tomado parte no movimento. Movimento sobre o qual o autor – o então Secretário interino para o Exterior, Otávio Brandão – afirma que o partido não

²⁸⁷ Quanto ao tema, vale ressaltar que Astrojildo buscou tranquilizar a IC dizendo que havia algumas mulheres nas fileiras do partido, ainda que estas eram “generalement mariées avec des militants” e que por isso, em breve, uma comissão especial seria formada para resolver esta demanda. A preocupação de Astrojildo tinha origem na recorrente cobrança da IC para que o PCB constituísse um setor feminino desde a sua fundação, o que nunca foi cumprido sistematicamente pela Seção Brasileira. *Au Frauensekretariat der Kommunistischen Internationale*. 13/11/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

²⁸⁸ Trecho original por mim traduzido “ Une *emeute* en juillet 1922, dirigée par des politiciens bourgeois libéralistes, ayant échoué, le gouvernement Epitacio, un des plus funestes au proletariat du Bresil, décréta l’état de siègeCarta do Secretário para o Exterior do PCB a Zinoviev. 13/11/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01 de novembro de 2018.

tinha se envolvido por não acreditar em seus líderes, nos quais teria observado falta de firmeza moral e um espírito reacionário por trás de uma “máscara democrática”.²⁸⁹

Vê-se que o partido Comunista já dava outra conotação ao levante de 1922: este teria passado de “golpe de estado” a “rebelião”, ao qual, inclusive, o apoio pecebista só não foi deliberado pela desconfiança do partido quanto aos reais objetivos dos ditos “políticos burgueses liberais”.²⁹⁰

Dois meses depois, em relatório de 1º de outubro de 1923, a interpretação do PCB sobre o movimento militar de 1922 é reafirmado como uma “revolta”. Esta, explicavam os comunistas, teria sido liderada por setores do Exército, instituição de fortes tradições liberais e que, por isso intervinha corriqueiramente na política nacional. Esta conotação, com nota explicativa sobre a suposta natureza liberal do Exército, já a tornava mais próxima das ideias que resultariam na formulação da Revolução democrático pequeno-burguesa, onde o “18 do Forte” teria sido a primeira etapa de um ciclo revolucionário. Na visão dos comunistas, naquela feita, os militares teriam mostrado sinais de que, de fato, retirariam à força São Paulo e Minas Gerais do poder.²⁹¹ Essa viragem na interpretação estava ligada ao interesse que crescia no PCB de aproximar-se dos tenentes, talvez também devido ao crescente prestígio desse agrupamento diante das massas.

Durante todo o ano seguinte, 1924, o PCB oscilou pouco acerca concepção sobre o movimento de 5 de julho de 1922. Em março, portanto há quatro meses do segundo levante, num documento enviado à IC, intitulado “Le terrorisme au Brésil”²⁹², o movimento foi classificado de “*attentat*”, ou seja, atentado ou ataque. No mesmo ano,

²⁸⁹ Nas palavras de Astrojildo: “Ayant constanté le manque de fermeté morale des dirigeants de cette émeute militaire, sinsi que leur esprit réactionnaire caché sous un masque démocratique, le Parti Communiste ne voulait prendre par á ce mouvement. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01 de novembro de 2018.

²⁹⁰ *Au Frauensekretariat der Kommunistischen Internationale*. 13/11/1922. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 5. Письма ИККИ, ЦК КП Бразилии и коммунистических групп. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

²⁹¹ No original: “L’armée possède une forte tradition libérale. Elle a participé à tous les mouvements révolutionnaires du pays. Le soulèvement de 1922 qui devrait aboutir à arracher le pouvoir des mains du trust São Paulo MG est la documentation la plus récente de cet esprit”. RGASPI, Moscou, Rússia. 1. *Situation générale du pays*. 01/10/1923. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01 de novembro de 2018.

²⁹² RGASPI, Moscou, Rússia. *Le terrorisme au Brésil*. 15-03-1924. Дело 15. Информационные справки о политическом положении в Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 01 de novembro de 2018.

em outros documentos, a referência recorrente foi a de “*Militäraufstand*”²⁹³, ou seja, levante militar.

Essas concepções foram sendo uniformizadas à medida em que o PCB enviava documentos à IC. A eclosão do segundo levante, dessa vez em 05 de julho de 1924, fez com que os comunistas passassem a ver continuidade nos movimentos e, em diálogo com a IC, concluíam que ambos eram componentes de uma revolução que se desenvolvia no Brasil.

2. Sobrevivendo e interpretando os levantes militares em 1924

No início de 1924, Otávio Brandão assumiu a direção do partido interinamente, por conta da ida de Astrojildo Pereira ao V Congresso da Internacional. Porém, não demorou para que ele pesasse a responsabilidade de dirigir a Seção Brasileira sob condições extremamente adversas. Naquele momento, a memória recente da Revolta dos 18 do Forte” e a difusão de boatos sobre a organização de uma nova revolução, colocavam o PCB automaticamente na alça de mira das forças públicas de segurança, especialmente na Capital Federal. Situação que se tornou ainda mais grave após os levantes militares ocorridos a partir de julho de 1924 e tiveram continuação da Coluna Prestes.

Nesse cenário adverso, não demorou até que o partido fosse assaltado pela polícia, com a apreensão de bens e documentos internos, além da prisão de muitos de seus membros, dentre os quais diversos membros da CCE, já desfalcada com a ausência de Astrojildo Pereira. Em consequência disso, Brandão acabou sozinho diante da tarefa que se agigantou à sua frente: sobreviver fisicamente na clandestinidade e tomar as providências necessárias para manter o partido e seus membros a salvo da repressão generalizada em curso no país.

Apesar de legalmente registrado, logo os comunistas sentiram que inexistiam “cláusulas pétreas” para a burguesia quando o assunto era combater a ação da classe

²⁹³ RGASPI, Moscou, Rússia. *Brasilien*. Datação indisponível. Дело 15. Информационные справки о политическом положении в Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 01 de novembro de 2018.

trabalhadora e suas organizações. Apesar da rigorosa clandestinidade em que haviam sido jogados os comunistas, Brandão não se furtou em fazer análises o levante de julho daquele ano e enviá-las a Moscou, em busca de diálogo sobre aquele processo. Dessa vez, tratou-a como uma “revolta”, pedindo para que Alfred Stirner - membro do CEIC responsável por dialogar com as lideranças dos PCs da América Latina²⁹⁴ - o auxiliasse em seu estudo marxista sobre o movimento.

Meses antes, mais precisamente no início de 1924, Astrojildo Pereira e Rodolfo Coutinho, membros da CCE, haviam chegado em Moscou para dar os encaminhamentos à definitiva adesão do PCB à IC, principalmente após o aceno de Moscou no ano anterior, que acabou fortalecido com o apoio do delegado do PCA, Rodolfo Ghioldi, recomendando a promoção do partido brasileiro à membro definitivo da elite revolucionária mundial.²⁹⁵

Astrojildo havia partido em janeiro para o congresso revolucionário internacional, motivo de orgulho para um partido pequeno, como era o PCB que, por isso, não se furtou em noticiar aos trabalhadores detalhes sobre o embarque e a chegada em Moscou do seu Secretário Geral:

Para Moscou, partiu a 22 de janeiro o camarada Astrojildo Pereira afim de representar, junto à 3ª Internacional os proletários comunistas do Brasil. Chegou a Moscou a 24 de fevereiro. Com a nossa satisfação

²⁹⁴ Segundo Lazar e Victor JEIFETS, Alfred Stirner: “Miembro de la comisión para la elaboración de la carta del Secretariado del CEIC al PC de América Central (28.7.1923). Asesor del CEIC para España, Portugal, México y Sudamérica (por decisión del Buró de Organización com fecha del 10.11.1923). Encargado del departamento de información y estadística, de la biblioteca y archivo del CEIC; fue suplente del encargado por el departamento de información del CEIC. Como miembro del CEIC estuvo em correspondencia permanente con los líderes de los PP CC. de América Latina”. JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. *América Latina em la Internacional Comunista, 1919-1943*. Dicionario biografico. Ariadna Ediciones, Santiago, Chile, 2015, p. 31.

²⁹⁵ Rodolfo Ghioldi que em carta ao CEIC, em janeiro de 1924, na condição encarregado de supervisionar a situação do PCB, avaliava o PCB positivamente e recomendava ao CEIC a promoção do partido brasileiro à elite revolucionária da Internacional Comunista. RGASPI, Moscou, Rússia. *Declaração do delegado da IC sobre o PCB*. 09/01/1924. Дело 14. Письма ЦК КП Бразилии, ее делегации к ИККИ и КП США. <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 01 de novembro de 1918. Marcos Del Roio considera que o relatório de Ghioldi teria sido o elemento decisivo para a filiação do PCB, o que analisamos no capítulo anterior. DEL ROIO, Marcos. “A gênese do Partido Comunista (1919-29)”. IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A Formação das Tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007, p. 234.

pessoal, os parabéns aos trabalhadores comunistas do Brasil por terem na capital da Revolução Proletária, um digno representante.²⁹⁶

Por conta dos alvissareiros novos rumos, os delegados do PCB, além de participar do Congresso da IC, passaram a dialogar com a IC sobre a construção de um programa revolucionário para o Brasil, sobre o que também se ocupava Otávio Brandão naquele momento. Coutinho permaneceu na URSS onde estava participando ativamente na construção daquele anteprojeto revolucionário a ser apreciado pelo PCB.²⁹⁷ Já o seu companheiro de viagem, Astrojildo Pereira, teve que voltar mais cedo ao Brasil por conta do adiamento do V Congresso, também por compreender que a sua presença no país era importante para o partido naquele momento, atendendo os alarmantes pedidos de Otávio Brandão pelo seu imediato retorno ao país.

Ou seja, a situação dos comunistas permanecia difícil por conta repressão desencadeada após a Revolta tenentista dos 18 do Forte e se tornou ainda mais aguda com os levantes de 1924, com a efetiva tomada de cidades pelos revoltosos que representavam uma continuidade do movimento iniciado dois anos antes.

Ainda antes do segundo levante, em carta de 19 de março de 1924, Otávio Brandão implorou pela ajuda de Astrojildo Pereira, então em Moscou. O dirigente enfatizava ter enviado um dezena de cartas para o companheiro, detalhando a grave situação que atravessava o PCB e os problemas que o afligiam à frente da CCE. Mostrando-se apreensivo, Otávio Brandão citou os nomes de pessoas que estavam fazendo uma “campanha de difamação” contra o partido e, em especial, contra ele, por entre os trabalhadores, como acontecera em assembleia de estivadores:

Tribuna livre. Elias falou, Marques falou também – exclusivamente contra mim. Disse-me Elias que fui crucificado lá. Os comunistas protestaram. Você vê: no momento em que a polícia (segundo o aviso) pretende liquidar-me, a iluminatura secunda a polícia. (...) Tenho andando doente: exaustão.²⁹⁸

²⁹⁶ *Astrojildo*. **Voz Cosmopolita**, 15/04/1924. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 14. Письма ЦК КП Бразилии, ее делегации к ИККИ и КП США. <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 01 de novembro de 1918.

²⁹⁷ RGASPI, Moscou, Rússia. *Al Camarada Brandão*. 16/03/1924. Дело 14. Письма ЦК КП Бразилии, ее делегации к ИККИ и КП США. <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 01 de novembro de 1918.

²⁹⁸ Trecho inicial da carta de Otávio Brandão para Astrojildo Pereira, então em Moscou: “Já lhe escrevi 11 ou cartas. Perdi o nº A última a ameaça verdadeira ou falsa, que pesa sobre a minha cabeça e a de PC – Sarandy fez declaração recusando a reeleição. Os estivadores fizeram uma declaração vergonhosa

Otávio Brandão apontava o fato de estar, naquele momento, sendo atacado pela repressão policial e até mesmo por setores do movimento operário, admitindo estar sobrecarregado e sobressaltado com toda a pressão, confessando estar extenuado diante daquele panorama tão hostil, quando também encontrava-se com a responsabilidade de, praticamente sozinho, dirigir o Partido Comunista.

Ainda no mês de março, Otávio Brandão enviou um informe ao CEIC, remetendo-o aos cuidados de Alfred Stirner. No documento, o dirigente brasileiro procurou manter o equilíbrio, informando sobre despachos necessários dados aos processos demandados pela IC mas, ao final, não se furtou em chamar a atenção sobre a situação difícil atravessada pelo partido diante da repressão, como havia feito ao escrever para Astrojildo. Nas primeiras linhas do informe, o dirigente falava do recebimento de circulares, dava ciência do adiamento do V Congresso e informava sobre a ida de Astrojildo Pereira ao evento, na condição de delegado do PCB. Além disso, afirmava ter recebido carta de Alfred Stirner que, segundo Brandão, confessava esperar pela aceitação definitiva do PCB já no próximo pleno ampliado do CEIC, no qual Astrojildo participaria e seria secretariado por Coutinho. Logo em seguida, no tópico “Executivo ampliado”, Otávio Brandão aproveitava para apresentar um pouco da trajetória de Astrojildo à IC, através da qual buscava mostrar que o dirigente brasileiro era digno de confiança. Aquela apresentação era, de fato, necessária, uma vez que o dirigente ainda não era muito conhecido no CEIC, acostumado a dialogar com Antônio Canellas e Abílio de Nequete. Membros que não haviam deixado boas impressões em suas passagens na direção do PCB, especialmente Canellas, por conta dos acontecimentos no congresso anterior, quando foi negada a adesão do Partido na IC.²⁹⁹

recusando o apoio que a Construção civil lhe oferecera e apoiando o governo!! Gente infeliz. Escrevemos alguns artigos tirando a lição dos fatos; os estivadores, nada. Marques da Costa voltou a fazer campanha de difamação contra o PC e contra mim. Já saíram 2 artigos e 1 de Isidoro fazendo uma interpelação ao PC sobre o cooperativismo. ‘Sarandy transcreveu esta, chamando Isidoro de ‘leader comunista’. O PC respondeu escangalhando Isidoro. Ainda ontem a iluminatura comemorou a Comuna”. RGASPI, Moscou, Rússia. *Astrojildo*. 19/03/1924. Дело 14. Письма ЦК КП Бразилии, ее делегации к ИККИ и КП США. <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 01 de novembro de 1918.

²⁹⁹ “Astrojildo milita no seio do proletariado há 12 anos. Em 1914 combateu a guerra imperialista debaixo de um ponto de vista revolucionário. Em março de 1918, quando a burguesia em peso anunciava a queda dos bolchevistas (Brest-Litovski), Astrojildo publicou um folheto no qual afirmava a queda do imperialismo alemão, o que se realizou, como bem sabes, 8 meses depois. Astrojildo é, portanto, um militante de toda a confiança”. RGASPI, Moscou, Rússia. *Ao CC da IC*. 19/03/1924. Дело 14. Письма

No item seguinte, intitulado: “Aceitação do PCB”, Brandão confirmava o recebimento de correspondência de 25 de janeiro, onde Alfred Stirner dizia que a filiação da Seção Brasileira seria finalmente resolvida em reunião ampliada do CEIC. Após falar sobre as dificuldades referentes ao trabalho em prol da constituição de um “Conselho Camponês Internacional”³⁰⁰, as condições adversas enfrentadas pelos comunistas brasileiros são descritas em “A situação do PC”. Esta, nas palavras de Brandão, continuava crítica e naquele momento se tornava ainda mais dramática com a decretação do estado de sítio que, segundo o Secretário Internacional, havia sido instaurado “só para os comunistas”, tornando o PCB ilegal e permitia a prisão de seus membros.³⁰¹

Em 22 de abril de 1922, Brandão endereçou uma nova carta a Alfred Stirner, ainda preocupado com a situação política. O dirigente brasileiro informava ter recebido sua missiva de 16 de março, bem como de algumas correspondência enviadas por Astrojildo Pereira e uma de Rodolfo Coutinho.

O Secretário do PCB informava ainda que o governo andava com vontade “de decretar um novo estado de sítio, afim de não reconhecer Irineu Machado, senador pela oposição”. Tratava-se de um parlamentar de oposição, que havia apoiado a campanha da Reação Republicana³⁰², encabeçada pelas candidaturas de Nilo Peçanha e J.J. Seabra à presidência da República e que, por isso, figurava entre os desafetos do presidente Arthur Bernardes.³⁰³ Para justificar aquele decreto, a polícia estaria inventando “sublevações militares e proletárias”. Sob tal ameaça, Brandão concluía que Astrojildo

ЦК КП Бразилии, ее делегации к ИККИ и КП США. <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 01 de novembro de 1918.

³⁰⁰ “Escrevemos às seções do PC pedindo endereços de camponeses influentes. Ainda não recebemos resposta. Todavia, podemos adiantar que serão muito poucos esses camponeses. Se os operários do Brasil ainda estão atrasados, imaginai como não se encontram os camponeses! O material de propaganda deve ser enviado a nós, afim de ser traduzido. Mesmo em português, a propaganda encontra dificuldade porque o camponês é analfabeto. Astrojildo poderá dar-vos uma ideia do atraso dos camponeses do Brasil”. RGASPI, Moscou, Rússia. *Ao CC da IC*. 19/03/1924. Дело 14. Письма ЦК КП Бразилии, ее делегации к ИККИ и КП США. <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 01 de novembro de 1918.

³⁰¹ RGASPI, Moscou, Rússia. *Ao CC da IC*. 19/03/1924. Дело 14. Письма ЦК КП Бразилии, ее делегации к ИККИ и КП США. <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 01 de novembro de 1918.

³⁰² Anita Prestes aponta que a Reação Republicana foi a frente de oposição que teve maior influência para a eclosão do tenentismo. Seus ideais políticos foram adotados pelos “revoltosos” do 18 do Forte e acabaram sendo a base da difusa ideologia do movimento. Sobre a Reação Republicana e os tenentes. ver: PRESTES, Anita Leocádia. *Os Militares e a Reação Republicana*. Petrópolis, Rio de Janeiro: editora Vozes, 1993.

³⁰³ RGASPI, Moscou, Rússia. *Camarada Stirner*. 19/03/1924. Дело 14. Письма ЦК КП Бразилии, ее делегации к ИККИ и КП США. <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 01 de novembro de 1918.

deveria regressar com celeridade ao Brasil, devendo fazê-lo ser feito com cautela, diante do cenário cada vez mais perigoso que se apresentava no país.

O tom de preocupação tinha razão de ser. Naquele momento, havia um crescendo na repressão ao movimento operário, ainda por conta dos levantes de 1922 e por conta dos rumores de novos levantes, tudo isso numa República pródiga em fazer uso de toda sorte de arbítrios contra seus adversários³⁰⁴, principalmente quando os alvos eram pobres, negros, pertencentes ao proletariado e às camadas populares.

O uso da violência pelo Estado foi recorrente durante toda a Primeira República. Prisões arbitrárias, desterros e a decretação de estados de sítio foram recorrentes e acabaram incorporados ao exercício do poder político, principalmente quando os alvos eram da classe trabalhadora e das camadas populares.³⁰⁵ O terror desencadeado pelo Estado voltava-se contra as pessoas das camadas populares, do

³⁰⁴ Eram degradantes as condições dos cárceres e das embarcações que transportavam os presos para as prisões do extremo norte do país. Não havia separação entre homens e mulheres, criminosos ou não, todos eles eram obrigados a dividir os mesmos espaços. Segundo Pinheiro, a intenção de Bernardes era fazer uma “limpeza” nas ruas, o que atingiu a grande maioria de negros e negras pobres das cidades. As pessoas presas eram transportadas por semanas para a região do Amazonas e do Acre e em embarcações superlotadas, dividindo o espaço, já exíguo, com os ratos atraídos pelos dejetos espalhados, criando um cenário degradante. A embarcação já se apresentava como um instrumento de punição, próprio à disseminação de doenças e direcionados a corpos e mentes enfraquecidos pela fome, pela violência policial e por todo tipo de violações físicas. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da Ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil (1922-1925)*. São Paulo. Companhia das Letras, 1991, p. 105. Sobre o tema, ver: ROMANI, Carlos. *Clevelândia, Oiapoque - aqui começa o Brasil!: trânsitos e confinamentos na fronteira com a Guiana Francesa (1900-1927)*. Tese de doutorado. Unicamp, 2003.

³⁰⁵ O uso da violência pelo Estado foi recorrente durante toda a Primeira República. Prisões arbitrárias, desterros e a decretação de estados de sítio foram recorrentes e acabaram incorporados ao exercício do poder político, principalmente quando os alvos eram da classe trabalhadora e das camadas populares. Eram rapidamente considerados criminosos aqueles enquadrados como: “mendigos inválidos, vagabundos ou vadios, capoeiras e menores viciosos”, bem como anarquistas, socialistas, comunistas e trabalhadores ligados a sindicatos ou a associações operárias. Para eles, o estado reservava a degradação moral da prisão, a violência física, o desterro, a fome e, finalmente, a morte, tudo isso sem direito de defesa e com julgamento e condenação realizado pela própria polícia. Segundo o Código Criminal da época, apenas duas categorias poderiam ser automaticamente “recolhidos por um a três anos a Colônias penais”: o ditos “vadios”, definidos pelo artigo 339, tipificados como aqueles que deixaram suas profissões ou ofícios, não possuindo meios de subsistência e domicílio, ou aquele que subsistisse ofendendo a “moral ou aos bons costumes”. E os “Capoeiras”, termo que tentava dissimular o racismo, uma vez que eram os negros os praticantes daquela arte. Esta era classificada por alguns juristas como “delinquência indígena [...] a qual consiste em fazer nas ruas e praças os exercícios de agilidade e de destreza corporal conhecidos sob aquela denominação”. Assim, os negros, que em sua maioria compunham a classe operária, eram enquadrados como “desordeiros e turbulentos profissionais ou instintivos” que “saíam às ruas a fazer correrias [...] empenhando-se às vezes em verdadeiros combates na praça pública”. A legislação ligava essas manifestações à atuação política, intensificando a repressão à população negra. Pinheiro cita trecho da fonte primária: “Estes malfeitores eram vistos também em exercícios de capoeiragem na frente da música dos batalhões que saíam à rua. Hoje esta gente pertence a grupos carnavalescos, aos denominados *cordões*, ou são capangas eleitorais ao serviço de políticos da mesma laia”. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da Ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil (1922-1925)*. São Paulo. Companhia das Letras, 1991, p. 98.

movimento operário e suas organizações, como era o caso do PCB, considerados inimigos da ordem pública. Diante desta ameaça crescente, os comunistas enviaram diversos pedidos de socorro à IC, inclusive financeiro, para enfrentar a repressão do governo Bernardes.

O anticomunismo³⁰⁶ cresceu no Brasil após os levantes tenentistas de 1922 e 1924. Os eventos da revolução de 1917 terrificaram as burguesias de todo o mundo. A ideia de uma vitória do proletariado havia se tornado verdade, resultando na criação da União das Repúblicas Socialistas Soviética, o que tornava o comunismo ainda mais ameaçador para as classes dirigentes. Por ser o anticomunismo uma oposição sistemática ao comunismo, nos países capitalistas, ele era estendido também às demais agremiações de esquerda e dos movimentos operário, estudantil e popular, como aponta Carla Rodeghero.³⁰⁷ Ou seja, a vitória dos bolcheviques, a fundação da URSS e da Internacional Comunista, além da ação de um Partido Comunista no Brasil acabaram sendo álibis perfeitos para que a burguesia brasileira criminalizasse³⁰⁸ os comunistas e seu partido, usando para isso todo o aparato repressivo do Estado: promulgação de leis de combate ao comunismo e demais ideologias de esquerda – a exemplo da Lei Celerada, aprovada em agosto de 1927 - bem como o emprego das forças públicas de segurança na vigilância, investigação, prisão, violência e tortura de comunistas e demais opositores.

Por outro lado, uma nova insurreição estava subterraneamente em curso nas casernas à época e, apesar de os comunistas não estarem envolvidos em suas articulações, corriam boatos sobre um novo levante, uma “revolução”, ao que o PCB era automaticamente ligado, segundo o raciocínio das forças públicas de segurança.

³⁰⁶ Segundo Carla Simone Rodeghero, *anticomunismo* é ‘um conjunto de ideias, de representações e de práticas de oposição sistemática ao comunismo’. RODEGHERO, Carla Simone. *O Diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. 2ª edição, Passo Fundo: UPF, 2003, p. 28.

³⁰⁷ RODEGHERO, Carla Simone. *O Diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. 2ª edição, Passo Fundo: UPF, 2003, p. 28.

³⁰⁸ Ver: “**A Gazeta**: “O bolchevismo e a sua capitulação”, 05/04/1923; “O grande complot comunista”, 27/12/1923, “O turista aprendiz”, 19/12/1928; **Correio da Manhã**: “A situação na Alemanha é ainda é grave”, 23/03/1920; “O movimento comunista na Alemanha intensifica-se, tomando caráter muito sério”; 25/03/1920, “A Revolução Comunista na Alemanha”, 07/05/1921; **Jornal do Comércio**: “As falsas bases do comunismo”; **O Paiz**: “Uma hora grave. Salvemos a República das garras do internacionalismo dissolvente. Os abusos constantes dos políticos e os desmandos do governo criam ambiente favorável ao comunismo”. 08/06/1927. . Retirado de <https://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

Fato resultante de um contexto político onde revoluções e contrarrevoluções estampavam as primeiras páginas dos jornais, na esmagadora maioria dos casos, alarmando a população sobre as mazelas resultantes de processos revolucionários e dos perigos do comunismo. Este era acusado de seguir articulando complôs e conspirações em todo o mundo. As notícias repetiam o alarde sobre o “perigo comunista” em vários países do mundo, fazendo crescer o sentimento anticomunista também no Brasil, contribuindo para justificar decisões que restringiam ainda mais a atuação política, como a decretação de estado de sítio e o consequente uso ostensivo da violência policial.

Desse modo, não foi ao acaso que a situação do PCB foi amplamente agravada após os levantes militares iniciados a 5 de julho 1924³⁰⁹. A repercussão do movimento materializou ainda mais o medo ao que fosse tido como “revolucionário”. Mesmo não sendo obra dos comunistas, uma ação de subversão nos meios militares, seguida da tomada de poder da cidade de São Paulo, colocava imediatamente o Partido Comunista sob suspeição. E mesmo não havendo provas de sua participação, aquela era a desculpa perfeita para que o Estado pudesse avançar ainda mais sobre o PCB, bem como reprimir abertamente o movimento operário e suas organizações.

Diante da ameaça aos seus domínios políticos e econômicos, a burguesia agrária dominante no país viu no estado de sítio uma forma de governar e aplicar o que acreditava ser o mais indicado para manter ordem. Se tratava do segundo levante que havia sido articulado no seio das Forças Armadas, apesar da repressão desencadeada desde 1922.

Em *O 18 Brumário de Louis Bonaparte*, Marx escreve que o estado de sítio era decretado sempre para reprimir e oprimir, tornando possível governar. Tal recurso proclamaria seu próprio regime, retirando da burguesia a preocupação de governar por si própria.³¹⁰ Reflexão possível de ser aplicada também aos governo da burguesia agrária do Brasil, na década de 1920: usar o estado de sítio com o objetivo de manter as suas demandas econômicas - principalmente o café - e reformar o seu controle político, ainda que o domínio oligárquico possuísse a especificidade de essencialmente fazer uso da coerção para impor o seu domínio de classe, demonstrando pouco interesse em criar

³⁰⁹ Sobre os levantes de 1924, ver: PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

³¹⁰ MARX, Karl. *O 18 Brumário de Louis Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

um consenso³¹¹ em torno de si, preferindo, para este fim, usar a força repressiva oficial – as forças públicas de segurança – e contar com o poderio político e bélico dos coronéis nas localidades,³¹² que perseguiam opositores e controlavam o processo eleitoral em prol das oligarquias.

Paulo Sergio Pinheiro considera que os levantes militares possibilitaram a transformação da violência policial em política de estado.³¹³ Capitais brasileiras haviam sido subitamente tomadas de assalto pelos revoltosos. Sua retomada foi feita à força, com a mobilização de tropas e o uso ostensivo da artilharia, levando principalmente ao derramamento de sangue de membros das camadas populares³¹⁴, alheias aos eventos, mas que acabaram sendo usadas como pedões na luta entre as forças “revolucionárias” e as forças legalistas. A consequência foi o uso indiscriminado da violência policial, também tendo como principal alvo a classe trabalhadora e suas organizações. Afinal, o temor maior era a eclosão de uma revolução com a participação das massas, como havia ocorrido na Rússia e na Alemanha. Talvez a razão em assaltar o Partido Comunista também tenha sido motivada por esse objetivo em neutralizar o espectro comunista que havia passado também a rondar o Brasil.

Apesar da vitória das forças legalistas, esta foi, no entanto, parcial, uma vez que as forças rebeldes de São Paulo optaram por marchar para o sul do Brasil. Neste percurso uniram-se aos rebeldes do Rio Grande do Sul, originando a legendária Coluna Prestes-Miguel Costa, que travaria uma guerrilha de dois anos pelo país, sem nunca ser derrotada, tornando-se o grande referencial político à luta política e à revolução no país.³¹⁵

A agudização desses conflitos no país afetou diretamente o contato entre o PCB e a Internacional. A perseguição policial aos comunistas se tornou ainda mais

³¹¹ GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, v. 3.

³¹² Sobre a estrutura de poder dos coronéis, ver: LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto. O Município e o regime representativo no Brasil*. 7ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

³¹³ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da Ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil (1922-1935)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 87.

³¹⁴ Para Carlos Romani, matar pobres e indefesos fazia parte da estratégia de causar terror na população civil para que estes implorassem pela rendição dos rebeldes. No dia 11 de julho, início do bombardeamento de São Paulo, ocorreu a “reutilização da guerra como instrumento político de negociação”. Carlos. *Antecipando a Era Vargas: a Revolução Paulista de 1924 e a efetivação das práticas de controle político e social*. Topoi, v.12, nº 23, 2011, p. 164.

³¹⁵ PRESTES, Anita. *A Coluna Prestes, 1924-1927*. São Paulo: editora Paz e Terra, 1990; MORAES, Dênis de; VIANA, Francisco. *PRESTES, Lutas e autocríticas*. Petrópolis: editora vozes, 1982; REIS, Aarão. *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*. 1ª edição, São Paulo: companhia das Letras, 2014.

intensa, levando, inclusive, ao encarceramento de parte seus dirigentes. Após a correspondência de março, somente quatro meses depois, em setembro, o contato seria reestabelecido, e como não poderia deixar de ser, tinha como tema principal a situação do partido e as condições miseráveis de seus membros.

3. Consequências do levante militar de 5 de julho 1924 para o PCB

A primeira carta após o levante militar de julho de 1924 data de 30 de setembro. Escrita por Otávio Brandão e enviada novamente ao membro do CEIC, Alfred Stirner, ela detalhava a repressão desencadeada por sobre o partido por conta dos levantes de 1925.³¹⁶ O dirigente pecebista aproveitava para informar sobre envio de um “longo estudo” por ele realizado sobre a “*Revolta* de 5 de julho de 1924”. De antemão, Brandão desculpava-se de eventuais incongruências e erros em sua interpretação marxista sobre o evento. Se eles existissem, deveriam ser considerados frutos de sua inexperiência na matéria e, por isso, solicitava a apreciação do dirigente da IC. Ao que tudo indica, estes foram rudimentos das análises de Brandão sobre a realidade brasileira que resultariam na obra *Agrarismo e Industrialismo*, lançada em 1926 e que nortearia a política do PCB durante toda a década.³¹⁷

Dessa vez, os comunistas mostravam incertezas quanto à natureza do movimento, diferentemente do que haviam feito em 1922, quando rapidamente concluíram ser o levante militar um simples golpe. Certamente os dirigentes do PCB sabiam o risco que corriam ao enviar uma análise original e de algum modo positiva sobre um movimento de reconhecida origem burguesa, ao qual acreditavam ser possível formar uma aliança revolucionária. Talvez essa posição tenha se tornado menos temerária pelo fato de o partido ter sido finalmente aceito na IC, o que lhes conferia alguma autoridade. Ainda assim, fica evidente como Brandão se cerca de cuidados, admitindo de antemão ser um iniciante no marxismo e pedindo um parecer a Alfred Stirner.

³¹⁶ RGASPI, Moscou, Rússia. *Camarada Stirner*. 30/09/1924. Дело 14. Письма ЦК КП Бразилии, ее делегации к ИККИ и КП США. <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 01 de novembro de 1918.

³¹⁷ BRANDÃO, Otávio. *Agrarismo e Industrialismo*. Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924. 2ª edição. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2006.

Brandão relata em seguida que, após 5 de julho, ele, Luís Peres e Astrojildo Pereira passaram a ser procurados sistematicamente pela polícia, então considerados foragidos, situação que os impedia de trabalhar para o partido e até mesmo de sustentarem as suas famílias. Apesar de todas as adversidades, o autor reafirmava que nenhum deles pensava em abandonar seus postos. Segundo o dirigente, aquilo não importava, uma vez que a “paixão” de seu ideal os fazia esquecer “todas as angustias da situação presente”. Assim, apesar de perseguidos - mesmo sem denúncia ou acusação formal – eles prosseguiram realizando o trabalho partidário, ainda que de forma muito precária.

Brandão informa ainda que haviam sido presos vários militantes do partido. Na cidade de Santos, havia sido preso César Leitão e na cidade de São Paulo todos os líderes comunistas estavam foragidos. Situação na qual, segundo Brandão, apesar de tudo os comunistas permaneciam em seus postos de luta, reafirmando o compromisso dos membros do PCB com a revolução.³¹⁸

Em 8 de outubro de 1924, Otávio Brandão enviou mais um documento à IC, dessa vez intitulado: “Apelo aos trabalhadores de todos os países”, detalhando novamente a situação de miséria em que se encontravam os comunistas brasileiros, enumerando os ataques policiais ao partido e a seus membros, desde a sua fundação. Nas primeiras linhas, o dirigente do PCB afirmava ser a quarta vez que a burguesia agrária tentava aniquilar os comunistas através da polícia civil e que, por isso, era “bem dolorosa a situação”. Segundo o autor, em 1922, o partido havia sido devassado, tendo documentos confiscados, seus membros agredidos, interrogados e presos. Entre os meses de maio e junho de 1923, registraram-se ainda mais prisões, buscas e apreensões domiciliares, acareações, ameaças, deportações, além da invasão da tipografia, ocorrendo o confisco dos arquivos e da livraria do partido.³¹⁹

Brandão escreve que, em janeiro de 1924, o PCB foi proibido de criar o Comitê Nacional do Socorro Operário Internacional, situação posteriormente lembrada por Brandão em seu livro de memórias, *Combates e batalhas*, onde também lembra-se da perseguição policial em curso:

³¹⁸ RGASPI, Moscou, Rússia. *Camarada Stirner*. 30/09/1924. Дело 14. Письма ЦК КП Бразилии, ее делегации к ИККИ и КП США. <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 01 de novembro de 2018.

³¹⁹ *Apelo aos trabalhadores de todos os países*. 8/10/1924. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 17. Резолюции, воззвания, газеты и бюллетени ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01 de novembro de 2018.

Em janeiro de 1924, deu-se a terceira perseguição. O PCB tentou organizar o comitê Nacional do Socorro Operário Internacional. A Polícia impediu. Bloqueou a porta do Centro Cosmopolita, onde deveria realizar-se a reunião de fundação. Mas o Socorro lançou 30 mil exemplares de um manifesto de apoio ao proletariado da Alemanha e sua luta revolucionária.³²⁰

O PCB também teria sido impedido de realizar evento em memória à morte de Lênin, além de ter sido assaltado pela polícia, resultando na prisão do seu Secretário Geral e de outros membro da CCE. Eles acabaram agredidos e foram ordenados a dissolver o PCB.³²¹

O autor informa em seguida que o partido foi sistematicamente atacado após os levantes militares de 5 de julho de 1924. Segundo ele, a polícia fazia do PCB alvo preferencial de seus ataques, mesmo sem possuir qualquer elemento documental como prova contra o partido, concluindo que aquelas ações eram parte da criação de uma narrativa que visava demonstrar a força e a capacidade política do governo frente à sociedade, diante dos revoltosos que desafiavam-no pela segunda vez.³²² Brandão afirma que a Constituição do Brasil não era cumprida nem pelo governo, nem pelos juízes. Assim, leis como a “Adolpho Gordo” e a “Lei de imprensa” haviam sido criadas para oficializar o combate às ideias revolucionárias e controlar a imprensa.

No final da primeira parte da carta, Brandão atribui aquele estado de coisas ao apoio dado pela Igreja Católica e pela “Inglaterra Protestante”, esta apontada como a “protetora do presidente Bernardes”. Sob a leitura da influência imperialista no Brasil, ele afirmava que toda aquela reação era “apoiada diretamente pelos Rotschild e Macdonald – pela 2ª Internacional”.³²³ Em síntese, o PCB fazia a seguinte interpretação da realidade política de então: o presidente Arthur Bernardes era um representante dos grandes fazendeiros de café e ambos estariam ligados diretamente ao capital inglês, na linha do argumento que apareceria em *Agrarismo e Industrialismo*, posteriormente.

³²⁰ BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas. Memórias. 1º Volume*. Alfa-ômega, São Paulo, 1978, p. 235.

³²¹ *Apelo aos trabalhadores de todos os países*. 8/10/1924. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 17. Резолюции, воззвания, газеты и бюллетени ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01 de novembro de 2018.

³²² *Apelo aos trabalhadores de todos os países*. 8/10/1924. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 17. Резолюции, воззвания, газеты и бюллетени ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01 de novembro de 2018.

³²³ Idem.

Chama também a atenção o ataque à social democracia da II Internacional, acusada de aliar-se à burguesia inglesa.

No tópico seguinte, o dirigente pecebista relata novamente as prisões de Paulo de Lacerda, então secretário do Comitê Nacional do Socorro Vermelho e de Maurício de Lacerda. O autor chama a atenção ao fato de ambos terem sido colocados em celas comuns da Casa de Correção. As prisões de outros membros são citadas, repetindo a lista anterior e são detalhadas toda espécie de violência física, além de deportações aplicadas aos estrangeiros presos.³²⁴

O secretário escreve ainda sobre a situação dos dirigentes considerados foragidos, como era o caso dos secretários do PCB, descrevendo as ações da polícia para encontrá-los. Esta, segundo Brandão, fazia uso do interrogatório e do suborno para obter informações. Ele revela ainda os nomes de outros militantes presos sob a acusação de terem supostamente enviado uma carta-bomba a um general governista, além de prisões ocorridas em São Paulo e em Santos e o fechamento das associações operárias.

O autor chama atenção também para os aspectos brutais da prisões em que foram submetidos trabalhadores e militantes comunistas, como era o caso das “geladeiras policiais”, onde, segundo ele, havia morrido o militante João Plácido. Tal acontecimento tinha ocorrido na prisão conhecida como o “Covil das feras”, no Rio de Janeiro. Com isso, o Secretário Internacional do PCB faz um apelo aos trabalhadores de todo o mundo: “companheiros d’ale’m mar! Clamai! Trabalhai para restituir aos lares desertos, aos filhos inocentes, esses pobres pais desolados!”.³²⁵ Nos parágrafos finais, além de conclamar pela liberdade aos comunistas e trabalhadores presos, Brandão pedia pela legalidade ao PCB e protestava contra as leis de exceção vigentes no país.

Na correspondência de 15 de outubro, em nome do PCB, Otávio Brandão apelou diretamente junto ao Presidente da IC, Grigori Zinoviev. O dirigente brasileiro afirmava

³²⁴ Também foram presos os seguintes membros do PCB: Valentim Argolo, “velho militante” e presidente do Centro Cosmopolita; o sapateiro Manoel Abril; José Elias, inspetor escolar; Belizário Prado, pedreiro; José Lago Moraes, trabalhador em restaurante e diretor de jornal proletário *Voz Cosmopolita*; Nereu Rangel Pestanu, jornalista; Everardo Dias, escritor, tipógrafo, “antigo militante”. Em Santos estava preso César Leitão, barbeiro. *Apelo aos trabalhadores de todos os países*. 8/10/1924. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 17. Резолюции, воззвания, газеты и бюллетени ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01 de novembro de 2018.

³²⁵ *Apelo aos trabalhadores de todos os países*. 8/10/1924. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 17. Резолюции, воззвания, газеты и бюллетени ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01 de novembro de 2018.

que a situação do partido era “dolorosa”, enviando detalhes dos acontecimentos desenrolados no país e reiterava ter enviado estudo sobre a “Revolta de São Paulo” para Alfred Stirner.³²⁶

Em carta endereçada novamente a Stirner, Brandão referia-se ao pedido feito a Zinoviev, reafirmando o drama em que viviam os comunistas brasileiros, quando também pergunta se o dirigente do CEIC havia recebido a capa do seu livro “Rússia proletária” e o “Manifesto Comunista”, de Marx, juntamente com o relatório trimestral de junho a março. Material enviado juntamente a diversos recortes de jornal, fotografias e pacotes de jornal sobre o 1º de maio, além do estudo que havia enviado sobre o levante militar de julho, em formato de relatório. Brandão estava ansioso em receber de Stirner uma avaliação de suas análises sobre a revolta de São Paulo, perguntando quais falhas haviam sido encontradas em seus escritos. Se houvesse alguma, ele lembrava novamente ainda ser iniciante no marxismo, mas estava disposto a receber a orientação correta da IC, se fosse o caso.³²⁷ Ou seja, a despeito de toda a perseguição que acometia o PCB e em especial o próprio Brandão, ele havia produzido um estudo sobre a realidade brasileira baseado nos levantes de 1922 e 1924, estudo que seria aprovado pelo CEIC e aplicado no PCB, até a própria IC, no final de 1929³²⁸, acusar os comunistas brasileiros de estarem desenvolvendo uma linha errada, que traia a luta da classe trabalhadora e do Movimento Comunista Internacional, como veremos no sexto capítulo.

Os documentos enviado à IC e o relato posterior do dirigente do PCB fortalece a percepção de que aqueles anos de república foram marcados pelo autoritarismo e pela repressão ao movimento operário e às suas organizações. Em nome da lei e da ordem, o governo aproveitou para atingir os seus opositores, principalmente após o levante tenentista de, fatos rememorados na obra *Combates e Batalhas*, de Otávio Brandão que lembrou da situação por ele enfrentada à época: “O governo Bernardes afiava as garras

³²⁶ RGASPI, Moscou, Rússia. *Camarada Zinoviev*. 15/10/1924. Дело 14. исьма ЦК КП Бразилии, ее делегации к ИККИ и КП США. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

³²⁷ RGASPI, Moscou, Rússia. *Camarada Stirner*. 30/09/1924. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 14. исьма ЦК КП Бразилии, ее делегации к ИККИ и КП США. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

³²⁸ ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985.

cada vez mais. Eu era perseguido pela polícia e vivia sob ameaças”.³²⁹ Mas, apesar do risco que corria, o dirigente comunista manteve-se no seu posto e ainda encontrou condições para tecer análises sobre os levantes militares, sobre os quais buscou discutir com a IC, escritos que acabaram sendo as primeiras reflexões sistemáticas e que resultariam conformando a obra *Agrarismo e Industrialismo*, base da política e da estratégia revolucionária dos comunistas durante toda aquela década.

4. Otávio Brandão: um intelectual e dirigente comunista na mira da polícia

De um modo geral, as palavras de Brandão à época e, posteriormente, em suas memórias, correspondem aos fatos. Seu nome apareceu repetidas vezes em jornais neste contexto, normalmente ligado à acusações de subversão da ordem, ligação com Moscou e entre os marxistas caçados pela polícia. Através destes jornais é possível confirmar o terror desencadeado pelas forças policiais, contendo todos os detalhes que afligiam os comunistas, como o chamado “Covil das Feras” e a “Geladeira”: estruturas pensadas pelo Estado para puni-los física e politicamente. Matérias que evidenciam também como a questão social estava na ordem do dia, afetando a estrutura de dominação política da república e mais do que qualquer outro segmento político, o partido Comunista apresentava esse elemento como um definidor à sua existência e atuação, sendo, por isso, vigiado e perseguido, apesar de ser um partido pequeno e de pouca influência.

No dia 8 de março de 1923, *Gazeta de Notícias*³³⁰ publicou a matéria “O Comunismo em São Paulo”, onde apresentava detalhes sobre a ação da polícia ao descobrir a existência do núcleo do PCB na Capital paulista. Revelação que teria provocado “imediatas providências”, ou seja, a investigação e o assalto policial àquele

³²⁹ BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas. Memórias, 1º Volume*. Alfa-ômega, São Paulo, 1978, p. 235.

³³⁰ Segundo o CPDOC, O jornal *Gazeta de Notícias* mantinha-se alinhado ao governo central desde a sua criação, em 2 de agosto de 1875. No ano de 1922, apoiou abertamente a candidatura de Arthur Bernardes e combateu a Reação Republicana. CPDOC/FGV. *GAZETA DE NOTÍCIAS*. Retirado de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias>. Acesso em 19 de outubro de 2020.

núcleo revolucionário.³³¹ Tudo teria começado quando as investigações policiais detectaram uma suposta elevação no tom da agitação do movimento operário, especialmente após a greve dos gráficos, ocorrida no mês anterior. Neste processo, a polícia teria conseguido reunir provas suficientes para concluir que o “libertário” João da Costa Pimenta e outros companheiros organizavam e dirigiam o “Centro Comunista nº 4”, ligado à “Seção Brasileira da Internacional Comunista, cuja sede funciona em nossa Capital”.³³² Em tom sensacionalista, foram apresentados ao público os ditos membros dirigentes, a data da fundação e a apreensão de livros de atas e toda correspondência mantida com os comunistas do Rio. Por conta disso, o delegado Bandeira de Melo imediatamente enviou ofício à polícia da Capital Federal, informando os nomes dos que, segundo o chefe de polícia, ocupavam “papel saliente na campanha agitadora no Rio”, onde constava os nomes de Astrojildo Pereira e de Otávio Brandão.

Vê-se que, apesar de ter pouco tempo no PCB, Otávio Brandão, em 1923, já era conhecido das forças públicas de segurança de São Paulo e do Rio de Janeiro, as duas maiores e mais importantes cidades do país, o que lhe acarretaria perseguições, ameaças e prisões nos anos seguintes. Perseguição que prosseguiria e logo seria motivo de desgaste físico e emocional do dirigente pecebista.

Em 28 de julho de 1923, o *Correio da Manhã* publicou na capa os protestos do senador Irineu Machado contra os arbítrios que governo Arthur Bernardes estava cometendo contra opositores oriundos do movimento operário, onde Otávio Brandão novamente é citado.³³³

Segundo a matéria, o senador estava cumprindo a sua promessa de ler as denúncias que lhe estavam sendo enviadas, então censuradas pelo estado de sítio. O senador afirmava já ter lido diversas cartas sobre a prisão de operários e naquele dia leria mais uma missiva sobre as ações brutais e perversas da repressão policial arbitrária contra trabalhadores e pessoas do povo.³³⁴ Nas primeiras linhas, em uma introdução,

³³¹ “O comunismo em São Paulo. A polícia daquela capital em atividade. Desvendou-se uma organização revolucionária filiada à Internacional de Moscou”. *Gazeta de Notícias*, 08/03/1923, p. 5. BNDigital. Retirado de <http://memoria.bn.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

³³² “O comunismo em São Paulo. A polícia daquela capital em atividade. Desvendou-se uma organização revolucionária filiada à Internacional de Moscou”. *Gazeta de Notícias*, 08/03/1923, p. 5. BNDigital. Retirado de <http://memoria.bn.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

³³³ “Discursos pronunciados, ontem, no Senado, pelo Sr. Irineu Machado”. *Correio da Manhã*, 28/07/1923. BNDigital. Retirado de <http://memoria.bn.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

³³⁴ “Discursos pronunciados, ontem, no Senado, pelo Sr. Irineu Machado”. *Correio da Manhã*, 28/07/1923. BNDigital. Retirado de <http://memoria.bn.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

Machado lê os agradecimentos a ele direcionados pelo o missivista anônimo, por estar se colocando publicamente do lado dos operários perseguidos e presos, indicando os nomes os cárceres dos vários líderes presos, dentre os quais o de Everardo Dias e Otávio Brandão.³³⁵ O primeiro deles, Everardo Dias, foi por ele apresentado como um “operário culto, alma de scol, contra o qual de quando em vez se assanham as iras dos governos foi preso” que havia sido jogado “brutalmente” numa cela em meio a presos comuns. O segundo era Otávio Brandão, que havia sido classificado como um “farmacêutico, moço de talento e cultura, escritor consagrado nos meios proletários”, que teria ficado preso na “Central”, onde teria passado por diversos interrogatórios. Outros sete operários teriam tido o mesmo destino, alguns haviam conseguido fugir, mas os que acabaram presos foram postos na chamada “geladeira”, como era o caso do tipógrafo Antônio de Oliveira. Outro preso citado era Luís Peres, então membro da CCE, que havia sido condenado ao desterro no Acre.

O missivista faz questão de frisar a situação de Otávio Brandão, afirmando ironicamente que, na prisão, o farmacêutico teria recebido a visita de um “segurança policial, isto é, social”, chamado Pereira. Este entrou sacudindo uma edição de jornal, conclamando para que a polícia tivesse mais energia em punir aquele homem. No entanto, segundo o que Irineu Machado verificara, Otávio Brandão só iria proferir uma palestra sobre Giordano Bruno nos meios proletários, sendo injustificado tal truculência das forças públicas de segurança. Segundo Irineu Machado, aqueles fatos mostravam a verdadeira face do governo Bernardes. Mauricio de Lacerda também é citado. Ele teria virado alvo da polícia por ter tido uma de suas petições de habeas corpus, em defesa dos presos, apreendida.

Ao final, segundo o *Correio da Manhã*, Irineu Machado leu em sessão plenária as críticas do missivista anônimo sobre o estado de sitio e a situação do movimento operário, destacando mais uma vez o seu papel de oposição a Bernardes:

Desde que a mordaza do sitio que pesa sobre todos, e especialmente sobre os proletário, que gozam, nesta democracia das delícias de um estado de sitio constante, mercê da lei ‘Gordo’, não nos permite qualquer desabafo, que pela imprensa, que em reuniões de classe, pois a polícia volta e meia fecha as sedes operárias, apelamos para a figura

³³⁵ BNDigital. “Discursos pronunciados, ontem, no Senado, pelo Sr. Irineu Machado”. *Correio da Manhã*, 28/07/1923. Retirado de <http://memoria.bn.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

do ilustre senador, afim de tornar públicas ao país estas misérias, que de outra forma ficariam submersas e ignoradas.³³⁶

As informações da carta fazem referência especificamente à situação vivida pelos comunistas naquele momento, de modo que é provável a sua origem na CCE, aproveitando a disposição de Irineu Machado em denunciar o que estava sendo censurado pelo estado de sitio. Ele seria um quadro pequeno burguês com o qual o PCB entendia que poderia taticamente contar e como o fez nos anos seguintes. O senador que havia defendido as propostas da Reação Republicana, em 1922, quando discursou em prol da chapa presidencial formada por J.J. Seabra e Nilo Peçanha. Naquele momento, ele seguia combatendo as oligarquias então no poder, usando a tribuna do Senado e as páginas dos jornais.

Entre os dias 22 e 26 de fevereiro de 1924, consta também no jornal *Correio da Manhã* um conjunto de notas – com réplicas e trélicas - que detalhavam o embate de narrativas entre Otávio Brandão e a polícia do estado do Rio de Janeiro, explicitando a perseguição do governo às lideranças operárias do país. Segundo a edição do dia 22, havia chegado à redação a informação que Otávio Brandão teria sido intimado pelo delegado Carlos Reis a abjurar publicamente de suas ideias comunistas e a comprometer-se a deixar de escrever sobre as questões sociais. Caso contrário, frisava o articulista, ele seria espancado, como ocorrera “há pouco tempo com outro”, referindo-se ao membro da CCE, Luís Peres que havia sido encarcerado e brutalizado por presos comuns.³³⁷ O jornal repudiava aquelas ações, afirmando que a insanidade havia tomado as mentes daquela “gente empoleirada nos postos de mando”, criticando o domínio da oligarquia paulista. Segundo o jornal, somente a insanidade poderia explicar os repetidos atos irresponsáveis, cada um mais “arrojado” e todos de “arrepiar”. Tom que evidencia o crescimento de uma oposição por entre a classe dominante que acabou fortalecendo-se nos anos seguintes e resultando na Revolução de 1930.

Ainda no jornal, em sua crítica, o articulista lembrava ao delegado que ele não era nem a “lei de imprensa”, nem o “Código penal”, sendo assim, não poderia enviar o que chamou de “recado ameaçador” ao “sonhador do marxismo”. Apesar de afirmar não

³³⁶ “Discursos pronunciados, ontem, no Senado, pelo Sr. Irineu Machado”. *Correio da Manhã*, 28/07/1923. BNDigital. Retirado de <http://memoria.bn.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

³³⁷ “Notas e Tópicos”. *Correio da Manhã*. 22/02/1924, p. 4. BNDigital. Retirado de <http://memoria.bn.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

ter qualquer proximidade com as ideias de Otávio Brandão, ele afirmava ser defensor da liberdade de pensamento, direito assegurado na Constituição, até o Brasil ter, segundo ele, se tornado uma “cabilda de bastardos”. Discurso de matriz liberal que, diante da autocracia imposta pelas oligarquias dominantes, acabava desafiando a ordem estabelecida. Ele finaliza sua crítica dizendo supostamente preferir acreditar ser aquele um simples mal entendido, dada a gravidade da narrativa. No entanto, afirma ter preferido registrar publicamente no jornal aquela situação para em caso de acontecer alguma coisa ao ameaçado todos saberiam quem seria o responsável - o delegado Carlos Reis - que, assim, não poderia mais esconder suas atitudes por trás de “gestos estudadamente maneirosos...”.³³⁸

Aquela nota não demorou de chegar ao conhecimento do próprio delegado Carlos Reis que, de imediato, enviou uma carta em resposta, datada ainda do dia 22 e que acabou publicada no dia seguinte, onde negava todas as acusações a ele direcionadas. Sua réplica foi remetida diretamente da 4ª delegacia de Polícia e endereçada a Mário Rodrigues, diretor do jornal, pedindo a “fineza” de que a publicação fosse feita no mesmo espaço onde haviam sido escrito um “suelto” sobre a sua “humilde pessoa”.³³⁹

Segundo o delegado, toda aquela história envolvendo Otávio Brandão não passava de um imenso boato, uma vez que o líder comunista não teria sido intimado a abjurar de suas convicções e muito menos teria sido ameaçado de espancamento. Prova disso era que ele não vinha à delegacia desde o dia 19 de maio daquele ano, uma vez que a “sua presença atualmente não tem sido necessária: ele era *quase inofensivo*”. Apesar de dizer isso para provar defender-se da acusação de truculência e ameaça, por outro lado, o delegado implicitamente mostrava como o comunismo era caso de polícia e como o caso possuía raízes ainda mais profundas. Sendo um “quase inofensivo” por ser comunista, fica evidente o tratamento a ele destinado e àqueles que assim se declarassem,³⁴⁰ mostrando haver um protocolo básico para tratar os adeptos dessa

³³⁸ “Notas e Tópicos”. *Correio da Manhã*. 22/02/1924, p. 4 BNDigital. Retirado de <http://memoria.bn.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

³³⁹ “Notas e Tópicos”. *Correio da Manhã*. 22/02/1924, p. 4 BNDigital. Retirado de <http://memoria.bn.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

³⁴⁰ “Notas e Tópicos”. *Correio da Manhã*. 22/02/1924, p. 4 BNDigital. Retirado de <http://memoria.bn.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

ideologia, o que certamente estava subsidiado por uma ação ostensiva de monitoramento das ações do movimento operário e de seus partidos.

Em seguida, ainda na mesma matéria, o jornalista não se furtou em rebater de imediato aqueles argumentos do delegado. Primeiro, ele rechaçou o uso da palavra “indivíduo” para Brandão, o que chamou de “terminologia policial”, ali usada como um termo pejorativo. Em seguida, o jornalista reafirmou a efetiva existência de uma intimação endereçada a Otávio Brandão, mas que pela carta de Carlos Reis, talvez não tivesse partido daquela delegacia. Para finalizar, ele afirma não ser aquele caso o único desconhecido pelo delegado em sua própria repartição, uma vez que um homem chamado Henrique Melo também teria sido espancado por policiais subordinados a Carlos Reis, nas vésperas das eleições. O caso, frisava o jornalista, era ainda mais grave e desmentia o delegado pelo fato de a vítima ter sido covardemente agredida apesar estar de posse de um salvo conduto expedido pelo juiz. Ou seja, finalizou o articulista: ou o delegado Carlos Reis não tinha controle das ações de seus comandados, ou estava mentindo, o que, no final das contas, era péssimo para a sua reputação.³⁴¹

Aquela celeuma teve ainda mais um capítulo naquele jornal. Dessa vez foi uma publicação específica para o caso, intitulada “Coisas da polícia. Ainda o caso da ameaça à liberdade do farmacêutico Otávio Brandão”, no dia 26 de fevereiro de 1924. O articulista recupera a discussão anteriormente ocorrida para ressaltar a sua hipótese de que ou o delegado Carlos Reis não tinha controle das coisas que aconteciam na sua delegacia, ou ele estava mentindo ao afirmar desconhecê-las por ser o grande responsável por todas as atrocidades.

Em primeiro lugar, o colunista aponta o registro correto das prisões de Otávio Brandão: detenção naquela delegacia do dia 21 ao dia 28 de maio de 1923 e depois nos dias 26 e 27 de junho do mesmo ano, diferentemente do que o delegado tinha afirmado publicamente em nota. Consequentemente, ele conclui ser possível Carlos Reis também desconhecer o nome do policial responsável pela ameaça a Brandão e talvez igualmente nada saber acerca da brutalidade cometida ao também membro do CCE, Luís Peres:

³⁴¹ “Notas e Tópicos”. *Correio da Manhã*. 22/02/1924, p. 4 BNDigital. Retirado de <http://memoria.bn.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

Quem se mostra, pois, tão mal conhecedor dos registros da sua repartição é capaz de não saber que, em seu nome, agente Ferreira – é assim que se chama o agente – intimou um cidadão ainda não destituído legalmente dos seus direitos, a abjurar das suas ideias, deixando de escrever, e, mais, a não frequentar os centros operários, sob a pena de ser maltratado como aconteceu ao operário brasileiro Peres.³⁴²

Luís Peres, ele lembra, foi jogado no cárcere chamado de “Covil das Feras”, à “sanha de malfeitores que o espancaram”. E era baseado neste evento que a polícia ameaçava e intimidava Otávio Brandão: jogá-lo numa cela em meio a presos comuns e incitá-los a agredir presos políticos. Ao que parece, foi por conta dessas ameaças que Otávio Brandão buscava ajuda junto a Astrojildo Pereira e à Internacional Comunista.

Em tom irônico, o articulista dizia apostar que o delegado desconhecia o destino de Luís Peres e muito menos sobre a existência daquele dito “Covil”. Este local, em suas palavras, era uma verdadeira “instituição”, por ser um “xadrez” muito conhecido por reunir criminosos perigosos. Aquela prisão era semelhante à “geladeira”, onde teriam sido detidos jornalistas, mas que naquele momento servia de prisão para quem cometesse o crime de opor-se ao regime.³⁴³ Aquela situação, segundo ele, era a “inversão geral de todas as coisas nesse país”: homens de ideias, ainda que estas fossem discutíveis, estavam sendo tolhidos brutalmente de seu direito de pensar por conta da ação da violência policial, embasada na ameaçadora situação de seus cárceres.

O fato era que o caso de Luís Peres era de conhecimento geral e servia para os agentes de polícia fazerem chantagem e ameaças à revelia do delegado ou sob a suas ordens, cumprindo o que o articulista chamou de “programa geral de amordaçamento dos que saibam dizer o que pensam”.³⁴⁴

Confrontando as afirmações de Carlos Reis, o colunista afirmava não ter ainda passado o tempo dos espancamentos, como ele afirmara. A situação de Luís Peres e a ameaça a Otávio Brandão mostravam o contrário: esse “tempo” iria continuar como

³⁴² “Coisas da Polícia. Ainda o caso da ameaça à liberdade do farmacêutico Otávio Brandão”. *Correio da Manhã*. 26/02/1924, p. 2. BNDigital. Retirado de <http://memoria.bn.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

³⁴³ BNDigital. “Coisas da Polícia. Ainda o caso da ameaça à liberdade do farmacêutico Otávio Brandão”. *Correio da Manhã*. 26/02/1924, p. 2. Retirado de <http://memoria.bn.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

³⁴⁴ BNDigital. “Coisas da Polícia. Ainda o caso da ameaça à liberdade do farmacêutico Otávio Brandão”. *Correio da Manhã*. 26/02/1924, p. 2. Retirado de <http://memoria.bn.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

resultado da incompetência do delegado ao desconhecer eventos ocorridos em sua delegacia, ou da sua vontade em deliberadamente prender e espancar comunistas e anarquistas. Após esse raciocínio, ele ironiza novamente o chefe policial: “Mas preferimos acreditar no 4º delegado auxiliar e esperar pelas suas providências, afim de que o senhor Otávio Brandão possa viver em paz enquanto for reconhecidamente ‘quase inofensivo’”.³⁴⁵

Nesse caso, chama atenção a defesa daquele jornal àqueles “sonhadores do marxismo”. Ainda que houvesse o interesse em fazer oposição política, o país estava sob estado de sítio e os opositores continuavam sendo perseguidos. Não podemos afirmar que o PCB tivesse influência direta sobre aquele escritos, mas devemos considerar que Otávio Brandão era conhecido nos círculos intelectuais, onde possuía algum destaque publicando livros, proferindo palestras e apresentando-se como um “homem de ideias”. Talvez essa posição de diferenciada o possibilitasse ser defendido publicamente no *Correio da Manhã*.

Luís Peres, segundo as memórias posteriores de Otávio Brandão, foi preso e “esbofetado na prisão”, conforme afirmava o *Correio da Manhã*. Seguindo na mesma linha de acusação do articulista daquele jornal à época, ele lembra que, de fato, “O chefe de polícia secreta, major Carlos Reis, deu a ordem de provocar, prender e esbofetear os comunistas”.³⁴⁶ Portanto, aquele delegado, que foi a público defender-se das acusações de prisões ilegais e tortura, era, na verdade, um conhecido inimigo da classe operária e dos comunistas, tanto que acabou lembrado por Otávio Brandão meio século depois, em seu livro de memória *Combates e Batalhas*³⁴⁷.

Aliás, as palavras de Brandão desde o início de 1924, ao lado das matérias e notas dos jornais daquele momento, confirmam as informações por ele enviadas a Moscou, sobre as perseguições policiais que tinham como alvo o Partido Comunista e os trabalhadores.³⁴⁸ Desse modo, o dirigente comunista não estava exagerando ao pedir

³⁴⁵ BNDigital. “Coisas da Polícia. Ainda o caso da ameaça à liberdade do farmacêutico Otávio Brandão”. *Correio da Manhã*. 26/02/1924, p. 2. Retirado de <http://memoria.bn.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

³⁴⁶ BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas* (memórias). Vol. 1. São Paulo: editora Alfa-ômega, 1978, p. 246.

³⁴⁷ BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas* (memórias). Vol. 1. São Paulo: editora Alfa-ômega, 1978.

³⁴⁸ No jornal *O Paiz*, é possível identificar a luta em favor das famílias dos operários presos naquela ocasião, bem como sobre o fechamento de associações operárias e a proibição de assembleias. Ver as seguintes matérias sobre esses temas: “O fechamento das associações operárias”, “Auxílio para as famílias dos operários presos” e “Centro dos operários marmoristas”, esta última sobre as assembleias

pelo retorno imediato de Astrojildo Pereira ao Brasil, como consta na correspondência enviada a Moscou. Afinal, dirigir o PCB sob ameaças constantes de prisão e com frequentes críticas oriundas do movimento sindical, configurava-se num fardo demasiadamente pesado para Otávio Brandão, que quase nada poderia fazer diante do encarceramento e tortura dos demais membros do partido. Situação que se tornou ainda mais dramática com a repressão desencadeada após os levantes militares de julho de 1924.

A despeito da repressão policial que, na prática, representava uma ameaça real à vida dos comunistas, Otávio Brandão manteve-se em seu posto, como o prometido. Mais que isso, a partir da situação política brasileira, onde conspirações e levantes militares passaram a ser a tônica da política, o dirigente pecebista buscou extrair elementos à revolução brasileira a ser liderada pelo PCB. Estes deram origem à estratégia da Revolução democrático pequeno-burguesa³⁴⁹, onde se fazia mister o estabelecimento de uma aliança com os militares rebeldes e com elementos progressistas da pequena burguesia, bem como seguir dialogando com pauta difusa por eles defendida. Relação que prosseguiu com aproximações e afastamentos no campo político e nas concepções revolucionárias.

5. A revolução democrático pequeno-burguesa no II Congresso do PCB

A teoria da revolução democrático pequeno-burguesa norteou a política do PCB durante toda década de 1920. Ela foi gestada no interior do partido durante implacável repressão policial, mas também como um esforço de interpretação marxista sobre as condições sócio históricas e políticas do Brasil diante dos novos atores em cena: os tenentes. Seu principal objeto de estudo eram a essência e as bases do movimento que desenvolvia-se entre os militares da baixa oficialidade e praças, responsáveis pelos levantes ocorridos em 1922 e em 1924. Assim, aquela teoria foi

proibidas, na edição de 20 de julho de 1924; “Auxílio para as famílias dos operários presos”, “O fechamento das Associações Operárias”, de 29 de julho de 1924; “Auxílio para as famílias dos operários presos”, “União dos trabalhadores em hotéis, restaurantes, cafés e similares”, esta também sobre o fechamento daquela associação; e “Auxílio às famílias dos operários presos”, de 21 de agosto de 1924.

³⁴⁹ ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985.

formulada em simultaneidade com os acontecimentos e acabou sendo o princípio heurístico do II Congresso do PCB, realizado em maio de 1925, onde foi oficializada e passou a ser a base da política dos comunistas em todo o país, até o final de 1929, quando o partido foi interdito pela Internacional Comunista.³⁵⁰

A linha por ela definida interpretava os levantes militares como obra da pequena burguesia, que tinha nos militares o seu setor mais avançado. Esta fração de classe supostamente estaria passando por um processo de proletarização na e por isso a sua vanguarda se rebelava através das armas contra aquele estado de coisas. Ao detectar essa disposição para a luta contra a burguesia agrária, cabia ao PCB buscar aproximar-se da pequena burguesia e propor-lhe uma aliança política e militar, com o objetivo desencadear a Revolução democrático pequeno-burguesa.

Essa proximidade do PCB visava evitar a fascistização do movimento e a concreta realização de objetivos democráticos. Sob essa lógica, o partido estaria aplicando a interpretação da IC³⁵¹ sobre países tidos como “coloniais” e “semicoloniais”, como era classificado o Brasil. A partir dessa leitura, os comunistas levavam em conta as especificidades nacionais, que era compreender a revolução brasileira como obra da pequena burguesia - leitura singular no Movimento Comunista Internacional³⁵² - que colocava o partido efetivamente no jogo político em curso no país, a despeito dos evidentes equívocos em sua formulação.

Como demonstrado anteriormente, a interpretação dos comunistas sobre os levantes militares foi mudando com decorrer dos acontecimentos. Nos primeiros momentos, a ação militar ocorrida em 5 de julho de 1922 foi classificada simplesmente de “golpe” e foi assim que o PCB apresentou àquele evento à IC. No ano seguinte, sob perseguição policial, o levante já é visto como uma “revolta”, ainda que de natureza reacionária, mas sob uma máscara democrática. Até que, em 1924, passa a ser entendido

³⁵⁰ Michel Zaidan defende que essa tese evidencia a aplicação do marxismo a nível nacional, opondo-se às ideias de que o marxismo chegado ao Brasil era de matriz stalinista e voltado para a defesa do estado soviético. Ver: ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985.

³⁵¹ BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista (1919-1943)*. São Paulo: Sundermman, 2007, p. 205.

³⁵² Michel Zaidan afirma que o realce ao papel da pequena-burguesia urbana era fruto da realidade em curso, referindo-se aos levantes “tenentistas”. Não existia teoria semelhante no MCI que, de um modo geral, seguiam a teoria da revolução democrático burguesa, onde setores radicalizados da burguesia seriam as pontas de lança àquele movimento revolucionário. ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto. 1922-1930*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989, p. 21.

como um movimento da pequena burguesia, em vias de proletarização, contra as burguesias agrárias e industrial.³⁵³

Como apontamos, os estudos de Brandão enviados à IC, a exemplo do que fora remetido aos cuidados de Alfred Stirner em setembro, deram origem à obra *Agrarismo e Industrialismo*. Escrito que, não por acaso, tem como subtítulo “Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924”, evidenciando que o objeto central de suas análises era a natureza dos levantes tenentistas, especialmente aquele ocorrido na capital paulista, diante de um contexto de acirramento da luta de classes no Brasil,³⁵⁴ obra que foi a base que lastreou as orientações políticas e revolucionárias definidas no II Congresso do PCB, realizado entre os dias 16, 17 e 18 de maio de 1925. Nele estiveram presentes seis membros da CCE, cinco membros do Rio e de Niterói, dois de Pernambuco, dois de Santos, um de São Paulo e um de Cubatão.

No relatório apresentado pelo Secretário Geral, aprovado pela plenária, constam detalhes sobre o trabalho da CCE nos três anos de existência do partido. Este período foi atribulado, mas foi quando a direção partidária, segundo o documento, mesmo desfalcada, atuou com perseverança e guiou o partido com sabedoria.³⁵⁵ Sobre a situação nacional, as tarefas principais do PCB naquele momento eram identificadas nos seguintes termos: I - levar à frente a luta ideológica no seio do proletariado contra socialistas e anarquistas; II – dirigir as forças proletárias de forma independente em meio às lutas políticas civis e militares e no embate entre os capitalismo agrário e industrial em curso no país, numa referência aos movimentos militares de 1922 e 1924; III – Quanto à pequena burguesia, os comunistas deveriam esforçar-se por conquistar os seus membros proletarizados ou ao menos neutralizá-los, principalmente aqueles que estavam em luta contra a grande burguesia agrária ou industrial. Trecho onde novamente há referência aos militares revoltosos, evidenciando o interesse o partido em

³⁵³ CARONE, Edgar. *O PCB*. São Paulo: Diefel, 1982, p. 39.

³⁵⁴ Segundo Otávio Brandão, o erro dos movimentos de 1922 e de 1924 teria sido a inexperiência política e a falta de conhecimento sobre a, segundo ele, “arte séria que é a insurreição armada”. Os “18 do Forte” vacilaram e não agiram com a rapidez de ação e brutal violência que um levante exige. Eles teriam sido ingênuos. Já o movimento de 1924, na visão de Brandão, ultrapassou e muito o de 1922. No entanto, a visão estreita seus líderes pequeno-burgueses os teria impedido em ver a realidade: “Os chefes da segunda revolta demonstraram ser bons técnicos e maus políticos. Daí, uma das razões da derrota de São Paulo”. Isso porque atacaram o “pulmão”, São Paulo, mas nada fizeram em relação ao “cérebro”, o Rio de Janeiro. BRANDÃO, Otávio. *Agrarismo e Industrialismo*. Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes de São Paulo. 2ª edição, São Paulo: editora Anita Garibaldi, 2006, p. 53-4.

³⁵⁵ CARONE, Edgar. *O PCB*. São Paulo: Diefel, 1982, p. 38.

aproximar-se do movimento; IV – concluiu pela necessidade de ligar-se aos lavradores pobres e operários agrícolas, sobre o que admite grande dificuldade; V – por fim, conclamava-se a relacionar sempre a ação do partido, estrategicamente e taticamente, à lógica do movimento revolucionário internacional; à luta contra o imperialismo e em prol da URSS.³⁵⁶

Essas linhas mestras, ali ratificadas, estavam em consonância com os escritos de Brandão e a partir de então foram oficialmente exaradas a todo o conjunto partidário. Assim, deliberou-se pela a necessidade de dialogar com a pequena burguesia: desde os seus membros civis, ligados à política institucional, como Maurício de Lacerda e Assis Brasil, à sua vanguarda revolucionária, que havia levantado quartéis em 1924 e seguia em campanha e formado há ³⁵⁷poucos meses – mais precisamente em abril – a Coluna Prestes-Miguel Costa.³⁵⁸

A proposta revolucionária do PCB estava de acordo com as teses da IC para os países classificados como “atrasados”³⁵⁹, como era o caso do Brasil e por isso era aceitável o estabelecimento de alianças temporárias com os setores democrático burgueses em sua luta contra o domínio das formas pré-capitalistas, ressaltando, no entanto, a necessidade de ser mantida a “independência orgânica e ideológica” do partido nesse processo. Segundo Marly Vianna:

Em seu II Congresso (1920), a IC aprovou teses de Lenin sobre o problema nacional e colonial, teses essas que seriam a base da estratégia política para todos os países fora do mundo desenvolvido. Na ocasião – e isso não sofreu posteriormente modificação significativa – elas estavam voltadas para as questões do Oriente, em especial para a Índia. As teses afirmavam que a ditadura do proletariado estava na ordem do dia em âmbito mundial. Para os países mais atrasados, com predominância de instituições feudais e patriarcais no meio rural, foram estabelecidas tarefas específicas: os comunistas deveriam participar obrigatoriamente dos movimentos revolucionários de emancipação, principalmente nas metrópoles opressoras, o que confirmava a importância atribuída aos países capitalistas desenvolvidos. Quanto à frente única, dever-se-iam ‘fazer acordos temporários e até alianças com a democracia burguesa das colônias e dos países atrasados’, sem perder com isso a independência orgânica e ideológica. Estes dois pontos nortearam

³⁵⁶ CARONE, Edgar. *O PCB*. São Paulo: Diefel, 1982, p. 39.

³⁵⁷ ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985.

³⁵⁸ Sobre a Coluna Prestes, ver: PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

³⁵⁹ Ver: BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista (1919-1943)*. São Paulo: Sundermman, 2007, p. 205.

a atuação dos PCs até 1935: uma visão uniforme sobre a situação política, econômica e social do mundo colonial e subdesenvolvido e a percepção das alianças políticas como uma questão meramente tática.³⁶⁰

E foi com essa orientação que os comunistas se movimentaram até 1929, no campo político eleitoral e revolucionário: estabeleceram alianças com setores *pequeno burgueses* – o que era uma especificidade do marxistas brasileiros – para a disputa nos pleitos vindouros e buscaram dialogar com as lideranças tenentistas, para tentar estabelecer um programa mínimo à Revolução democrático pequeno burguesa. A despeito do acesso restrito às obras de marxistas e marxianas, os comunistas brasileiros formularam uma teoria que colocou o PCB no circuito político, fazendo-o ascender da obscuridade e transformando-o numa agremiação política à nível nacional, o que pode ser observado, dentre outras coisas, nas diversas tentativas de aliança e ações junto aos tenentes, que tiveram como resultado, por exemplo, a própria conversão de seu líder máximo ao comunismo: Luis Carlos Prestes, fatos que serão analisados neste trabalho.

A despeito do erro em ver uma disputa interimperialista no país, onde o capital inglês lastreava o *Agrarismo* e o capital estadunidense bancava o *Industrialismo*, e onde a pequena burguesia, por estar supostamente sendo proletarizada nesse processo, pôs sua vanguarda revolucionária em marcha por seus direitos, o PCB apresentava-se como um vetor de força para o processo político em curso no país. Por si, sua presença ameaçava o recessivo liberalismo brasileiro, acostumado a não atuar como um “fermento revolucionário”, que seguia refreando o ímpeto revolucionário para evitar a participação popular no movimento de modernização infraestrutura pelo qual o capitalismo brasileiro passava naquele momento.³⁶¹ Ele limitava-se a “rupturas moleculares” e estas ficam evidentes na ideologia difusa de “representação e justiça”, defendida pelos revoltosos, bem como o temor em aliar-se aos comunistas por sua explícita relação com as massas e por sua ideologia. Ou seja, a participação popular num movimento revolucionário era temida por todas as frações da burguesia, inclusive a pequena burguesia revoltosa e o PCB representava esse “perigo”. Esse elemento implicitamente vai obstaculizar possíveis alianças do Partido Comunista com os

³⁶⁰ Segundo Marly Vianna: “VIANNA, Marly Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: sonho e realidade*. 3ª Edição, São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 44-5

³⁶¹ VIANNA, Luiz Werneck. *A Revolução Passiva*. Iberismo e Americanismo no Brasil. 2ª edição, São Paulo, editora Revam, 1997, p.45.

militares revoltosos que queriam fazer uma revolução no lugar do povo e não junto a ele.

O fato é que mudanças estruturais estavam sendo exigidas para a modernização do capitalismo no Brasil e a organização política da República mostrava-se incapaz de realizá-las. Suas estruturas sociais teriam de sofrer modificações para que aquelas alterações se efetivassem. Com toda a dificuldade, as classes médias e o proletariado, geralmente excluídos do jogo político, estavam aos poucos ganhando espaço político, apesar das tentativas da burguesia em refrear esse movimento.

Não foi ao acaso que ambas as classes - em maior grau a pequena burguesia - tiveram muito de suas demandas políticas vociferadas, povoando os discursos das oligarquias dissidentes, então reunidas na Reação Republicana, em sua luta política contra a viciada máquina política situacionista na eleição presidencial de 1922. Seus ideias influenciaram setores da baixa oficialidade e praças do Exército que partiram às armas para implementar seu “programa revolucionário”, que não ia muito além da crítica jurídico-política.³⁶²

Desse modo, a posição do PCB não deixava de ser revolucionária, apesar de alguns equívocos na compreensão da realidade nacional. A tese da “Revolução democrático pequeno-burguesa”, diante da natureza recessiva e limitada do liberalismo brasileiro, materializado na ação militar dos tenentes, apresentava-se como uma ideia ameaçadora à dominação burguesa no Brasil por propor uma aproximação entre a classe trabalhadora e os militares “revoltosos”. Não era a leitura mais apurada, mas diante de uma organização social e política dominada por uma lógica oligárquica e patriarcal, dominada pela violência, que não havia sido plenamente substituída pelo consenso e pela ideologia, conformando um domínio através do consenso - a tese do PCB apontava para uma efetiva democratização do país em nível muito mais avançando do que se tinha à época.

Ainda que fosse pequeno e de expressão limitada, o Partido Comunista foi crescendo na metade da década, principalmente através da agitação e da propaganda em jornais próprios e escrevendo em colunas operárias de jornais burgueses, ampliando

³⁶² Segundo Boris Fausto: “O tenentismo da primeira fase pode ser definido como um movimento voltado para o ataque jurídico-político às oligarquias, com um conteúdo centralizador, ‘elitista’, vagamente nacionalista”. FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*. Historiografia e história. 16^o Edição, 5^a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 87

laços com a classe trabalhadora, fazendo nascer novos núcleos pelo país. Em paralelo, a criação do Bloco Operário como instrumento à frente única, trouxe as primeiras vitórias eleitorais dos comunistas brasileiros. E foi a partir dessa força crescente por entre os trabalhadores e por conta do BOC, que os comunistas se empenharam na tarefa de tentar conquistar os militares revoltosos e o movimento como um todo para a Revolução democrático-pequeno-burguesa.

Na realidade, a “revolução” pretendida pelos tenentes não previa o desmonte da estrutura econômica, ela limitava-se à lógica do recessivo liberalismo brasileiro: uma nova forma de submissão aos interesses agrários e à sua estrutura anacrônica de sistema produtivo³⁶³.

Ao se colocar em favor de uma aliança com os tenentes, os comunistas acabavam trazendo consigo a real possibilidade de uma participação proletária no movimento que, na prática, era a única capaz de levar às últimas consequências a Revolução democrático-pequeno-burguesa e assim alterar profundamente a estrutura política da República.³⁶⁴ Apesar de os tenentes não terem esta clareza à época – e talvez nem mesmo os comunistas – era real a ameaça de uma participação do proletariado, o que eles não queriam de modo algum. Sob essa ótica, o Partido Comunista apresentava-se aos demais “revolucionários” como um aliado impróprio, uma vez que propunha-se a empurrar o movimento para uma posição cada vez mais à esquerda. Ou seja, a presença do PCB no movimento ameaçava os limites da revolução planejada pelas demais classes dominantes, ao tempo em que o partido apresentava-se como uma força útil na difícil tarefa de derrubar o poder oligárquico. E este jogo seguiu até a IC intervir e proibir o Partido Comunista de atuar na Revolução, trazendo alento às classes dominantes que puderam reorganizar o Estado nacional sem a presença da classe trabalhadora e das camadas populares.

³⁶³ Segundo Luiz Werneck Vianna, o liberalismo moderno era vivenciado no plano da consciência somente. De resto, ele vivia a “consagrar o patrimonialismo e a estrutura anacrônica do sistema produtivo que herdou da colônia”. VIANNA, Luiz Werneck. *A Revolução Passiva*. Iberismo e Americanismo no Brasil. 2ª edição, São Paulo, editora Revam, 1997, p.46.

³⁶⁴ LENIN, Vladimir Ilitch Ulianov. *Dois táticas da social democracia na revolução proletária*. São Paulo: editora Livramento, 1975, p. 4.

CAPÍTULO IV

OS PRIMEIROS PASSOS DA REVOLUÇÃO: A BOLCHEVIZAÇÃO, O JORNAL “A CLASSE OPERÁRIA” E O PCB NA BAHIA (1925)

1. A política revolucionária do PCB

Entre os anos de 1925 e 1929, o Partido Comunista pôs em prática o seu programa revolucionário, reunindo forças e preparando-se para atuar decisivamente no que chamava de “terceira revolta”, a revolução brasileira. A linha política dele oriunda, apesar de ter sido aplicada numa sociedade de capitalismo atrasado, - então dominada por oligarquias regionais, interessadas em manter limitada a democracia liberal, marginalizando as camadas populares e médias - contribuiu para o fortalecimento do partido e para o avanço do processo de desagregação da dominação oligárquica Brasil.

Apesar de a política revolucionária do PCB se basear na interpretação de que a luta política em curso país resultava da luta entre os imperialismos dos EUA e da Inglaterra, as tarefas postas a partir dessa leitura foram favoráveis à atuação do partido. Assim, mesmo partindo de uma visão limitada, a “Revolução democrático-pequeno-burguesa” apresentava os comunistas como unidades ativas do jogo político em curso no país. Para todos os efeitos, eles não poderiam ser desprezados.

Combinando eficiente estratégia de agitação e de propaganda - encabeçada pelos jornais “A Classe Operária” e pelo “A Nação” -, com o alcance eleitoral obtido pelo Bloco Operário, o BOC, além do trabalho de organização sindical, com a criação da Confederação Geral do Trabalho, a CGT³⁶⁵, e a aproximação com os militares revoltosos da Coluna Prestes³⁶⁶, o PCB apresentava-se no cenário político como uma

³⁶⁵ O partido tinha o objetivo de unificar o movimento operário em nível nacional, sob a bandeira da foice e do martelo, como forma de combater as outras correntes sindicais - anarquistas e socialistas - conseguindo sucesso ao trazer à luz a Confederação Geral do Trabalho, a CGT.

³⁶⁶ PCB aproximou-se dos militares revoltosos, responsáveis pelos levantes de 1922, de 1924 e pela Coluna Prestes, com os quais buscou estabelecer uma aliança para a consecução da revolução no Brasil. Seu diálogo resultou inicialmente numa aproximação, especialmente com Luiz Carlos Prestes, então renomado líder da já legendária “Coluna Invicta”, com o qual discutiu possíveis alianças e acabou influenciando o “Cavaleiro da Esperança” ao marxismo.

força que não poderia ser ignorada, contribuindo à desagregação do poder oligárquico e durante o processo da Revolução de 1930, a despeito da intervenção da IC em contrário, realizada no final de 1929.

O fato é que o programa dos comunistas brasileiros, fundamental ao desenvolvimento do partido nesse período, foi ratificado no II Congresso, realizado em 1925. Suas teses e resoluções foram igualmente aprovadas pela Internacional Comunista à época. No entanto, após mudanças no cenário soviético e nas perspectivas relativas à revolução mundial, o mesmo programa foi interdito pela própria Internacional Comunista, em parceria com o seu Secretariado Sul-Americano, em 1929. Conseqüentemente, o partido recebeu ordens expressas de abandoná-lo e seus líderes, responsáveis diretos por aquela linha política, acabaram identificados como “menchevistas” e “direitistas”, acabando por perder seus postos no comando partidário. Em suas acusações, a IC não fez qualquer esforço para lembrar que também tinha responsabilidade pela tática desenvolvida pelos comunistas brasileiros. Não importava o fato de o partido ter saído da inércia e se tornando uma organização a ser considerada na política oligárquica dominante no país.

Os acontecimentos funestos decorrentes da derrota da revolução chinesa foram tomados como exemplos a serem evitados no país a todo custo. Como China e Brasil eram classificados como semicoloniais, a IC entendia caber a mesma tática. Assim, deveria ser evitada a todo custo qualquer aliança com setores da burguesia que, à época, era um dos principais objetivos do PCB, em sua luta pela revolução brasileira.

Quanto a essa interpretação, os comunistas brasileiros não fizeram qualquer objeção e talvez não tivessem como fazê-lo. Afinal, Moscou era vista como a “Meca” do comunismo e a IC era a sua principal mensageira. Considerando-se esse aspecto questão, mesmo que os líderes pecebistas dominassem o maxismo-leninismo, o que não era o caso, eles não possuíam força suficiente para contradizer o Komintern. Assim, sem prestígio e sem dominar instrumentos teóricos a fundo, só lhes coube aceitar as críticas e renegar todo o trabalho feito até então, o que pode ser considerado como o ocaso da primeira fase do Partido Comunista do Brasil.

Também é verdade que o programa do PCB equivocava-se ao interpretar a realidade brasileira como o resultado da luta entre os imperialismos norte-americano e

inglês. Nesse embate, a proletarizada pequena-burguesia ter-se ia levantado e saído em marcha contra a opressão que lhe afetava.

Em suas análises, o PCB não avaliava o impacto do desenvolvimento do capitalismo brasileiro, que alterava a paisagem urbana brasileira e começava a criar uma classe trabalhadora cada vez mais ampla e capacitada, gerando, conseqüentemente, crescentes demandas por mais direitos políticos e sociais, exigindo uma nova política econômica do Estado. E foi a partir da interpretação de que o Brasil era palco de uma luta inter-imperialista, que os comunistas concluíram que a etapa da revolução no país era “democrático pequeno-burguesa”, cabendo ao partido aliar-se com os tenentes, classificados como vanguarda da pequena-burguesia, para fazer eclodir a “Revolução democrático pequeno burguesa”.

Por outro lado, a despeito das razões equivocadas, essa aproximação rendeu frutos ao Partido Comunista. Essa relação acabou colocando-o na rota dos acontecimentos nacionais, por onde passavam as articulações da revolução que se desenvolvia no Brasil e que sem a participação da classe operária e de sua vanguarda, assumiu uma forma passiva. Talvez, uma das formas mais reativas, o que pode ser verificado pela forma do governo discricionário, instalado em outubro de 1930, que passou a uma escalada autoritária, até o golpe de novembro de 1937, instaurando a ditadura do *Estado Novo*. No entanto, três anos antes de condenar a política do PCB³⁶⁷ e alterar definitivamente o seu rumo revolucionário, o Presidium da IC informava sobre a aprovação do programa revolucionário.

Em julho de 1926, o líder do Partido Comunista Italiano, Palmiro Togliatti³⁶⁸, usando o cognome “Ercoli”, enviou uma correspondência ao Brasil. Togliatti respondia

³⁶⁷ Em 1929, a Internacional Comunista interferiu diretamente na linha política do PCB, retirou seus principais líderes, Astrojildo Pereira e Otávio Brandão da direção, condenando-os como “pequeno-burgueses” e “menchevistas”. A partir daí, passou a vigorar a política de “Classe contra classe”, onde a revolução no Brasil deveria ser Agrária e anti-imperialista, não cabendo qualquer aproximação com os tenentes.

³⁶⁸ Segundo o *Marxists Internet Archive*, Palmiro Togliatti foi “Membro do Partido Socialista italiano, fez parte do grupo “Ordine Nuovo” e foi um dos fundadores do Partido Comunista da Itália. Em 1921 foi eleito para o Comitê Central do Partido e, em 1924, entrou para o Comitê Executivo da Internacional Comunista, da qual foi Secretário entre 1937 e 1939 na Espanha durante a Guerra Civil. Retornou à Itália em 1944 e foi eleito Secretário Geral do Partido Comunista Italiano (em 1944 o partido trocou o nome de Partido Comunista da Itália para Partido Comunista Italiano). Foi o primeiro a tirar conclusões europeias do Relatório de Khrushchev, em 1956 e, por essa razão foi considerado como o fundador do “Eurocomunismo”. Retirado de <https://www.marxists.org/portugues/togliatti/index.htm>. Acesso em 16 de dezembro de 2020. Identificamos que “Ercoli” era o pseudônimo de Palmiro Togliatti a partir do texto

pelo Secretariado da IC para os países de língua espanhola e aproveitava a missiva para transmitir os melhoramentos ao programa revolucionário, definidos pela Internacional.

Redigido em francês e constituído de nove páginas, o ofício de “Ercoli” foi endereçado ao Comitê Central do PCB. Em suas primeiras linhas, o autor afirmava que o Presidium havia analisado a situação brasileira a partir dos documentos enviados pelo partido e formulado algumas diretrizes. Inicialmente, a IC reconhecia a justeza das linhas fundamentais do II Congresso e acreditava estar em curso a agudização do conflito entre pequeno-burgueses e a grande burguesia contra os “agrários”. Embate resultante da disputa entre os imperialismos inglês e norte-americano pelo controle do país.³⁶⁹

Segundo o Presidium, já não pairavam dúvidas sobre a profunda cisão ocorrida nas classes dominantes brasileiras. Esta, somada à luta interimperialista, tendia a se tornar mais acirrada com o passar do tempo. No entanto, até então o proletariado não havia ainda tirado vantagem daquela situação, porque lhe faltava organização, mas o programa do PCB mostrava que os comunistas brasileiros haviam compreendido aquele fato e entendido que era preciso realizar aquela tarefa.

Para alcançar esse objetivo, os comunistas precisavam orientar a classe trabalhadora para torná-la independente como classe diante da luta política em curso. Os fundamentos apresentados para este fim estariam corretos, mas falhavam por serem muito genéricos, pois apresentavam diretrizes muito gerais e, assim, acabavam não sendo suficientes para determinar efetivamente a ação política do partido em sua relação com os trabalhadores.

Concordando com a proposta-base pecebista, Ercoli informava que este era um ponto ao qual o Presidium chamava atenção: o programa precisava especificar as palavras de ordem, deixando evidente a natureza da luta do partido e os objetivos pelos

Gramsci e Togliatti, escrito por Guido Liguori, vice-presidente da International Gramsci Society, e publicado na página “Gramsci e o Brasil”, no endereço <http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv258.htm>. Acesso em 16 de dezembro de 2020.

³⁶⁹ “Au CC du PC du Bresil”. 12/7/1926. RPASGPI, Rússia. Дело 23. Переписка ИККИ и его представителей с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de novembro de 2018.

quais ele convoca as massas para lutar ao seu lado. Sem isso, o PCB não teria sucesso em intervenções futuras, acabando também por não destacar-se diante das massas e diante de seus adversários. Essa conclusão resultava da análise acerca do posicionamento dos comunistas diante dos levantes militares de 1922 e 1924. Segundo o dirigente da IC, não se podia culpar o partido por sua posição indiferente durante a primeira revolta, mas o mesmo não poderia ser dito sobre o segundo movimento. Naquele momento, o PCB deveria ter lançado palavras de ordem distinguindo ambos os lados e fazendo assim ressaltar a sua fisionomia de partido da classe trabalhadora.³⁷⁰

Esse erro deveria ser evitado a todo custo no futuro. Era preciso evitar a passividade e não confundir-se com seus adversários. Cabia ao partido lançar palavras de ordem contra o governo reacionário e feudal do Brasil, ao lado de uma série de reivindicações de classe e pelo estabelecimento de um governo operário e camponês. Porém, essa posição necessariamente se originaria de um trabalho contínuo e sistemático, à base de um programa concreto de reivindicações políticas e a partir de demandas mais imediatas da classe trabalhadora, com a qual o partido estabeleceria um vínculo cada vez mais estreito.

Nas páginas finais, Togliatti ressaltava a importância de o PCB conquistar a pequena-burguesia, especialmente a sua juventude, que, na América Latina, eram considerados relevantes agentes anti-imperialistas. Ao mesmo tempo, era preciso realizar um eficiente trabalho para pôr as camadas sindicalizadas sob influência do partido, apesar de existir no Brasil uma tradição de dispersão, os comunistas deveriam criar uma central sindical reunindo o movimento sindical brasileiro. Além disso, acentua-se à necessidade de o PCB conectar-se com os trabalhadores rurais, sem os quais não seria possível atuar plenamente nas lutas políticas do país.³⁷¹

³⁷⁰ Nas palavras de Togliatti: “Mais Lors de la deuxième insurrection, em 1924, et pendant les luttes qui l’ont suivie, le Parti, tout en étant idéologiquement orienté sur la signification du mouvement, ne réussit pas à prendre une attitude politique et à lancer des mots d’ordre capables de le distinguer des combattants et l’un ou de l’autre côté, et de faire ressortir clairement sa physionomie de parti de la classe ouvrière”. “Au CC du PC du Bresil”. 12/7/1926. RPASGPI, Rússia. Дело 23. Переписка ИККИ и его представителей с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de novembro de 2018, p.4.

³⁷¹ “Au CC du PC du Bresil”. 12/7/1926. RPASGPI, Rússia. Дело 23. Переписка ИККИ и его представителей с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de novembro de 2018, p. 7.

Diante de um cenário de muitas possibilidades, era preciso alargar os quadros, recrutando proletários e não-proletários. Essa condição era indispensável para transformar “le jeune et petit parti du Bresil em um Parti de masse”.³⁷² O jovem e pequeno PCB, como carinhosamente se referiu Togliatti, absorveu as orientações do Presidium e cumpriu grande parte daquela programação: criou palavras de ordem denunciando a natureza oligárquica e repressiva do estado brasileiro, quando atacou também as leis de exceção, com foco na chamada Lei Celerada, que jogou o partido novamente na clandestinidade, em 1927. Os comunistas buscaram posicionar-se quanto à Coluna Prestes, mostrando-a como um agrupamento que corretamente lutava contra as oligarquias donas do poder, mas que somente a vanguarda proletária era capaz de fazer a verdadeira revolução. O trabalho sindical foi realizado com relativo sucesso, visível mais claramente na organização da CGT. O partido também realizou um trabalho de organização junto aos jovens, fortalecendo a Juventude comunista e o trabalho anti-imperialista, além de ampliar o recrutamento de membros para o partido, principalmente através da facilitação dos requisitos para a adesão e a instituição das organizações de base a partir das células. Em consequência disso, surgiram novos núcleos regionais e municipais do PCB em outros estados do país.

Tudo isso acabou contribuindo diretamente para o trabalho através do BOC, que na condição de partido legal, dirigido pelo PCB, ampliou o trabalho realizado por seus membros, criando um canal de diálogo com setores da pequena-burguesia. Entre esses, podemos citar a adesão do deputado de Azevedo Lima e Leônidas de Resende, disponibilizando o jornal “A Nação”³⁷³ ao partido, e a relação com a Coluna Prestes e, em especial, com o seu líder, Luiz Carlos Prestes, que recebeu e dialogou com dirigentes comunistas.

³⁷² “Au CC du PC du Bresil”. 12/7/1926. RPASGPI, Rússia. Дело 23. Переписка ИККИ и его представителей с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de novembro de 2018, p. 8.

³⁷³ A influência do PCB pode ser visualizada no trecho a seguir: “Sob a direção de Leônidas de Resende, a segunda fase do jornal foi iniciada em 3 de janeiro de 1927. No cabeçalho do primeiro número vinha estampado o símbolo comunista, composto pela foice e o martelo, e ainda o dístico “Proletários de todos os países, univos!”, um trecho do hino “A internacional” e uma frase de um nome proeminente do socialismo internacional, trocada a cada dia. Até fevereiro de 1927 o jornal foi publicado com seis páginas que, a partir de então foram reduzidas para quatro”. “NAÇÃO, A”. CPDOC/FGV. Retirado de <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/NA%C3%87%C3%83O,%20A.pdf>. Acesso em 16 de dezembro de 2020.

Todo esse trabalho mostra o efetivo avanço do PCB no Brasil, apesar da implacável repressão policial e da clandestinidade que o acometeu durante todos esses anos. O pequeno e jovem partido de 1922, então fundado por nove delegados, entre os anos de 1925 e 1929, transformou-se numa agremiação possuidora de organização e de capacidade de se movimentar com alguma desenvoltura no restrito jogo da política oligárquica da Primeira República, ameaçando a burguesia em sua premente necessidade de sanar a crise econômica e política que abatia o país, exigindo inexoravelmente mudanças na estruturação do poder estatal. O Partido Comunista queria ir além e ameaçava, ao menos retoricamente, trazer consigo as massas, o que incomodava profundamente aos setores da burguesia brasileira, sejam eles os que estavam na “situação” ou os que estava na “oposição”.

O trabalho de base, realizado através da reestruturação dos organismos partidários, baseado na bolchevização dos partidos comunistas, proposta pela IC, foi fundamental para o PCB crescer e poder se colocar como um real agente revolucionário, entre 1925 e 1929. Tratou-se de passo seguro dado pelos comunistas, aliando a propaganda e a difusão do jornal “A Classe Operária”, à organização através de células partidárias e à facilitação da entrada de operários no partido, através da alteração de artigo estatutário. Desse modo, o partido iniciou sua caminhada em direção da revolução brasileira.

2. Crescimento numérico e político: a bolchevização e o jornal “A Classe operária”

No V Congresso da IC, realizado em 1924, o PCB foi aceito definitivamente como membro oficial da Internacional comunista. Nesse conclave, foi também deliberada a bolchevização³⁷⁴ de todos os partidos comunistas filiados. Ordem que foi imediatamente absorvida e posta em prática pelos comunistas brasileiros, contribuindo

³⁷⁴ Segundo Milos Hajék, a bolchevização teve origem após a derrota do movimento operário alemão, seguido aos eventos que marcaram o fim da crise pós-bélica e a seguinte estabilização da sociedade capitalista. “Dois momentos tiveram uma influência direta sobre o nascimento da palavra de ordem: o reconhecimento da incapacidade dos partidos não-russos para conquistarem o poder e a cisão no grupo dirigente do Partido bolchevique”. HAJÉK, Milos. “A bolchevização dos partidos comunistas”. IN: *História do Marxismo*. Volume VI: o marxismo na época da Terceira Internacional. A Internacional Comunista de 1919; As frentes populares. (Coordenação Eric Hobsbawm). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p. 197.

ao aumento das bases partidárias do partido brasileiro, conseqüentemente, aumentando o seu capital político no país.

Nas palavras do então presidente da Internacional, Grigori Zinoviev, um partido “bolchevizado” deveria ser:

uma organização compacta, monolítica e fortemente centralizada, que supera amigavelmente as divergências em suas filas, como nos ensinou o companheiro Lênin. Bolchevização é marxismo em ação, é dedicação à ideia da ditadura do proletariado, à ideia do leninismo.³⁷⁵

Esse modelo foi imediatamente internalizado pelas lideranças comunistas do Brasil. Após a determinação oficial no Congresso da IC, o processo de bolchevização se tornou uma tarefa a ser realizada por todos os partidos comunistas e o PCB não demorou em dar os seus encaminhamentos internos e obter seus primeiros resultados.

Na Conferência dos delegados de célula e de núcleos do Rio de Janeiro e de Niterói, realizada em fevereiro de 1925, foram deliberadas ações para implantar a bolchevização no PCB. Apesar de ter sido um evento local, contou com a presença da CCE e acabou definindo as ações necessárias para a devida bolchevização do partido, tendo por base a organização em células de empresa, para todo o país. Isso porque definiu parâmetros que serviram de base para a política do II Congresso, então marcado para maio daquele ano.

Segundo o documento, o “PC brasileiro” estava longe de ser uma organização de modelo bolchevique. Assim, era dever de todos os membros “trabalhar nesse sentido, isto é, no sentido da sua bolchevização”. Até então, o partido tinha sido um agrupamento “de mais ou menos bons militantes operários, em sua maioria provindos das fileiras anarquistas, sinceramente revolucionários”. No entanto, “vícios e defeitos” dessa ideologia teriam permanecido, prejudicando o desenvolvimento do partido, que somada à sua quase ininterrupta situação de clandestinidade, teria impedido o PCB de ultrapassar os trezentos membros.³⁷⁶

³⁷⁵ HAJÉK, Milos. “A bolchevização dos partidos comunistas”. IN: HOBBSBAWN, Eric (organizador) *História do Marxismo, volume VI: O Marxismo na época da Terceira Internacional. A Internacional Comunista de 1919; As Frentes Populares*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p. 198.

³⁷⁶ “TESES E RESOLUÇÕES adotadas na Conferência dos delegados de células e de núcleos do Rio e Niterói, realizada em conjunto com CCE em 22-2-25”. 22/2/1925. RGASPI, Rússia. Retirado de Дело 21. Документы конференции коммунистических ячеек Рио-де-Жанейро. Acesso em 02 de novembro de 2018, p.1.

Segundo as “Teses e Resoluções”, em sendo o Partido Comunista brasileiro a forma superior de organização operária, ele deveria ser formado por células de empresa e ligado diretamente à classe trabalhadora, influenciando-a e dirigindo-a. Essa estrutura seria a correia de transmissão da bolchevização, servindo de instrumento para conquistar trabalhadores para o comunismo e convertê-los em quadros disciplinados do PCB, também aptos para dar continuidade à obra.

Concebiam-se como um dos maiores instrumentos de propaganda a conduta pessoal de cada membro do partido. Entedia-se que: “A firmeza do caráter, a correção de atitude dão a cada qual uma grande força moral de persuasão e de convicção”.³⁷⁷ Sob essa ótica, a bolchevização, ao disciplinar os militantes, por si, também realizaria um papel de propaganda, uma vez que convenceria também pelo exemplo de conduta e de fé revolucionárias.³⁷⁸

As palavras de ordem das tarefas a serem realizadas eram as seguintes: “em cada fábrica uma célula; em cada célula um centro de divulgação da literatura do partido; em cada operário leitor do jornal do partido, um próximo aderente às nossas fileiras”. Com esse esforço, o partido estaria trabalhando “para cumprir as palavras de ordem da IC: ‘penetração nas massas! Bolchevização do partido!’”.³⁷⁹

No final, a CCE, ao lado dos grupos da Capital Federal de Niterói delineiam um plano de ação que facilitava a entrada de novos membros proletários: para eles, não se deveria solicitar a indicação por escrito de três militantes ou ter que, necessariamente, pertencer ao sindicato de sua categoria. Bastava a indicação de um militante para a adesão efetiva ao PCB.

Essa decisão que, na prática, feria os estatutos do partido, era justificada, segundo a CCE, pela “necessidade de ser intensificado o recrutamento de novos aderentes ao partido”. Sem qualquer melindre quanto ao desrespeito ao estatuto, a direção assume deliberadamente que “resolveu modificar as atuais condições de adesão

³⁷⁷ “TESES E RESOLUÇÕES adotadas na Conferência dos delegados de células e de núcleos do Rio e Niterói, realizada em conjunto com CCE em 22-2-25”. RGASPI, Rússia. Retirado de Дело 21. Документы конференции коммунистических ячеек Рио-де-Жанейро. Acesso em 02 de novembro de 2018, p.2.

³⁷⁸ “TESES E RESOLUÇÕES adotadas na Conferência dos delegados de células e de núcleos do Rio e Niterói, realizada em conjunto com CCE em 22-2-25”. 22/2/1925. RGASPI, Rússia. Retirado de Дело 21. Документы конференции коммунистических ячеек Рио-де-Жанейро. Acesso em 02 de novembro de 2018, p.1-2.

³⁷⁹ “TESES E RESOLUÇÕES adotadas na Conferência dos delegados de células e de núcleos do Rio e Niterói, realizada em conjunto com CCE em 22-2-25”. 22/2/1925. RGASPI, Rússia. Retirado de Дело 21. Документы конференции коммунистических ячеек Рио-де-Жанейро. Acesso em 02 de novembro de 2018, p.2.

para os novos postulantes que sejam proletários, operários manuais ou empregados de categoria social igual a estes últimos”.³⁸⁰

Ou seja, estava decretada a facilitação no recrutamento, por vontade da CCE, com foco específico no público operário. Apesar de somente os congressos do partido terem poderes para alterar os artigos estatutários³⁸¹, a CCE o fez de modo discricionário, em nome da nova ordem que passava a vigorar nos partidos comunistas: a bolchevização. Essa nova ordem não demorou em render frutos ao PCB

Em 1925, a CCE respondeu um questionário enviado pela IC sobre a situação do partido no Brasil. Nessa feita, também foram realizados esforços para mostrar o andamento da bolchevização e a situação do PCB.

Redigido de punho próprio em francês e intitulado “Response de questionnaire du leur Commintern”, o documento, provavelmente produzido por Astrojildo Pereira, em março de 1925, respondia um total de treze questões enviadas pela IC. Essas, em resumo, versavam sobre o trabalho de propaganda realizado pelo partido até então, seguido de informações específicas sobre a sua organização interna e finalizava apresentando um panorama acerca da inserção do PCB junto aos operários.³⁸²

Segundo o documento em resposta ao questionário da IC, naquele momento o PCB possuía 350 membros filiados e já havia iniciado a organização a partir de células de empresas, apesar da repressão brutal desencadeada. Planejava-se chegar a mil membros a partir dos simpatizantes espalhados pelo país.

Para atingir esse fim, o autor afirma que o partido controlava grande parte dos jornais sindicais. Alguns desse órgãos, segundo o documento, possuíam editores comunistas, o que facilitava todo o trabalho. Já em outros jornais, os de natureza liberal,

³⁸⁰ “TESES E RESOLUÇÕES adotadas na Conferência dos delegados de células e de núcleos do Rio e Niterói, realizada em conjunto com CCE em 22-2-25”. 22/2/1925. RGASPI, Rússia. Retirado de Дело 21. Документы конференции коммунистических ячеек Рио-де-Жанейро. Acesso em 02 de novembro de 2018, p. 3.

³⁸¹ Segundo o Artigo 40º: “Unicamente os congressos do Partido tem capacidade de realizar reformas e modificações nos presentes Estatutos, uma vez que sejam baseadas nos princípios e resoluções da Internacional Comunista, bem como só um congresso especialmente convocado pode resolver a extinção da sociedade e determinar o destino de seu patrimônio”. “Partido Comunista (S.B.I.C) ESTATUTOS”. RPASGPI, Rússia. 1922. Дело 6. Материалы I учредительного съезда КП Бразилии. RPASGPI, Rússia. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de 2018. P. 13. Vê-se que as condições de alteração nos estatutos são as mesmas da extinção de todo Partido, o que mostra a como era grave qualquer decisão de alterá-los.

³⁸² “Response de questionnaire du leur Commintern”. Datação indisponível. RPASGPI, Rússia. Дело 20. Письма и доклады КП Бразилии в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de novembro de 2018.

eram aproveitadas as colunas operárias para dar ampla divulgação ao trabalho do partido.³⁸³

Com essas respostas, o PCB esperava convencer a IC dos providenciais encaminhamentos “bolcheviques” no campo da propaganda, mostrando o suposto domínio do partido por sobre parte considerável dos jornais operários e que se estendia também à alguns órgão de origem liberal, pequeno-burguesa.

Entre todos os pontos abordados, destacam-se as ações de agitação e propaganda, que os comunistas planejavam desenvolver, principalmente com o auxílio de um jornal próprio. Eles informavam estar convencidos da necessidade de substituir a revista semanal, “Movimento Comunista”, por um periódico, o que dinamizaria o trabalho de propaganda e, até mesmo, o de recrutamento.³⁸⁴ O missivista informava ainda que os membros do PCB possuíam influência por sobre diversas gazetas operárias, mas admitia ser indispensável criar um órgão oficial para o partido.

Aquela ação também cumpria outra orientação da IC, baseada nas observações de Alfred Stirner, que, como abordamos anteriormente, orientava quanto à necessidade de o PCB ter um órgão que abordasse as questões cotidianas e imediatas dos trabalhadores.

Assim, em 1º de maio de 1925, foi publicada a primeira edição do o jornal “A Classe Operária”³⁸⁵, periódico que rapidamente acabou se tornando um dos principais instrumentos de ação do PCB, conectando-o diretamente com setores da classe trabalhadora, criando laços entre comunistas dispersos e conquistando simpatizantes às fileiras do partido, apesar de sua curta existência.

Sob uma ótica gramsciana, tratava-se de um jornal voltado ao objetivo de satisfazer as necessidades da classe trabalhadora, especialmente no que tange às suas demandas cotidianas. Através desse trabalho, “A Classe Operária” também mostrava

³⁸³ “Response de questionnaire du leur Comintern”. Datação indisponível. RGASPI, Rússia. Дело 20. Письма и доклады КП Бразилии в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de novembro de 2018, p.2

³⁸⁴ Nas palavras do autor: “Le parti est convaincue du la nécessité d’editer un journal, ou la propagande pourra être menée avec avantage”. “Response de questionnaire du leur Comintern”. Datação indisponível. RGASPI, Rússia. Дело 20. Письма и доклады КП Бразилии в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de novembro de 2018, p.2.

³⁸⁵ No texto do CEDEM-UNESP, *1 de maio de 2020 - 95 anos do jornal A Classe Operária*, também afirma essa relação entre a fundação do jornal e a Internacional. Segundo o articulista: Astrojildo Pereira criou a revista *Movimento Comunista*, como instrumento para articulação dos militantes que viriam a participar da fundação do Partido. Em carta de julho de 1923, a Internacional Comunista sugeriu que a revista fosse transformada em *A Classe Operária*, com o objetivo de ser um jornal dedicado aos interesses das massas. Retirado de <https://www.cedem.unesp.br/#!/documento-da-semana/1-de-maio-de-2020--95-anos-do-jornal-a-classe-operaria/>. Acesso em 17 de dezembro de 2020.

aos seus leitores que era possível lutar por mais direitos, assim também fomentando em outras categorias o interesse na luta por suas próprias demandas, tudo isso em nome do Partido Comunista.³⁸⁶

Portanto, o jornal pecebista era um instrumento de educação política e sindical, identificado com a luta revolucionária do PCB. Desse modo ele contribuiu ao surgimento de diversos núcleos comunistas pelo país; Foi através do jornalismo combativo, colocando-se na condição de instrumento proletário de opinião pública, que “A Classe Operária” fomentou a organização do trabalhadores em novos comitês do Partido Comunista.

Talvez o caso mais emblemático tenha sido a organização de militantes dispersos que levou ao surgimento do Partido Comunista nas cidades do Recôncavo baiano, Muritiba, São Félix e Cachoeira, em 1925. Região de proletariado combativo, simpático à Revolução Russa, mas que não havia conseguido organizar-se no PCB até 1925, como veremos no tópico seguinte.

3. O partido da revolução chega ao recôncavo da Bahia (1925)

Segundo o balanço das atividades do PCB, arroladas no documento intitulado *Recrutamento e Organização*, ao final de 1925, o partido havia recrutado 203 novos membros, saltando de 273 para um total de 476 militantes, o que representava um aumento de 74% em suas fileiras, resultado da aplicação da bolchevização do partido Comunista.³⁸⁷

O crescimento numérico veio acompanhado da fundação de novos núcleos pelo país. A região do Rio de Janeiro havia conseguido maior recrutamento, seguido por São Paulo, Pernambuco, Bahia e Espírito Santo. Nesses dois últimos estados, de acordo com o relatório, os comitês teriam surgido após o II Congresso do PCB. Interessa-nos aparecimento de atividades comunistas na Bahia, em 1925, especialmente por conta da

³⁸⁶ GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*, volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. O jornalismo. 2ª edição. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2001, p. 197.

³⁸⁷ *Recrutamento e Organização*. Datação indisponível. RGAPSI, Moscou, Rússia. Дело 24. Программы, доклады, письма отделов ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de novembro de 2018.

localização do boletim produzido pelo “Comitê do Partido Comunista em São Félix, Cachoeira e Muritiba”, intitulado “Aos trabalhadores dos armazéns de beneficiamento de fumo de S. Felix, Cachoeira e Muritiba” e por esse núcleo ter sido fruto do processo de bolchevização e da circulação de “A Classe Operária” na região.³⁸⁸

Na Bahia, o Partido Comunista teve origem por entre trabalhadoras e trabalhadores da indústria de beneficiamento de fumo das cidades de São Félix, Cachoeira e Muritiba durante a década de 1920. Simpatia conhecida pelo partido e pela IC, ao menos desde 1921, quando os trabalhadores lançaram o boletim intitulado “O Brado de Alerta...”³⁸⁹, onde saudavam a Revolução proletária em sua luta por melhores condições de trabalho.

A organização desse comitê foi o resultado da conjugação da simpatia daquele operariado pela Revolução Russa e pelo estado soviético, somada ao trabalho de propaganda realizado pelo trabalho de bolchevização do PCB, principalmente através da publicação do jornal *A Classe Operária*, que foi amplamente difundido na região, publicando, inclusive, diversas matérias, notas e informes enviados pelo operariado da região.³⁹⁰

³⁸⁸ *Aos trabalhadores das indústrias de beneficiamento de fumo das cidades de São Félix, Cachoeira e Muritiba*. Datação indisponível. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 21а. Обращения, бюллетени и брошюры компартии, профсоюзов и других организаций. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de abril de 2019. A escolha em analisar somente o surgimento do PCB na Bahia foi pautada nos seguintes critérios: em primeiro lugar, a região da Bahia teria, a partir da década seguinte, um papel fundamental para a atuação do PCB a nível nacional; e, segundo, é sabido que a região forneceu importantes quadros para a direção partidária. Apesar disso, a gênese do PCB na Bahia permanece no campo das hipóteses. No entanto, a documentação da *Era Soviética*, depositada no RGASPI, nos oferece dados seguros sobre a gênese e atuação dos primeiros núcleos do PCB no estado. A partir destas fontes inéditas, procuraremos entender como se deu a origem do PCB na Bahia, o que contribuirá para compreendermos outras dimensões da luta política no Brasil da Primeira República.

³⁸⁹ *Boletim. O Brado de Alerta!...* 17/12/1921. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 1. Сообщения печати о положении в Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 31 de outubro de 2018.

³⁹⁰ No que diz respeito ao operariado baiano, em ao menos 5 do total de 7 edições do *A Classe Operária*, disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, constam matérias referentes ao operariado do recôncavo e de Salvador. Destaca-se nesse material a atuação de quatro entidades operárias: a Sociedade de Resistência Protetora dos Operários de São Félix, a Sociedade de Resistência Protetora dos Operários Cachoeiranos, Sociedade de Defesa Operária de Muritiba e o Núcleo Colonial Ruy Barbosa. Além destas, vale mostrar citar as assinaturas de grupos, a exemplo de: “operárias charuteiras”, “operários da casa Costa Ferreira & Penna” e “operários de Muritiba”. Na Hemeroteca Digital encontram-se as seguintes edições com as seguintes matérias: 30/05/1925, 06/06/1925 (“Administração. Subscrições”, 13/06/1925 (“Dos nossos correspondentes. Entre os tecelões”, “O Despertar dos trabalhadores bahianos”, “Em um núcleo colonial”, 27/06/1925 (“Dos nossos correspondentes. Bahia – Em São Félix”, “Em Muritiba”, “Pelos Operários da Souza Cruz” “Os padeiros da Bahia”, 04/07/1925 (“Dos nossos correspondentes. Bahia”, “Pelos trabalhadores dos campos. São Félix” “Em Cachoeira”, “As Charuteiras”), 01/05/1926 (“A Classe Operária”), e 25/08/1928. Segundo Otávio Brandão: “A *Classe Operária* exercia influência cada vez

A receptividade do jornal no recôncavo baiano foi lembrada por Otávio Brandão posteriormente:

A Classe Operária exercia influência cada vez maior. Realizava um trabalho de educação e organização, agitação e propaganda. As células do PCB vivificavam-se. Os sindicatos reforçavam-se. Os operários têxteis do Rio de Janeiro, os gráficos de São Paulo, os trabalhadores das fábricas de fumo de São Félix, Cachoeira e Muritiba, na Bahia, agitavam-se. Rebentavam greves parciais, apoiadas pelo jornal.³⁹¹

Na página seguinte, Brandão destaca o trabalho realizado pelos operários fumageiros Rufino Gonçalves e Amaro Pedro da Silva. Operários simpatizantes ao PCB que depois encabeçaram o movimento em combate à interdição que o governo de Arthur Bernardes havia realizado sobre o jornal *Classe Operária*, em julho de 1925.³⁹²

No entanto, até o momento, os estudos sobre o Partido Comunista na Bahia voltaram-se, sobretudo, para as décadas de 1930 e 1940. Como bem afirmou Carlos Zacarias de Sena Júnior, “A historiografia sobre o PCB, tampouco se aprofundou sobre os períodos mais remotos da agremiação na Bahia”.³⁹³ Assim, o conhecimento sobre a trajetória do PCB no estado, durante a década de 1920, tem se limitado ao campo das hipóteses e das possibilidades.

Na obra intitulada: *A Bahia de todos os trabalhadores: classe operária, sindicato e política (1930-1947)*, de José Raimundo Fontes é, por diversos aspectos, uma das mais relevantes contribuições à história do movimento operário baiano. Fontes inaugura linhas de investigação sobre as lutas da classe trabalhadora baiana e sua

maior. Realizava um trabalho de educação e organização, agitação e propaganda. As células do PCB vivificavam-se. Os sindicatos reforçavam-se. Os operários têxteis do Rio de Janeiro, os gráficos de São Paulo, os trabalhadores das fábricas de fumo de São Félix, Cachoeira e Muritiba, na Bahia, agitavam-se. Rebentavam greves parciais, apoiadas pelo jornal”. Na página seguinte, ele destaca a propaganda realizada pelos operários fumageiros da Bahia: Rufino Gonçalves e amaro Pedro da Silva. BRANDÃO, Otávio. *Combates e batalhas. Memórias*. 1º Volume. São Paulo, Alfa-Ômega, 1978, p. 307-08.

³⁹¹ BRANDÃO, Otávio. *Combates e batalhas. Memórias*. 1º Volume. São Paulo, Alfa-Ômega, 1978, p. 307-08.

³⁹² Idem. p. 307-08.

³⁹³ Sena Junior. Carlos Zacarias de. “As formigas obscuras da Revolução Mundial na Terra de todos os santos”. IN: ARAÚJO, Dilton Oliveira de; MASCARENHAS, Maria José Rapassi (Org.). *Sociedade, relações de poder na Bahia*. Edufba, 2014, p.

relação com as diversas correntes ideológicas e agremiações políticas existentes no estado a partir da década de 1920.

Segundo o autor, o PCB não figurava entre as agremiações de maior influência na década, tendo sua presença circunscrita aos trabalhadores e trabalhadoras das empresas fumageiras das cidades de São Félix, Cachoeira e Muritiba e a algumas ações ligadas ao Bloco Operário e Camponês, o BOC. Ele afirma que o Partido Comunista “penetra entre os trabalhadores fumageiros do recôncavo por volta de 1925”, tomando por base as memórias de Otávio Brandão em *Combates e Batalhas*.

Segundo o autor, o partido obtém “um grupo de adeptos” desenvolve alguma propaganda e ações de natureza sindical, sem muito sucesso. Fontes assinala ainda tentativas de organização do partido entre os estivadores e os gráficos em Salvador, respectivamente, em 1927 e 1929. A partir destes dados, ele conclui que o PCB não chegou a ser uma tendência política de peso na Bahia neste período, mas que havia dado seus primeiros passos. Apesar de não ter acesso a uma documentação segura, as análises de Raimundo Fontes são pioneiras sobre as origens do partido comunista no estado e já se mostravam no caminho correto ao atribuir aos operariado fumageiro do Recôncavo a iniciativa de organizar-se no PCB, na década de 1920.³⁹⁴

Marcelo Lins, em *Os vermelhos na terra do cacau*, defendida em 2007, dá continuidade às investigações iniciadas por Fontes sobre as origens do PCB na Bahia. Com o objetivo de analisar a atuação dos comunistas no sul do estado, Lins retoma as contribuições de Fontes sobre a gênese do PCB e adiciona novas informações, oriundas essencialmente de documentos da Internacional Comunista. Com isto, o autor deu um salto qualitativo na investigação, dando continuidade às hipóteses formuladas por Fontes.

A partir de relatório enviado à Internacional Sindical Vermelha, em 1924, Lins revela que a leitura do PCB sobre a Bahia era de “decadência completa”. O líder do movimento na região seria um “social democrata”, deportado do estado há três anos,

³⁹⁴ FONTES, José Raimundo. *A Bahia de todos os trabalhadores: classe operária, sindicato e política (1930-1947)*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, 1996, p. 38.

referindo-se a Agripino Nazareth. A partir daquele documento, Lins concluiu que na Bahia havia somente alguns simpatizantes.³⁹⁵

Lins chamou a atenção quanto às seis primeiras filiações do PCB na Bahia, ocorridas no ano de 1925 no recôncavo. Todas elas efetuadas após a realização do II Congresso, em maio daquele ano. Segundo o autor “essas primeiras filiações estavam concentradas nessa região, que na época possuía alta concentração de trabalhadores e trabalhadoras nas plantações e empresas de beneficiamento de fumo”.³⁹⁶ A partir destes dados sobre as adesões na Bahia, Lins conjectura sobre a possível existência de um Comitê Regional, ao qual aqueles novos militantes deveriam ligar-se, após terem organizado um comitê de zona.

Apesar do número pequeno de filiações na Bahia, o autor avalia positivamente o trabalho de recrutamento do PCB. Ele também recupera um trecho das memórias de Otávio Brandão, na obra em *Combates e Batalhas*, onde o ex-dirigente pecebista ressalta o trabalho realizado em prol do partido pelos operários Rufino Gonçalves e Amaro Pedro dos Santos. Concordando com o relato memorialístico, Lins lembra que ambos operários eram simpatizantes do PCB e responsáveis por distribuir o jornal *A Classe Operária* entre o operariado da região

Quanto à adesão ao PCB, Lins considera provável que, em primeiro lugar, os operários do recôncavo baiano tenham se tornado simpatizantes do PCB e propagandistas de *A Classe Operária*. O passo seguinte teria sido filiação partidária, no semestre seguinte, onde o autor considera possível ter nascido o primeiro núcleo oficial do partido no estado. Tal argumento faz sentido se levarmos em consideração a afirmação de Otávio Brandão, de que “Muitos comitês de *A Classe Operária* transformaram-se, depois, em células do PCB”.³⁹⁷ Talvez este tenha sido o caminho percorrido entre a simpatia ao comunismo e a fundação de um comitê do PCB naquela região.

³⁹⁵ LINS, Marcelo da Silva. *Os vermelhos nas terras do cacau: a presença comunista no sul da Bahia (1935-1936)*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2007. p. 117.

³⁹⁶ Idem, p. 119.

³⁹⁷ BRANDÃO, Otávio. *Combates e batalhas. Memórias*. 1º Volume. São Paulo, Alfa-Ômega, 1978, p. 307.

As reflexões de Lins e de Fontes traçaram as bases para as investigações posteriores, a exemplo do trabalho de Carlos Zacarias de Sena Junior, *As formigas obscuras da Revolução Mundial na Terra de Todos os Santos*, publicado em 2014. Carlos Zacarias faz um balanço das produções sobre as origens do PCB na Bahia, recuperando as hipóteses de Raimundo Fontes e de Marcelo Lins para, em seguida, especular sobre a origem do PCB no estado, adicionando nova documentação e formulando novas hipóteses.³⁹⁸

Para Zacarias, o PCB deu um salto organizativo após o II Congresso, realizado em 1925. Apontando para as primeiras filiações no estado em documento oficial do partido, Zacarias concorda com as conclusões de Lins. Também ancorado no relato de Otávio Brandão, lembra que pela primeira vez são citadas cidades onde comemorou-se o 1º de maio, como São Félix, Cachoeira, Muritiba, Nazaré, além da Capital Salvador.

Ao citar os protestos dos trabalhadores e trabalhadoras das empresas fumageiras do recôncavo, Zacarias limitou-se a afirmar que estas ações poderiam “indicar alguma movimentação comunista nessa região do Estado, para além dos limites da sua capital”. O autor desconfia dos seis filiados que aparecem na documentação partidária e levanta a seguinte questão: “Seria possível que o PCB baiano tivesse sido efetivamente fundado entre 1925 e 1926, como nos faz acreditar a manifestação dos operários do Recôncavo?”.³⁹⁹

O autor lembra que a historiografia sempre se mostrou cautelosa em estabelecer datas precisas sobre a fundação do Partido Comunista na Bahia. Afinal, os pecebistas baianos não dispunham de uma “certidão de nascimento”, tal qual os termos de registro da fundação nacional do partido, em 1922. Ao mesmo tempo, o autor entende que, de um modo geral, os relatórios do fundo documental da IC fortaleciam a hipótese de ter sido o núcleo do Recôncavo o berço do PCB na Bahia.

Nas últimas páginas, Zacarias concorda novamente com a hipótese de Lins sobre a origem do PCB na Bahia. Segundo ele, o processo de fundação do PCB parece

³⁹⁸ SENA JUNIOR, Carlos Zacarias de. “As formigas obscuras da Revolução Mundial na Terra de todos os santos”. IN: ARAÚJO, Dilton Oliveira de; MASCARENHAS, Maria José Rapassi (Org.). *Sociedade, relações de poder na Bahia*. Edufba, Salvador, 2014.

³⁹⁹ Idem. p. 293.

ter sido enfraquecido ou interrompido em algum momento após 1925, as que acabou retomada posteriormente em outras circunstâncias na capital baiana.⁴⁰⁰

Zacarias reconhece ser a escassez de fontes o maior obstáculo para desvelar a origem do PCB baiano. O autor retoma algumas memórias e fontes secundárias, que se referem à fundação do Comitê Regional da Bahia, e termina levantando uma série de questões para concluir que os estudos sobre o tema ainda permaneciam no terreno da especulação, por conta dos limites impostos pelas fontes.

Sobre o debate que remonta à origem do PCB no Estado há também o trabalho de Ricardo José Sizilio, intitulado: *Vai, Carlos, ser Marighella na vida: um outro olhar sobre os caminhos de Marighella na Bahia (1911-1945)*, de 2017. O trabalho de Sizilio analisou a trajetória de Carlos Marighella na Bahia e, por isso, acabou abordando também as origens e a trajetória do PCB no Estado.

O autor recupera as teses de Fontes, Lins e Zacarias sobre a origem do PCB entre os trabalhadores de beneficiamento de fumo de São Félix, Cachoeira e Muritiba, na metade da década de 1920, no entanto, ele considera que a origem do PCB na Bahia não está na década de 1920, mas no início da década de 1930. Ancorado num boletim produzido pelo Comitê Regional da Bahia, o autor afirma que o PCB foi de fato criado nos primeiros meses do ano de 1933. Segundo afirma, o PCB possuía “alguma estrutura ao final da década de 1920”, considerando possível que os primeiros comunistas estivessem concentrados na região das cidades de São Félix, Cachoeira e Muritiba.⁴⁰¹ No entanto, Sizilio entende que a criação do PCB na Bahia só acontece quando é fundado o Comitê Regional. Assim, as iniciativas anteriores no recôncavo baiano e depois em Salvador, pouco tem a ver com a criação do CR-BA na década de 1930.

⁴⁰⁰ Quanto à Bahia, o processo parece ter mesmo se interrompido ou pelo menos se enfraquecido em algum ponto depois de 1925. Esta situação pode nos levar a crer que a formação do PCB no Estado, iniciada a partir da constituição de um núcleo embrionário originado em 1925 e com existência até 1931, passou por um momento de quase dissolução em 1932 e 1933, até voltar a se articular em 1934, desta feita com um grau de organicidade superior, com João Pacífico de Souza e Manuel Batista de Souza contando entre os poucos remanescentes da década de 1920. SENA JUNIOR, Carlos Zacarias de. “As formigas obscuras da Revolução Mundial na Terra de todos os santos”. IN: ARAÚJO, Dilton Oliveira de; MASCARENHAS, Maria José Rapassi (Org.). *Sociedade, relações de poder na Bahia*. Edufba, Salvador, 2014, p. 299.

⁴⁰¹ SIZILIO, Ricardo José. *Vai, Carlos, ser Marighella na vida: um outro olhar sobre os caminhos de Marighella na Bahia (1911-1945)*. Dissertação de mestrado. PPGH/UFBA, 2017, p. 135.

Apesar da poucas fontes, estes historiadores deram importantes contribuições para a investigação sobre as origens do PCB na Bahia. As hipóteses por eles levantadas, sobre um possível núcleo pecebista no recôncavo baiano agora podem ser confirmadas a partir da análise de um conjunto de documentos produzidos pelo operariado do recôncavo, entre 1921 e 1925, que atestam a efetiva existência do partido na Bahia naquele ano.⁴⁰²

E, além disso, a aposta em recuperar a trajetória dos comunistas baianos reveste-se de uma importância ainda maior quando agora observamos que o surgimento do primeiro núcleo comunista no estado resultou da estratégia revolucionária do partido. Por meio da bolchevização, o PCB colocava em ação a Revolução democrático-pequeno-burguesa.

4. A inspiração da Revolução de 1917 e a força da propaganda do jornal “A Classe Operária” no recôncavo baiano

O primeiro núcleo do PCB que se tem notícia na Bahia surgiu em 1925, nas cidades São Félix, Cachoeira e Muritiba. Tudo indica que as ideias comunistas ganharam força no seio do operariado baiano sobretudo no início da década de 1920. Período onde os trabalhadores da região buscavam no socialismo e, depois, no comunismo, ferramentas para combater a opressão e a exploração dos armazéns de beneficiamento de fumo do recôncavo baiano. Tudo isso por acreditar que a Rússia soviética era o modelo de sociedade ideal para trabalhadores e trabalhadoras do interior da Bahia.

À época, o fumo estava em segundo lugar no ranking dos principais produtos exportados pela Bahia, ficando atrás somente do cacau.⁴⁰³ No século XIX, o produto também ocupava a segunda posição, perdendo somente para o açúcar. Em ambos os

⁴⁰² *Aos trabalhadores das indústrias de beneficiamento de fumo das cidades de São Félix, Cachoeira e Muritiba*. Datação indisponível. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 21а. Обращения, бюллетени и брошюры компартии, профсоюзов и других организаций. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de abril de 2019.

⁴⁰³ SAMPAIO, Consuelo Novais. *O Poder Legislativo da Bahia (1889-1930)*. Salvador, Assembleia Legislativa, UFBA, 1985, 57.

casos, o recôncavo teve papel fundamental na produção do estado, de modo que sua organização econômica, urbana e social foi diretamente influenciada pela logística fumageira.⁴⁰⁴

A produção de fumo era realizada nos armazéns e era dividida em três etapas: a fermentação, a escolha das classes e o beneficiamento. Na primeira, o fumo era arrumado e posto para secar por um mês. Na segunda etapa, o fumo era classificado a partir da qualidade e do tipo das folhas e a terceira etapa era feita a prensa e a marcação com selo contendo a marca da empresa.⁴⁰⁵ Esse trabalho era realizado manualmente, principalmente pelas trabalhadoras.

Naquele momento, as empresas de beneficiamento de fumo da Bahia possuíam um baixo nível de mecanização. Para dar conta da demanda para exportação, os armazéns empregavam o trabalho manual em larga escala, especialmente o de mulheres negras. Além disso, para garantir o atendimento das exportações, os armazéns compravam o fumo originário da produção doméstica, onde pagavam somente o valor da mão de obra, ampliando seu lucro e evitando problemas com demandas trabalhistas.

Ao que tudo indica, foi a partir da luta de operárias e operários dos armazéns de fumo contra a exploração patronal que surgiu o primeiro núcleo oficial do PCB na Bahia. Na década de 1920, o operariado do recôncavo já admitia publicamente sua simpatia pela Revolução Russa e a crença na vindoura emancipação operária. Evocando essas imagens, a categoria buscava se fortalecer no embate contra os patrões, como consta no boletim publicado em 1921, intitulado: *O Brado de alerta!* O documento produzido pelas sociedades operárias das cidades de São Félix, Cachoeira e Muritiba, veio a público no dia 17 de dezembro de 1921 e visava organizar a categoria na luta por melhores condições de trabalho, ancorado na confiança oriunda da vitória operária de 1917, na Rússia.

Em primeiro lugar, o boletim exortava a categoria a não adentrarem os armazéns de beneficiamento de fumo sem antes definir o pagamento a partir da tabela

⁴⁰⁴ FREITAS, Antônio Fernando Guerreiro de. *Os donos do fruto de ouro*. Dissertação do Mestrado em Ciências Sociais, Salvador, UFBA, 1979, p. 18.

⁴⁰⁵ GOMES, Margarete Santos Nunes. *Caprichos e trapiches: memórias das ex-trabalhadoras da atividade fumageira em Conceição do Almeida-BA (1960-1980)*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em História regional e local, PPGHIS, Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Campus V, Santo Antônio de Jesus, p. 55.

de remuneração por função.⁴⁰⁶ Em seguida, chamava a atenção para o sofrimento e à exploração ocorrida nos armazéns, que adotavam o sistema produção a partir do de plantio por tarefa de terra. Segundo eles, nestas empresas ocorria uma “exorbitante” exploração dos trabalhadores, especialmente por conta dos “sujeitos ignorantes com bastões de feitor, cumprindo ordens dos patrões inescrupulosos, que só visam o interesse próprio, (...) violando o trabalho”. Estes, segundo eles, seriam os motivos pelos quais o fumo da Bahia era de reconhecida má qualidade, não tendo “valor, além de mal pronto misturado com diversas procedências”. Ou seja, a exploração e a opressão eram os principais responsáveis pela qualidade inferior do produto. A cobrança acintosa realizada pelos “feitores” na produção, além de ofender o operariado, afetava negativamente a sua atividade laboral, resultando num produto final de baixa qualidade. Assim, eles propõem as seguintes alterações naquela cadeia de produção:

[o] sistema que devemos adotar de hora avante nas casas que adotam este sistema de tarefa deve ser estipulada para os passadores de patente até primeira um fardo passado, de segunda até terceira fardo e meio, de refugo e marca o dois fardos, dentro de 8 horas de trabalho, inclusive, de 1 hora de almoço.⁴⁰⁷

As reivindicações da categoria evidenciam que os trabalhadores enfrentavam péssimas condições de trabalho, com a pressão por uma maior produtividade, a exploração do tempo de trabalho diário e até o intervalo diminuto para almoço. Ao final do boletim, os trabalhadores acusam os armazéns de exigirem de trinta operários um montante de trabalho que deveria ser realizado por cinquenta e reclamam por melhores condições trabalho.

Caso aquelas exigências não fossem atendidas, eles conclamavam a categoria a “um Revanche e nada de rebaixo!”, mandando um recado de altivez e de união operária

⁴⁰⁶ Estavam definidos os seguintes valores, de acordo com a função: “para os passadores (24\$000) no mínimo, escolhedores (21\$000), boqueiros (24\$000) contra boqueiros (21\$000), gradeiros (21\$000) os mais preneiros (18\$000), carregador de fardo (22\$000), fardo cozido e marcado 200 reis por cada” O documento não informa mais detalhes sobre o processo de definição desses valores, mas nessas primeiras linhas deixa claro que aquela era uma orientação das “Sociedades Operárias”, das cidades de São Félix, Cachoeira e Muritiba. *Boletim. O Brado de Alerta!...* 17/12/1921. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 1. Сообщения печати о положении в Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 31 de outubro de 2018.

⁴⁰⁷ *Boletim. O Brado de Alerta!....* 17/12/1921. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 1. Сообщения печати о положении в Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 31 de outubro de 2018.

aos seus patrões. O boletim termina com a consigna “A Revolução traz o porvir, a exploração há de sucumbir!”, revelando a inspiração e a confiança na Revolução de 1917.⁴⁰⁸

Tudo indica que aquele grau de organização e de confiança eram resultantes também da ascensão do movimento operário baiano, por conta quando das greves operárias iniciadas em 1919 e que se espalharam pela Bahia nos anos seguintes. O movimento grevista e a conjuntura desencadearam forças incontrolláveis, influenciando para que a classe trabalhadora entrasse num crescendo por aumentos salariais e por melhores condições de trabalho, frente à uma coalização formada pela elite econômica e o governador do estado.⁴⁰⁹

Entre 1920 e 1924, a Bahia estava sendo governada novamente por José Joaquim Seabra. À época, o Governador havia se reaproximado da elite econômica do Estado, apoiando a repressão aos operários envolvidos com movimentos grevistas, em sintonia com a política repressiva do governo federal, o que agradava o patronato baiano. A prisão e deportação do líder operário Agripino Nazareth evidenciam a sintonia entre os métodos dos governos estadual e federal, que não foi poupado de ser punido naquele estado de exceção republicano.⁴¹⁰

Anteriormente, no ano de 1919, o operariado predominantemente feminino das empresas de beneficiamento de fumo do recôncavo baiano havia obtido sucesso num movimento grevista. No dia 16 de junho, aproximadamente duas mil operárias das fábricas Costa Ferreira & Penna e Dannemman, localizadas nas cidades de São Félix e Muritiba, entraram em greve sob a liderança do advogado Luiz Soares e pela União Operária de São Félix. Apesar da tentativa de repressão violenta, o movimento saiu vitorioso no dia 18 daquele mês.

⁴⁰⁸ *Boletim. O Brado de Alerta!...* 17/12/1921. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 1. Сообщения печати о положении в Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 31 de outubro de 2018.

⁴⁰⁹ CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. *Industriais e operários baianos numa conjuntura de crise (1914-1921)*. Salvador, FIEB, 2004, p.230.

⁴¹⁰ Por sua participação nos movimentos, Nazareth acabou preso pela polícia e acabou condenado ao desterro. A natureza do arbítrio cometido àquele líder operário evidencia os limites da democracia da Primeira República na Bahia de Seabra. Limites que tornar-se-iam ainda mais estreitos nos anos seguintes, principalmente com a aprovação de leis que oficializaram o controle da imprensa e o recrudescimento da repressão ao movimento operário.

Na esteira do crescimento do movimento e da greve vitoriosa de junho, foi fundado o Comitê de Defesa Operária, no dia primeiro de agosto de 1921. Apesar disso, os industriários passaram a pressionar especialmente as operárias. Segundo Castelucci, as trabalhadoras passaram a sofrer ainda mais assédio de mestres e contramestres no local de trabalho. Estes eram os “feitores” citados no boletim que recebiam autorização de seus patrões para oprimir e perseguir toda a categoria, como uma retaliação pela greve e pela organização da categoria. Estes homens negavam-lhes o direito às necessidades básicas, fazendo do local de trabalho um espaço de opressão e de vingança, como denunciava a categoria no boletim *O Brado de Alerta*, de 1921, analisado anteriormente.⁴¹¹

A relação do operariado do recôncavo com as ideias exaradas por Moscou continuou avançando nos anos seguintes e acabou tendo maior penetração através do jornal *A Classe Operária* na região. Nas suas páginas, as demandas das trabalhadoras do Recôncavo foram seguidas noticiadas e de onde chegavam novidades do comunismo e da Rússia soviética. Não por acaso, o relatório produzido pelo PCB, em 22 de janeiro de 1926, intitulado *O serviço de agitprop do PCB em 1925*, aponta o jornal como o principal instrumento de propagação das ideias comunistas no país. Este que, importa lembrar, resultava das orientações do CEIC, em substituição à revista *Movimento Comunista*.

Em relatório produzido pelo setor de agitação e propaganda, o autor fez um balanço das ações realizadas durante aquele ano, apontando que, apesar da repressão generalizada às atividades comunistas e operárias, o ano de 1925 teria sido do “apogeu do serviço de agitprop”, em grande medida, por conta da ampla difusão do jornal pelo país.⁴¹² Seguem enumeradas as publicações do setor agitação e propaganda, onde destaca-se novamente o jornal *A Classe Operária*.

⁴¹¹ CASTELUCCI, Aldrin. *Operários e industriais baianos numa conjuntura de crise. (1914-1921)*. Salvador, FIEB, 2004, p.235

⁴¹² Para além do conteúdo do boletim e da luta de classes na Bahia, chama atenção o fato de um documento como aquele, produzido pelas “Sociedades Operárias” do recôncavo baiano, estar depositado no acervo da Internacional Comunista. O documento está na coleção *Caso 1. Relatórios de imprensa sobre a situação no Brasil*, alocado no *Inventário do Partido Comunista Brasileiro*, da base dados *Документы советской эпохи* (Documentos da Era Soviética). Não se sabe ainda porquê ou por quem este boletim foi enviado a Moscou. Afinal, o PCB só foi fundado em 1922, passando a possuir alguma influência direta no operariado baiano somente a partir de 1925, quando o primeiro comitê foi fundado no estado. A trajetória do documento pode ajudar a recuperar elementos importantes da trajetória do movimento operário na Bahia e sua relação com o comunismo e a Rússia Soviética. Ao que parece, este

No tópico intitulado “Jornais”, é destacada a importância de *A Classe Operária*, que foi apontado como “o trabalho fundamental do PCB”. Em “Revistas e boletins”, o pecebista ressalta a importância da publicação em forma de revista da carta de *A Classe Operária*, explicando os detalhes sobre a suspensão daquele jornal.

A Classe Operária segue citado por ter sido fundamental para a divulgação de circulares, selos, cartazes produzidos pelo PCB em suas páginas de propaganda.⁴¹³ O autor também destaca a importância do jornal que ao lado de publicações avulsas e folhas volantes, foram fundamentais para a campanha contra os seus adversários políticos, como o partido socialista, os anarquistas e os “amarelos”. Segundo o documento, o veículo de imprensa foi utilizado para combater o imperialismo, a carestia e o fascismo, ao tempo em que defendeu direitos dos trabalhadores, como: aumentos salariais, organização sindical, melhores condições de trabalho e as greves.

Na segunda página do documento, o autor considera que, especialmente no Rio de Janeiro, o material deveria ter sido distribuído de um modo mais sistemático, onde também deveria ser reativada a venda de livros e de folhetos. Os cursos também deveriam ser retomados e complementados com formação sobre as religiões e sobre o materialismo dialético. Quanto aos outros estados, o autor aponta para a necessidade de difundir cursos a partir da literatura comunista à disposição, como a obra *O ABC do Comunismo*, de Bukharin, do *Programa Comunista* e do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels.

O autor aponta ainda para as tarefas de reativação da venda da literatura comunista, produção de um relatório mensal sobre o trabalho efetuado e a realização de reuniões para debater os melhores artigos publicados em *A Classe Operária*. O encarregado da *Agitprop* finaliza chamando a atenção para a necessidade de todos esforçarem-se em estudar a teoria e a tática do comunismo, para combater os adversários dentro do movimento operário, o imperialismo e o partido republicano e, ao

boletim foi enviado pelo núcleo que havia sido articulado com a intervenção direta da IC para a fundação do PCB, como vimos no capítulo anterior. O SERVIÇO DE AGITPROP DO PCB EM 1925. 22/1/1926. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 24. Программы, доклады, письма отделов ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de novembro de 2018.

⁴¹³ O SERVIÇO DE AGITPROP DO PCB EM 1925. 22/1/1926. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 24. Программы, доклады, письма отделов ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de novembro de 2018.

final assinala ser necessário: “clamar pelo reaparecimento de A CLASSE OPERÁRIA e pela legalidade do PCB”.⁴¹⁴

O documento evidencia a importância do jornal *A Classe Operária* para propagandear o PCB, apesar de sua curta existência legal no ano de 1925. O periódico havia sido lançado em 1º de maio e acabou proibido de circular em julho, pelo ministro da Justiça Alonso Pena Júnior, após a publicação do seu 12º número, motivo para a organização de uma campanha para o seu retorno ainda naquele ano.⁴¹⁵

Apesar dos intentos do relator em impressionar a IC naquele relatório, tudo indica que o jornal conseguiu, de fato, uma inserção considerável por entre a classe trabalhadora. Afinal, aquele veículo abordou problemas do cotidiano dos trabalhadores em nome do Partido Comunista, noticiando os seus intentos em lutar por melhorias para a classe, ao tempo em que se colocava na linha de frente do combate pela revolução proletária no Brasil, o que, do ponto de vista jornalístico, era uma novidade.

Cumprindo o objetivo proposto pela IC ao PCB, baseado na bolchevização, de criar um periódico que abordasse as questões do cotidiano operário, o jornal *A Classe*

⁴¹⁴ O SERVIÇO DE AGITPROP DO PCB EM 1925. 22/1/1926. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 24. Программы, доклады, письма отделов ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de novembro de 2018.

⁴¹⁵ Segundo Otávio Brandão, o jornal havia “desmascarado implacavelmente o reformismo, os pretensos ‘socialistas’, a 2ª Internacional, o Birô Internacional do Trabalho, de Genebra, e seu chefe”, Albert Thomas, que se encontrava no Brasil. Otávio Brandão relata quase ter sido preso e enviado à Clevelandia pela “matilha da policiais” que invadiram a tipografia de *A Classe Operária* após a sua interdição. Como apontamos no primeiro capítulo, a IC estava descontente com a natureza das publicações do PCB, especialmente com a linguagem rebuscada e a excessiva abordagem teórica da revista *Movimento Comunista*. Em suas análises, a IC entendia que o PCB deveria criar um veículo de imprensa com uma linguagem menos teórica e mais popular, onde fosse possível discutir os problemas da classe trabalhadora. Não foi por acaso que Brandão fez questão de destacar em suas memórias o “ideal literário” do jornal, de ser: “tão claro, tão límpido, tão acessível às massas. Tão profundo, tão substancial. Rio de águas revoltas a rolar para o grande oceano da transformação social”. Ideal alinhado às orientações da IC “*A Classe Operária*”. Retirado de <https://www.marxists.org/portugues/brandao/ano/mes/classe.htm>. Acesso em 28 de junho de 2019. Ronald Chilcote informa que “Em sua fase inicial, *A Classe Operária* teve 12 números publicados no período de 3 meses, a partir de 1º de maio de 1925; ressurgiu em 1928 e continuou até meados de 1929, quando foi reprimida pelo governo e dali em diante surgiu clandestinamente durante um breve período, em 1935, e depois de 1945 até princípios da década de 1950”. CHILCOTE, Ronald. *Partido Comunista Brasileiro. Conflito e integração*. 1922-1972. Rio de Janeiro, Editora Graal, p. 64. No entanto, alguns números também foram lançados no ano de 1930, conforme consta nos arquivos do RGASPI e também atesta o CPDOC: “A partir de 1930, o jornal voltou a circular, agora, porém, de maneira ilegal e irregular. Sua redação funcionava num pequeno quarto em Vila Isabel, onde os originais eram entregues ao tipógrafo Antônio Pereira da Silva, que os compunha e imprimia clandestinamente. Depois de prontos, os jornais eram conduzidos em caixotes, às vezes cobertos com laranjas, até os pontos de distribuição”. Retirado de <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CLASSE%20OPER%C3%81RIA,%20A.pdf>. Acesso em 22 de dezembro de 2020.

Operária divulgava positivamente o PCB aos olhos dos trabalhadores brasileiros, também por ser um jornal pioneiro em defender a classe trabalhadora e contribuir à sua organização. Classe alijada de participação política na república e que encontrou no periódico um instrumento de luta por melhores condições materiais e políticas.

Talvez por isso, a legalização do *A Classe Operária* foi transformada em bandeira de luta também do operariado do recôncavo baiano, como é possível observar no boletim criado pelo Comitê do PCB baiano, intitulado: “Aos trabalhadores dos armazéns de fumo de S. Felix, Cachoeira e Muritiba”⁴¹⁶ que, ao final, chama a categoria a lutar pelo reaparecimento do periódico comunista.

5. A fundação do PCB na Bahia

A criação de um comitê do Partido Comunista no Recôncavo era o resultado da vontade de superar a condição de exploração e de degradação imposta pelo patronato ao operariado. Da luta entre ambos, os trabalhadores já haviam buscado outras formas de organização, mas foram as notícias sobre a Revolução Russa e, posteriormente, acerca da existência de um Partido Comunista que despertaram e reuniram aquilo que Gramsci chamou de “germes de vontade coletiva”⁴¹⁷, então dispersos na região.

Portanto, a fundação desse comitê do PCB não foi simplesmente o resultado da política de recrutamento do partido, mas fato conseqüente do aproveitamento de unidades politizadas, possuidoras de algum nível de organização, que optaram dar um passo à diante, agregando a “atividade passiva”⁴¹⁸, de natureza associativa e sindical, à

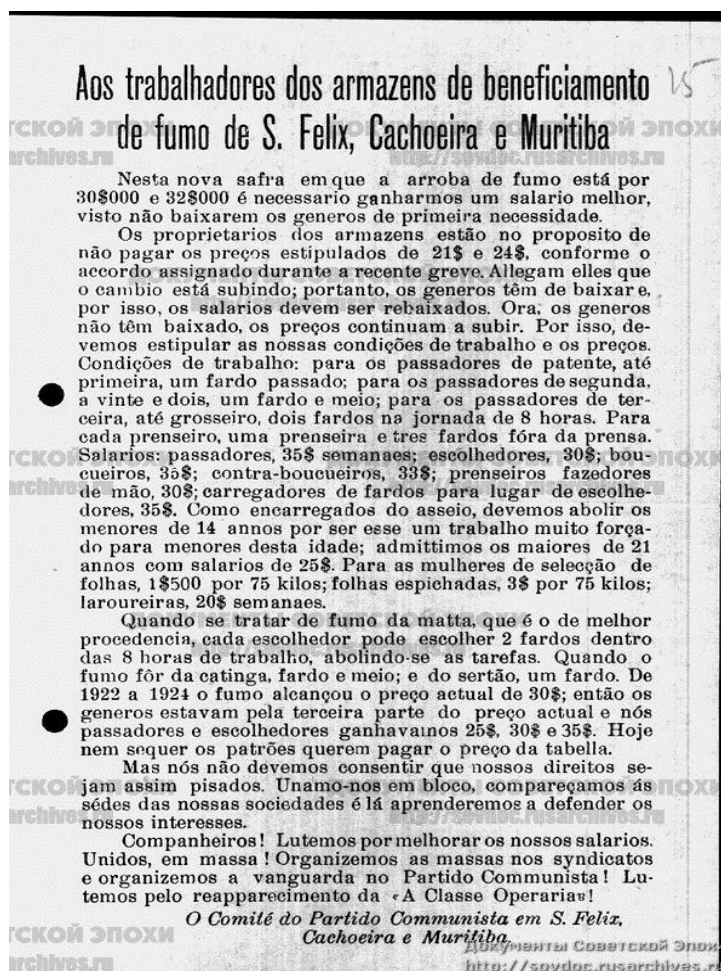
⁴¹⁶ *Aos trabalhadores das indústrias de beneficiamento de fumo das cidades de São Félix, Cachoeira e Muritiba*. Datação indisponível. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 21а. Обращения, бюллетени и брошюры компартии, профсоюзов и других организаций. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de abril de 2019. Documento que será anexado no final deste trabalho.

⁴¹⁷ Segundo Gramsci, “moderno príncipe” é o partido político que se apresentou à história por ser fruto do desenvolvimento histórico. Nele reúnem-se “germes de vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais”. GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*, volume 3: Maquiavel – Notas sobre o Estado e a política. 8ª edição. Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 2017, p. 16.

⁴¹⁸ Gramsci classifica a atuação sindical de passiva, uma vez que esta limita-se a averiguar a relação entre capital e trabalho, não prevendo a construção de uma “ativa e construtiva”. GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*, volume 3: Maquiavel – Notas sobre o Estado e a política. 8ª edição. Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 2017, p. 14-5.

posição ativa, representada, ao mesmo tempo, pela luta pela por direitos e pela revolução proletária no Brasil.

Seguindo a lógica sindical e revolucionária, em 1925, o núcleo do PCB do Recôncavo produziu um boletim intitulado: “Aos trabalhadores dos armazéns de fumo de S. Felix, Cachoeira e Muritiba”. O documento foi produzido e assinado pelo “Comitê do Partido Comunista em S. Félix, Cachoeira e Muritiba”, cidades do recôncavo baiano e ligava a luta econômica e por direitos às demandas do partido revolucionário, como podemos observar abaixo:



Aos trabalhadores das indústrias de beneficiamento de fumo das cidades de São Félix, Cachoeira e Muritiba. RGASPI, Moscou, Rússia.⁴¹⁹

⁴¹⁹ *Aos trabalhadores das indústrias de beneficiamento de fumo das cidades de São Félix, Cachoeira e Muritiba.* Datação indisponível. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 21а. Обращения, бюллетени и брошюры компартии, профсоюзов и других организаций. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de abril de 2019. Documento que será anexado no final deste trabalho.

Esse documento é o registro oficial mais antigo, até o presente momento, sobre a atuação do PCB na Bahia. Como vimos, os historiadores que se debruçaram sobre o tema consideravam muito consistentes as evidências sobre a origem do PCB na Bahia entre as trabalhadoras e os trabalhadores das cidades de São Félix, Cachoeira e Muritiba. No entanto, eles não tiveram acesso a fontes para comprovar suas análises, especialmente de documentos produzidos pelo partido, como apresentamos agora. Documento que, inclusive, figura no balancete do relatório das atividades de agitação e propaganda do PCB, citado no tópico anterior.⁴²⁰

O boletim assinado por aquele Comitê Municipal orientava a categoria a luta por seus direitos e exortava à unidade do proletariado em bloco. No início, o documento chama atenção quanto a busca por melhorias salariais aproveitando o aumento de preço da nova safra. Fato negado pelo patronato, que alegava prejuízos pela desvalorização cambial, desrespeitando o acordo assinado na greve anterior. O comitê propôs ainda que a categoria exigisse o valor previamente determinado para cada uma das funções, visto que os gêneros de primeira necessidade continuavam com preços elevados. Em seguida, pede pela substituição dos trabalhadores menores de 14 anos por trabalhadores de 21 anos, no serviço de limpeza, alegando ser este um serviço muito pesado para os mais jovens. Após avaliar detalhes do tipo de fumo e os valores que considerava justo, o comitê chama atenção à necessidade da união para evitar que os direitos dos trabalhadores fossem retirados, convocando a categoria a comparecer às reuniões das organizações operárias: “Unamo-nos em bloco, compareçamos às sedes das nossas sociedades e lá aprenderemos a defender os nossos interesses”. Trecho que sugere ação de educação política deste grupo a partir dessas entidades de classe, com um apelo bem ao estilo da bolchevização em curso no PCB.

Ao final, aquele núcleo liga a luta por direitos à organização “das massas” nos sindicatos e dentro do Partido Comunista. A luta por melhores salários e pelo reaparecimento do jornal *A Classe Operária* são colocados como principais palavras de ordem do momento, evidenciando como a prática da política do PCB baiano mesclava demandas locais às lutas nacionais.

⁴²⁰ O SERVIÇO DE AGITPROP DO PCB EM 1925. 22/1/1926. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 24. Программы, доклады, письма отделов ЦК КП Бразилии. Caso 24. Programas, relatórios, cartas dos departamentos do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil (tradução via Google Chrome). Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de novembro de 2018.

Nos meses seguintes, o operariado do Recôncavo engajou-se na campanha nacional em prol do retorno de *A Classe Operária*. Para além da influência da política pecebista, os trabalhadores nutriam simpatia pelo jornal, onde denunciavam a exploração dos industriários, a perda de direitos e as más condições de trabalho a que estavam submetidos.⁴²¹

Nas edições do jornal *A Classe Operária* são citadas as associações operárias que estavam sob a influência do comitê municipal daquela região, especialmente por conta da ligação de suas lideranças com o partido, como é o caso de Amaro Pedro da Silva que, como vimos, foi lembrado nas memórias de Otávio Brandão. Trabalhador que presidia da Sociedade Protetora dos Operários de São Félix e que aparece por mais de uma vez à frente das campanhas em prol do PCB.

Também chama a atenção a destacada atuação das charuteiras no jornal *A Classe Operária*, trabalhadoras que denunciaram corajosamente a exploração, o assédio e as ameaças sofridas diariamente nos armazéns de beneficiamento de fumo do recôncavo baiano. Mulheres negras, em sua maioria, que usaram as páginas do *A Classe Operária* para combater os abusos de seus patrões e chefes imediatos.⁴²²

Segundo a edição do *A Classe Operária* de 04 de julho de 1925, as charuteiras tornaram público sua emoção ao ver publicado um apelo por elas enviado, nos seguintes termos: “Nos, moças operárias charuteiras de S. Félix e Muritiba, vimos comovidas a publicação do apelo que dirigimos ao primeiro e único órgão da classe operaria do Brasil”. Naquela mensagem, as trabalhadoras denunciavam que um dos proprietários da

⁴²¹ Na edição de 5 de maio de 1925, a denúncia das operárias charuteiras foi matéria de primeira página, com o seguinte título: “As operárias charuteiras da Bahia apelam para ‘A Classe Operária’”. O texto das operárias aponta detalhes da exploração de seus patrões. Situação que havia piorado após greve recente e também incidia nas más condições de trabalho e de higiene em que eram submetidas aquelas operárias; Na edição de 13 de junho de 1925, a nota: “Cresce a consciência dos trabalhadores” acusa o recebimento de uma “Saudação” enviada pela Sociedade Protetora dos Operários de São Félix. A correspondência estava assinada por Amaro Pedro da Silva e Manoel Antônio da Conceição, respectivamente, presidente e secretário da entidade. A “Saudação” veio acompanhada da doação de 50\$00. O mesmo valor também foi enviado pela Sociedade União de defesa Operária, da cidade de Muritiba; Na edição de *A Classe Operária* de 4 de julho de 1925, na sessão “Dos nossos correspondentes”, constam notas oriundas de diversos estados do país. A Bahia é representada somente pelas notas escritas por trabalhadores e trabalhadoras, como é o caso das operárias charuteiras que denunciavam perseguições e as ameaças sofridas nos armazéns de beneficiamento de fumo das cidades de São Félix, Cachoeira e Muritiba, além de uma nota dos trabalhadores marítimos de São Félix.

⁴²² “Dos nossos Correspondentes”. Jornal *A Classe Operária*. Nº 10, 04/07/1925, p.2. Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Retirado de <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 01 de janeiro de 2019; Amaro Pedro da Silva teve seu trabalho reconhecido nas memórias de Otávio Brandão. Ver: BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas: memórias*. Volume 1. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978, p.

companhia Dannemann ficou furioso com tal publicação no jornal comunista e decidiu vingar-se, alegando que quando morresse um filho ou parente delas, a companhia não iria mais emprestar dinheiro para o funeral, como era de praxe. Dinheiro que era restituído por elas através do trabalho realizado aos sábados. No entanto, as “moças charuteiras” não recuaram diante daquela ameaça, lembrando que aquele recurso nada mais era que uma “restituição mínima dos milhares de contos que esses burgueses nos tem arrancado durante duas dezenas de anos” e que o “burguês acima possui ações dessa companhia, no valor de 445 contos”. Contos “arrancados dos seus dois mil e tantos operários de S.Félix, Muritiba, Maragogipe e Nagé”. Ao final, o texto segue por elas assinado e foi publicado em negrito: “As operárias charuteiras de S. Félix”.⁴²³

Certamente que o texto impresso num jornal causava impacto por conta de diversos fatores. Na década de 1920, na Bahia, quem escrevia nos jornais eram reconhecidos intelectuais, sejam eles políticos, professores, juristas ou literatos. Eram estes, homens em sua imensa maioria, que eram possibilitados de expor suas ideias através de um veículo impresso. Portanto, a publicação de textos produzidos por trabalhadoras, além de incomum, afrontava a sociabilidade intelectual em voga na Bahia, o que Machado Neto chamou de “Vigência intelectual”⁴²⁴, ainda que existam fortes possibilidades de o texto ter sido alterado pela redação do *Classe Operária* para causar um impacto ainda maior. Nesse caso, mesmo se isso tenha ocorrido, ele veio à público com essa forma e com a assinatura das operárias, o que por si não altera a natureza daquela “afronta”.

Talvez por isso, a simpatia do operariado fumageiro pelo jornal *A Classe Operária* continuou crescendo e rendeu apoio à campanha pública pelo seu retorno. No documento intitulado: “Carta aos amigos, assinantes e leitores da ‘Classe Operária’” é

⁴²³ “AS CHARUTEIRAS”. Jornal *A Classe Operária*. Nº 10, 04/07/1925, p.2. Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Retirado de <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 01 de janeiro de 2019.

⁴²⁴ Segundo Machado Neto, O termo “vigência intelectual” é empregado para rotular valores, mitos e prestígios da vida intelectual na Bahia, sejam eles indivíduos ou instituições que tem e dão prestígio; ideias dominantes no período e até palavras que estão na boca de todos os integrantes da república das letras, assim como os modismos”. O autor ressalta que cidades do recôncavo estavam entre as possuidoras de elites letradas e intelectuais. MACHADO NETO, Antônio Luiz. *A Bahia Intelectual. (1900-1930)*. *Universitas*. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. Nº 12/13, maio/dezembro de 1972.

possível analisar o grau de engajamento daquele núcleo operário à campanha em prol da legalização de *A Classe Operária*.

A “Carta” de *A Classe Operária* veio à público em 25 de outubro de 1925, com os objetivos de dinamizar a atuação de seu público e demonstrar força política a partir do apoio popular. No primeiro parágrafo, o articulista afirma que “Após uma dura batalha para conseguirmos o reaparecimento da A CLASSE OPERÁRIA, somos obrigados a reconhecer a impossibilidade de editá-la neste momento”. Porém, não querendo que “se apague o fogo da lareira proletária”, a redação resolveu editar uma série de cartas “para que as massas trabalhadoras sintam que a vanguarda continua nos seus propósitos de libertação integral”. A publicação foi dividida em tópicos, onde foram detalhadas as condições financeiras do jornal, a falha em retomar as atividades jornalísticas na cidade de Juiz de Fora, a situação política do jornal, e, principalmente, o apoio do público através de telegramas de protesto e abaixo-assinados. Ação que mantinha os trabalhadores mobilizados na campanha em prol do retorno do jornal.

No tópico “Telegramas”, o articulista escreve que o proletariado ficou “inquieto com o desaparecimento do jornal” e enviou ao ministro diversos abaixo-assinados protestando contra aquela situação. Segundo ele, aquela mobilização deveria ser suficiente para reverter a situação, mas o governo permanecia fazendo ouvidos moucos, insistindo na decisão de manter tapada a “boca do proletariado”, com seu “punho de ferro”.⁴²⁵

Nas sete páginas seguintes, divididas em tópicos, são apresentadas as mensagens de protesto enviadas de diversas cidades do país. No tópico “Teor dos telegramas”, são identificadas as cidades de origem e transcritos os conteúdos das mensagens. Cidades de norte a sul do Brasil são citadas e quanto à Bahia, somente figuram as cidades de São Félix e Muritiba.⁴²⁶ Ao final, o articulista informa que aquelas publicações não representavam a totalidade das mensagens enviadas, uma vez

⁴²⁵ “Carta aos amigos, assinantes e leitores da ‘Classe Operária’”. Datação indisponível RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 21а. Обращения, бюллетени и брошюры компартии, профсоюзов и других организаций. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de abril de 2019.

⁴²⁶ Cidades citadas: Cubatão, Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Santos, São Paulo, Vitória, Ribeirão Preto, Belo Horizonte, Niterói, Recife, Sertãozinho, Aracajú, “Parahyba do Norte”, Areia, São Félix, Muritiba, Natal, Porto Alegre, e Maceió. “Carta aos amigos, assinantes e leitores da ‘Classe Operária’”. Datação indisponível. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 21а. Обращения, бюллетени и брошюры компартии, профсоюзов и других организаций. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de abril de 2019.

que muitos remetentes não enviaram cópias de seus telegramas à redação, deixando implícito que um número ainda maior de pessoas havia se manifestado em favor do *A Classe Operária*, mas que não foram identificados pelo jornal.

Os telegramas oriundos de São Félix e de Muritiba são rigorosamente idênticos, com o seguinte teor: “Protestamos contra o fechamento do nosso jornal A CLASSE OPERÁRIA, único órgão dos trabalhadores do Brasil. Pedimos vênias a V.Exa. para o reabertura do mesmo”. As correspondências foram enviadas pelas sociedades operárias das duas cidades, então lideradas por Amaro Pedro da Silva e Rufino Gonçalves, respectivamente, presidente da Sociedade Operária de São Félix e secretário da Sociedade Operária de Muritiba, trabalhadores que tiveram sua militância pelo PCB reconhecida pelas memórias de Otávio Brandão, como vimos.

A partir da terceira página são transcritos na íntegra os abaixo-assinados que, segundo o articulista, foram enviados ao ministro do Interior. Chama atenção o fato de somente os operários das cidades de Ribeirão Preto, São Félix, Cachoeira, Muritiba e Juiz de Fora terem seus abaixo-assinados publicados. Tal fato parece evidenciar o nível de comprometimento destes grupos com *A Classe Operária*.

O documento enviado pelos operários e operárias de Muritiba foi o segundo a ser publicado e tinha o seguinte teor: “Nós, abaixo-assinados, operários e operárias de MURITIBA, Estado da Bahia, vimos interceder junto a V. Ex. para mandar reabrir o nosso órgão, único defensor dos oprimidos. Desejamos saber qual o motivo do fechamento. Será pelo simples motivo de defender os trabalhadores do Brasil?”. As assinaturas estão divididas por categoria e tem início com os “Operários beneficiadores de fumo”, passando às “Operárias charuteiras”, “Operárias selecionadoras de folha de fumo”, o que evidencia a liderança exercida pelo operariado fumageiro. Em seguida, consta a transcrição do abaixo-assinado dos operários e operárias de São Félix. A mensagem que é idêntica à enviada pela Sociedade Operária de Muritiba, inclusive, os trabalhadores de beneficiamento de fumo também figuram na vanguarda. Elementos que conformam a ideia de que houve uma cooperação coordenada para a consecução daquele trabalho. Coordenação oriunda do operariado de beneficiamento de fumo de Muritiba e São Félix, provavelmente ligação ao Comitê Municipal do PCB.

A cidade de Cachoeira aparece em seguida, apesar de não ter enviado um telegrama, seu abaixo-assinado foi publicado. A mensagem deste grupo tem a seguinte

redação: “Nós, abaixo-assinados, operário e operárias beneficiadoras de fumo e charuteiras de CACHOEIRA, Estado da Bahia, vimo apelar para V. Ex. mandar reabrir o nosso órgão A CLASSE OPERÁRIA”. As assinaturas não foram divididas por ofício, como foi feito nos documentos de São Félix e de Muritiba. Também chama a atenção a diferenciação entre operário e operária, que pode ser uma distinção indicativa da influência das trabalhadoras na campanha em prol de *A Classe Operária*. Distinção efetuada também nas mensagens enviadas pelo operariado de Muritiba e São Félix, evidenciando a capacidade de organização e engajamento político das fumageiras daquela região. Nas últimas páginas, o articulista conclama os seus apoiadores e prosseguirem na luta pela reabertura do jornal e, em seguida, apresenta o balanço das contas e o balancete das assinaturas até o dia 23 de julho de 1925.⁴²⁷

Assim, conclui-se que o jornal *A Classe Operária* contribuiu decisivamente para o crescimento do PCB e encontrou nas trabalhadoras e trabalhadores dos armazéns de beneficiamento de fumo um terreno fértil para propagar a luta sindical e o comunismo no Recôncavo baiano. A categoria encontrou no jornal pecebista um veículo ideal para tornar pública a exploração, as más condições de trabalho e a opressão a que era submetido o operariado do recôncavo.

A circulação do jornal *A Classe Operária* aproximou ainda mais o operariado dos armazéns de beneficiamento de fumo do comunismo e do Partido Comunista, contribuindo ao plano de bolchevização dos comunistas. Se o jornal dava voz à classe trabalhadora, esta parece ter reconhecido no PCB o partido que defendia os seus direitos. Assim, é inegável que *A Classe Operária* contribuiu para aproximar a classe da sua “vanguarda”, resultando, inclusive, na organização do primeiro Partido Comunista da Bahia.

Ao que tudo indica, ainda no ano de 1925, esse Comitê esteve envolvido nas ações desenvolvidas pelo operariado fumageiro, especialmente no que se refere à greves, negociações por aumentos salariais e por melhores condições de trabalho, como

⁴²⁷ *Carta aos amigos, assinantes e leitores da ‘Classe Operária’*. Datação indisponível. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 21а. Обращения, бюллетени и брошюры компартии, профсоюзов и других организаций. Caso 21а. Apelos, boletins informativos e brochuras do Partido Comunista, sindicatos e outras organizações (tradução via Google Chrome). Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de abril de 2019.

é possível verificar em documentos enviados à IC.⁴²⁸ O partido possuía alguma influência nas sociedades operárias da região, como vimos, sociedades essas que eram o centros de defesa dos interesses do operariado dos armazéns de beneficiamento de fumo.

Todavia, aquele núcleo comunista acabou desintegrando-se com o passar dos anos. O comitê do PCB das cidades de São Félix, Cachoeira e Muritiba acabou por não consolidar uma estrutura para prosseguir o trabalho na região nos anos seguintes. As notícias sobre a sua existência continuam até o final da década, sendo possível que o seu desaparecimento tenha sido fruto das posições esquerdistas do PCB diante da Revolução de 1930, consubstanciadas pelo obreirismo, também imposto nesse contexto.

Apesar da descontinuidade, a fundação daquele comitê, assim como aconteceu em outras regiões, resultou da aplicação linha política definida no II Congresso e da influência da IC, que redefiniu as formas oficiais de organização interna. Esses elementos contribuíram para que o partido desenvolvesse seu plano interno de bolchevização, reunindo forças para interferir na revolução brasileira.

Somam-se à tarefa de recrutamento, o trabalho realizado na frente única através do Bloco Operário e Camponês, o BOC e a aproximação com a pequena burguesia revoltosa, encabeçada pelos tenentes. O crescimento numérico junto ao proletariado, aliado ao trabalho legal e parlamentar, em aliança com os revolucionários de 1922, 1924 e da Coluna Prestes, eram os pilares através dos quais o Partido Comunista pretendia fazer a revolução brasileira.

Era a união da bolchevização e da frente única com a homens de armas da pequena burguesia. Os elementos que, juntos, conformariam a Revolução democrático-burguesa, a Revolução brasileira do PCB.

⁴²⁸ Referimo-nos aqui a dois boletins do ano de 1925 que denunciavam os industriais pelo descumprimento de acordos econômicos para fim de uma greve e por terem sido ameaçados de prisão por reivindicarem seus direitos constitucionais. Ambos documentos fazem parte da coleção Дело 21а. Обращения, бюллетени и брошюры компартии, профсоюзов и других организаций. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02 de abril de 2019.

CAPÍTULO V

A REVOLUÇÃO DO PCB E A REVOLUÇÃO DAS OPOSIÇÕES

Entre os anos de 1927 e 1929, o Partido Comunista pôs em prática a estratégia da Revolução democrático pequeno-burguesa, quando fez uso de métodos de ação política obedientes aos marcos da legalidade constitucional, ao tempo em que investiu em articulações extralegais visando a tomada do poder.⁴²⁹ Este foi um período revolucionário também para os comunistas brasileiros, quando intensificou-se a desagregação da ordem oligárquica que desaguou no movimento de outubro de 1930, vitorioso ao tomar o poder pelas armas.⁴³⁰ No entanto, o PCB não participou do desfecho do processo revolucionário, como havia planejado ao preconizar a chamada “terceira revolta”. A chegada de novas diretrizes da III Internacional, no final de 1929, ordenando a implementação de uma política estranha à realidade nacional, em substituição à “Revolução democrático pequeno burguesa”⁴³¹, desorganizou o partido, fraturando-o profundamente diante do ápice da crise revolucionária em curso no país, terminada com o movimento armado de outubro de 1930.

Até a intervenção da IC, o PCB fez uso de sua autonomia relativa⁴³², aplicando a sua estratégia revolucionária que, conforme aponta Michel Zaidan, pode ser observada “tanto nas experiências de articulação político-eleitoral com a pequena burguesia urbana (Bloco Operário), como na busca de alianças com o tenentismo”⁴³³. Foi através dessas linhas de ação que o PCB pôs em prática a sua estratégia revolucionária, apresentando-se sempre como vanguarda operária, o que incomodava tenentes e políticos de oposição, interessados na derrubada das oligarquias dominantes. O partido foi favorecido também pelo contexto no qual o discurso em relação à “questão social” ganhava espaço no

⁴²⁹ ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989.

⁴³⁰ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997.

⁴³¹ ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, p. 92-3.

⁴³² Segundo Michel Zaidan, “Desde 1980, vimos insistindo na *relativa* subordinação do PCB às teses e resoluções dos diversos congressos da IC e na *especificidade* da elaboração teórico-política do comunismo brasileiro, durante a década vinte”. ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, p.46.

⁴³³ ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989, p.10.

debate público e tornava-se o principal “fermento revolucionário” da Revolução de 1930.⁴³⁴

Nos anos 1920, o debate sobre a “questão social” se espalhava pelo país e as classes trabalhadora e média aproveitavam para tornar públicas suas demandas, exigindo maior participação política e direitos sociais. Propostas que colocavam em xeque a estrutura oligárquica da República que, por sua lógica familiar e patriarcal, o exercício do poder a um círculo reduzido de pessoas⁴³⁵, excluindo, assim, a população civil urbana das instâncias estatais de administração e de decisão. Tal problemática era identificada pelo Partido Comunista, que no início da década denunciava as consequências deletérias do domínio oligárquico por sobre a sociedade, através da “Política do Café”. O PCB centrava fogo no modo como as oligarquias de São Paulo e de Minas Gerais faziam uso da máquina estatal, quando favoreciam a produção de suas lavouras e demais negócios relacionados à produção do café.⁴³⁶ Essas críticas ao poder oligárquico levaram o PCB a concluir quanto à necessidade de realizar uma revolução burguesa no país em aliança com os tenentes, concebida como antessala da revolução socialista no país.⁴³⁷

A despeito de seu intuito, o projeto dos comunistas foi subitamente descontinuado por ordens da Internacional Comunista, no final de 1929. Até lá, o PCB

⁴³⁴ Segundo Luiz Werneck Vianna, em seu ensaio sobre a Revolução Passiva no Brasil, Em sua nova configuração, a Revolução Passiva terá como ‘fermento revolucionário’ a questão social, a incorporação das massas urbanas ao mundo dos direitos e a modernização econômica como estratégia de criar novas oportunidades de vida para a grande maioria ainda retida e sob relações de dependência pessoal, nos latifúndios”, VIANNA, Luiz Werneck. *A Revolução Passiva. Iberismo e americanismo no Brasil*. 2ª edição, editora Revan, 1997, p. 48.

⁴³⁵ Edgard Carone define “oligarquia” do seguinte modo: “I – *O fenômeno das oligarquias: atributos e limites* - Ao sentido primitivo da palavra *oligarquia* – governo em que a autoridade está nas mãos de poucas pessoas – juntou-se, no Brasil, um conceito mais específico: o de governo baseado na estrutura familiar patriarcal”. CARONE, Edgard. *A República Velha (Instituições e classes sociais)*. 2ª edição revista e aumentada. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972, p. 267.

⁴³⁶ *RELATÓRIO geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do P.C. Brasileiro*, p.1. 1/10/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 11. Письма ЦК КП Бразилии и ее организаций в ИККИ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 01/11/2018.

⁴³⁷ Os comunistas brasileiros baseavam-se nas orientações da IC, referentes aos movimentos revolucionários de libertação nacional, os quais deveriam ser liderados pelos PCs e transmutados em movimentos de esquerda, de natureza nacional-revolucionária que, assim, poderiam ser conduzidos em revolução socialista. Michel Zaidan chega a afirmar que esta era uma proposta de “revolução permanente”, sob a direção do proletariado. ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989.

pôs em prática sua estratégia revolucionária, atuando legalmente no campo político-eleitoral e proletário, quando se expandiu pelo país, estabeleceu alianças com lideranças de oposição, ocupou cadeiras nos parlamentos brasileiros e tornou públicas as suas posições através da imprensa. Durante esse período, o Partido Comunista consolidou-se por entre as oposições, com as quais buscou dialogar, além de realizar, em paralelo, um trabalho clandestino, de pretensões revolucionárias, especialmente junto aos tenentes, para os quais propôs a formação de uma unidade paramilitar de luta, através da criação comitês revolucionários e a formação de unidades proletárias de combate, ambos em auxílio à marcha tenentista, considerada pelo PCB como a vanguarda a ser orientada para a consecução da sua “Revolução democrática pequeno burguesa”. Naquele momento, os comunistas buscaram negociar os termos de uma “revolução” com os demais setores oposicionistas, dialogando com cada um deles, a despeito dos limites na forma e no conteúdo de suas propostas revolucionárias.

1. As oposições e suas “revoluções”

Durante os anos 1920, ganhou força a ideia de que somente uma revolução poderia o derrubar o poder oligárquico. Essa convicção se espalhou cada vez mais na sociedade e foi adotada pelas oposições políticas que, ao mesmo tempo, pensavam em como fazê-lo, sem ameaçar a tradicional dominação de classe. Segundo Marly Vianna:

Tal aspiração, associada à superação do atraso representado pela predominância das oligarquias agrárias, pela corrupção político-eleitoral e pelo alto grau de analfabetismo da sociedade, esbarrava numa contradição insolúvel para as classes e grupos que procuravam resolvê-la: o atraso do país em relação aos centros hegemônicos do capitalismo era real e estrutural. Como romper esse atraso sem pôr em perigo a dominação de classes tradicionais, sem tocar, portanto, na estrutura fundiária e sem reconhecer a cidadania da classe operária e das massas trabalhadoras no campo?⁴³⁸

As classes dominantes haviam compreendido a necessidade de adaptar-se às demandas por modernização, oriundas do estágio de desenvolvimento do capitalismo no

⁴³⁸ VIANNA, Marly Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: Sonho e realidade*. 3ª edição, São Paulo: Expressão Popular, 2011, p.28.

país, processo que burguesia cafeeira mostrava-se incapaz de administrar. Diante do impasse, coube ao movimento de 1930 afastar o núcleo dominante e abrir o Estado nacional ao capital, em mais um processo de “modernização conservadora”. Sobre esta questão, Boris Fausto tece s seguintes considerações:

Tendo em vista as características da burguesia nacional dos países dependentes, foi necessário que o núcleo dominante do ponto de vista econômico - onde a burguesia industrial fez grandes progressos, a partir dos anos 1930 - perdesse o comando do Estado, para que este se abrisse aos grupos técnicos da nova classe média, à influência de setores militares, que deram forma a algumas medidas conducentes ao desenvolvimento autônomo (Petrobras, Eletrobrás), sob a pressão dos movimentos populares”.⁴³⁹

Luiz Werneck Vianna segue semelhante linha de interpretação, apontando forças que contribuíram à consecução de mais um episódio de revolução passiva no Brasil, então encabeçados por oligarquias dissidentes, classes médias e tenentes:

As amplas demandas por modernização econômica e social são acolhidas por setores tradicionais das elites, sob a liderança de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, que com o poio de parte do tenentismo, das camadas médias e da vida popular nos centros urbanos, iniciam, coma chamada Revolução de 1930, um novo andamento à revolução burguesa, já agora sob a chave clássica de uma modernização conservadora.⁴⁴⁰

Certamente a percepção da sociedade sobre o desenvolvimento do capitalismo resultava muito mais das demandas sociais e políticas emergentes no dia a dia, do que de um raciocínio mais apurado e consciente sobre a realidade nacional. Este entendimento pela experiência era decorrente de um processo estrutural de revolução passiva em curso no país, acabando por influir na vida social e, conseqüentemente, no jogo político.

⁴³⁹ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 144.

⁴⁴⁰ VIANNA, Luiz Werneck. *A Revolução Passiva. Iberismo e americanismo no Brasil*. 2ª edição, Rio de Janeiro, editora Revan, 1997, p. 48.

Um século antes, teve início a “Revolução Burguesa no Brasil”, nos termos propostos por Florestan Fernandes, segundo o qual resultou na passagem de uma sociedade agrária e colonial para uma sociedade competitiva e de classes. Para ele, analisar a Revolução Burguesa, “consiste em procurar os agentes humanos das grandes transformações histórico-sociais que estão por trás da desagregação do regime escravocrata-senhorial e da formação de uma sociedade de classes no Brasil”.⁴⁴¹ Tratava-se de uma revolução ocorrida progressivamente na estrutura socioeconômica do país e que poderia ser observada mais claramente em episódios específicos, a exemplo do processo Independência, segundo Florestan Fernandes, a “primeira grande revolução social que se operou no Brasil”.⁴⁴² Segundo o autor,

A Independência, não obstante a forma em que se desenrolou, constituiu a primeira grande revolução social que se operou no Brasil. Ela aparece como uma revolução social sob dois aspectos correlatos: como marco histórico definitivo do fim da ‘era colonial’; como ponto de referência para a ‘época da sociedade nacional’, que com ela se inaugura.⁴⁴³

Florestan Fernandes acentua ainda que o fator efetivamente revolucionário adveio da conexão entre a Independência e o “novo tipo de autonomia política”, iniciando a formação de uma “*sociedade nacional*”, o que transcendia os interesses dos senhores rurais dominantes, uma vez que estes, ao procurarem emancipar o Brasil de Portugal, realizaram um movimento no sentido de uma modernização na estrutura do nascente estado nacional, adequando-o minimamente ao patamar exigido pelo mercado capitalista. Assim, surgiram novas relações de produção no campo e crescentes demandas urbanas nas cidades, que acabariam, gradativamente, gerando obstáculos para que as elites agrárias mantivessem seu domínio de classe⁴⁴⁴, ainda fundado na posse da terra, no escravismo e na herança aristocrática de Portugal, materializada na criação do Império do Brasil e na manutenção de uma ordem nobiliárquica de poder.

⁴⁴¹ FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975, p.20.

⁴⁴² Segundo Florestan Fernandes: FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975, p. 31.

⁴⁴³ FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975, p. 31.

⁴⁴⁴ FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975, p. 31.

A contradição entre a modernização da estrutura econômica *versus* a manutenção do poder, durante o Brasil Império, havia sido momentaneamente equacionada através da lógica do “conservar-mudando”⁴⁴⁵, em substituição a um processo nacional-libertador, como ocorrera nas outras nações sul-americanas. Processo que era visto pela classe dominante como uma ameaça aos seus domínios, em primeiro lugar, em relação ao controle da população, especialmente do contingente de negros escravos e libertos, que seguiam dando mostras de rebeldia contra a ordem estabelecida, organizando-se em busca de liberdade e direitos, por vezes através da lei, por vezes através das armas.⁴⁴⁶ Em segundo lugar, era igualmente importante para as classes dominantes a manutenção da unidade territorial, de onde extraíam seu poderio econômico e político, que também era uma das ambições herdadas dos colonizadores portugueses.⁴⁴⁷

Assim, o Estado que nasceu da Independência invocou o liberalismo, modelando suas instituições de acordo com ele, acabando por restaurar as suas estruturas econômicas oriundas do período colonial.⁴⁴⁸ Na prática, os liberais brasileiros declinaram de sua posição de reformadores sociais, limitando-se a prescrever reiteradamente a necessidade de auto reformar o Estado, conciliando com as camadas agrárias dominantes, formada por senhores de engenho.

A Independência, a despeito de ter sido articulada pelas elites agrárias - que internamente também lutaram contra as ideias liberais - contribuiu para o desenvolvimento de estruturas capitalistas de produção, fazendo surgir a classe trabalhadora e a classe média. Ambas que, especialmente nas décadas de 1910 e 1920, puseram-se em movimento, reivindicando direitos sociais e políticos, então restritos às oligarquias e aos coronéis que não estavam de acordo em ter que disputar o poder com estratos sociais

⁴⁴⁵ Ver: VIANNA, Luiz Werneck. *A Revolução Passiva. Iberismo e americanismo no Brasil*. 2ª edição, Rio de Janeiro, editora Revan, 1997.

⁴⁴⁶ No que se refere à luta dos negros escravizados, em aliança com libertos, por liberdade e direitos, ver: REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês (1835)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; REIS, João José e SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁴⁴⁷ Segundo Luiz Werneck Vianna, o Brasil nasceu sobre o iberismo. Seu estado surge sob a lógica da ibéria territorialista, voltado, sobretudo, para a expansão de seus domínios e de sua população sobre eles, assim: “A economia seria concebida como uma dimensão instrumental a seus propósitos políticos”. VIANNA, Luiz Werneck. *A Revolução Passiva. Iberismo e americanismo no Brasil*. 2ª edição, Rio de Janeiro, editora Revan, 1997, p. 45.

⁴⁴⁸ VIANNA, Luiz Werneck. *A Revolução Passiva. Iberismo e americanismo no Brasil*. 2ª edição, Rio de Janeiro, editora Revan, 1997, p. 44.

por eles considerados inferiores. Com o desenrolar dos eventos, dissidências oligárquicas aliaram-se a setores médios, tendo o seu auge na formação da Aliança Liberal, que objetivava fazer a revolução no lugar do povo, posição oriunda dos projetos revolucionários de tenentes e demais oposições, que repudiavam a ideia da participação ativa das massas populares em suas propostas revolucionárias. Neste cenário, o Partido Comunista era uma exceção, uma vez que o seu projeto classista de revolução previa a participação ativa da tomada de poder pelos trabalhadores e demais camadas populares. Efetivamente, será a desconformidade sobre o lugar do povo na revolução que afastará tenentes e demais oposições do PCB, a despeito do programa mínimo de derrubar o governo central, dirigido pela burguesia agrária. As oposições estavam a serviço da modernização conservadora, o que era esperado dada a suas origens de classe, ao contrário do PCB que não abria mão de dirigir a revolução burguesa, na condição de vanguarda do proletariado, propondo sempre a participação ativa da classe trabalhadora em todo o processo.⁴⁴⁹

2. Os projetos revolucionários e o PCB

O entendimento das oposições sobre a revolução a ser realizada no país era diverso, tendo em comum entre elas somente o objetivo de derrubar as oligarquias. Suas múltiplas conotações, de um modo geral, demonstram a existência de um efetivo interesse social e político por mudanças no país na década de 1920. O país passava por um processo de diversificação das suas atividades econômicas⁴⁵⁰, resultando na ampliação significativa de sua população civil urbana, cada vez mais decidida a ampliar o seu acesso ao mundo democrático-liberal dos direitos sociais e políticos, então restrito

⁴⁴⁹ Cabe ressaltar que tal postura aproximava o PCB da leitura feita por Lênin, quando da revolução de 1905, quando defendeu caber ao Partido Operário Social Democrata da Rússia, o POSDR, participar ativamente da revolução burguesa em curso, acreditando que somente este poderia radicalizar ao máximo o movimento e provocar a instauração de uma assembleia constituinte realmente popular. Segundo Lênin, caso isso não acontecesse, a aristocracia e a burguesia acabariam aliando-se no combate à trabalhadora. No entanto, os comunistas brasileiros ainda não conheciam a obra de Lênin, “Duas táticas da social democracia na revolução democrática, de onde poderiam ter tirado lições para lidar com a revolução burguesa no Brasil, o que não foi acaso. LENIN, Vladimir Ilitch Ulianov. *Duas Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática*. Editora Livramento, São Paulo, 1975.

⁴⁵⁰ FERREIRA, Marieta Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. “A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930”. IN: *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 7ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 389.

às oligarquias, coronéis e parte de seus comandados. Em acordo com essas demandas, as oposições políticas, ao lado de militares das mais diversas matizes ideológicas, defendiam a ideia de “revolução”, como uma forma de derrotar o governo oligárquico, ainda que fossem distintos e, até certo ponto, opostos os seus programas revolucionários.⁴⁵¹ E apesar das diferenças programáticas, foi através dessas propostas que as oposições mobilizaram-se na luta contra o poder oligárquico.⁴⁵²

É preciso levar em conta que na década de 1920, a sociedade brasileira era majoritariamente agrária, apesar de contar também com um processo de industrialização na área urbana. Segundo Boris Fausto, o setor primário abarcava a praticamente 70% dos trabalhadores, quando os outros 30% estavam alocados nos setor secundário, em pequenas unidades industriais. Estas, por sua vez, concentravam-se no sudeste e no sul do país, com destaque para São Paulo e Distrito Federal.⁴⁵³ Apesar deste predomínio agrário, o meio urbano desenvolvia-se e seus estratos sociais apareciam cada vez com mais força e frequência na cena pública, colocando em xeque os parâmetros da estrutura de poder das oligarquias.

Apesar de a Revolução de 1930 não ter sido a ascensão da burguesia industrial ou da pequena burguesia, ambas participaram ativamente das articulações para destronar a oligarquia dominante, passando da inicial reivindicação por direitos, à denúncia aberta ao uso da força e da fraude, empregadas pelas oligarquias para manter o poder. O desenvolvimento do capitalismo no país começava a cobrar maior

⁴⁵¹ Na interpretação de Vavy Pacheco Borges: “Várias são as falas sobre Revolução, com diferentes conotações, tendo em comum a oposição ao governo constituído, que chamam de ‘oligarquia’” BORGES, Vavy. *Tenentismo e Revolução Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 112.

⁴⁵² “A situação política nacional e a posição do PC”. 12/02/1929. RPASGPI, Rússia. Дело 35. Переписка ИККИ с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24 de julho de 2018.

⁴⁵³ A distribuição geográfica da indústria, segundo Bóris Fausto, distribuía-se na seguinte ordem: São Paulo (31,5%), Distrito Federal (20,8%), Rio Grande do Sul (11%), seguidos pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pernambuco. FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 38.

elasticidade⁴⁵⁴ do regime, o que entrava em rota de colisão com o *modus operandi* oligárquico, fundado na restrição interna do exercício do poder.⁴⁵⁵

Podemos dividir estas oposições “revolucionárias” em três grandes grupos: em primeiro lugar havia a proposta do movimento tenentista e seu difuso programa de revolução regeneradora; em segundo lugar havia as oposições reformistas, organizadas em partidos políticos, a exemplo do Partido Democrático, de São Paulo e do Partido Libertador, do Rio Grande do Sul, pouco radicais e vacilantes quanto à ideia de movimento armado, porém, críticos ao poder dominante; e por último e bem mais à esquerda dos demais, estavam os comunistas do PCB, através de sua proposta de “Revolução democrático pequena burguesa”, entendida como o tipo ideal de revolução burguesa para o Brasil, por seu objetivo de superar os elementos arcaicos que entravavam o desenvolvimento do capitalismo e da classe operária no Brasil, fase que seria a antessala da revolução socialista.

Em verdade, a proposta revolucionária dos tenentes era imprecisa em seu conteúdo. O próprio tenentismo era uma ideologia difusa, como aponta Boris Fausto, e poderia ser definido, em geral, como um movimento marcadamente militar, onde tendências reformistas e autoritárias eram colocadas em marcha no objetivo de intervir no país. Com essas características, a “Revolução” dos tenentes era de natureza salvacionista, mantenedora das instituições republicanas e substitutiva ao povo.⁴⁵⁶

Se a “revolução” tenentista era confusa no conteúdo, ela era clara na forma: a tomada do poder deveria ser feita através da ação armada. Essa imagem ganhou mais força com a marcha invicta da Coluna Prestes, destinada, segundo Boris Fausto, a “manter vivo o facho da revolução, isto é, visava a realizar um protesto heroico, com os olhos voltados para o meio de onde provinha - os centros urbanos”.⁴⁵⁷ O “heroísmo” referia-se ao fato de a Coluna ter de combater as forças legalistas de armas na mão e

⁴⁵⁴ Ver: DEMIER, Felipe Abranches. *O longo bonapartismo brasileiro, 1930-1964*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

⁴⁵⁵ CARONE, Edgard. *A República Velha (Instituições e classes sociais)*. 2ª edição revista e aumentada. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

⁴⁵⁶ Boris Fausto ressalta que o tenentismo era “um movimento substitutivo, e não organizador do povo”. FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 81.

⁴⁵⁷ Idem, p. 84.

nunca ter sido derrotada. Por outro lado, o uso da violência acabava afastando os demais quadros políticos opostos ao regime, especialmente os líderes do Partido Democrático, apesar de o uso da violência apresentar-se também como uma forma radical de fazer política e conquistar a simpatia popular.

A proposta dos tenentes girava em torno do programa de “representação e justiça”. Segundo também afirma Anita Prestes, eles entendiam caber aos militares a missão de regenerar o país, salvando as instituições das negociatas políticas. De posse dessa tarefa patriótica⁴⁵⁸, consideravam legítimo recorrer ao uso das armas para garantir o voto universal e secreto e a liberdade da justiça diante da influência política das oligarquias.⁴⁵⁹

Portanto, o que o movimento tenentista chamava de revolução era, na verdade, um movimento salvacionista e regenerador na Nação. Seu olhar estava muito mais voltado a um passado tido como glorioso, do que para um futuro mais liberal e democrático, fato que acabou sendo preponderante para o modo passivo adotado pela Revolução de 1930. Assim como ocorreu no *Risorgimento* italiano, no Brasil foi implementando um projeto revolucionário como restauração da nação e não como ruptura. Não por acaso, após 1930, os coronéis e as oligarquias foram reacomodados, permanecendo atuantes na política brasileira, mantendo grande parte de seu poder local; além disso, um governo ditatorial e autocrático se instalou no país entre 1930 e 1934, passando por um curto período constitucional até 1937, quando ocorreu o golpe do *Estado Novo*, que levou a uma ditadura ainda mais brutal. Nesse processo, a classe operária, desprovida de um projeto próprio, acabou cooptada pelo estado autocrático, liderado por Getúlio Vargas. Assim, a revolução passiva no Brasil possibilitou a implementação desse regime que fez uma modernização conservadora, sem correr os

⁴⁵⁸ Segundo Anita Prestes: “Para os ‘tenentes’, era importante atingir a unificação da justiça e do ensino, assim como do regime eleitoral e do fisco, medidas que, segundo eles, contribuiriam para moralizar os costumes políticos e, certamente, golpeariam o localismo oligárquico. Defendiam também o equilíbrio entre os três poderes, insurgindo-se contra o arbítrio do Executivo. Enfim, todo o seu ideário tinha um caráter liberal e o seu movimento apresentava-se como representativo dos interesses da Nação, voltado contra os particularismos das oligarquias locais ou, mais precisamente, contra o domínio da política do ‘café com leite’, embora isso não fosse afirmado explicitamente”. PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 97.

⁴⁵⁹ PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 95.

riscos inerentes que o liberalismo, em sua forma revolucionário, pode oferecer às classes dominantes.⁴⁶⁰

Por outro lado, a despeito desse desejo regenerador, as ações dos tenentes, tornadas públicas nos levantes de 1922, 1924 e depois na marcha da Coluna Prestes, ameaçavam as domínios das oligarquias e mobilizavam a opinião pública contra o poder estabelecido, atraindo também o interesse de políticos de oposição e do Partido Comunista, que viam nos militares rebeldes os aliados ideais para a realização de seus desígnios, apesar de os tenentes rejeitarem a participação popular na revolução.⁴⁶¹

Até o movimento de outubro de 1930, muito se falava sobre os caminhos possíveis à realização da revolução no Brasil, de modo que esse ideário revolucionário acabou sendo também adotado pelas oposições políticas, como foi o caso do Partido Democrático (PD), de São Paulo e do Partido Libertador, do Rio Grande do Sul, partidos que posteriormente apoiariam a candidatura de Getúlio Vargas à presidência.⁴⁶²

O PD foi fundado em 1926, pelo ex-membro do Partido Republicano Paulista (PRP) e ex-ministro de Agricultura do Império, Antônio da Silva Prado.⁴⁶³ O partido era formado por outros ex-membros do PRP, descontentes com os rumos da política e simpatizantes com as ideias de “representação e justiça”, então, também, propostas pelo Partido Libertador.⁴⁶⁴

Inicialmente, o Partido Democrático via na “Revolução” uma antítese da democracia. Sua concepção como opositorista seria defender a democracia diante da

⁴⁶⁰ Sobre o conceito de Revolução passiva como “revolução-restauração”, ver: GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. Volume 5: O Risorgimento. Notas sobre a história da Itália. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

⁴⁶¹ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 90.

⁴⁶² O PL decidiu apoiar a Aliança Liberal somente em agosto de 1930. CPDOC-FGV. “Partido Libertador (PL- 1928-1937)”. Verbete. Retirado de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-libertador-pl-1928-1937>. Acesso em 25 de abril de 2021.

⁴⁶³ CPDOC-FGV. PARTIDO DEMOCRÁTICO DE SÃO PAULO (PD). Retirado de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-democratico-de-sao-paulo-pd>. Acesso em 25 de abril de 2021.

⁴⁶⁴ O Partido Libertador teve sua fundação a 3 de março de 1928, na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, adotando o programa do Partido Democrático Nacional. Segundo Alzira Alves de Abreu, no verbete sobre o PL: “Adotando o lema “Representação e justiça”, o PL defendia em seu programa a instauração de um processo de alistamento eleitoral que incluísse todos os cidadãos maiores de idade, a instituição do voto secreto e a representação proporcional; a realização de apurações escrupulosas, e a autonomia para o Poder Judiciário, tornando-se a investidura dos juízes, a composição dos tribunais e o acesso à magistratura independentes de qualquer poder político”. CPDOC-FGV. Partido Libertador (PL- 1928-1937). Retirado de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-libertador-pl-1928-1937>. Acesso em 27 de abril de 2021.

“Revolução” e sua proposta luta armada. Segundo Vavy Pacheco Borges, a saída adotada pelo partido seria no sentido de uma “transformação política evolucionista, reformista e sem violência”.⁴⁶⁵ Esse ideário vai mudar em 1928, após o partido confrontar-se com a violência e a fraude eleitoral, comuns na Primeira República, fazendo seus líderes concluírem ser impossível regenerar a política e moralizar o país por vias legais, aderindo, gradativamente à ideia do uso das armas para fazê-lo, aproximando-se, assim, dos tenentes.

O PD aproximou-se dos tenentes, do Bloco Operário e, aos poucos alguns de seus representantes tornaram-se apoiadores da ideia de uma revolução armada, ainda que com uma postura vacilante. Tal aproximação era tática, objetivando tomar para si um pouco do prestígio revolucionário e ampliar as suas bases políticas.⁴⁶⁶ Era uma agremiação de radical oposição ao Presidente Washington Luís, que juntou-se à campanha da Aliança Liberal, liderada por Getúlio Vargas e, após a derrota nas eleições de março de 1930, apoiou o movimento de outubro.⁴⁶⁷

Tenentes e PD, as propostas de Revolução visavam regenerar e moralizar política nacional. Partia-se do pressuposto de que as mazelas do país originavam-se da atuação das oligarquias, consideradas responsáveis por corromper o Estado e de estabelecer uma blindagem política à sua supremacia. Os tenentes acabaram realizando um movimento armado, que durou toda a década 1920, influenciando nesse processo os políticos de oposição, como era o caso das lideranças do PD, que hesitaram ao máximo em aderir à ideia do uso das armas, mas o fizeram após terem esgotado suas esperanças de chegar ao poder através dos meios legais de representação política. De todo modo, a despeito da forma radical de tomada do poder, essa proposta de revolução estava consubstanciada com um programa de tendência vagamente reformista, elitista e possuidora de embrionárias características autoritárias.⁴⁶⁸

Foi nesse cenário, visto como “revolucionário” que o Partido Comunista buscou atuar revolucionariamente. Em sua aplicação da Revolução democrático pequeno

⁴⁶⁵ BORGES, Vavy. *Tenentismo e Revolução Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1992, p.112.

⁴⁶⁶ DECCA, Edgard Savadori de. *1930, o silêncio dos vencidos: Memória, História e Revolução*. 6ª edição, São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 88.

⁴⁶⁷ CPDOC-FGV. *Partido Democrático de São Paulo (PD)*. Retirado de <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/PartidoDemocraticoSP>. Acesso em 27 de abril de 2021.

⁴⁶⁸ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 80.

burguesa, o PCB aproximou-se dessas oposições políticas, graças às posturas críticas de ambas em relação ao domínio oligárquico e o seu discurso em defesa de mudanças efetivas no país, que ressoava principalmente junto à população civil urbana, também politizando-as.

Os partidos de oposição, vistos como representantes das burguesias urbanas e emergentes, e os tenentes eram interpretadas pelo PCB como forças da revolução burguesa e que, por isso, poderiam ser convertidas em forças “nacional-revolucionárias”⁴⁶⁹, conforme orientava as teses da IC para os países “atrasados”, adaptadas pelo PCB à realidade brasileira. Naquele momento, os comunistas brasileiros dispunham de uma relativa autonomia diante do *Komintern*, que ainda não havia sido convertido a um braço stalinista da política externa da URSS, conforme se tornaria a partir de 1929. Afinal, a IC tornou-se um campo de disputa para os grupos em litígio dentro do Partido Comunista da União Soviética, sendo, desse modo, suscetível à política por ele definida.⁴⁷⁰

O PCB dava continuidade ao desenvolvimento tático da “Revolução democrático pequeno burguesa”, iniciado extraoficialmente em 1925, que tinha por objetivo instaurar um regime democrático no país, vendo nos tenentes a vanguarda revolucionária apta a ser dirigida àquele intuito. Diante do objetivo de radicalizar o estatuto liberal da excludente República oligárquica, concatenada com a proposta subsequente de transmutar a revolução burguesa em revolução proletária⁴⁷¹, entendemos que a estratégia e táticas do PCB estavam em sintonia com a lógica da formação social brasileira, não sendo, portanto, uma mera sujeição diante das concepções da

⁴⁶⁹ Analisando as deliberações do II Congresso da Internacional Comunista, decorrentes do debate entre Manavendra Roy e Lênin Paulo, Sérgio Pinheiro escreve que o debate, ao girar em torno da colaboração dos revolucionários com a burguesia, chegou-se à decisão unânime de que os partidos comunistas deveriam apoiar os movimentos “nacional-revolucionários” de libertação dos países coloniais. Modo, aliás, como “serão classificados todos os movimento ‘tenentistas’ no Brasil dos anos 20”. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.40.

⁴⁷⁰ Pierre Broué escreve que “A internacional é, de fato, um campo de prova para os grupos que se enfrentam no partido russo. A linha seguida pelos partidos comunistas estrangeiros desde 1923 não é mais do que um mero reflexo das oscilações da política russa”. BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014, p. 276.

⁴⁷¹ Referindo-se a Otávio Brandão, Michel Zaidan chega a afirmar que a proposta do PCB aproximava-se da tese da “revolução permanente”. ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989, p. 20.

Internacional Comunista sobre a atuação dos partidos comunistas junto aos movimentos de libertação nacional, como também considera Michel Zaidan.⁴⁷² Segundo o autor:

O realce dado por Brandão à pequena burguesia urbana (ao invés da pequena burguesia rural e ao campesinato proletarizado, como nas concepções leninistas da época) só é compreensível à luz da determinação concreta da conjuntura brasileira, pois não existe ‘teoria’ similar no pensamento político vigente no movimento comunista internacional, especialmente no que diz respeito às lutas de libertação nacional, onde a ênfase recai sempre no papel no pomo dirigente de discórdia das discussões sobre o apoio ou não dos comunistas àqueles movimentos.⁴⁷³

Ao perceber a via reacionária do capitalismo brasileiro, bem como o caráter antidemocrático da dominação das oligarquias cafeeiras e seu restrito arco de alianças⁴⁷⁴, o PCB optou por apoiar o tenentismo, com o intuito de modificar a sua limitada proposta de crítica jurídico-política⁴⁷⁵, enxertando-lhe um conteúdo social que vinha sendo exarado pelas camadas médias e pelos trabalhadores urbanos, em prol de mais participação política e de mais direitos. Assim, o partido esperava modificar as ideias tenentistas a um retorno conservador às supostas origens do regime republicano - idealmente impolutas, como então defendiam os militares rebeldes, que, inclusive, mostravam-se avessos às ideias liberais – e colocá-los na rota do que seria uma verdadeira revolução burguesa no Brasil.⁴⁷⁶

⁴⁷² ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989, p.13.

⁴⁷³ ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989, p.21.

⁴⁷⁴ Michel Zaidan defende que o partido sempre foi muito *nacional* e que podemos criticá-lo quanto à sua análise acerca da estrutura de classes do país à época. No entanto, seria uma grande injustiça não reconhecer que “as suas estratégias e táticas, em relação aos movimentos de revolta da pequena burguesia, refletem profundamente as características da formação social brasileira. Primeiro, a via reacionária assumida pelo desenvolvimento do capitalismo no Brasil e seus efeitos sobre a fraca transformação das relações de produção na agricultura brasileira; segundo, o caráter extremamente antidemocrático da dominação burguesa republicana (resultante daquela via), singularizada pelo predomínio da burguesia agrária sobre o conjunto da sociedade; e terceiro, a extrema fragilidade do sistema de alianças da classe dominantes, produto de um desenvolvimento capitalista ainda incapaz de abrir espaço à participação socioeconômica da pequena burguesia urbana”. ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989, p.13

⁴⁷⁵ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 87.

⁴⁷⁶ Boris Fausto aponta que os tenentes advogavam em favor de um centralismo, afirmando que “O liberalismo não é a ideologia universal de seu tempo, mas uma corrente de ideias válida para determinado país, cuja formação é diferente da nossa”. FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 87.

Conforme analisamos no capítulo 3, a interpretação dos comunistas sobre os levantes tenentistas foi diversa, mas, no final, acabou sendo o principal elemento à criação da estratégia revolucionária do PCB. Se no início, em 1922, havia alguma desconfiança, posteriormente os comunistas buscaram interagir, também após “aceno” dos tenentes, com os quais discutiu o apoio do Partido e da classe trabalhadora ao movimento, que não foi à frente sob a alegação da fragilidade orgânica da parte dos comunistas à época.⁴⁷⁷ Essa relação influenciou Otávio Brandão a escrever sobre o movimento paulista, como consta em *Agrarismo e Industrialismo*⁴⁷⁸, tornando-se a principal referência às teses do II Congresso do PCB, realizado em 1925. A relação dos comunistas com os tenentes resultou numa interpretação mais ampla sobre a própria fração de classe pequeno burguesa. Deriva daí a conclusão dos comunistas de que os caminhos da revolução burguesa no Brasil passavam necessariamente por uma aliança do proletariado, representado pelo Partido Comunista, com a vanguarda revolucionária da pequena burguesia, representada pelos tenentes, bem como junto aos demais setores opostos ao domínio oligárquico, que colocavam-se em defesa dos direitos da população civil urbana.

Em tese, a proposta do PCB, ao que parece - ao contrário das críticas de “menchevismo”, oriundas dos representantes da Internacional, no final de 1929 - acabava propondo uma via para a participação da classe operária, no processo de desagregação do poder oligárquico. De algum modo, os comunistas estavam tentando dar à revolução um sentido proletário, buscando concretizar uma etapa que seria anterior ao advento do socialismo em um país percebido como atrasado e marcado pela dominação agrária.

Em primeiro lugar, na estratégia da “Revolução democrático pequeno burguesa”, o PCB não definia a natureza da luta “de cima para baixo”, mas definia o caráter do movimento ao interpretar a correlação de forças existente no país, o que estava em sintonia com os escritos de Lênin sobre as formas de analisar os caminhos da revolução burguesa na Rússia, no início do século XX.⁴⁷⁹

⁴⁷⁷ ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989, p.15.

⁴⁷⁸ BRANDÃO, Otávio. *Agrarismo e Industrialismo*. Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924. São Paulo, editora Anita Garibaldi, 2ª edição, 2006.

⁴⁷⁹ LENIN, Vladimir Ilitch Ulianov. *Dois Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática*. Editora Livramento, São Paulo, 1975, p.16.

Como dissemos anteriormente, ainda que os comunistas brasileiros da década de 1920 provavelmente não tenham tido acesso à obra *Duas Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática*, como também ressalta Marcos Del Roio⁴⁸⁰, sua proposta jogava para frente as tarefas socialistas da revolução brasileira, como Lênin preconiza em seus escritos sobre a Rússia. O PCB, ao defender a efetiva participação do proletariado no movimento revolucionário, ao lado das forças “nacional-revolucionárias” e da pequena burguesia parlamentar, acabaria atuando como um elemento que poderia inviabilizar a forma passiva da revolução, por sua postura em defesa de uma democracia ampliada e com efetiva participação popular, termos semelhantes aos indicados por Lênin.

Ao analisar o processo revolucionário de 1905, na Rússia, Lênin examinou as duas resoluções em discussão dentro do Partido Operário Social Democrata Russo (POS DR), apontando ser tarefa do partido dirigir o proletariado num movimento em prol de medidas democráticas de natureza revolucionária, uma vez que era também interesse da classe a transferência de poder a uma Assembleia Constituinte, o sufrágio universal, a queda do Czar e a sua substituição por um governo provisório realmente revolucionário.⁴⁸¹ A ação do partido para esse fim, definida em seu III Congresso, previa o combate às tentativas de contrarrevolução e a defesa dos interesses da classe operária. Diante dessas possibilidades, o proletariado deveria ser preparado para lutar numa possível guerra civil, onde a vitória resultaria na “conservação, consolidação e ampliação das conquistas da revolução”, isto é, das conquistas que, do ponto de vista dos interesses do proletariado, devem consistir na realização do nosso programa mínimo” e anterior à criação de condições para uma transição socialista.⁴⁸² Tal proposta se opunha à resolução da Conferência do POS DR, por ele considerada duplamente errada, por caracterizar que a vitória decisiva sobre o czarismo viria simplesmente com a constituição de um governo provisório ou com a convocação de uma assembleia constituinte, onde o partido deveria atuar somente como uma oposição radical, ao invés de intervir diretamente no jogo político em curso.

⁴⁸⁰ Segundo Marcos Del Roio: “Não é possível saber com certeza se Otávio Brandão tivera acesso direto ao trabalho de Lênin, *Duas Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática* (1905), mas é de se supor que não”. DEL ROIO, Marcos. *A Classe Operária na Revolução Burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p. 42-3.

⁴⁸¹ LENIN, Vladimir Ilitch Ulianov. *Duas Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática*. Editora Livramento, São Paulo, 1975, p. 7.

⁴⁸² Idem, p. 17.

Para Lênin, defender a vitória de uma insurreição popular e a formação de um governo provisório “e não apontar a relação destes ‘passos’ e atos com a conquista da república significa escrever uma resolução para arrastar-se a reboque do movimento proletário, e não para dirigir a luta do proletariado”.⁴⁸³ Era obrigação do partido “dar palavras de ordem e indicações práticas para a luta pela república e para a participação enérgica do proletariado na referida luta”.⁴⁸⁴ Para impulsionar a revolução para frente, o POSDR deveria dirigir não somente o proletariado, mas também a pequena burguesia revolucionária e republicana, identificada com as palavras de ordem táticas da social democracia, ainda não organizada num partido próprio.⁴⁸⁵

Seria uma grande derrota se a revolução terminasse com a convocação, pelo Czar, de uma assembleia constituinte, que teria o predomínio dos interesses latifundiários e burgueses, diametralmente contrário a um predomínio proletário e camponês, de natureza revolucionária. Afinal, era vantajoso à classe operária a supressão das amarras que retardavam o efetivo desenvolvimento do capitalismo na Rússia.

Entretanto, segundo Lênin⁴⁸⁶, a própria burguesia não era a favor de um movimento rápido e decidido, mas de um processo lento, indeciso, modo pelo qual as armas por ela criadas seriam usadas pelo proletariado, como Marx havia apontado em sua análise sobre o processo que resultou no golpe de Louis Bonaparte, em 1852, na França, onde as frações burguesas abriram mão de governar em troca da manutenção de seus domínios econômicos.⁴⁸⁷

O argumento de Lênin centra-se na ideia de que o proletariado não poderia ficar à margem da revolução burguesa, cabendo-lhe, ao contrário, ampliá-la ao máximo, através de uma participação decisiva e conseqüente. Segundo Lênin:

O marxismo não ensina o proletariado a ficar à margem da revolução burguesa, a não participar na mesma, a entregar a direção da referida

⁴⁸³ LENIN, Vladimir Ilitch Ulianov. *Duas Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática*. Editora Livramento, São Paulo, 1975, p. 24.

⁴⁸⁴ Idem, p. 29.

⁴⁸⁵ Idem, p. 33.

⁴⁸⁶ LENIN, Vladimir Ilitch Ulianov. *Duas Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática*. Editora Livramento, São Paulo, 1975, p. 36.

⁴⁸⁷ MARX, Karl. *O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2006.

revolução à burguesia, e sim, ao contrário, ensina a participar de modo mais enérgico e mais decidido na luta por uma democracia proletária consequente para que a revolução seja levada até o final.⁴⁸⁸

Ele ressalta esse aspecto principalmente porque um regime democrático-burguês, a depender da atuação do proletariado, pode se configurar num acordo constitucional de acomodação dentro da grande burguesia, excluindo os interesses da classe operária, ou numa verdadeira “ditadura democrático-revolucionária”, onde os limites da democracia burguesa devem ser tensionados ao máximo, revelando suas contradições e pondo no horizonte a necessidade de uma revolução proletária.⁴⁸⁹

A despeito de o PCB não ter tido acesso aos escritos de Lênin, a sua proposta de revolução, a partir de uma aliança do proletariado com a pequena burguesia revolucionária, permite afirmar que o Partido Comunista estava disposto a inserir a classe operária no processo revolucionário em curso no país, em condições semelhantes às do POSDR em 1905. Por outro lado, chama atenção o fato de o PCB ter sido obrigado pela IC e pelo Secretariado Sul-Americano (SSA), no final de 1929, a abandonar suas formulações revolucionárias e a própria revolução, para, assim, evitar o risco de diluir-se em meio às forças revolucionárias pequeno burguesas, tal qual os mencheviques propuseram ao POSDR, como é possível observar na obra leniniana. Esse fato, à época, serviu de subterfugio para que se justificasse a adesão do PCB à ortodoxia stalinista, resultando no alheamento do Partido diante do movimento de outubro de 1930, abrindo espaço para a forma passiva de revolução que marginalizou aliados de véspera, como trabalhadores e militantes comunistas e acolheu inimigos de décadas, como as oligarquias e os coronéis.

Porém, até a intervenção da IC, o PCB pôs em prática a sua proposta revolucionária, quando estabeleceu alianças políticas com setores “pequeno burgueses” e obteve vitórias através do BOC, além de aproximar-se, das lideranças tenentistas com as quais discutiu um programa revolucionário mínimo, com o intuito de estabelecer uma aliança proletário-pequeno burguesa e derrotar o poder oligárquico e, assim, realizar a revolução burguesa no Brasil.

⁴⁸⁸ LENIN, Vladimir Ilitch Ulianov. *Dois Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática*. Editora Livramento, São Paulo, 1975, p. 38.

⁴⁸⁹ Idem, p. 38.

3. Os comunistas, os tenentes e a revolução no Brasil

Como foi apontado anteriormente, o PCB via nos tenentes a vanguarda revolucionária da pequena burguesia brasileira, considerando-os, portanto, o principal agrupamento com o qual deveria aliar-se para a consecução da revolução democrático-pequena burguesa. Essa concepção foi construída sob impactos dos levantes de 1922 e de 1924, quando os comunistas concluíram que a revolução no Brasil havia dado os seus primeiros passos com a ação dos “revoltosos”, cabendo ao Partido Comunista unir-se ao movimento, como vanguarda operária, para dar-lhe um caráter consequente, levando-o, num segundo momento, à revolução socialista no país. Em outras palavras, como também aponta Michel Zaidan, ao buscar aliança com os tenentes, “as tarefas fundamentais dos comunistas seriam então lutar para que a revolução democrático-burguesa fosse colocada num plano inclinado que a fizesse rolar no sentido da profundidade da revolução proletária”.⁴⁹⁰ Com este objetivo, a ação do PCB visou apoiar os tenentes numa dimensão tática, com a formação de unidades proletárias de combate, passando pela tentativa de criar um partido revolucionário em conjunto com os militares - o “Kuomintang”⁴⁹¹ brasileiro - até a proposta de organização de um estado-maior revolucionário, onde as ações revolucionárias seriam decididas numa parceria entre a pequena burguesia e os operários, representados pelas suas respectivas vanguardas.

A participação dos comunistas nos movimentos tenentistas remontam ao ano de 1923, como aponta John Foster Dulles, o que coaduna com as memórias de Everardo Dias, Heitor Ferreira Lima e de Otávio Brandão.

⁴⁹⁰ ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, p. 77.

⁴⁹¹ “O Kuomintang (Partido Nacionalista do Povo) foi fundado na China em 25 de agosto de 1912, teve sua origem na “Liga Revolucionária Unida” (Tongmenghui) fundada em 20 de agosto de 1905, que por sua vez foi originada da “Sociedade para o Despertar da China” (Xingzhonghui) fundada em 24 de novembro de 1894. Sun Yatsen esteve à frente da fundação de todas estas organizações. Após a sua morte, assumiu a liderança do Kuomintang Chiang Kai-shek”. “Kuomintang”. *Dicionário Político*. Marxists Internet Archive. Retirado de <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/k/kuomintang.htm>. Acesso em 7 de maio de 2021. O Kuomintang serviu de instrumento de organização para nacionalistas e comunistas chineses, com o apoio da Internacional, apesar das críticas da Oposição de Esquerda, liderada por Trotsky. No entanto, a permanência dos membros do Partido Comunista Chinês no Kuomintang contribuiu para a derrota na revolução chinesa e com o massacre realizado por Chiang Kai-shek por sobre comunistas e trabalhadores, na insurreição de Cantão, em 1926. Fato que elevou o tom da discussão entre da Oposição dentro do PCUS, liderada por Trotsky, que atribuiu aquele desastre às ações de Stálin e Bukharin. BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista (1919-1943)*. São Paulo: Sundermman, 2007, p. 251.

John Foster Dulles escreve sobre articulações realizadas por tenentes, comunistas e operários, ocorridas no ano de 1923. Segundo o autor, os jovens oficiais oriundos ou simpatizantes do movimento de 1922 “deram início a uma nova conspiração revolucionária, com o fim de aliciar adeptos para a sua causa de ‘Representação e justiça’”.⁴⁹² A ação teve início quando o então líder operário e comunista, Everardo Dias⁴⁹³, foi procurado por um emissário de Mauricio de Lacerda, de quem recebeu a solicitação de imprimir 500 cópias de uma circular do movimento tenentista. Uma semana depois, ele ficou sabendo se tratar de um plano insurreição, quando também foi instado à provocar a deflagração de uma greve geral entre os operários, como um suporte ao levante tenentista. Everardo Dias teria considerado impossível realizar uma greve naquele contexto de estado de sítio, onde a simples convocação de uma assembleia geral alarmaria as autoridades, dando subsídios para uma incursão policial, ameaçando o segredo da conspiração. No entanto, segundo Dulles, Everardo Dias “se prontificou a se entender com os líderes operários e com os dirigentes do PCB”, recebendo uma aceitação temerosa, “pois todos receavam as prisões e o fechamento dos sindicatos”, o que é compreensível dada a forma como as organizações e os trabalhadores eram tratados na Primeira República.⁴⁹⁴

Os conspiradores procuraram, também, obter o apoio de organizações ligadas ao anarquismo, através de José de Oiticica e dos líderes da Confederação Sindicalista Cooperativista Brasileira (CSCB), Sarandi Raposo e Evaristo de Moraes.

Enquanto Everardo Dias buscava o apoio do restante do PCB, um dos principais líderes do movimento, Isidoro Dias Lopes, foi até as lideranças comunistas do Rio de Janeiro e de São Paulo. As articulações acabaram descobertas por espões da polícia, causando a prisão de oficiais do Exército e da Marinha. Nas investigações sobre os militares detidos, lideranças operárias e do PCB também terminaram presos.⁴⁹⁵ Ainda

⁴⁹² DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 194.

⁴⁹³ Segundo o relato de Everardo Dias: “Em fevereiro ou março de 1923 era eu procurado por pessoa de confiança de Maurício de Lacerda para imprimir um apelo-circular dirigido aos oficiais comprometidos naquele pronunciamento, prometendo entregar essa circular (aliás extensa em número de 500 exemplares) logo no dia seguinte, no escritório do próprio Maurício e a ele em pessoa”. DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. 2ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977, p. 132.

⁴⁹⁴ Ver: “6. O regime de exceção republicano”, IN: PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

⁴⁹⁵ DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. 2ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977, p. 131.

assim, Isidoro Dias Lopes apelou para que Everardo Dias contatasse “seus amigos em São Paulo que estivessem dispostos a cooperar com a insurreição”. Segundo Dulles, o líder pecebista estava preocupado com o fato de os militares rebeldes não terem uma proposta para combater a pobreza no país, quando acabou sendo informado de que Mauricio de Lacerda havia recebido a tarefa de escrever um “programa de transformação da estrutura política e econômica da nação”.⁴⁹⁶

O fato é que as prisões foram feitas sob a justificativa de que estaria em curso a organização de um levante operário-militar, como aponta Everardo Dias, em suas memórias:

Em princípios de 1923, por ordem direta do Catete, isto é, do presidente da República, foram presos inopinadamente e recolhidos a fortalezas vários oficiais do Exército, pertencentes a diversas guarnições tanto do Rio como de outras Regiões militares, prisões essas seguidas de oficiais da Marinha de Guerra, entre eles o comandante da flotilha de Mato Grosso, Capitão-de-Corveta Arthur Frederico de Noronha e o Capitão-Tenente Lucas gomes Paulino. Sargentos, cabos artilheiros e primeiras classes são igualmente presos e desligados sumariamente para serem depois entregues à polícia. Causa? Motivo? A suspeita de ‘estar-se tramando entre operários e marinheiros um levante armado’.⁴⁹⁷

Tais suspeitas tinham fundamento, dado o nível de articulação entre Isidoro Dias Lopes, membros do Partido Comunista e Mauricio de Lacerda. Tratava-se, segundo Everardo Dias, de um “trabalho de reagrupamento de forças dispersas depois do fracassado levante de julho de 1922”, sendo realizado já no ano seguinte.⁴⁹⁸

Everardo Dias lembra ter ido procurar “líderes de confiança e prestígio entre o proletariado”, enquanto os líderes militares reorganizavam seus planos de ataque. Sua busca pelos dirigentes comunistas justificava-se também pelo fato de o partido controlar “certo número de sindicatos”, que, ao final, dispuseram-se a “estudar e deliberar a proposta apresentada”. Além do PCB, Everardo Dias afirma ter procurado outras uniões e alianças operárias de orientação anarco-sindicalista, onde a ideia de uma agitação não

⁴⁹⁶ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 195.

⁴⁹⁷ DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. 2ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977, p. 131.

⁴⁹⁸ Idem, p. 132.

foi bem recebida por medo de represálias. No entanto, a confederação Brasileira, então sob a direção de Sarandi Raposo, aceitou a proposta de Dias, até porque já estavam em contato com as lideranças militares por meio de Evaristo de Moraes.⁴⁹⁹

Após essa jornada em busca de apoio, Dias encontrou-se novamente com o representante de Mauricio de Lacerda, quando lhe informou detalhes sobre os contatos estabelecido, aproveitando para apresentá-lo ao “elemento de ligação do PCB que iria discutir daí em diante com o chefe supremo militar as bases de um acordo para a colaboração desse partido e dos militantes a ele aderidos no movimento insurrecional em preparo”.⁵⁰⁰

Otávio Brandão também referiu-se à aproximação do PCB com os tenentes, durante a política de *frente única*, do ano de 1923. Em entrevista concedida ao CPODOC, em 1977, o ex-dirigente comunista afirmou que o partido fez várias tentativas de ligar-se ao movimento tenentista, através de João da Costa Pimenta, líder e um dos fundadores do PCB. Pimenta, de acordo com Brandão, teria oferecido apoio a Isidoro Dias Lopes, propondo-lhe o armamento de comunistas e de operários, para engrossar as fileiras revolucionárias, mas recebendo uma negativa do tenente, que teria preferido “desertar a entregar armas aos operários”.⁵⁰¹ Em seu livro de memórias, *Combates e Batalhas*, Brandão oferece ainda mais detalhes do ocorrido, escrevendo que “Os emissários do PCB”, em nome da CCE, disseram as seguintes palavras aos tenentes, quando instados dar apoio ao movimento de insurreição:

— Somos numericamente um pequeno partido. Mas temos vasta força *potencial*. Não podemos iniciar a luta armada, mas, depois de começada, tomaremos uma tipografia, lançaremos um jornal próprio e poderemos *armar* milhares de trabalhadores que decidirão da luta e da vitória. A vitória depende das insurreições armadas *simultâneas* no Rio de Janeiro e em São Paulo. Reivindicamos: que as forças armadas do PCB tenham direção própria, independente, e não de chefes militares; que sejam tomadas em consideração as reivindicações específicas dos operários das cidades e dos trabalhadores rurais.⁵⁰²

⁴⁹⁹ DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. 2ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977, p. 134.

⁵⁰⁰ Idem, p. 134-5.

⁵⁰¹ BRANDÃO, Otávio. *Otávio Brandão (depoimento, 1977)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1993, p. 130.

⁵⁰² BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p. 280. Grifos no original.

A proposta comunista de armar trabalhadores radicalizava os marcos da revolução pensada pelos tenentes, projetada para principalmente para “regenerar”⁵⁰³ o regime republicano, sendo, por isso, imediatamente rejeitada por Isidoro Dias Lopes. Sobre essa negação, Brandão afirma que no final das contas, “O general não confiou nas promessas reais do PCB”, mas “deixou a porta aberta para negociações”, que foram retomadas a partir do ano seguinte.

Brandão lembra defender o estabelecimento de uma “aliança do PCB, em determinadas condições, com os revoltosos pequeno-burgueses”, com esse objetivo, ele advogou em defesa da atuação do partido na “Protogenada” - em referência ao levante liderado por Protógenes Guimarães, ocorrido em 1924 – bem como afirma ter defendido o estabelecimento de uma aliança do Comitê Regional de Pernambuco com a Coluna Prestes, que, segundo ele, falhou porque “os comunistas de Pernambuco não aplicaram as diretivas da CCE”, limitando-se “a um *pustch* em Jaboatão”, depois de que “Marcharam a reboque dos revoltosos. E tudo terminou na derrota da Coluna Cleto Campelo, quando tombou em combate o comunista José Francisco de Barros”.⁵⁰⁴ De fato, Brandão era a favor dessa aliança tática com os tenentes, tendo sido o principal teórico dessa proposta, como é possível verificar a partir de seu livro *Agrarismo e Industrialismo*, que fundamentou a política do PCB, onde essa aliança é apontada como essencial para desencadear a Revolução democrático pequeno burguesa, a antessala da revolução socialista.

Como aponta Otávio Brandão, de fato, o PCB se envolveu em diferentes gradações nos movimentos seguintes realizados pelos tenentes, como o levante liderado por Protógenes Guimarães, no Rio de Janeiro, e na insurreição de Cleto Campelo, ocorrida em Pernambuco, como veremos mais à frente, à luz de documentos produzidos pela própria Coluna Prestes.

Mesmo o ex-secretário geral, Heitor Ferreira Lima, que dizia não acreditar que o PCB tivesse “qualquer ligação orgânica com esses movimentos”, referindo-se ao levante de 1924, considera possível que o partido, de fato, tivesse ao menos ciência dos acontecimentos, por conta da atuação de Everardo Dias.⁵⁰⁵ Por outro lado, o próprio

⁵⁰³ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 87.

⁵⁰⁴ BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p. 281.

⁵⁰⁵ LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos, memórias de militância*. São Paulo, Brasiliense, 1982, p. 46.

Heitor Ferreira Lima afirma ter ouvido rumores a respeito: “Recordo-me de ter ouvido cochichos a tal respeito, nos encontros de café”. Ele relata, por outro lado, ter recebido ordens do partido para aguardar um contato na rua, à meia noite, quando do levante por Protógenes Guimarães, ao que parece, confundindo ambos eventos. Segundo ele:

por ocasião da fracassada revolta da Marinha, chefiada por Protógenes Guimarães, determinaram que eu ficasse esperando na esquina das ruas Uruguaias com Marechal Floriano, à meia noite. Fui, porém ninguém me procurou e só vi passarem ‘tintureiros’ (carros de polícia) em grande velocidade, vindo da rua do Acre. No dia seguinte, soube, pelos jornais que os conspiradores haviam sido presos justamente na rua do Acre, ao realizarem sua última reunião.⁵⁰⁶

À época, Heitor Ferreira Lima ainda era um neófito no PCB, o que pode explicar o seu desconhecimento quanto às decisões da CCE, apesar dele mesmo confessar ter recebido uma tarefa quando da “Protogenada”, admitindo ainda ter ouvido rumores sobre o apoio do PCB às ações dos tenentes em meios extraoficiais, misturando eventos de 1923 e 1924.

Nos anos seguintes, quando dos levantes de 1924 e durante a marcha da Coluna Prestes, o PCB teve uma participação mais efetiva em apoio aos tenentes, colocando em ação a estratégia da “Revolução democrático pequeno burguesa”. No primeiro momento, o partido teve uma postura de caráter emergencial por conta da emergência do movimento, sem uma coordenação muito bem definida, bem como tinha feito em 1923, mas à medida em que o levante foi resistindo às tropas legalistas, resultando na formação de força um combate organizada – a Coluna Prestes - que passou a desafiar o Estado através de seu protesto revolucionário⁵⁰⁷, os comunistas passaram da teoria à prática, buscando aproximar-se da “vanguarda revolucionária da pequena burguesia” e, posteriormente, do próprio Luís Carlos Prestes.

Em 5 de julho de 1924, teve início o levante tenentista de São Paulo, quando os conspiradores veteranos, reforçados pelas forças públicas estaduais, comandadas pelo

⁵⁰⁶ Idem, p. 46.

⁵⁰⁷ A designação de “protesto revolucionário” foi atribuída à Coluna Prestes por Boris Fausto. Ver: FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997.

major Miguel Costa, tomaram a capital paulista.⁵⁰⁸ No dia seguinte, o presidente Arthur Bernardes conseguiu do Congresso Nacional a aprovação do estado de sítio, adquirindo uma margem maior de poderes para combater o movimento, enviando forças legalistas de combate por mar e por terra. No dia 8, efetivaram seu domínio sobre a cidade, quando o presidente do Estado, Carlos Campos, e demais forças legalistas fugiram da capital. Nesse momento, os insurretos formaram uma junta militar, presidida por Isidoro Dias Lopes, tomando o palácio do governo no dia 9.⁵⁰⁹ Com o cerco e o bombardeio da cidade pelas forças legalistas, houve o saque de armazéns, com a complacência dos rebeldes, com o objetivo de conquistar o apoio popular.

Nesse cenário, os insurretos incorporaram uma considerável parcela de operários estrangeiros em suas fileiras. Porém, as lideranças operárias acabaram ficando de fora do recrutamento haja vista que, segundo aponta John Foster Dulles “Queriam armas para a formação de ‘batalhões verdadeiramente populares’, afim de cortar as comunicações, agitar e levantar a população do interior e organizar guerrilhas contra as forças governamentais”.⁵¹⁰ Naquele momento, os líderes operários procuravam dialogar diretamente com Isidoro Lopes, quando tinham sempre o acesso negado, sendo simplesmente orientados a apresentarem-se nos locais de recrutamento. Sobre este fato, Everardo Dias relata a forma como eram tratadas as lideranças da classe trabalhadora: “dirigentes operários, por várias vezes, procuraram avistar-se com ele, sem o conseguir, recebidos com displicência por qualquer oficial inferior, que os mandava apresentar-se aos postos de recrutamento...”.⁵¹¹ Segundo Dulles, aquela posição de Isidoro Dias Lopes resultava da intervenção do presidente da Associação Comercial de São Paulo, José Macedo Soares, que buscou o chefe do movimento para proteger os armazéns e os negócios dos associados diante do levante. Sobre esse fato, Daniel Aarão Reis escreve que a proposta operária de formação de batalhões populares previa o engajamento imediato na luta contra as tropas governistas. Os militantes operários chegaram a

⁵⁰⁸ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 197.

⁵⁰⁹ LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. REVOLTA DE 5 DE JULHO DE 1924. Verbetes. CPDOC. Retirado de <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLTA%20DE%205%20DE%20JULHO%20DE%201924.pdf>. Acesso em 14 de maio de 2021.

⁵¹⁰ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 197.

⁵¹¹ DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. 2ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977, p. 138.

apresentar um esboço de programa aos tenentes⁵¹², sem sucesso, uma vez que os militares haviam sido advertidos pelo empresário paulista, aumentando a sua desconfiança em relação ao proletariado. No entanto, diante da necessidade, eles aceitaram a participação de estrangeiros no movimento, que constituíram batalhões próprios e tiveram alguma participação no curso dos eventos, tornando evidente que os tenentes não queriam armar o proletariado.

Os comunistas de São Paulo estavam diretamente envolvidos na organização dos “batalhões proletários”, que foram desprezados pelos tenentes, como consta num relatório à IC, produzido no ano de 1927, por Heitor Ferreira Lima:

em julho de 1924 rebenta a segunda revolta militar de caráter pequeno pequeno burguesa (sic), porém, esta, não mais na Capital da República, mas na capital do grande e próspero Estado de S. Paulo. Imediatamente os comunistas desta cidade organizaram o batalhão proletário e se apresentaram aos revoltosos, oferecendo-lhes seus serviços. Entretanto, como as revoltosos, que então estavam donos duma cidade de 500.00 habitantes, não aceitassem a proposta feita pelos nossos camaradas paulistas que era o de dar-lhes armas e instrumentos, para que entrassem como classe independente e não fossem absorvida entre as demais, as démarches se demoraram e os revoltosos, com medo das forças legalistas que os estavam sitiando, abandonaram a cidade.⁵¹³

Assim, o PCB teria tido interesse de participar do movimento realizado pelos tenentes, trazendo consigo militantes operários. Se em 1922, a neutralidade e a desconfiança imperaram na interpretação dos comunistas, no segundo levante, os comunistas apoiaram diretamente o movimento, como é possível observar no relatório.

Os escritos de Heitor Ferreira Lima sobre a atuação dos comunistas e operários paulistas junto aos insurretos, a despeito da possível motivação de tentar mostrar à Internacional a efetiva atividade revolucionária do PCB no Brasil, assemelham-se aos relatos de Everardo Dias que, no entanto, deixa claro quanto a diversidade ideológica

⁵¹² Segundo Daniel Aarão Reis, o programa foi publicado no jornal *A Plebe*, com os seguintes pontos: “salário mínimo, jornada de trabalho de oito horas, tabela de preços máximos, liberdade para a imprensa operária, entre outros pontos”. REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos*. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 47.

⁵¹³ “Relatório apresentado pelo delegado do Brasil à Internacional Comunista”, 11/12/1927. RGASPI, Moscou, Rússia Дело 25. Доклады, письма, информационные сообщения о Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02/11/2018.

dos “batalhões proletários”, também formados por operários anarquistas e sindicalistas.⁵¹⁴

Otávio Brandão é ainda mais direto sobre a atuação dos comunistas em 1924. Segundo o então dirigente do PCB, os operários agitaram-se em prol da revolução sob a influência direta dos comunistas. O operariado teria rapidamente estabelecido contato com os insurretos, declarando o seu apoio ao movimento, pedindo armas, quando “em caminhões, atravessavam as ruas de São Paulo, cantando as estrofes imortais de *A Internacional*.” O ex-dirigente também lembra que, sob pressão das classes dominantes – provavelmente referindo-se à influência de José Macedo Soares e da Associação Comercial de São Paulo - o general Isidoro Dias Lopes ficou receoso de aceitar o apoio do operariado, acabando por entrar o movimento operário, quando “Tratou de ganhar tempo, com adiamentos. E preferiu a retirada, a evacuação e a derrota – ao armamento dos operários”.⁵¹⁵ Tal narrativa reforça a ideia sobre uma progressiva repulsa das lideranças tenentistas diante da adesão dos trabalhadores, tornando evidente como a proposta tenentista era elitista e voltava-se para uma ideia de purificação com vistas ao ressurgimento da “República de 1889”.

Leôncio Basbaum também escreveu sobre o desprezo dos tenentes diante dos operários revolucionários, em 1924. Para o autor, os militares rebeldes subestimaram a “consciência revolucionária” das forças populares, “em particular dos trabalhadores” e optaram por se deixar influenciar pelo alarde de José Macedo Soares, sobre supostas “agitações bolchevistas” dos operários, cujo radicalismo acabaria desvirtuando o movimento “regenerador” da República.⁵¹⁶ Desse modo, sob a perspectiva dos “revoltosos”, a formação de “batalhões proletários”, por estar permeado de demandas da classe operária, em sua relação com anarquistas e comunistas – o que era verdade, dada a influência de ambos até então - ameaçava os ideais “purificadores” da revolução. Apesar disso, os trabalhadores auxiliaram como puderam os tenentes, em sua luta da capital paulista e, quando da iminência da derrota, ainda “colaboraram na retirada dos

⁵¹⁴ DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. 2ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977, p. 138-140.

⁵¹⁵ BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p 277.

⁵¹⁶ BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República*. De 1889 a 1930. Volume 2. 4ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p. 231. Grifos no original.

revolucionários”, em sua fuga do bombardeio da cidade e do cerco montado pelas forças legalistas, no dia 27 de julho.⁵¹⁷

4. Comunistas, operários, a Coluna Prestes e a Coluna Cleto Campelo

A despeito dessa posição inicial, o movimento tenentista teve alguma aproximação com as camadas populares e com os comunistas, principalmente durante o movimento da Coluna Prestes, em sua passagem por Pernambuco. Se no início os tenentes preferiam compor com setores da burguesia, quando resolvem sair em marcha pelo Brasil e deparam-se com a pouca adesão de outros aliados militares, eles acabaram obrigados, diante das circunstâncias, a ampliar seu arco de alianças. A luta contra as forças legalistas, em permanente desvantagem material e numérica, impeliu à aceitação de civis no movimento, levando à adesão de um sem número de homens e mulheres oriundos das classes populares, processando-se, também, uma aproximação com partidos e movimentos de esquerda, especialmente com o Partido Comunista, levando, conseqüentemente, à inclusão de demandas operárias e de esquerda na pauta tenentista.

Exemplo dessa aproximação pode ser vista no levante encabeçado por Cleto Campelo, no início de 1926, em Pernambuco, quando elementos civis, militantes comunistas e militares rebeldes organizaram um movimento armado, que objetivava tomar a cidade de Recife, impulsionar os demais movimentos conspirativos em curso no Nordeste e ligar-se à Coluna Prestes, quando da sua passagem pela região.⁵¹⁸

Em 1925, com a formação e início da marcha da Coluna, o simpatizante do movimento, o tenente Cleto Campelo, após desertar do Exército, tentou, sem sucesso iniciar uma revolta em Mato Grosso. Ao fugir, acabou refugiando-se em Pernambuco, quando aproximou-se dos membros da revolta debelada em abril daquele ano, chamada de os “12 da Rua velha”, que alegava ter ligação com o tenentismo, coadunando com o contexto de inconformismo contra o governo Bernardes. Segundo Paulo Cavalcanti,

⁵¹⁷ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 200.

⁵¹⁸ Idem, p. 203.

antes da data marcada para o levante, dia 13 de abril de 1925, um “Manifesto ao Povo” foi enviado aos jornais,

anunciando a vitória da sedição, assinado, não só pelos elementos de Pernambuco, como por nomes como Luís Carlos Prestes, Isidoro Dias Lopes, Miguel Costa, Assis Brasil, não se sabendo ao certo que se tratava de um chamariz, para atrair as simpatias da população, ou se essas pessoas estavam realmente comprometidas com o golpe civil-militar da Rua Velha.⁵¹⁹

Como também lembra Souza Barros, a sedição, também conhecida como “Conspiração da Rua Velha”, teve origem no inconformismo diante da intransigência de Arthur Bernardes em perseguir opositores e objetivando “obter um triunfo decisivo sobre todos os tipos de protesto”, influenciando à formação do movimento.⁵²⁰

A revolta acabou sendo descoberta por espões da polícia, quando dinamites, mosquetões e armas brancas já haviam sido distribuídas entre os seus membros, dentre os quais estava Cristiano Cordeiro, líder do PCB de Pernambuco e um dos membros fundadores do partido, em 1922.⁵²¹

Três meses após a liberdade de um *habeas-corpus* concedido pelo Juiz Federal Cunha de Melo, esses membros voltaram a conspirar, estocando armas e dinamite numa casa no subúrbio de Recife, que ficava sob a responsabilidade de Josias Carneiro Leão⁵²², jornalista e membro do PCB, de tradicional família pernambucana, convidado à

⁵¹⁹ CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto, como o caso foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes: memórias*. São Paulo: Alfa-ômega, 1978, p. 47.

⁵²⁰ SOUZA BARROS, Manuel. *A década de 20 em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Editora Paralelo, 1972, p. 114.

⁵²¹ Líderes do movimento, segundo Paulo Cavalcanti: “Silvio Cravo, Francisco Toscano de Brito, Cristiano Cordeiro, Francisco Pontual, Idalcio Cavalcanti, Severino de Gamboa Cardim, Gastão da Silveira, Edmar Lopes e Pedro de Holanda”. CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto, como o caso foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes: memórias*. São Paulo: Alfa-ômega, 1978, p. 48.

⁵²² O nome de Josias Carneiro Leão figura no Dicionário biográfico produzido por Victor e Lazar Jéfets, *América Latina em la Internacional Comunista: “CARNEIRO LEÃO (Leitão), Josias (Josias León)*. Brasileño, periodista. Miembro del PCB. Fue detenido por participar en la conspiración tenentista de C. da Costa, G. y O. Cordeiro (12.1924). Escapó (04.1925) y participó en la columna de L. Prestes*. A principios de 1929, por propia iniciativa, viajó a Moscú (con autorización de L. C. Prestes y Miguel Costa) para solicitar ayuda para la columna de L. Prestes, sin embargo D. Manuïlski* se la negó. Junto con Plinio Meló* fundó en São Paulo el CR del PC. El SSA de la Comintern, en su carta desde Montevideo (16.11.1930), acusó a Carneiro de servir al gobierno y de crear un partido legal. Fue expulsado del PCB por «traición al proletariado». Lo acusaron de la desorganización del partido, de la intención de convertirlo en un partido pequeño-burgués, de mantener relaciones con los participantes del

conspiração⁵²³, após fugir de prisão na Capital Federal. À época, a Coluna Prestes marchava pelo Nordeste, ensejando a possibilidade do estabelecimento de um contato efetivo desse grupo com o movimento revolucionário. Quando a Coluna estava nas imediações de Teresina, no Piauí, Josias Carneiro Leão e o ex-Tenente Valdemar de Paula Lima foram enviados para conformar a relação entre ambos grupos revolucionários.

João Alberto, lembra de ter tido contato com Josias Carneiro Leão nesse momento, destacando o seu entusiasmo pela Coluna e por atualizá-los sobre o apoio à Coluna: “Chegara até nós a primeira ligação dos ‘nossos amigos’ trazida, através de mil peripécias, pelo Josias Carneiro Leão. Sabíamos agora dos levantes que se planejavam com nossa aproximação”.⁵²⁴ Nesse encontro, ocorrido no dia 27 de dezembro de 1925, como consta no “Boletim nº 20”, da Coluna⁵²⁵, João Alberto confessa que a Coluna não tinha informações sobre os levantes articulados para contribuir com a revolução, como era o caso do que se programava em Recife, bem como não tinha dimensão da situação política do país, ou mesmo da adesão de demais simpatizantes à causa revolucionária. Segundo ele, “Conhecíamos, pela palavra verdadeira do Josias, o ‘estado de sítio’ em todo o Brasil, a batalha parlamentar travada pelos Deputados democráticos Adolfo Bergamini, Batista Luzardo e outros”.⁵²⁶ O autor deixa transparecer que o contato com Josias Carneiro Leão trouxe novidades alvissareiras, contribuindo para a moral do revolucionários, fazendo o Estado-maior da Coluna urgir em organizar-se para ir em auxílio ao movimento organizado na capital pernambucana, evidenciando também o sucesso do emissário em estabelecer a aliança.

golpe reaccionario y otros elementos «claramente vendidos al imperialismo, como Miguel Costa». Trabajó en el consulado de Brasil en Bremen. Se entrevistó con O. Brandao* y Vicente* cuando éstos últimos pasaron por Alemania en dirección a Moscú (1931). JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. *América Latina em la Internacional Comunista, 1919-1943*. Diccionario biografico. Ariadna Ediciones, Santiago, Chile, 2015, p. 131

⁵²³ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 203.

⁵²⁴ BARROS, João Alberto Lins. *Memórias de um Revolucionário*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1953, p. 131.

⁵²⁵ “Boletim nº 20”. 29/12/1925. CPDOC. Acervo Juarez Távora – Documentação Política e Funcional. Retirado de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>. Acesso em 19 de maio de 2021.

⁵²⁶ BARROS, João Alberto Lins. *Memórias de um Revolucionário*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1953, p. 131.

Sobre esse encontro, Anita Prestes afirma ter sido o primeiro e único encontro do Partido Comunista com a Coluna, isso porque Waldemar de Paula Lima e Josias Carneiro Leão, “vinham na qualidade de emissários do dirigente comunista de Pernambuco, Cristiano Cordeiro”, bem como do Tenente Cleto Campelo. Após apresentar a situação do movimento, o plano de tomar Recife foi incluído no itinerário da revolução, recebendo também a orientação de contatar os conspiradores no Ceará. Em caso de insucesso, os revolucionários deveriam seguir para o município de Triunfo, ainda em Pernambuco, onde deveria aguardar a chegada da Coluna, prevista para até dia 15 de fevereiro.⁵²⁷ Fato que podemos confirmar e obter detalhes no documento entregue pelos emissários à Coluna Prestes, intitulado “Situação do movimento revolucionário no Estado de Pernambuco”, onde constam detalhes dos preparativos para o levante, que foi incluído na documentação da Coluna.

No documento, primeiramente são apresentadas as condições dos quadros revolucionários, de origem militar, constando nomes, patentes e situação dentro das Forças Armadas. O nome de Cleto Campelo aparece no topo da lista, citado como Tenente “desertado” do Exército. Na mesma condição, são apresentados Luiz Celso Uchoa Cavalcante e Aristóteles Souza Dantas. Já o Tenente Everardo Vasconcelos aparece como adido ao Quartel General do Exército. Em seguida, é apresentado o nome do Capitão expulso da Polícia de Pernambuco, Severino Gamboa Cardim, seguido do Tenente Muniz de Faria, também da polícia, apontado comandante de uma “coluna volante no interior”, com “perto de 80 homens bem municiados”; também são citados os capitães Dantas, em Bonito e Theofanes Torres, em Petrolina, seguidos do Capitão Leal Ferreira e o Tenente Armando Bandeira, oficiais do 21º Batalhão de Caçadores e, finalmente, os também capitães Simpson e Leopoldo Nery da Fonseca.⁵²⁸ Apresentar, em primeiro lugar, o poderio militar visava mostrar a força bélica do levante que, em conjunto com as demais forças do movimento, visava obter a aprovação da Coluna e convencê-la a dar apoio político e tático aos conspiradores pernambucanos, também convencendo-a a marchar nas imediações do estado de Pernambuco, como, de fato, ocorreu.

⁵²⁷ PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 239.

⁵²⁸ “Situação do movimento revolucionário no Estado de Pernambuco”. Acervo Juarez Távora – Documentação Política e Funcional. Retirado de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>. Acesso em 19 de maio de 2021.

Nos parágrafos seguintes são descritas as condições e a posição do operariado diante do levante. Segundo os conspiradores, encontravam-se “organizados perto de 2.000 operários”, sob a direção de Cristiano Cordeiro, que “tomarão parte no movimento depois de iniciado”. Entretanto, do todo, somente vinte entrariam em ação na “primeira hora”.⁵²⁹ Esse fato representava o efetivo contato dos tenentes com a proposta revolucionária do PCB, a revolução democrático pequeno burguesa, então em voga no partido.

Cristiano Cordeiro era o líder do Comitê Regional de Pernambuco e membro fundador do PCB. Sua participação como liderança operária, em busca de uma aliança com o movimento da pequena burguesia, segundo Michel Zaidan, tinha origem numa tradição de movimentos policlassistas em Pernambuco, influenciado pelas especificidades do desenvolvimento do capitalismo no Brasil, que, de todo modo, acabavam suscitando a questão “nacional popular” no país.⁵³⁰ Essa lógica localista, por sua vez, coadunava com a proposta revolucionária do PCB a nível nacional, muito em função dos levantes de 1922 e 1924 e que ali poderia se concretizar. Afinal, a aproximação dos comunistas com os tenentes de qualquer maneira seria uma avanço político, como o próprio Cristiano Cordeiro afirmou posteriormente.⁵³¹

Ainda no documento entregue à Coluna, militares de baixa patente são incluídos imediatamente após o operariado. Para o momento do levante, era assegurado poder contar “com 50 homens, sendo 21 desertados da Marinha de Guerra, 20 operários habituados à luta e 10 reservistas, oficiais, etc. etc.”.⁵³² Após iniciado o movimento, em Palmares, Alagoas, haveria a adesão de “uns 200 homens”, portadores de rifles Winchester e munição. No 21º BC, a medida era mais modesta: contava-se com dois cabos e também dois, talvez, três sargentos. Já no Quartel-General do Exército,

⁵²⁹ “Situação do movimento revolucionário no Estado de Pernambuco”. Acervo Juarez Távora – Documentação Política e Funcional. Retirado de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>. Acesso em 19 de maio de 2021, p.1.

⁵³⁰ ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, 40.

⁵³¹ ZAIDAN cita trecho de entrevista de Cristiano Cordeiro ao jornalista Ricardo Noblat, onde o ex-líder pecebista afirmara que a pequena burguesia revoltosa, na década de 1920, era, de todo modo, aos “olhos do conjunto da sociedade brasileira ‘um passo à frente em termos de política’”. ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, 42.

⁵³² “Situação do movimento revolucionário no Estado de Pernambuco”. Acervo Juarez Távora – Documentação Política e Funcional. Retirado de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>. Acesso em 19 de maio de 2021, p.1.

apontava-se poder contar com a “brigada Nogueira, encarregada de munição e armamento” e na Cavalaria da Polícia havia a adesão de sargentos e de soldados. Já no “1º da Polícia”, havia alguns elementos que só tomariam parte depois de iniciado o levante, não sendo ainda possível contabilizá-los para a ação no primeiro momento.⁵³³

Em seguida, são listadas as lideranças civis, “com capacidade de direção”, onde “Dr. Cristiano Cordeiro” aparece como primeiro nome, seguido dos seguintes nomes: “Dr. Alfredo de Moraes Coutinho”, médico e comerciante; “Dr. Sylvio Guimarães Cravo”, advogado e Consul no Haiti; “Dr. J. Carlos Mariz”, comerciante e cônsul no Peru, que, segundo o documento, “tem prestado já valiosos auxílios”; e, por fim, “Dr. Osmundo Borba”. Nota-se que, com exceção de Cristiano Cordeiro, todos os demais parecem pertencer à burguesia e pequena burguesia pernambucana, evidenciando a natureza policlassista do movimento.⁵³⁴

Constam, depois disso, detalhes sobre o armamento possuído, com especificação sobre o estoque de armas de fogo e dinamites, onde chama atenção a posse de seis canhões de 75 mm e seiscentos mil tiros de fuzil, seguido da localização da guarnição militar onde estava alocado todo o material bélico.

Em seguida, os revolucionários informam sobre os contatos estabelecidos com os “estados limítrofes”; em Alagoas, afirmava-se contar “com preciosos elementos no interior do Estado”, que daria suporte somente após a deflagração do levante. Não havia nada preparado na Paraíba e quanto ao Rio Grande do Norte, a queda do governo poderia se dar através de uma “coluna ligeira de 50 ou 60 homens”, o que, segundo o documento, não seria difícil de arregimentar.⁵³⁵

Por fim, orientações sobre aquisição e questões à Coluna sobre o uso de recursos financeiros. Quanto ao gerenciamento dos recursos, Cristiano Cordeiro é novamente apontado como melhor nome, “por suas qualidades de honestidade, de critério”. Seguem muitas dúvidas sobre se deveria ser deixado algum auxílio financeiro às

⁵³³ Idem, p.2.

⁵³⁴ “Situação do movimento revolucionário no Estado de Pernambuco”. Acervo Juarez Távora – Documentação Política e Funcional. Retirado de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>. Acesso em 19 de maio de 2021, p.2.

⁵³⁵ “Situação do movimento revolucionário no Estado de Pernambuco”. Acervo Juarez Távora – Documentação Política e Funcional. Retirado de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>. Acesso em 19 de maio de 2021, p.3.

famílias dos oficiais e no caso da obtenção de 200 contos em bancos locais, se os soldados deveriam receber de imediato pagamento. Havia dúvida também se o dinheiro das casas comerciais, comparadas a bancos, deveriam ter seu dinheiro requisitado ao movimento.

No último parágrafo, os conspiradores de Recife pedem orientações sobre as ações a serem tomadas no caso de prisão do governador de Pernambuco, do comandante militar da região e do comandante da Polícia, evidenciando serem esses os alvos preferenciais do movimento. Além disso, perguntam se devem ser destruídos equipamentos ferroviários, no caso de uma fuga para o interior, e se deveriam ir formando governos nas cidades, “com elementos da atual oposição”. Todas as questões foram discutidas e os emissários tenham retornado com todas as orientações solicitadas, fazendo com que o movimento continuasse a se organizar, como é possível observar no documento sem título, arrolado no “Quartel General da 1ª Divisão Revolucionária”, produzido em Natal, estado do Piauí, em 5 de janeiro de 1926,⁵³⁶ também publicado, com pequenas alterações no jornal revolucionário *5 de Julho*.⁵³⁷

O documento da Coluna é endereçado aos “organizadores do movimento revolucionário no Estado de Pernambuco”⁵³⁸, respeitando-se a hierarquia militar das patentes, onde os capitães aparecem primeiro, até chegar ao “1º Tte. Cleto Campelo” e, assim, nos elementos civis, onde consta o nome de “Dr. Cristiano Cordeiro”. Aliás, foi somente a listagem dos nomes que não foi publicada em *5 de Julho*, o restante do documento saiu na íntegra.

Em nome de Isidoro Dias Lopes e de Assis Brasil, apontados como “chefes militar e civil da Revolução Brasileira”, os líderes da Coluna, Prestes e Miguel Costa, informavam ter chegado a hora de os pernambucanos pegarem em armas em prol da

⁵³⁶ “Quartel General da 1ª Divisão Revolucionária, Natal, estado do Piauí, em 5 de janeiro de 1926”. Acervo Juarez Távora – Documentação Política e Funcional. Retirado de <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/arquivo>. Acesso em 19 de maio de 2021, p.1.

⁵³⁷ PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 255. Ver nota número 43.

⁵³⁸ Capitão Leopoldo Nery da Fonseca, Capitão Simpson, Capitão Severino Gambôa Cardim, 1º Tenente Cleto Campelo, 1º Tenente Celso Uchôa Cavalcante, 1º Tenente Aristóteles Souza Dantas, Dr. Silvyo Guimarães Cravo, Dr. Cristiano Cordeiro, Dr. Alfredo de Moraes Coutinho, Dr. J. Carlos Mariz e Dr. Osmundo Barbosa. “Quartel General da 1ª Divisão Revolucionária, Natal, estado do Piauí, em 5 de janeiro de 1926”. Acervo Juarez Távora – Documentação Política e Funcional. Retirado de <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/arquivo>. Acesso em 19 de maio de 2021, p.1.

“Revolução Nacional” em seu Estado. Eles deveria seguir as instruções de Josias Carneiro Leão - então promovido a “1º Tenente do Estado Maior desta Divisão”, atuando ali já como emissário da Coluna.

São detalhadas em quatorze pontos as ações a serem empregadas pelos revolucionários, onde também são respondidas as questões postas no encontro de dezembro de 1925, não deixando qualquer dúvida quanto as medidas a serem tomadas. Inicialmente, delibera-se que o chefe militar do movimento estava promovido a Coronel, recebendo autorização para organizar e comissionar em nome do “Marechal Isidoro Dias Lopes”. Em caso de queda do governo, caberia nomear alguém com reconhecida honestidade ao cargo, que, por sua vez, deveria subordinar sua gestão aos interesses da revolução. Todos os impostos deveriam ser suspensos; todas as autoridades deveriam ser mantidas presas; e todo o saldo financeiro deveria ficar em posse do movimento. Essas orientações respondiam as questões postas pelos insurretos, no encontro de dezembro com a Coluna. Por outro lado, em caso de fuga, deveriam ser destruídos componentes da estrada ferro e de rodagem, bem como telégrafos encontrados. Os vencimentos de seis meses deveriam ser pagos aos oficiais. Os soldados também deveriam ser pagos imediatamente e, se possível, caberia também a substituição dos governos municipais, nomeando-se os opositoristas. Orientava-se procurar imediatamente os “elementos revolucionários dos Estados vizinhos”, ordenando-lhes a reunir forças dispersas em nome dos “chefes da Revolução Nacional”. Por fim, seria preciso dirigir “ao povo do Nordeste um manifesto tranquilizando-o, dando-lhes todas as garantias e explicando os motivos da Revolução e ideais que defende”.⁵³⁹

Os revolucionários aproveitavam para deixar claro as razões de sua luta, evidenciando no documento sua posição contrária à política oligárquica e ao mandonismo local, sob o domínio dos coronéis. Segundo eles, os “Motivos” da Revolução tinha origem na “desordem financeira e econômica”, “impostos excessivos”, “desonestidade administrativa”, “falta de justiça”, “mentira do voto”, “restrições à liberdade de imprensa”, “perseguições políticas”, “desrespeito à autonomia dos estados”, “falta de legislação social e abandono em que vivem os deserdados da

⁵³⁹ “Quartel General da 1ª Divisão Revolucionária, Natal, estado do Piauí, em 5 de janeiro de 1926”. Acervo Juarez Távora – Documentação Política e Funcional. Retirado de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>. Acesso em 19 de maio de 2021, p.1.

fortuna”, “reforma constitucional durante o estado de sítio”.⁵⁴⁰ Aqui chama atenção a inserção da questão referente aos trabalhadores pobres que, de um modo geral, não consta nas teses do tenentismo de 1922 e 1924, até então restrito à regeneração da nação, através do genérico ideário de “representação e justiça”.⁵⁴¹ Afinal, havia operários entre os quadros revolucionários do levante pernambucano, além disso, eles estavam sob o comando de Cristiano Cordeiro⁵⁴², líder do Comitê Regional de Pernambuco e dirigente nacional do PCB, então reconhecido também pela Coluna com um partido operário. Assim, é possível afirmar que a inclusão de demandas trabalhistas, na dita “Revolução Nacional”, resultava da negociação entre tenentes e o Partido Comunista, como os “revoltosos” vão reconhecer em documento de 5 de janeiro de 1926, quando referem-se ao Partido Comunista de Pernambuco como intermediador entre a Coluna e o operariado, escrevendo a Josias Carneiro Leão nos seguintes termos:

Respondendo à sua carta de hoje e reafirmando o que já lhe dissemos em palestra, a respeito das possibilidades de um entendimento da Revolução Brasileira com elementos operários de Pernambuco, por intermédio do Partido Comunista daquele Estado.⁵⁴³

⁵⁴⁰ “Quartel General da 1ª Divisão Revolucionária, Natal, estado do Piauí, em 5 de janeiro de 1926”. Acervo Juarez Távora – Documentação Política e Funcional. Retirado de <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/arquivo>. Acesso em 19 de maio de 2021, p.3.

⁵⁴¹ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997.

⁵⁴² O nome de Cristiano Cordeiro figura no Dicionário biográfico produzido por Victor e Lazar JEIFETS, *América Latina em la Internacional Comunista: “CORDEIRO COUTINHO, Cristiano*. (23.5.1895, Limoeiro- 30.11.1987, Recife). Estudante de Derecho en Recife (1913-1917) y militante de la «Federación de los Trabajadores de Pernambuco», de tendencia anarcosindicalista. Dirigió la «escuela de resistencia» en Recife (1920) y se acercó al marxismo. En 1921 dirigía *A Hora Social*, órgano de la Federación de Trabajadores de Pernambuco. Uno de los fundadores y delegado al congreso constituyente del PC de Brasil (03.1922). Tras regresar a Recife, intento ampliar su grupo comunista que pasó a ser considerado como Comité Regional del PCB. Fue enviado a la ELI, pero no fue a Moscú. Tras la salida de A. Pereira Duarte* hacia Moscú (1929), el PCB lo nombró por unos meses secretario general del partido. Era candidato a diputado federal por Pernambuco por PCB (1933). En 1935 fue electo como consejero municipal de Recife junto con dos candidatos obreros. Se pronunció contra la insurrección armada de la Alianza de Liberación Nacional (1935) decidida en Moscú. Fue detenido tras el fracasso de la insurrección y deportado. En 1937 de nuevo ocupa puesto del consejero municipal de Recife, más tarde fue privado del puesto y deportado a São Paulo, donde trabajaba en *Diario de Santos*. Luego trabajaba como profesor en Goiânia, capital del estado de Goiás y en Rio de Janeiro. Fue director de una biblioteca pública (1945) y expulsado del PCB por la dirección regional de Pernambuco (1947). Tras regresar a Recife en 1948, era funcionario público, trabajaba en el Archivo Público del Estado. El PCB lo reintegró en 1965. En 1982 publicó una antología de escritos políticos del periodo de 1922 a 1979”. JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. *América Latina em la Internacional Comunista, 1919-1943*. Dicionario biografico. Ariadna Ediciones, Santiago, Chile, 2015, p. 155

⁵⁴³ “Ao Sr. Josias Leão, 1º Tenente do Estado Maior desta Divisão”. Acervo Juarez Távora – Documentação Política e Funcional. Retirado de <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/arquivo>. Acesso em 19 de maio de 2021, p.1.

Essa relação entre a revolução tenentista, os comunistas e o operariado, a despeito do malogro do movimento, pode ter sido a base para que, nos anos seguintes, os líderes da Coluna considerassem o PCB como um possível aliado, com o qual negociaram por algumas vezes um programa para a revolução brasileira e até mesmo um partido em comum, o “Kuomitang brasileiro”, como veremos mais à frente. Essa aproximação, inclusive, acabou influenciado Prestes a aderir ao comunismo, que acabou colocando-se contra o movimento de outubro de 1930, onde estavam seus ex-companheiros militares. Por outro lado, esse diálogo também resultou na adesão progressiva de comunistas e trabalhadores ao projeto tenentista de revolução, resultando na participação de parte considerável de membros do Partido Comunista na Revolução de 1930, então em flagrante contrariedade à posição oficial do Comitê Central do PCB que, após a intervenção da IC no final de 1929, passou a condenar o movimento oposicionista e revolucionário, afastando-se dos acontecimentos.

Ainda na carta da Coluna aos líderes pernambucanos, de janeiro de 1926, é possível observar que entre os “ideais” revolucionários - em sua maioria voltados para melhoria da gestão pública e em defesa de um suposto retorno ao “regime liberal assegurado pela Constituição de 24 de Fevereiro” – consta a seguinte proposta referente ao comunismo e ao movimento operário:

c) assegurar completa liberdade de pensamento, permitindo a mais ampla propaganda de ideais sociais e comunistas, bem como a organização de sociedades e partidos operários sem a indébita e vexatória intervenção policial.⁵⁴⁴

Nesse trecho fica evidente como a proposta revolucionária dava um passo à frente ao incluir demandas da classe operária e do Partido Comunista, podendo ser visto como o resultado das negociações entre a Coluna e os revolucionários comunistas, como Cristiano Cordeiro e Josias Carneiro Leão. Aliás, o próprio Cleto Campelo não teria sido apenas uma liderança “quixotesca”, como ele é muitas vezes representando,

⁵⁴⁴ “Quartel General da 1ª Divisão Revolucionária, Natal, estado do Piauí, em 5 de janeiro de 1926”. Acervo Juarez Távora – Documentação Política e Funcional. Retirado de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>. Acesso em 19 de maio de 2021, p.3.

mas um conhecedor dos problemas sociais, em diálogo com os líderes de esquerda, segundo afirma Paulo Cavalcanti:

Seu nome aparece nas crônicas das lutas “tenentistas” sob uma aparência de romântico, quase *quixotesco*, levantando-se sozinho em armas e, acompanhado de uns poucos, tentando juntar-se à Coluna Prestes. Não é isso apenas. Cleto tinha consciência dos problemas sociais de sua época, convivendo com intelectuais e líderes de esquerda no Recife.⁵⁴⁵

Ou seja, o movimento pernambucano possuía uma efetiva ligação com as demandas operárias e populares, sendo um misto entre os objetivos regeneradores dos primeiros “revoltosos” e a “questão social”, que, então, apresentava-se como uma demanda crescente durante os anos 20 e era tratada como caso de polícia pela burguesia cafeeira, então hegemônica no país.⁵⁴⁶

O levante pernambucano havia sido planejado com detalhes e em parceria com a Coluna Prestes. Seu objetivo principal era tomar a Capital e propugnar que o mesmo fosse feito no Estado da Paraíba, aproveitando-se da chegada da Coluna na região. Segundo Lourenço Moreira Lima, intitulado “historiador oficial e secretário de campanha da Coluna Prestes”: “Cleto tencionava apoderar-se do Recife, mandando os tenentes Lourival Serôa da Motta e Aristóteles de Sousa Dantas e o ex-aluno da Escola Militar Plínio de Araújo Coriolano apossarem-se da capital da Paraíba”.⁵⁴⁷ Somente em caso de insucesso, os rebeldes deveriam seguir para a cidade de Triunfo, onde juntar-se-iam à Coluna Prestes. Portanto, o objetivo principal do movimento era tomar o poder, influenciando para que mesmo ocorresse em outros estados vizinhos, como o Rio Grande do Norte, onde, como vimos, se acreditava que uma força militar “ligeira” daria

⁵⁴⁵ CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto, como o caso foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes: memórias*. São Paulo: Alfa-ômega, 1978, p. 56. Grifos nossos.

⁵⁴⁶ FERREIRA, Marieta Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. “A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930”. IN: *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 7ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

⁵⁴⁷ LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna Prestes. Marchas e Combates*. 3ª edição, São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1979, p. 235. Esse fato também foi citado por Anita Prestes, ver: PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 238.

conta do serviço, além da Paraíba, Ceará e de Sergipe⁵⁴⁸, de onde se esperava assentar o apoio à Coluna para a “Revolução Nacional”.

No entanto, as articulações para o levante foram descobertas pela polícia, desorganizando o movimento. Todos os preparativos foram feitos, mas um dos principais membros, Anfilóquio Cavalcanti, acabou cometendo o erro de comentar com o seu cunhado, o alfaiate José Pedro da Silva, sobre o estoque de armas e dinamites armazenado em sua casa.⁵⁴⁹ Alarmado, ele comunicou o fato ao sargento do Exército, João Paulo Xavier, que, por sua vez, informou à polícia. Na véspera do levante, no dia 8 de fevereiro, foi iniciada uma operação de busca e apreensão, quando foram presos a grande maioria dos revolucionários e apreendido o material bélico armazenado.⁵⁵⁰

Segundo Paulo Cavalcanti, entre presos estavam os líderes do movimento, oficiais da ativa, da reserva e desertores, além de “inúmeros operários recrutados pelo PC”.⁵⁵¹ Já o “cabeça do motim”, Cleto Campelo conseguiu evadir-se e, ao lado de seu novo “braço direito”, Waldemar Paula de Lima, então desconhecido da polícia⁵⁵², imediatamente decidiram reunir os demais remanescentes da conspiração e dez dias depois resolveram iniciar o levante, organizando uma coluna. Segundo Paulo Cavalcanti, essa formação se deu “através das antigas ligações com o PC”, que iniciou

⁵⁴⁸ Segundo Anita Prestes: “Da mesma forma que os demais levantes ocorridos em outros pontos do país, as revoltas programadas para Pernambuco, Paraíba, Ceará e Sergipe fracassariam em seu nascedouro ou seriam descobertas pela polícia antes de ocorrer”. PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 239.

⁵⁴⁹ LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna Prestes. Marchas e Combates*. 3ª edição, São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1979, p. 116.

⁵⁵⁰ CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto, como o caso foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes: memórias*. São Paulo: Alfa-ômega, 1978, p. 57-8.

⁵⁵¹ Segundo Paulo Cavalcanti: “Entre os acusados, contavam-se Josias Carneiro Leão, Cristiano Cordeiro, Anfilóquio Cavalcanti, Manuel de Souza Barros, Ismar Travassos, Osmundo Borba, Caetano Machado, João Luiz e Adolfo Celso Uchôa Cavalcanti, irmãos, Silvio Cravo, o chefe dos ‘12 da Rua Velha’, Sabino Cardoso da Silva, Luiz Leal de Barros, irmão de João Alberto, o jornalista Nelson Firmo, Torres Galindo, vulgo ‘Beleza’, Juvêncio Mariz, mulheres como Filomena Cavalcanti, Elza Monteiro e Maria de Lurdes Correia, inúmeros operários recrutados pelo PC, além de oficiais da ativa e da reserva ou desertores, como o Capitão Manuel Narciso Castelo Branco, o Major Paulo Vale, elemento de ligação entre os revoltosos e alguns oficiais Bandeira de Moraes, o Tenente Doutor Pedro Celso Uchôa Cavalcanti, o Capitão Severino Gamboa Cardim, expulso da Força pública, e outros e outros”. CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto, como o caso foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes: memórias*. São Paulo: Alfa-ômega, 1978, p. 58.

⁵⁵² Segundo Manuel de Souza Barros, Waldemar de Paula Lima era “agora um dos mais próximos de Cleto, em virtude principalmente de ser desconhecido da Polícia, tornou-se então o braço direito do bravo oficial para o preparo da segunda fase da conspiração”. BARROS, Manuel Souza. *A década de 20 em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Editora Paralelo, 1972, p. 118.

sua marcha na madrugada de 18 de fevereiro, com apenas 11 homens. Após tomar a cadeia pública, o grupo obteve armas e o efetivo foi a aproximadamente 100 voluntários, após a tomada de um trem na estação ferroviária. O número foi a 120 após a tomada da cadeia do município de Moreno. Após passar por Tapera e Vitória do Santo Antão, os amotinados seguiram em rumo ao município de Gravatá. Até ai, eles seguiram as orientações recebidas de destruir os telégrafos. Lá chegando, ao tentar atacar mais uma cadeia, o grupo foi recebido com hostilidade por forças policiais locais. Diante da dificuldade em avançar, Cleto Campelo teria tomado atitude de avançar à frente da sua tropa, quando acabou alvejado e tombando sem vida.⁵⁵³ A morte do líder do movimento abalou os insurretos, apesar de Waldemar de Paula Lima ter assumido o comando da Coluna.⁵⁵⁴ Em direção a Bezerros, resolveu seguir a pé, abandonando a composição ferroviária. O grupo, então reduzido a 30 homens, foi surpreendido por jagunços de um coronel da região, Chico Heráclito, quando Waldemar de Paula Lima e outros insurretos, acabaram mortos. Entre os mortos, Paulo Cavalcanti destaca o militante do PCB, José Francisco de Barros, um dos comunistas que participaram do movimento.⁵⁵⁵

A “Coluna Cleto Campelo” pôs em prática o plano traçado junto aos líderes da Coluna, seguindo para o ponto de encontro onde iriam integrar as forças revolucionárias, em caso de insucesso no levante em Recife, como, de fato, ocorrera. Enquanto isso, a Coluna Prestes acelerava o passo para cumprir o plano de dar apoio ao levante, deixando para trás as forças legalistas, então entrincheiradas em Teresina.⁵⁵⁶ As notícias sobre o malogro demoraram de chegar à Coluna, fazendo-a marchar por um longo caminho na esperança de ligar-se com o grupo de Cleto Campelo na cidade Triunfo, como combinado. Após muitos combates e perseguições em seu percurso à procura dos revolucionários pernambucanos, os líderes da Coluna perderam a

⁵⁵³ CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto, como o caso foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes: memórias*. São Paulo: Alfa-ômega, 1978, p. 59.

⁵⁵⁴ O jornal *A Província*, de Recife, publicou a matéria “Ordem Pública”, detalhando os acontecimentos referentes ao levante de Cleto Campelo, o que referencia o relato de Paulo Cavalcanti. “Ordem Pública”. *A Província*, Recife, 19/02/1926, p.1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Retirado de <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 26 de maio de 2021.

⁵⁵⁵ CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto, como o caso foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes: memórias*. São Paulo: Alfa-ômega, 1978, p. 60.

⁵⁵⁶ PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 240.

esperança, seguindo sua jornada em direção à Bahia.⁵⁵⁷ Lourenço Moreira Lima, secretário da Coluna, afirma que, em 22 de fevereiro, não se tinha notícias do paradeiro de Cleto Campelo, quando “Foi, então, combinado atravessarmos o São Francisco e invadirmos a Bahia para que a Coluna continuasse a propagar a Revolução”. E assim foi feito.⁵⁵⁸

Em suas memórias, Otávio Brandão também lembrou do movimento de aliança entre PCB e tenentes, afirmando que a morte do militante José Francisco de Barros, e o malogro do movimento resultaram da não aplicação das “diretivas da CCE”. Os comunistas pernambucanos teriam, ao seu ver, limitado a sua ação a um “*putsch* em Jaboatão”, quando “Marcharam a reboque dos revoltosos”, ocasionando na derrota da “Coluna Cleto Campelo”.⁵⁵⁹

À época vigorava no Partido Comunista a “Revolução democrático pequeno burguesa”, que previa, se não a liderança do partido na revolução, ao menos a sua atuação independente, diante das forças revolucionárias da pequena burguesia, o que não aconteceu em Pernambuco, segundo a interpretação de Otávio Brandão.

Efetivamente, quando do levante de Cleto Campelo, os comunistas pernambucanos cederam à tentativa de tomar o poder através das armas, agindo em completo descolamento massas, colocando-se estritamente sob a direção dos “revoltosos”, resultando no completo esmagamento do levante. No final, acabaram aplicando um plano distinto àquele apresentado aos líderes da Coluna, em dezembro de 1925, que propunha a participação de 2 mil operários, sob a liderança de Cristiano Cordeiro e com a colaboração de demais lideranças civis do Estado. Erro apontado por Brandão, que lembra ter sustentado, à época, “a aliança do Comitê Regional de Pernambuco com a Coluna Prestes-Miguel Costa, que andava em marcha pelo interior do Nordeste”.⁵⁶⁰ No entanto, a escolha dos comunistas de Pernambuco em participar da tentativa de golpe, talvez por conta da prisão e consequente ausência da liderança de Cristiano Cordeiro, parecia fugir à política revolucionária do PCB.

⁵⁵⁷ CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto, como o caso foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes: memórias*. São Paulo: Alfa-ômega, 1978, p. 62.

⁵⁵⁸ LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna Prestes. Marchas e Combates*. 3ª edição, São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1979, p. 270.

⁵⁵⁹ BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p. 281.

⁵⁶⁰ BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p. 281.

Talvez a questão tenha sido os termos para a realização do plano de contingência, estabelecido em caso de insucesso do levante, definindo a integração da “Coluna Cleto Campelo” à Coluna Prestes. Originalmente, essa estratégia previa a integração das forças de combate pernambucanas à Coluna, em caso de insucesso do levante, ficando definido o ponto de encontro na cidade de Triunfo. No entanto, não estava previsto o recuo e a reorganização de forças, como passou a ser necessário após o desvelamento das articulações e a prisão de seus líderes. Diante da decisão temerária de dar continuidade ao plano, os comunistas, como foi o caso de José Francisco de Barros, acabaram atuando subordinados às decisões de Cleto Campelo, resultando na sangrenta derrota e aniquilação dos insurretos, mortos em combate contra a polícia pernambucana e, posteriormente, emboscados por jagunços do Coronel Chico Heráclito, quando Waldemar Paula de Lima - líder do movimento, após a morte de Cleto Campelo – acabou brutalmente “sangrado com vinte e cinco punhaladas”.⁵⁶¹

A trajetória dos insurretos evidencia que, como aponta Otávio Brandão, os comunistas “Marcharam a reboque dos revoltosos”, ao invés de liderar ou atuar como uma força independente, como previa o programa do II Congresso.

Ao que parece, a derrota do levante pernambucano cessou o diálogo entre a Coluna e os comunistas. As negociações entre ambos só seriam retomadas posteriormente, quando Astrojildo Pereira, por decisão do Comitê Central, encontra-se com os líderes tenentistas, então exilados na Bolívia, no final de 1927, aproximação aliás, inviabilizada, principalmente por conta da posição anticomunista de Juarez Távora, que, no encontro se opôs abertamente a qualquer aliança com o Partido Comunista. Obstáculo que os emissários de Cleto Campelo - Josias Carneiro Leão e Waldemar de Paula Lima - não enfrentaram quando do seu contato com Prestes e Miguel Costa, em 27 dezembro de 1925, favorecendo entendimento entre ambos, quando ficou definida a participação operária na dita “Revolução Nacional” e um programa comum, contando com propostas de liberdade ao partido e ao comunismo no Brasil. Afinal, naquele momento, Juarez Távora encontrava-se comandando o seu destacamento em direção a Teresina, chegando nas imediações no dia 27 de dezembro e realizando “um reconhecimento ofensivo nas cercanias”, distante de Prestes, que “fazia

⁵⁶¹ CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto, como o caso foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes: memórias*. São Paulo: Alfa-ômega, 1978, p. 61.

o mesmo contra Flores, tendo cortado a estada de ferro entre essa vila e cidade de Caxias”.⁵⁶²

A chegada dos emissário de Cleto Campelo e os acordos sobre o levante pernambucano são firmados nesse contexto, sem a participação de Juarez Távora, que, inclusive, acabou preso no dia 31 de dezembro de 1925⁵⁶³, e, desse modo, ficando à parte da aliança entre tenentes e comunistas.

Nos anos seguintes, o PCB prosseguiu tentando afirmar a sua estratégia revolucionária. Se a experiência da “Coluna Cleto Campelo” não aparece nos documentos oficiais, como observa-se na correspondência trocada com a IC, foi em termos muito semelhantes àqueles que os comunistas tentaram negociar uma aliança revolucionária com a Coluna, mesmo após o seu exílio: a realização de uma aliança político-militar, visando um levante em conjunto entre militares e operários, liderados por suas vanguardas, o que não se efetivou posteriormente, mas seguiu como uma expectativa entre os comunistas que, como veremos, atuaram na revolução de 1930, a exemplo do próprio Cristiano Cordeiro.

Em paralelo, um trabalho político seria realizado pelo Bloco Operário e Camponês, com o intuito de estabelecer uma frente legal de oposição às forças oligárquicas, reunidas no PRP. As duas táticas objetivavam desencadear a “Revolução democrático pequeno burguesa”, em que o PCB visava retirar a direção do movimento das mãos da pequena burguesia, que, ao seu ver, não poderia “ser consequente com os seus próprios objetivos”, cabendo ao proletariado, como “classe mais avançada”, “fazê-la atingir seus objetivos finais, impulsionando-a sempre para frente”.⁵⁶⁴ Com isso, os dirigentes do Partido Comunista evidenciam ter noção do caráter recessivo da “revolução” proposta pelas demais oposições, a partir do que concluíram pela

⁵⁶² Segundo Lourenço Moreira Lima, as forças de Juarez Távora e de Luís Carlos Prestes seguiram para Teresina no dia 22 de dezembro. Cada um dos destacamentos seguiu por uma das margens do Rio Parnaíba, separando-se. No dia 26, Távora encontrou-se com Prestes num lugar chamado Riacho Seco. Separando-se, ele chegou “a 27, à noite, chegou a Remanso e Angelim”, ambas localidades de Teresina, “tomando contato com o inimigo na madrugada de 28”, exatamente quando Prestes chegou na cidade de Flores. LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna Prestes. Marchas e Combates*. 3ª edição, São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1979, p. 222-24.

⁵⁶³ Segundo a recorda Lourenço Moreira Lima: “A 31 de dezembro, Távora fora aprisionado entre os lugares Areias e Caieiras, quando se adiantara num reconhecimento na margem do Parnaíba”. LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna Prestes. Marchas e Combates*. 3ª edição, São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1979, p. 225.

⁵⁶⁴ “A situação política nacional e a posição do PC”. 12/02/1929. Дело 35. Переписка ИККИ с ЦК КП Бразилии. RGASPI, Moscou, Rússia. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em Acesso em 24 de julho de 2018.

necessidade de intervir no processo e dar-lhe características, de fato, nacional populares. E com esse intuito atuaram os comunistas, até a interdição da IC e o desmonte da revolução pecebistas e do próprio partido, findando a sua primeira fase.

CAPÍTULO VI

A REVOLUÇÃO ABANDONADA: O TRABALHO POLÍTICO, A INTERVENÇÃO DA INTERNACIONAL E A ATUAÇÃO DOS COMUNISTAS NO MOVIMENTO DE 1930

O final da década de 1920 foi o momento quando ficou evidente a incapacidade das oligarquias dominantes em manterem-se na direção política do país. O processo de avanço do capitalismo, apesar de se dar de forma desigual, passava a exigir uma maior capacidade do Estado em abarcar a população civil urbana⁵⁶⁵, o que era severamente combatido pelas oligarquias. Sua forma antidemocrática de dominação mostrava-se inadaptável aos crescentes anseios por direitos políticos e sociais das classes médias e do proletariado.⁵⁶⁶ Afinal, o acesso aos meios de participação política ameaçava os domínios da oligarquia dominante, que por estar assentada num frágil sistema de alianças⁵⁶⁷, dependia diretamente do controle exercido pelos chefes locais – os coronéis - principalmente no controle do processo eleitoral.⁵⁶⁸ Essa ação dos chefes locais representava uma troca de favores com as oligarquias dominantes em nível estadual, de que eles esperavam ter à disposição “dos empregos, dos favores e da força policial, que possui, em suma, o cofre das graças e o poder da desgraça”.⁵⁶⁹ Essa relação simbiótica estava na base do domínio político dentro dos estados, estes que, por sua vez, lutavam entre si para ampliar sua influência na União, quando, no final da década de 1920, o

⁵⁶⁵ Empregamos aqui o conceito de Boris Fausto sobre “classes médias” ou “população civil urbana”, aquela que “trabalha por conta própria ou que recebe salários por trabalho não manual, abrangendo os pequenos empresários e comerciantes, funcionários públicos, empregados no comércio, profissionais liberais”. FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 77.

⁵⁶⁶ Michel Zaidan escreve que a fragilidade do sistema de alianças da burguesia cafeeira era um “produto de um desenvolvimento capitalista ainda incapaz de abrir espaço à participação socioeconômica da pequena burguesia urbana”. ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989, p. 13.

⁵⁶⁷ Claudia Viscardi afirma que “a instabilidade das alianças é que conferiu ao regime a estabilidade necessária, na medida em que impedia a monopolização do poder, deixando sempre aberta a possibilidade de sua renovação, mesmo que dificilmente ocorresse”. VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias: uma revisão da “política do café com leite”*. E-book - 2.ed. - Belo Horizonte: Fino Traço, 2019, p. 45

⁵⁶⁸ Nas palavras de Victor Nunes Leal, como que adaptadas à realidade descrita, os coronéis controlavam o processo eleitoral, conduziam os eleitores como “como quem toca uma tropa de burros”. LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto. O Município e o regime representativo no Brasil*. 7ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.63.

⁵⁶⁹ LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto. O Município e o regime representativo no Brasil*. 7ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.63.

estado de São Paulo permanecia fazendo seus os interesses do país, mantendo-se no poder principalmente pela força conferida pelo seu principal produto: o café.⁵⁷⁰

O processo de queda das oligarquias intensificou-se com a luta política em torno da sucessão presidencial de 1930, mas sua origem remonta ao início da década de 1920, quando se consolidou, primeiramente por entre as classes médias e trabalhadora, a insatisfação em relação aos limites impostos pela estrutura oligárquica de poder⁵⁷¹, que, com o passar do tempo, também acabou abarcando setores da grande burguesia. Movimentos criaram fissuras nos domínios da burguesia agrária, então principal mantenedora de uma República sem equilíbrio entre o centralismo e o federalismo⁵⁷², formada pela contradição entre as formas arcaicas do poder local-particularista e as estruturas oriundas do desenvolvimento do capitalismo, a despeito do modo recessivo, imposto pelos setores agrários ao liberalismo brasileiro durante o Império, quando o Brasil pôde iniciar o desenvolvimento de estruturas capitalistas após emancipar-se de Portugal, abrindo-se ao mercado internacional e aproximando-se das nações de capitalismo avançado, a exemplo da Inglaterra.⁵⁷³

Essa insatisfação crescente foi consubstanciada no clima de insubmissão criado pelo tenentismo. Este movimento, com os levantes de 1922 e 1924 e, posteriormente, com a marcha da Coluna Prestes, mobilizou as oposições em sua luta contra as oligarquias, sendo, em 1930, um dos principais vetores para a eclosão do movimento armado responsável pela derrubada do presidente Washington Luís, em outubro de 1930, ao lado dos dissidentes oligárquicos e demais componentes da Aliança Liberal. A Revolução acabou sendo um meio pelo qual o poder foi rearranjado, com o objetivo

⁵⁷⁰ Segundo Boris Fausto, “Na articulação das várias áreas, o Estado - centro de coesão da formação social - assume concomitantemente o papel de “representante direto” dos interesses cafeeiros e de guardião dos interesses nacionais. FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 121.

⁵⁷¹ Edgard Carone define oligarquia nos seguintes termos: “Ao sentido primitivo da palavra *oligarquia* – governo em que a autoridade está nas mãos de poucas pessoas – juntou-se, no Brasil, um conceito mais específico: o de governo baseado na estrutura familiar patriarcal”. CARONE, Edgard. *A República Velha (Instituições e classes sociais)*. 2ª edição revista e aumentada. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972, p. 267.

⁵⁷² Edgard Carone argumenta que “Uma das consequências fundamentais do desequilíbrio entre o centralismo e o federalismo é o fenômeno do coronelismo, isto é, o desenvolvimento e a autonomia de agrupamentos sociais e políticos nos Estados. A República acentua a antinomia entre formas representativas modernas e estruturas econômicas e sociais de tendências particularistas”. CARONE, Edgard. *A República Velha (Instituições e classes sociais)*. 2ª edição revista e aumentada. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972, p. 250.

⁵⁷³ VIANNA, Luiz Werneck. *A Revolução Passiva*. Iberismo e americanismo no Brasil. 2ª edição, Rio de Janeiro, editora Revan, 1997.

responder às demandas sociais e políticas que não haviam sido contempladas pela política oligárquica, então exigidas pelo desenvolvimento capitalista que ocorria no país, ao tempo em que evitava-se a radicalização das massas e as possibilidades de uma revolução socialista, como alarmava-se publicamente à época,⁵⁷⁴ também porque espalhava-se a ideia de que os abusos e atrocidades cometidas pelas oligarquias estariam facilitando a ação dos comunistas no país.⁵⁷⁵

O Partido Comunista participou ativamente desse processo até o final de 1929, decidindo apoiar e depois dirigir a revolução tenentista, entendendo ser preciso cuidar para que o movimento fosse consequente e coerente em seus próprios objetivos.⁵⁷⁶ Concepção, como dissemos anteriormente, semelhante àquela apontada por Lênin em suas análises sobre as duas estratégias revolucionárias propostas ao POSDR, onde ele chamava a atenção quanto à necessidade de o partido participar de perto da revolução em curso na Rússia, em 1905, para evitar um acordo e uma recomposição do poder entre nobres e burgueses.⁵⁷⁷ Por ainda não terem lido a obra *Duas Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática*, a análise do PC brasileiro era o resultado de uma formação teórica rudimentar, resultado da leitura de obras marxistas e marxianas de edições francesas e espanholas.

O PCB decidiu-se por intervir no processo político em curso, identificando, como meio de atuação revolucionária os âmbitos legal e clandestino, onde seria necessário por um lado “fazer política” e, por outro, promover a eclosão de mais um levante armado, a “terceira revolta”. E mesmo após a interdição da IC, parte dos comunistas participaram na Revolução, a despeito das ordens expressas da CCE e da IC

⁵⁷⁴ Sobre essa questão, ver: “Organização secreta comunista”. *O Jornal*, 17/04/1927; “A propaganda comunista no Rio de Janeiro”. *O Jornal*, 28/05/1927; “A onda vermelha. Revelações do ‘Livro branco’ sobre o bolchevismo no Brasil. *A Noite*, 27/05/1927; “Ecos e Notícias”. *Jornal do Brasil*, 29/09/1929. Retirado de <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 28 de julho de 2021.

⁵⁷⁵ Ver: Segundo o articulista do jornal *A Rua*, o Presidente Arthur Bernardes era o grande responsável pela crise pela qual passava o país. Segundo ele “Os discípulos de Lênin tiveram no corvo de Viçosa (Referência jocosa a Arthur Bernardes) o seu auxiliar melhor e nos ‘trepoffs’ da rua da Relação e nos ‘rasputines’ da corte do Catete os incubadores dos germens revolucionários, cultivados dentro do ‘Kremlin’ democratizado”. “Uma hora grave. Salvemos a República das garras do internacionalismo dissolvente. Os abusos constantes dos políticos e os desmandos do governo criam ambiente favorável ao comunismo. *A Rua*, 08/06/1927.

⁵⁷⁶ “A situação política nacional e a posição do PC”. 12/02/1929. Дело 35. Переписка ИККИ с ЦК КП Бразилии. RGASPI, Moscou, Rússia. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24 de julho de 2018.

⁵⁷⁷ LENIN, Vladimir Ilitch Ulianov. *Duas Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática*. Editora Livramento, São Paulo, 1975.

em contrário. Em outras palavras, se o Partido Comunista oficialmente abandonou a sua “Revolução democrático pequeno burguesa”, parte considerável de suas bases prosseguiu no movimento, em aliança com tenentes e demais oposições políticas, marchando na Revolução liderada pela Aliança Liberal.

O trabalho do PCB, iniciado em 1925, intensificou-se a partir de janeiro de 1927 através do Bloco Operário e foi intensificado com a clandestinidade imposta pela chamada “Lei Celerada” em agosto, quando as ilusões eleitorais efetivamente esvaíram-se, dando lugar ao ímpeto revolucionário semelhante ao de 1924, quando, como vimos, os comunistas buscaram aliar-se ao movimento liderado por Isidoro Lopes, em São Paulo e, em final de 1925 à Coluna Prestes, quando da sua passagem por Pernambuco. Só em 1927, os tenentes, então exilados na Bolívia e depois na Argentina, foram procurados pelos líderes do PCB, para que fosse estabelecida uma aliança em prol da revolução brasileira e que, apesar de não ter sido estabelecida, influenciou diretamente nos acontecimentos, convertendo o então “Cavaleiro da Esperança” ao comunismo, frustrando seus antigos aliados, ao tempo em que firmava-se como força política de base operária, chamando a atenção de aliados e de adversários.

1. O trabalho do PCB em “céu aberto”

Para ilustrar o curto período de atuação legal do PCB, ocorrido entre os meses de janeiro e agosto de 1927, John Foster Dulles e Michel Zaidan acentuaram em suas obras a especificidade daquele raro momento de liberdade política, em contraste ao longo estado de sítio decorrido no Brasil até ali. O escritor norte-americano nomeou uma das seções de seu livro *Anarquistas e Comunistas no Brasil*, publicado em 1977, de “Em campo aberto (Jan-Ago. 1927)”⁵⁷⁸, buscando mostrar a especificidade daquele momento de liberdade do PCB. Michel Zaidan foi ainda mais específico, intitulado de: “Os comunistas em céu aberto: a experiência do Bloco Operário e Camponês no Brasil”, que é o primeiro e mais importante capítulo da obra de mesmo nome, onde também buscou realçar aquele raro momento de abertura política para o PCB.⁵⁷⁹ Com essas referências à

⁵⁷⁸ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 254.

⁵⁷⁹ ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989.

liberdade, ambos autores demarcavam como os comunistas atuaram na breve abertura política ocorrida entre janeiro e agosto de 1927, quando realizaram um trabalho no campo político junto às camadas operárias e em diálogo com as demais oposições, principalmente através do Bloco Operário,

A despeito das semelhanças nos títulos e na abordagem, ambos autores deram interpretações distintas às ações dos comunistas durante aquele curto período de tempo. John Foster Dulles preocupou-se em mostrar como os comunistas estabeleceram uma frente política por meio do Bloco Operário, apontando detalhes relacionados ao modo como o Partido Comunista realizou esse movimento, apesar de também apontar para o que chamou de “costumeira falta de tato do PCB”, ao referir-se aos termos ofensivos e desagregadores da Carta Aberta da CCE, publicada no jornal *A Nação*, direcionados aos possíveis aliados do Partido Socialista e a Maurício de Lacerda.⁵⁸⁰ No entanto, o autor - que também analisa a atuação dos anarquistas no Brasil - não relaciona o trabalho do Bloco Operário à estratégia revolucionária do PCB. Sua abordagem avalia as articulações em torno do jornal *A Nação*, aponta o fato de os comunistas terem participado abertamente dos pleitos eleitorais, onde concentraram seus esforços no movimento operário e na Juventude Comunista. Dulles finaliza abordando os efeitos da “Lei Celerada”, dispositivo criado para combater o avanço da classe trabalhadora e de suas organizações no jogo político. Assim, na escrita do brasilianista, o Bloco Operário aparece como uma simples frente legal do PCB, então favorecida pelo “campo aberto”, como o autor destacou no título do capítulo.

Os mesmos fatos são analisados por Michel Zaidan, só que sob a perspectiva da Revolução democrática pequeno burguesa. Para ele, o Bloco Operário representou a materialização da política revolucionária do PCB, quando foi mobilizado para reunir operários e pequena burguesia urbana em torno de uma plataforma de reivindicações *classistas*.⁵⁸¹ Zaidan aponta o periódico *A Nação* como o principal veículo de difusão da estratégia pecebista. O jornal carioca foi aproveitado naquele período de “céu aberto” para tornar pública a revolução dos comunistas, para aliados e para inimigos.⁵⁸²

⁵⁸⁰ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 254.

⁵⁸¹ ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989, p. 23. Grifos no original.

⁵⁸² ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989, p. 23.

Michel Zaidan argumenta que a abertura política possibilitou uma aproximação dos comunistas com a pequena burguesia. Processo oficialmente iniciado quando da divulgação da Carta Aberta. O historiador brasileiro ressalta o fato de aquele “importante documento” ter sido interpretado das mais variadas maneiras pelos historiadores, mas que, para ele, representava, sobretudo, a “materialização tática, a nível eleitoral, da teoria da revolução democrática pequeno burguesa”. Nela, os comunistas buscaram aliados, evidenciando o perfil desejado, ao tempo em que atacavam deliberadamente os indesejados Mauricio de Lacerda e o Partido Socialista. Diferentemente de John Foster Dulles, Zaidan defende que não teria sido uma “falta de trato” a virulência do PCB a Mauricio de Lacerda e ao Partido Socialista, mas, efetivamente, um convite “para ser *rejeitado*”.⁵⁸³ Isso porque a Carta, ao afastar os socialistas de uma possível aliança, permitiria o “desmascaramento daqueles que rejeitam a todo custo a unidade de ação em benefício dos interesses comuns dos trabalhadores”. Afinal, como estava definido no V Congresso da IC, a “frente única” deveria ser um instrumento de combate às correntes socialistas, de modo que a posição do PCB, segundo Michel Zaidan, era um “desdobramento cristalino, a nível eleitoral” daquela orientação.⁵⁸⁴

O saldo final daquela experiência, a despeito dos embates, foi positivo: Azevedo Lima foi eleito e João da Costa Pimenta, apesar de não ter sido eleito, teve uma boa votação. E para além das questões relacionadas a alianças e afastamentos táticos, o fato é que a classe operária e suas organizações, então “em céu aberto”, apresentavam-se como efetiva força de oposição política, contribuindo ao processo de fragmentação do poder oligárquico com as suas demandas de classes e evidenciando às demais frações burguesas a incapacidade das oligarquias em manter ileso a hegemonia da classe.⁵⁸⁵

A despeito das especificidades das obras e suas contribuições à história do PCB, a interpretação de Michel Zaidan, sobre o uso revolucionário do Bloco Operário,

⁵⁸³ ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989, p. 33.

⁵⁸⁴ ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989, p. 33.

⁵⁸⁵ Marcos Del Roio chega a afirmar que aquela teria sido a primeira vez que a “pouco diferenciada classe operária brasileira, através do PCB, inseria-se na luta política, procurando aliados e tendo sua ação facilitada pela fragmentação do bloco de poder oligárquico”. Consideramos importante ressaltar, no entanto, que a participação da classe operária também se deu através de outras organizações, também legítimas em seu trabalho de representação dos trabalhadores. DEL ROIO, Marcos. *A Classe Operária na Revolução Burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p. 24.

oferece, de fato, uma dimensão mais exata do sentido da aplicação da “frente única” pelos comunistas. O documento enviado à Internacional, em fevereiro de 1929, intitulado “A situação política nacional e a posição do PC”, pode-se observar como a CCE busca apresentar o BOC como componente tático de sua estratégia de revolução.⁵⁸⁶

No tópico de apresentação, o partido reafirmava como estaria certa a aplicação da revolução democrático pequeno burguesa, em razão da leitura feita da realidade política do Brasil. Segundo a CCE, os acontecimentos políticos nacionais resultaram num “processo de reagrupamento das forças”, como se previa. Assim:

O resultado mais importante deste processo – marcando a característica fundamental do momento presente – está, por um lado, na aliança contrarrevolucionária da burguesia agrária e industrial, submetida em bloco ao imperialismo, e, por outro lado, na radicalização das massas laboriosas em geral, incluindo as camadas mais pobres da pequena-burguesia.⁵⁸⁷

E foi exatamente com o objetivo de criar uma frente de luta capaz de reunir numa mesma agremiação os quadros combativos das oposições, principalmente aqueles oriundos da classe operária e da pequena burguesia, que o BOC foi criado, ainda que a legalidade, a luta eleitoral e o reformismo tenham tentado os comunistas nesse período.

As eleições de 1927, com a vitória do médico Azevedo Lima - político possuidor de experiência eleitoral e que respondeu rapidamente à Carta Aberta do PCB, assumindo publicamente o programa proposto – foi um sucesso para o Bloco Operário.⁵⁸⁸ Através daquele pleito, o partido dava andamento ao objetivo de aproximar-se da pequena burguesia oposicionista, então considerada pelo PCB em estágio de proletarianização e, por isso, possuidora de interesses semelhantes aos da classe trabalhadora.

No documento enviado à IC argumentava-se que a tática do partido deveria considerar o contexto de reorganização e de movimento forças políticas, onde - apesar de ainda ser dominante a política do café - formada pelo “grupo mais conservador” e

⁵⁸⁶ “A situação política nacional e a posição do PC”, p.1, 12/2/1929. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 35. Переписка ИККИ с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24/07/2018.

⁵⁸⁷ “A situação política nacional e a posição do PC”, p.1, 12/2/1929. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 35. Переписка ИККИ с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24/07/2018.

⁵⁸⁸ Segundo Michel Zaidan: “De sua parte, Azevedo Lima não demoraria a responder afirmativamente ao aceno dos comunistas ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989, p.35

“mais reacionário da grande burguesia” - outros grupos “vão intervindo, ou forcejam por intervir de alguma forma, no governo do país”. Essas interferências estavam se dando “ora pacificamente, por via de acordos e compromissos, ora violentamente, por via de choques armados”⁵⁸⁹, cabendo ao PCB enquadrar a sua tática “dentro deste plano estratégico em que se movem os elementos componentes da política nacional”. O Plano também teria sido influenciado pelos imperialismos norte-americano e inglês, cabendo igual atenção a ambos e em paralelo à atuação do Partido Democrático, criado para ser a “mão esquerda” da burguesia, um propugnador de um programa “‘liberal’ e ‘democrático’”, através do qual atraía “largas massas populares da pequena burguesia e mesmo da classe operária”. O PD, segundo os comunistas, estava na espreita para chegar ao poder através do “milagre do voto secreto”, então dominado pela “mão direita, conservadora e reacionária”, então no poder.⁵⁹⁰

Através daquela análise, o PCB reforçava a necessidade de levar em consideração as forças atuantes para dar andamento à sua estratégia revolucionária, conjuntura que haveria de resultar na “Terceira Revolta”, onde caberia aos comunistas o trabalho de mobilização “à frente das massas, afim de conquistar, por etapas sucessivas, não só a direção da fração proletária, mas a hegemonia de todo o movimento”.⁵⁹¹ Em adição ao contexto, os comunistas apontam ainda o crescimento industrial, então verificável através de dados e pelo visível crescimento numérico do operariado, que deveria ser preparado diante da aproximação de uma “crise catastrófica, de consequências incalculáveis” do “domínio do café”. Desse modo, a “criação e desenvolvimento do Bloco Operário”, expressava o processo de “radicalização das massas populares” que, diante da vindoura “Terceira Revolta”, forneceria ao “futuro movimento uma base ideológica mais ampla que a de 22 e 24”. Ambos os movimentos continuavam sendo a base das análises do partido e que tinham sido influenciados pela “burguesia industrial e liberal”, contra a “burguesia agrária e conservadora”, responsável por impedir a “intervenção das massas populares, que ameaçavam imprimir

⁵⁸⁹ “A situação política nacional e a posição do PC”, p.3. 12/2/1929. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 35. Переписка ИККИ с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24/07/2018.

⁵⁹⁰ “A situação política nacional e a posição do PC”, p.3. 12/2/1929. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 35. Переписка ИККИ с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24/07/2018, p.3.

⁵⁹¹ “A situação política nacional e a posição do PC”, p.3. 12/2/1929. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 35. Переписка ИККИ с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24/07/2018, p.5.

ao movimento um caráter pronunciadamente anticapitalista”.⁵⁹² Tal característica teria sido assumida pela Coluna Prestes, que, segundo o PCB, tendeu: “a agrupar mais estreitamente a pequena burguesia e a massa trabalhadora em geral contra a burguesia agrária e industrial”. Esse movimento teria sido somente interrompido e seguia “amadurecendo para uma nova explosão”. E a ação do BOC estava prevista para dar esse caráter popular ao movimento, servindo de organismo aglutinador e mobilizador quadros civis e militares, no sentido da “Terceira Revolta”, estopim para a revolução democrático pequeno-burguesa, sob a direção do PCB.

E assim atuou o BOC também após o fim da legalidade pecebista, em agosto de 1927, com a aprovação da chamada “Lei Celerada”. As memórias de Otávio Brandão oferecem um panorama acerca da atuação dos comunistas durante aquela breve abertura política:

Durante mais de 7 meses, vivi como num turbilhão. Lutei intensamente. Publiquei, nesse jornal (*A Nação*), centenas de artigos, notas e comentários. Fiz campanha documentada contra a penetração imperialista no Brasil. Mais uma vez desfraldei a bandeira da libertação nacional. Estive em muitos lugares de trabalho e escrevi reportagens a respeito. Realizei comícios à porta de fábricas. Levantei as reivindicações locais. Agitei os operários contra o plano do governo Washington Luís que queria fechar *A Nação*. Fui aos sindicatos e consegui protestos contra esse fechamento. Visitei as favelas. Protestei contra seu derrubamento, ordenado pelo Departamento de Saúde Pública, que deixava os moradores ao desamparo total, como na favela da rua Visconde de Niterói, no bairro de Pedregulho, que foram varridos para ser construídos um quartel e uma estrebaria. Publiquei no jornal a poesia escrita na prisão em 1926 – “O Canto Prisioneiro do Revolucionário”.⁵⁹³

Otávio Brandão estava realizando o chamado “trabalho de massas”, junto ao proletariado, com a realização de ações de agitação e de propaganda.⁵⁹⁴ As lembranças do antigo dirigente evidenciam o modo como os comunistas estavam operando naquele

⁵⁹² Nesse trecho, o Partido tentar estender o verniz de luta popular também ao levante de 1922, quando essa proximidade aconteceu somente em 1924 e foi rejeitada por decisão do então líder do movimento paulista, Isidoro Dias Lopes, que progressivamente buscou afastar a classe operária e suas organizações do processo de tomada da cidade de São Paulo. Ver: DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977; DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. 2ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977.

⁵⁹³ BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p. 331.

⁵⁹⁴ BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p. 331.

momento, confirmando que o partido buscou aparecer como uma efetiva força política no cenário nacional, construindo o caminho revolucionários, mas, por outro lado, chamando a atenção de seus inimigos, que rapidamente buscaram meios para cessar a sua livre atuação, com a criação da chamada “Lei Celerada”, que permitiu o reinício da caçada aos comunistas.

Sobre esse breve período de abertura política, Marcos Del Roio observa que o movimento operário estava recuperado das derrotas de 1921 e 1922 e em condição de contribuir à “desagregação da ordem oligárquica”.⁵⁹⁵ Diante desse contexto, o PCB atuou no sentido de buscar a direção da classe operária, em primeiro lugar diferenciando-se de “amarelos”, anarquistas e socialistas, em sua Carta Aberta⁵⁹⁶ - o que segue a linha de interpretação de Michel Zaidan - e, em segundo lugar, estabelecendo como primordial a defesa dos interesses dos trabalhadores. Em paralelo, clandestinamente, o PCB buscou aliar-se com os elementos oriundos da Coluna Prestes, que haviam mobilizado a ideia de revolução em sua marcha, recebendo também a simpatia do operariado.

Após o pleito eleitoral, quando o Bloco Operário obteve as suas primeiras vitórias, o clima era de euforia. Com o sentimento de que a política revolucionária do PCB estava correta, os comunistas puseram-se a ampliar o seu raio de ação junto aos trabalhadores e aos jovens operários e de classe média. Exemplo dessa euforia foi o trabalho realizado em prol do congresso visando a criação da Central Geral dos Trabalhadores, por meio da Federação Sindical Regional do Rio de Janeiro, a FSSR⁵⁹⁷; bem como o processo de organização e crescimento da Juventude Comunista, sob a liderança do jovem Leôncio Basbaum.⁵⁹⁸

Em suas memórias, Basbaum, ex-dirigente do PCB e fundador da Juventude Comunista, recorda como a legalidade havia permitido ampla atuação aos comunistas, com destaque ao trabalho político de propaganda, principalmente através de *A Nação*. Segundo o antigo dirigente, referindo-se ao ano de 1927: “Agora tínhamos sedes, o que

⁵⁹⁵ DEL ROIO, Marcos. *A Classe Operária na Revolução Burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p. 24.

⁵⁹⁶ PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB, 1922-1928: notas e documentos*. São Paulo: Anita Garibaldi, Fundação Mauricio Grabois 2012, p. 110.

⁵⁹⁷ DEL ROIO, Marcos. *A Classe Operária na Revolução Burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p. 31-2.

⁵⁹⁸ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 261.

se constituía, sem dúvida em um grande progresso. Havia agora um partido organizado **funcionando**”.⁵⁹⁹ Leôncio Basbaum chegou a essa conclusão ao rememorar a organização da Juventude Comunista, por ele realizada, com destaque ao 1º de maio daquele ano, quando a organização destacou-se, ao lado de sindicatos de bandeiras “quase todas vermelhas”, mulheres, “algumas com crianças de colo” e operários “com suas roupas de domingo, de chapéu, como se fossem a uma festa”. Momento quando também “os jovens vibravam”⁶⁰⁰, impulsionando a fundação da Juventude Comunista, em agosto daquele ano.

Tudo indica que, de fato, a comemoração do 1º de maio de 1927 foi uma grande demonstração de organização e de força operária. Em suas análises, John Foster Dulles chega a afirmar que, se não fosse o combate anarquista à atuação do PCB, aquela comemoração, realizada na Praça Mauá, teria tido proporção semelhante a de 1919.⁶⁰¹ E as fontes sobre o evento confirmam o sucesso do 1º de maio.

No dia 2 de maio, o jornal *A Nação* noticiou o sucesso do evento em manchete de primeira página, como o seguinte título: “O Comício da Praça Mauá foi a mais grandiosa demonstração proletária nesses últimos oito anos”. O jornal de Leônidas Resende, então sob a direção do PCB, destacou a presença e a vibração de cerca de 10 mil operários em prol da “frente única, pela unidade sindical, pela Rússia e a China Proletárias”. Em seguida são descritos os oradores e os temas de suas falas, onde misturam-se militantes do PCB, líderes sindicais, membros da Juventude Comunista, políticos do BOC e até mesmo representantes do jornal *A Nação*.⁶⁰²

Em seu livro de memórias, Otávio Brandão recorda-se daquele momento, afirmando ter feito trabalhos de agitação e propaganda nos “grandes comícios de 1º de Maio, na Praça Mauá”, de 1927 e 1928, destacando ter discursado naquele dia, à noite, na sede do sindicato dos cocheiros e carroceiros, onde o “o clima era entusiástico”.⁶⁰³ As memórias de Brandão assemelham-se o conteúdo veiculado pela matéria de A

⁵⁹⁹ BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p. 48. Negrito no original

⁶⁰⁰ BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p. 48.

⁶⁰¹ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 265.

⁶⁰² “O Comício da Praça Mauá foi a mais grandiosa demonstração proletária nesses últimos oito anos”. *A Nação*. 02/05/1927. Fundação Mauricio Grabois. Centro de Documentação e Memória, CDM. Retirado de <https://www.grabois.org.br/cdm>. Acesso em 03 de julho de 2021.

⁶⁰³ BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p. 334.

Nação, de dois de Maio, segundo a qual Brandão destacou-se ao falar em nome do PCB, realçando a importância de se consolidar a Federação Sindical, bem como a frente única, solicitando a adesão dos presentes à entidade.⁶⁰⁴

O fato é que, a despeito do recrudescimento do anticomunismo no Brasil, o Partido Comunista emergiu da clandestinidade articulando o jogo político eleitoral com a luta revolucionária, para o que dizia contar com a classe trabalhadora e com setores da pequena burguesia. Neste período os comunistas sonharam em formar uma frente ampla em parceria com a pequena burguesia, contra as oligarquias dominantes, quando tentaram sem sucesso criar um “grande Partido nacional”⁶⁰⁵, ao estilo do Kuomintang⁶⁰⁶ chinês, então formado por elementos nacionalistas revolucionários e comunistas. Apesar daquele insucesso – afinal, a burguesia liberal decidiu-se pela criação do Partido Democrático Nacional - o PCB conseguiu firmar o Bloco Operário no cenário político nacional, através do qual também promoveu suas ideias para além da classe operária, fazendo-as ressoar também nas camadas médias, chegando a figurar na luta por mais liberdade civil, no Núcleo de Defesa dos Direitos Constitucionais (NDDC), que era constituído por diversos setores das demais classes sociais. Esse trabalho prosseguiu até ser obstado pela “Lei Celerada”⁶⁰⁷, que retirou os comunistas do “céu aberto”, jogando-os novamente na clandestinidade.

⁶⁰⁴ “O Comício da Praça Mauá foi a mais grandiosa demonstração proletária nesses últimos oito anos”. *A Nação*. 02/05/1927. Fundação Mauricio Grabois. Centro de Documentação e Memória, CDM. Retirado de <https://www.grabois.org.br/cdm>. Acesso em 03 de julho de 2021.

⁶⁰⁵ Segundo documento produzido por Heitor Ferreira Lima à IC, em dezembro de 1927: “tentamos realizar uma frente única com a pequena burguesia liberal que estão desgostosas com o atual governo, fundando um grande partido nacional, espécie de Kuomintang chinês”. “Relatório apresentado pelo delegado do Brasil à Internacional Comunista”. 11/12/1927. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 25. Доклады, письма, информационные сообщения о Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02/11/2018, p. 7.

⁶⁰⁶ Partido então apoiado pela IC e, também por isso, admirado pelos comunistas brasileiros, mas que acabou sendo instrumento da derrota da revolução chinesa e do massacre dos comunistas chineses. Ver: BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014, p. 244.

⁶⁰⁷ Segundo John Foster Dulles, “O novo instrumento tornaria inafiançáveis os crimes prescritos pelo Decreto nº 1.162, de dezembro de 1890, i.e., os de ‘desviar os operários e trabalhadores dos estabelecimentos em que forem empregados, por meio de ameaças e constrangimento’, assim como os de ‘causar ou provocar cessação ou suspensão de trabalho por meio de ameaças ou violências, para impor aos operários ou patrões aumento ou diminuição de serviço ou salário’. As penas desses delitos passariam a ser de seis meses a um ano de prisão celular para o primeiro caso, e de dois anos para o segundo. Além disso, a Lei Celerada, alterando o Art. 12 da Lei de Repressão ao Anarquismo (Decreto nº 4.269, de 17 de janeiro de 1921) autorizaria o governo tanto a fechar por tempo determinado as agremiações, sindicatos, centros ou entidades que incidissem na prática de crimes ou atos contrários à ordem, moralidade e segurança públicas, quanto a vedar-lhes a propaganda, impedindo a distribuição de escritos ou suspendendo os órgãos de publicidade que se dedicassem a isso”. DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 272-73.

O novo contexto exigiu do PCB uma nova política. Além do trabalho legal e eleitoral, a CCE entendeu ser necessário buscar uma aliança com os tenentes, evidenciando renovado interesse do partido pela via insurrecional, para a consecução da revolução democrático pequeno-burguesa.

2. O PCB e os tenentes na revolução brasileira

Entre os anos de 1927 e 1930, os comunistas colocaram em prática a sua estratégia da revolução democrático pequeno-burguesa, que para ser realizada, além do trabalho legal, então em curso através do Bloco Operário e Camponês, BOC, previa o estabelecimento de uma aliança entre a vanguarda do proletariado e a vanguarda da pequena burguesia, o que significava a aliança entre o Partido Comunista e a Coluna Prestes. Por conta desse objetivo, os comunistas estabeleceram uma relação difusa e controversa com os tenentes, também mediada pelos acontecimentos políticos que resultaram no movimento de outubro de 1930. Nesse período o PCB buscou equilibrar-se entre as orientações da Internacional Comunista e a conjuntura de crise em curso no país.

O contato entre o Partido Comunista e a Coluna Prestes teve início no final de 1927. Contando-se algumas exceções, é influente na historiografia⁶⁰⁸ a ideia de que a situação de clandestinidade, advinda da promulgação da “Lei Celerada”, em agosto daquele ano, teria obrigado o partido a fazer um exame da política dita “sectária” até ali aplicada, resultando, então, numa política mais branda, quando teria sido aberta a possibilidade buscar as lideranças da Coluna, então exiliadas na Bolívia. Essa interpretação, oriunda das memórias de Astrojildo Pereira, em *A Formação do PCB*⁶⁰⁹,

⁶⁰⁸ Sobre essa questão, ver: CARONE, Edgard. *A República Velha (Instituições e classes sociais)*. 2ª edição revista e aumentada. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972; DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977; PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989. No entanto, autores como Marcos Del Roio, em *A Classe Operária na Revolução Burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935* e Leôncio Basbaum, em *História sincera da República*, não interpretam a busca pelos tenentes como uma flexibilização, destoando da maioria das obras.

⁶⁰⁹ Segundo Astrojildo Pereira: “a CCE do Partido procedeu rigoroso exame da situação criada, chegando por fim à conclusão de que a derrota sofrida se devia principalmente às posições sectárias do Partido”. Consequentemente, “tais considerações levaram a CCE a buscar uma aproximação efetiva, em termos políticos, com a Coluna Prestes, que se havia internado na Bolívia justamente em fins de 1926 e cujo prestígio popular e revolucionário mantinha-se intacto e mesmo crescente”. PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB, 1922-1928: notas e documentos*. São Paulo: Anita Garibaldi, Fundação Mauricio Grabois 2012, p. 129-130.

é a principal e, por vezes, única fonte empregada para analisar as razões pelas quais a CCE deliberou pela busca de contato com as lideranças da Coluna, caracterizando-o muito mais como improviso conjuntural do que como uma ação organizada de um partido possuidor de uma teoria revolucionária, ligado à IC e que, ao menos oficialmente, desde o seu II Congresso, via os “revoltosos” como interlocutores indispensáveis para a consecução da revolução democrático pequeno-burguesa, que ganhou força com as notícias sobre o processo revolucionário chinês, já que as tropas nacionalistas de Chiang Kai-Shek, em aliança com o Partido Comunista Chinês e com o apoio da IC, avançavam sobre os seus adversários, acabando por entusiasmar também os comunistas brasileiros, que, por analogia, viam no Brasil situação semelhante, onde a Coluna Prestes seria o aliado ideal para fazer a revolução país.

Naquele momento, o processo revolucionário em curso no Brasil era analisado em analogia com os eventos da revolução chinesa, como é possível observar em *A Nação*⁶¹⁰, tornando evidente que a aproximação deliberada pela CCE, em busca de Luiz Carlos Prestes não foi fruto de uma simples ampliação na política do partido, ao contrário, sempre fora uma perspectiva estratégica.

As memórias de Otávio Brandão e de Leôncio Basbaum, também ex-membros da CCE, bem como matérias publicadas no jornal *A Nação*, também evidenciam como a tentativa do estabelecimento de uma aliança revolucionária com as lideranças da Coluna Prestes sempre figurou entre os objetivos do PCB, não sendo, portanto, o resultado de uma ampliação em sua linha política.

Otávio Brandão lembra ter defendido por mais uma vez em 1927, segundo ele, “a necessidade da aliança do proletariado e do seu PCB com os revoltosos de Copacabana, São Paulo e da Coluna Prestes-Miguel Costa, em determinadas

⁶¹⁰ Ver: “Luiz Carlos Prestes completa hoje 29 anos”, de 3/1/1927; “As Revoluções de 1922 e 1924 não estão ainda terminadas” e “Qual o principal organizador da Revolução de São Paulo? Joaquim Távora” e “A Marcha da Coluna Prestes. Revolução também no Norte?” de 8/1/1927; “Da ‘Coluna’ à ‘Comuna’ é uma questão de passo”, “Uma fuga sensacional. Juarez Távora deixa o Hospital da Marinha da Ilha das Cobras”, COMPARAE! Távora, Prestes, Mauricio e o Ceará”, “O país em revolução”, “O Movimento Revolucionário. As forças de Miguel Costa e Luiz Carlos Prestes pretendem fazer junção em Cuiabá, de 18/1/1927; “Washington trata os revolucionários como a lacaio”, A Revolução chinesa. Shangai finalmente em poder dos revolucionários”, de 22/03/1927; “Porque Assis Brasil amparou a revolução de S. Paulo?”, “Porque Isidoro e seus companheiros não foram vencedores. Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário”, de 31/5/1927; “A Rússia, a China e o Brasil. Três países idênticos”, *A Nação*, 18/06/1927; “Fraternizai com a revolução chinesa”, de 4/7/1927; “A revolução chinesa”, de 19/07/1927 18/01/1927. Essas matérias, em resumo, fazem a defesa e exaltam a marcha da Coluna e os líderes do movimento tenentista, com destaque para Luiz Carlos Prestes, Juarez Távora, Siqueira Campos, Joaquim Távora e Isidoro Dias Lopes, evidenciando que o interesse dos comunistas nos “revoltosos” não se deu por uma alteração tática, mas fazia parte de sua estratégia revolucionária.

condições”⁶¹¹. Em nenhum momento o ex-dirigente pecebista refere-se a um processo de arrefecimento da política revolucionária, fica subjacente que a sua proposta de aproximação com aqueles homens de armas era o contrário: o abandono das ilusões eleitorais e a efetiva adesão à ação armada em prol de uma aliança revolucionária condicionada à direção pecebista, como será posteriormente proposto aos tenentes.

Em suas memórias, Leôncio Basbaum lembra que em 1927, o partido e a JC estavam mais fortes numérica e politicamente, visto que, segundo ele, “a discussão em torno do problema Prestes despertara nossa consciência política e agora estávamos em busca de um caminho e de uma definição: a *revolução proletária*”.⁶¹² Nas palavras de Leôncio Basbaum, a decisão de buscar os líderes da Coluna se deu porque seus membros eram autênticos revolucionários, “que, aliados aos comunistas, ao movimento comunista operário das cidades, seria capaz de dar um grande impulso às forças de nosso próprio movimento revolucionário”. Ou seja, a aliança com os tenentes era pensada como uma forma de fazer avançar a revolução planejada pelo PCB, como estava posto na teoria da revolução democrático pequeno-burguesa, não tendo sido, portanto, uma simples forma de ampliar as alianças políticas do partido após uma revisão de sua política “sectária”. Leôncio Basbaum aponta ainda as consequências dessa aproximação: os comunistas gradativamente passariam a aceitar a liderança de Prestes, que, segundo o autor, acabaria por “desmantelar o partido” a partir de 1929 e “principalmente no ano seguinte”, o ano de 1930.

O PCB acabou pagando caro por apostar numa aproximação com Prestes e quando recebeu ordens da IC para combater a revolução da Aliança Liberal, parte de seus membros não acataram o comando da CCE, agindo por conta própria, especialmente sob a influência difusa do prestigiado Cavaleiro da Esperança, que demorou a tornar pública sua oposição diante da revolução liderada pelos seus velhos companheiros de marcha e pelo líder da Aliança Liberal, o então candidato derrotado nas urnas em 1930, Getúlio Vargas.

Os comunistas não tardaram em buscar uma aproximação com os militares rebeldes durante a década de 1920. Como vimos, ela havia sido tentada quando do levante de 1924, em São Paulo e no final de 1925 e início de 1926, durante A “Coluna

⁶¹¹ BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, p. 338. Grifos nossos.

⁶¹² BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p. 51. Grifos nossos e do autor.

Cleto Campelo”. Nesse período os comunistas aprofundaram as suas análises sobre as ações dos “revoltosos”, concluindo que eles eram a vanguarda da pequena burguesia, fração de classe então em luta por estar sob um processo de “proletarização”, conforme teorizou Otávio Brandão, em *Agrarismo e Industrialismo*⁶¹³ e que, por isso, deveria ser mobilizada para a consecução da etapa burguesa da revolução brasileira em aliança com o proletariado.

Assim, a busca de contato com os tenentes foi um reencontro. Na verdade, os comunistas concebiam que a revolução no Brasil estava apenas temporariamente interrompida, cabendo-lhes dar um novo impulso numa direção cada vez mais popular, aproveitando-se os primeiros sinais nesse sentido produzidos pela Coluna Prestes. Além disso, a Coluna Prestes trouxe um fato novo, endossando as teses do PCB sobre o papel da “vanguarda revolucionária” da pequena burguesia: sua marcha, um verdadeiro “protesto heroico”⁶¹⁴, como interpretou Boris Fausto, teria gerado um espírito revolucionário no país, convencendo as oposições que era possível uma ação de envergadura nacional, a despeito do poder na Primeira República estar reunido nas forças oligárquicas locais, esparsas pelo país. Ao evidenciar essa perspectiva, os tenentes chamaram a atenção das oposições, formadas por dissidências oligárquicas, liberais, socialistas e comunistas - que passaram a ver nos tenentes os aliados ideais para a consecução de seus distintos projetos de revolução.

Ao buscar os tenentes, o PCB dava andamento à “materialização tática” da teoria da revolução democrático burguesa - como apontou Michel Zaidan⁶¹⁵ - tentando captá-los para o seu projeto revolucionário. Não por acaso, os comunistas dialogaram com os tenentes em mais de uma ocasião, expondo abertamente as razões pelas quais estavam dispostos a armar o partido e o proletariado em apoio aos “revoltosos”. Se o Bloco Operário havia sido criado para reunir também os “liberais do país”, conforme Heitor

⁶¹³ BRANDÃO, Otávio. *Agrarismo e Industrialismo*. Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924. São Paulo, editora Anita Garibaldi, 2ª edição, 2006.

⁶¹⁴ Segundo Boris Fausto, “A marcha se destinava a manter vivo o facho da revolução, isto é, visava realizar um protesto heroico, com os olhos voltados para o meio de onde provinha – os centros urbanos”.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 84.

⁶¹⁵ ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989, 29-30.

Ferreira Lima relatou à IC⁶¹⁶, em dezembro de 1927, a busca pelas lideranças da Coluna tinha o objetivo de formar uma tropa revolucionária, aglutinando trabalhadores e militares, sob o comando de um partido de direção compartilhada com os tenentes, projeto chamado de “Kuomitang” brasileiro.

Essa proposta foi amplamente discutida durante o breve período de legalidade e ganhou força quando os comunistas tiveram reduzidos os seus espaços de atuação. Segundo relatório produzido por Astrojildo Pereira no ano de 1928, a clandestinidade forçou o partido a buscar alternativas, quando fortaleceu-se no seio da militância a ideia de buscar Luiz Carlos Prestes. Ou seja, a reaproximação com os tenentes - e mais especificamente, com a Coluna - foi o resultado de uma necessidade de adaptação às “condições totalmente adversas, para a qual se fazia necessário traçar novas diretrizes para orientar e dirigir a luta posterior”⁶¹⁷, não sendo, portanto, fruto de uma revisão da linha “sectária” até ali aplicada, como Astrojildo Pereira escreveu posteriormente⁶¹⁸, mas um reajuste nas táticas do partido.

Ainda no Relatório de 1928, o então secretário geral do PCB descreve como se consolidou a ideia de uma aliança com a chamada “vanguarda da pequena burguesia”: segundo ele, com o avanço da “Lei Celerada” no Congresso – que visava tipificar como crime movimentos sociais e partidos, como o PCB⁶¹⁹ - fortalecia-se a proposta de buscar as lideranças da Coluna. Naquele momento, o Kuomitang chinês despertava a admiração “tanto entre trabalhadores como entre os elementos revolucionários da pequena burguesia”, fazendo surgir em *A Nação* a consigna “Pelo Kuomitang brasileiro!”. Essa proposta acabou sendo discutida pela direção e pelas bases do partido, tendo no jornal pecebista ampla difusão. No entanto, foi em outubro que o comitê central debateu o assunto, de posse do material enviado pelas células. Astrojildo Pereira sublinhou o fato de somente Joaquim Barbosa e Rodolfo Coutinho terem se colocado

⁶¹⁶ “Relatório apresentado pelo delegado do Brasil à Internacional Comunista”. 11/12/1927. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 25. Доклады, письма, информационные сообщения о Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 02/11/ 2018, p. 7.

⁶¹⁷ CARONE, Edgard. *O PCB: 1922-1943*. São Paulo, Diefel, 1982, vol. 1, p. 46.

⁶¹⁸ PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB, 1922-1928: notas e documentos*. São Paulo: Anita Garibaldi, Fundação Mauricio Grabois 2012, p. 130.

⁶¹⁹ CPDOC/FGV. *BLOCO OPERÁRIO E CAMPONÊS (BOC)*. **Verbetes**. Retirado de <http://cpdoc.fgv.br/verbetes/primeira-republica>. Acesso em 08 de novembro de 2021.

contra à busca de aliança com as lideranças da Coluna. Membros que, por isso, formariam a primeira cisão no seio do PCB.⁶²⁰

Astrojildo Pereira apresenta as premissas teóricas para o estabelecimento de uma aliança com a “vanguarda da pequena burguesia”: a revolução de 5 de julho estava apenas interrompida e a Coluna era até ali o principal desdobramento; sua grande repercussão pública havia criado “um verdadeiro estado de espírito revolucionário nas mais amplas camadas do povo”, em outras palavras, o PCB, assim como as demais oposições “revolucionárias”, foi convencido pela marcha da coluna que a revolução em âmbito nacional era, de fato, possível, mesmo diante de o poder político estar pulverizado nos estados e município dominados por oligarquias e coronéis locais. O secretário geral argumentava também que a luta “tende a ‘esquerdizar-se’ cada vez mais”, apontando essa tendência ao comparar a natureza dos eventos de 1922, 1924 e a Coluna Prestes, onde o movimento estaria progressivamente adotando características de movimento popular e abandonando a estratégia de simples levante militar, razão pela qual aproximava-se da proposta do PCB. Não por acaso, Astrojildo Pereira afirma em seguida que os tenentes eram simpáticos à luta anti-imperialista e a sua proposta liberal era positiva para os trabalhadores por, “pelo menos” proporcionar “a possibilidade legal de organização e propaganda revolucionária”.⁶²¹

Diante dos acontecimentos políticos e econômicos, os comunistas entendiam aproximar-se um conjunto de crises que, somadas, constituiriam uma conjuntura revolucionária: haveria uma crise na economia cafeeira e a segunda aconteceria em 1930, durante o processo de sucessão presidencial. Ambas abririam “possibilidades de uma repetição de um novo 5 de julho”⁶²², ou seja, a eclosão de um levante semelhante às insurreições tenentistas de 1922 e 1924.

Diante dessa previsão, ainda no ano de 1927, a direção do PCB decidiu ser necessário aproximar-se dos tenentes. No entanto, essa aliança só poderia ser efetivada diante de algumas condições: efetiva liberdade de ação e de crítica ao partido, aceitação do programa do BOC, trabalho em parceria entre as direções do PCB e do Comando Militar Revolucionário, quando os comunistas deveriam ter direito à representação no

⁶²⁰ CARONE, Edgard. *O PCB: 1922-1943*. São Paulo, Diefel, 1982, vol. 1, p. 47.

⁶²¹ CARONE, Edgard. *O PCB: 1922-1943*. São Paulo, Diefel, 1982, vol. 1, p. 48.

⁶²² CARONE, Edgard. *O PCB: 1922-1943*. São Paulo, Diefel, 1982, vol. 1, p. 48.

Estado Maior formado para a luta revolucionária, além do “armamento do proletariado e formação de unidade proletárias de combate”.⁶²³

Leôncio Basbaum, fazendo uso de suas memórias de ex-dirigente e de testemunha dos acontecimentos, afirma em seus escritos que, desde cedo, o PCB vinha buscando contanto com Prestes, mas, naquele momento, o partido ao sentir a aproximação de uma crise revolucionária, diante da qual sozinho não possuía a força suficiente para intervir, optou por somar forças com a Coluna.⁶²⁴

E foi com essa orientação que Astrojildo Pereira foi enviado à Bolívia para encontrar-se com Luiz Carlos Prestes. Após longas conversas, quando o secretário geral também aproveitou para anotar o máximo de informações visando a redação de uma matéria para o jornal *A Esquerda*, não avançou a proposta de aliança entre a Coluna e o PCB.⁶²⁵ Segundo Michel Zaidan, este fato decorria da fidelidade dos tenentes “ao seu programa de lutas contra as oligarquias e de medidas saneadoras da vida pública, sem maiores transformações na estrutura socioeconômica do país. Continuavam também fiéis à tática de golpes militares, à revelia das massas”⁶²⁶, ao tempo em que os comunistas apontavam para os males do que chamavam de “política do café” e propunham o armamento da classe operária.

No “Relatório à ISV apresentado pela delegação brasileira por ocasião do IV Congresso da ISV”, consta que a proposta de formação de um partido tipo “Kuomitang” tinha por objetivo atrair os tenentes para o campo pecebista e, assim, afastá-los de uma possível adesão ao Partido Democrático Nacional. Este “Kuomitang” seria uma organização de direção compartilhada entre comunistas e tenentes, através da qual seria dirigida a etapa nacional e democrática da revolução. Entretanto, apesar de Prestes ter demonstrado interesse na história da Revolução Russa, simpatia pelo proletariado brasileiro e objetivo de derrubar o governo, a aliança não foi realizada. Diante desse fato, o PCB decidiu formar uma Liga Anti-imperialista como um meio de manter-se próximo dos tenentes, em substituição ao “Kuomitang” brasileiro, especialmente porque

⁶²³ CARONE, Edgard. *O PCB: 1922-1943*. São Paulo, Diefel, 1982, vol. 1, p. 49.

⁶²⁴ BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República*. De 1889 a 1930. Volume 2. 4ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p. 272.

⁶²⁵ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 283.

⁶²⁶ ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989, p. 42.

os “revoltosos”, segundo Astrojildo Pereira, alimentavam uma “grande idolatria por Luiz Carlos Prestes”, razão pela qual era necessário o PCB “colocá-lo sob a sua influência, afim de evitar uma possível ditadura militar”⁶²⁷, uma vez que os militares possuíam uma ideologia difusa e seus membros flutuavam entre o fascismo, o liberalismo e o esquerdismo.

Sob essa ótica, a atitude de Astrojildo, ao entregar livros marxistas a Prestes, contrasta com a interpretação de que essa ação teria sido motivada somente pelo objetivo de mostrar embasamento teórico-revolucionário do partido⁶²⁸, mas, acima de tudo objetivava influenciar para que o movimento tenentista aderisse ao projeto de revolução defendido pelo PCB, a partir da conversão de seu prestigiado líder, Luiz Carlos Prestes. Não por acaso, o documento informava à ISV quanto à existência de militares “revoltosos” de diferentes espectros político. Havia a perspectiva de que a realização de um trabalho de aproximação junto a esses grupos poderia, efetivamente, dividi-los entre esquerda e direita, facilitando a cooptação dos elementos progressistas e o combate aberto aos direitistas, especialmente os quadros simpáticos ao fascismo, com o apoio do “Cavaleiro da Esperança”. Além disso, o interesse do partido também se dava porque o PCB tinha conhecimento que esses “revoltosos” continuavam em “atividade e em constante ligação de norte a sul do país”, sendo, portanto, elementos ideias para uma articulação revolucionária, fato posteriormente provado nas articulações em nível nacional para a consecução da revolução de outubro de 1930.⁶²⁹

Nesse contexto, todas as oposições ao governo Washington Luís possuíam um ponto em comum: Luiz Carlos Prestes⁶³⁰ era por elas considerado o aliado ideal para a

⁶²⁷ “Relatório à IC apresentado pela delegação brasileira por ocasião do IV Congresso da ISV”, p. 5. 1928 (datação incompleta). RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 27. Доклады 6 конгресса Коминтерна о положении в Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 11/07/2018.

⁶²⁸ De um modo geral, a bibliografia sobre o tema não liga a entrega dos livros à tática revolucionária em curso no PCB, ficando fortalecida a impressão de ela ter sido uma ação esparsa e isolada. Ver: DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977; PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989. PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB, 1922-1928: notas e documentos*. São Paulo: Anita Garibaldi, Fundação Mauricio Grabois 2012.

⁶²⁹ “Relatório à IC apresentado pela delegação brasileira por ocasião do IV Congresso da ISV”, p. 5. 1928 (datação incompleta). RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 27. Доклады 6 конгресса Коминтерна о положении в Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 11/07/2018, p. 5.

⁶³⁰ Edgard De Decca afirma que “A criação do sujeito político os ‘revolucionários’ e a liderança de Luiz Carlos Prestes – e a explicitação de um inimigo em comum – as oligarquias – garantem a possibilidade de um acordo tácito entre as várias tendências políticas que conjuga interesses das classes dominantes descontentes com o governo do Partido Republicano, dos setores médios urbanos e da classe operária”.

luta contra as oligarquias e, conseqüentemente, para a revolução brasileira.⁶³¹ Tal fato pode ser observado quando, no dia 2 de janeiro de 1928, os jornais oposicionistas aproveitaram a passagem do aniversário do líder da coluna para render-lhe homenagens, com destaque ao jornal *A Esquerda*, que então iniciou a publicação da matéria escrita por Astrojildo Pereira⁶³², produzida a partir do material recolhido quando da sua conversa com o “Cavaleiro da Esperança”.⁶³³

O segundo encontro entre comunistas e tenentes aconteceu em junho de 1929. Até lá, os comunistas prosseguiram com o trabalho político de agitação e de organização. Em abril de 1928 foi reativado o jornal *A Classe Operária*; em junho foram enviados a Moscou os delegados do partido ao VI Congresso da IC, realizado entre os meses de julho e setembro; e em outubro os comunistas conseguiram o feito de eleger Minervino de Oliveira e Otávio Brandão à Intendência do Rio de Janeiro, candidatos que usaram a sua legislatura para defender os ideais comunistas e do BOC, realizando clandestinamente também o trabalho propaganda e de agitação junto às massas.⁶³⁴

Naqueles anos aprofundava-se a crise no domínio oligárquico. Seu sistema dava sinais de esgotamento, mostrando-se incapaz de apresentar soluções à chamada “questão social”. As camadas médias urbanas e a classe operária exigiam cada vez mais os direitos políticos e sociais, contribuindo para que as oposições se fortalecessem política e numericamente, inclusive com a progressiva adesão de membros das oligarquias dissidentes, oriundos de estados de segunda ou terceira grandezas, então também descontentes com o domínio mineiro-paulista. Este contexto parece ser bastante favorável ao trabalho dos comunistas, apesar das limitações impostas pela “Lei

DE DECCA, Edgard. Salvadori. 1930, *o silêncio dos vencidos: memória, história e revolução*. São Paulo: Brasiliense, 2004, 6ª edição, 2004, p. 87.

⁶³¹ DE DECCA, Edgard. Salvadori. 1930, *o silêncio dos vencidos: memória, história e revolução*. São Paulo: Brasiliense, 2004, 6ª edição, 2004, p. 81.

⁶³² Sobre esse fato, vale a pena recuperar o relato do então secretário geral do PCB: “Obtive de Pedro Mota Lima, que era então diretor do jornal ‘tenentista’ *A Esquerda*, uma carteira de repórter, com o compromisso de, ao regressar, reduzir os resultados do encontro a uma entrevista com Prestes. Se bem que viajando legalmente, com uma carteira de repórter no bolso, eu tomara todas as precauções compreensíveis no caso”. PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB, 1922-1928: notas e documentos*. São Paulo: Anita Garibaldi, Fundação Mauricio Grabois 2012, p. 130.

⁶³³ MORAES, Dênis de; VIANA, Francisco. *Prestes: Lutas e autocríticas*. Petrópolis, 1982, p. 40.

⁶³⁴ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 293-97.

Celerada”, que não impediu o avanço das articulações visando uma mudança efetiva da política brasileira, genericamente chamada por todos de “Revolução”.

Diante desse quadro de crise, o PCB aproveitava para dar andamento ao seu projeto revolucionário utilizando-se também do trabalho legal através do BOC⁶³⁵. Para o partido, as eleições deveriam “constituir um episódio da luta de classes, uma das muitas batalhas da classe”, e não num espetáculo de farsas e demagogia, como ocorria até então. Concluindo pela necessidade de a classe operária participar ativamente dos pleitos eleitorais, o partido comunista defendia ser este um meio de “alargar a sua luta geral contra os exploradores”⁶³⁶, compondo uma das vias de ação da luta pela revolução democrático pequeno burguesa, ainda que esta trouxesse sempre em seu bojo o convite ao trabalho puramente retórico, eleitoral e reformista⁶³⁷, como acabou sendo discutido posteriormente no III Congresso.⁶³⁸

Na metade do ano de 1928, a direção do partido organizava-se para participar do VI Congresso da IC - para o qual o então dirigente pecebista, Leôncio Basbaum, fora um dos indicados, ao lado de Paulo Lacerda e do espanhol Molares, que participaria também do Congresso Internacional Sindical⁶³⁹ – de onde viriam orientações às teses para o III Congresso do PCB, marcado para o final do ano. Além disso, os comunistas preparavam-se para as eleições municipais, quando pensavam em lançar Minervino de Oliveira e Otávio Brandão no pleito, ao tempo em que consolidava-se a oposição interna

⁶³⁵ Ver panfleto a consigna “Votar no Bloco Operário e Camponês é votar pela Revolução” em: ZAIDAN, Michel. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989; e KAREPOVS, Dainis. *A esquerda e o parlamento no brasil: o Bloco Operário e Camponês (1924-1930)*. FFCH-USP, 2001, p. 360.

⁶³⁶ CARONE, Edgard. *O PCB: 1922-1943*. São Paulo, Diefel, 1982, vol. 1, p. 69.

⁶³⁷ Sobre essa questão, é significativa o conflito desenrolado dentro do PCB por conta do apoio do BOC de São Paulo ao Partido Democrático, nas eleições de 1928. Apesar das justificativas, a CCE condenou a resolução tomada pelos paulistas, colocando classe operária à reboque da pequena burguesia do PD, partido que buscava “canalizar para o liberalismo democrático burguês os descontentamentos perigosos, controlando-os e dirigindo-os de modo a evitar quanto possível o curso revolucionário dos mesmo”. Segundo apontava a CCE, não teria sido por um simples acaso que o “nasceu precisamente em São Paulo e precisamente após o 5 de julho”, referindo-se ao levante tenentista ocorrido na capital paulista, em 1924. “O BOC de São Paulo e as eleições de 24 de fevereiro”. 9-14/3/1928. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 31. Справки, телеграммы, письма о деятельности КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24/07/2018, p.14.

⁶³⁸ Astrojildo Pereira cita trecho da resolução sobre o Bloco Operário e Camponês, aprovada no III Congresso do Partido. Segundo ele, apontava-se para o risco de o PCB perder a direção política do BOC, o que produziria a sua “degenerescência eleitoral” e seu “aproveitamento pelos políticos parlamentares da pequena burguesia, colocando o proletariado a reboque desses elementos”. PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB, 1922-1928: notas e documentos*. São Paulo: Anita Garibaldi, Fundação Mauricio Grabois 2012, p. 144-46.

⁶³⁹ BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p.53.

liderada por Joaquim Barbosa e Rodolfo Coutinho⁶⁴⁰, opositores ao estabelecimento de uma aliança tática com os tenentes.

Leôncio Basbaum recorda-se que naquele momento:

era urgente que tomássemos uma decisão a respeito do que pensávamos sobre a revolução no Brasil, de como ela se processaria no nosso entender, e que era preciso para consegui-la. Falávamos em Soviets, em Ditadura do Proletariado e nos indagávamos se essas seriam soluções para o Brasil ou se estávamos simplesmente imitando os russos.⁶⁴¹

De fato, a CCE estava ocupada em redefinir os parâmetros teóricos e os rumos da revolução, até porque naquele momento entendia aproximar-se a “terceira revolta”, quando seria necessário o partido intervir diretamente no processo, atuando efetivamente na condição de vanguarda do proletariado para colocar o movimento num sentido revolucionário.⁶⁴²

Após o evento de 1º de maio de 1929, o PCB ocupou-se de enviar delegados à Primeira Conferência Comunista Latino-Americana, para a qual foram destacados Danton Jobin, Mário Grazini e Leôncio Basbaum, sendo que este último recebeu também a tarefa de buscar Luiz Carlos Prestes, aproveitando, assim, aquela viagem à Argentina. O objetivo de seu contato era convencer o “Cavaleiro da Esperança” a candidatar-se à presidência do Brasil pelo BOC, nas vindouras eleições previstas para março de 1930.

Em junho, a CCE havia decidido participar de forma independente da disputa à presidência do Brasil apresentando candidato próprio, ficando para isso então estabelecido o objetivo de um conformar “programa de frente única”⁶⁴³ com os líderes da coluna.

⁶⁴⁰ PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB, 1922-1928: notas e documentos*. São Paulo: Anita Garibaldi, Fundação Mauricio Grabois 2012, p. 133.

⁶⁴¹ BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p.53.

⁶⁴² “Caminamos, em la hora actual, hacia uma etapa revolucionaria de proporciones mucho más amplias que las anteriores y em la que el PC debe intervir como representante específico del proletariado procurando colocarse al frente de todo l movimiento”. “Informe presentado al Secretariado Sud-Americano de la IC por el delegado del Partido Comunista Brasileiro”. 05/07/1928. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 28. Доклады Брандао, Ласерда и сообщения о положении в Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24/07/2018, p.20.

⁶⁴³ BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República*. De 1889 a 1930. Volume 2. 4ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p. 275

Segundo Leôncio Basbaum, o PCB acreditava que a incorporação de Prestes àquele projeto daria um “novo caráter à nossa luta”, unindo “o proletariado à pequena burguesia” que o acompanhava, sendo “o começo de uma aliança de classes, capaz de levantar o povo e leva-lo à conquista do poder”⁶⁴⁴, exatamente como estava posto na teoria da revolução democrático pequeno burguesa, que preconizava a atuação dos comunistas na direção do movimento tenentista para “esquerdizá-lo”.

Ainda em abril de 1928, Prestes continuava mostrando sinais de radicalização ao defender a necessidade de uma guerra civil como meio para resolver os problemas do país, em entrevista a *O Jornal*. Segundo Dênis de Moraes, o líder da coluna “Achava que a rebelião popular era questão de tempo, pois os erros da ‘máquina opressora instalada no governo’ estimulava o povo a pôr fim àqueles descabros”.⁶⁴⁵ Prestes defendia a formação de uma “frente única de oposição” contra as oligarquias dominantes como um caminho à retomada da luta armada.

Em novembro do mesmo ano, Prestes defendeu publicamente que cabia ao povo a missão de continuar a obra da coluna para destruir “o organismo parasitário implantado no Brasil pela política das oligarquias”.⁶⁴⁶ Sua posição anti-oligárquica atraiu a aproximação do então vereador Maurício de Lacerda, que pouco depois apresentar-se-ia como representante civil de Prestes diante das demais forças políticas do país.

Esses posicionamentos, tornados públicos em jornal de grande circulação, certamente chegaram ao conhecimento da CCE, uma vez que a conversão de Prestes ao comunismo havia sido tentada por Astrojildo Pereira e a aproximação com o líder tenentista permanecia no radar dos comunistas. Além disso, aquelas posições radicais de Prestes encaixavam-se à estratégia revolucionária do PCB, reforçando o interesse por uma aproximação com a Coluna, como ocorrera em julho de 1929.

Segundo as memórias de Leôncio Basbaum, foram vários os encontros com Prestes, ocasiões nas quais conhecera os tenentistas Siqueira Campos e Juarez Távora. Após estranhamento inicial, foram iniciadas as negociações entre comunistas e tenentes. Segundo o autor, os líderes tenentistas solicitaram-lhe uma proposta de programa para

⁶⁴⁴ BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p. 68-9.

⁶⁴⁵ MORAES, Dênis de; VIANA, Francisco. *Prestes: Lutas e autocríticas*. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1982, p. 43

⁶⁴⁶ MORAES, Dênis de; VIANA, Francisco. *Prestes: Lutas e autocríticas*. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1982, p. 43

avaliar o possível estabelecimento de uma aliança. O então dirigente do PCB entregou um programa às pressas aos tenentes, com os seguintes termos:

a) Nacionalização da terra e divisão dos latifúndios; b) Nacionalização das empresas industriais e bancárias imperialistas; c) Abolição das dívidas de organização e de imprensa; e) Direito de greve; f) Legalidade para o PCB; g) Jornada de 8 horas, lei de férias, aumento de salários e outras melhoras para os trabalhadores”. A “contraproposta de Prestes: a) Voto secreto; b) Alfabetização; c) Justiça; d) Liberdade de imprensa e organização; e) Melhorias para os operários.⁶⁴⁷

Os tenentes consideraram as propostas dos comunistas muito radicais, para o qual apresentaram uma contraproposta limitada à ideia “representação e justiça”, que não agradava o PCB.

O impasse fez o representante pecebista repensar os termos e as possibilidades de uma aliança com os tenentes. Segundo ele, quanto ao método revolucionário, Juarez Távora defendia “ganhar aliados nas forças armadas”, através de uma “conspiração bem sucedida” que resultaria na prisão do presidente e a sua seguinte substituição por Prestes, tática que acabou sendo aplicada e resultou na Revolução de outubro de 1930, mesmo sem a presença do Cavaleiro da Esperança. Além disso, Távora não queria aliar-se a comunistas alegando ser muito católico e por considera-los “muito perigosos”, muito provavelmente em referência ao fato de o partido comunista representar a porta de entrada das camadas populares massas na revolução, o que provocava repúdio em Juarez Távora, líder tenentista adepto da tática insurrecional restrita aos levantes em quartéis, como havia acontecido em 1922 e 1924, quando o povo foi alijado do movimento.⁶⁴⁸

No máximo, o PCB poderia auxiliar “com os seus operários” e nada mais.⁶⁴⁹ Siqueira Campos teria falado em “armar” os operários e formar uma nova coluna, sob o comando de Prestes. O “Cavaleiro da Esperança”, segundo Basbaum, admitia ser

⁶⁴⁷ Programa dos comunistas: “BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p. 70.

⁶⁴⁸ Boris Fausto classificou essa postura de “elitismo tenentista” que, segundo ele, “se revela, desde logo, na estratégia revolucionária: a insurreição desligada das classes populares, incapazes de superar a passividade e promover, por suas próprias mãos, a derrubada das oligarquias”. FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 89.

⁶⁴⁹ BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p. 71.

possível estabelecer uma aliança com os comunistas, afirmando-se interessado em receber mais obras marxistas, dando sinais de sua aproximação ao comunismo. Leôncio Basbaum imediatamente providenciou o material bibliográfico com a ajuda do líder do Partido Comunista Argentino, Víctor Codovilla.⁶⁵⁰

Diante da incompatibilidade de programas e da explícita oposição de Juarez Távora, o encontro poderia ser considerado um fiasco. Entretanto, o crescente interesse de Prestes pelo marxismo mantinha a esperança de uma aproximação entre a vanguardas da pequena burguesia e do proletariado, dando andamento ao programa de alianças preconizado na estratégia da revolução democrático pequeno burguesa.

No entanto, o próprio Prestes apresenta uma versão diferente desses acontecimentos, contestando os escritos de Leôncio Basbaum. Segundo ele, quem teria representado o PCB teria sido Paulo de Lacerda e sem a presença de Juarez Távora e de Siqueira Campos, como afirma Basbaum. Diante do impasse no estabelecimento de um programa revolucionário comum, Paulo de Lacerda teria proposto que a negociação continuasse através do Secretariado Sul-americano da IC, sediado na Capital Argentina, Buenos Aires.⁶⁵¹

A despeito dessa disputa entre versões, no final das contas comunistas e tenentes continuaram marchando separados em busca de suas revoluções. No caso do PCB, as mudanças no PCUS, na URSS e na IC, ocorridas após a vitória de Stálin sobre seus adversários, gerou uma viragem esquerdista na linha revolucionária do Movimento Comunista Internacional, acabando por fraturar seriamente o Partido Comunista do Brasil. Em menos de um ano, o PCB foi obrigado a renegar todo trabalho realizado até então, exatamente no momento em que a luta política no Brasil agudizava-se, aumentando as fissuras existentes no poder oligárquico, primeiramente durante as eleições presidenciais de março de 1930 e, posteriormente, com a eclosão dos levantes militares que tomariam de assalto o poder, resultando na vitória da coalização entre tenentes e dissidências oligárquicas.

A intervenção do SSA e da IC no PCB operou uma viragem em sua linha política, desmontando a sua *intelligentsia* e a mobilização das bases em torno do projeto da revolução democrático pequeno burguesa, pensada para ser realizada ao lado dos

⁶⁵⁰ BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p. 71.

⁶⁵¹ MORAES, Dênis de; VIANA, Francisco. *Prestes: Lutas e autocríticas*. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1982, p. 44-5.

tenentes, que passaram a ser classificados como membros do “social fascismo”, ao sabor da leitura stalinista que acusava a social democracia de ser o braço esquerdo do fascismo.⁶⁵² Desse modo, a CCE adotou uma postura de oposição extrema ao movimento “revolucionário” de outubro, denunciando-o como golpe de estado, diante do crescente apoio popular e da adesão de vários de seus militantes.

Se oficialmente o PCB abandonou a revolução, as bases decidiram apoiá-la, a despeito das sanções internas e dos perigos de apoiar de forma independente um movimento difuso e permeado por adversários políticos.

3. Mudanças na linha política durante o agravamento da crise do domínio oligárquico

No ano de 1929 foram intensificadas as articulações políticas e rompimentos por conta da aproximação do pleito eleitoral para a presidência da República, marcada para o início de 1930. À época, as oligarquias de São Paulo decidiram lançar Júlio Prestes à presidência da República sem consultar seus aliados políticos de Minas Gerais. Essa decisão desagradou aos mineiros que passaram à oposição, quando também passaram a compor a chapa da Aliança Liberal, apoiando a chapa formada por Getúlio Vargas e João Pessoa à presidência da República.⁶⁵³

A despeito de ambas as chapas serem constituídas por membros das velhas oligarquias estaduais, aquela disputa política possuía um novo componente relevante: os tenentes, agrupamento que se fortalecia na cena política, uma vez que os “revoltosos” possuíam inserção social, influência e trânsito entre as diversas oposições, gozando de considerável prestígio junto às classes médias e trabalhadores urbanos, especialmente seus líderes, como era o caso de Luiz Carlos Prestes e, em menor grau, Juarez Távora, João Alberto, Siqueira Campos e Miguel Costa. Naquele momento, os remanescentes da coluna eram vistos como aliados essenciais na luta contra as oligarquias, de modo que

⁶⁵² BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014.

⁶⁵³ Segundo Cláudia Viscardi: “A partir das análises empreendidas concluímos que a indicação de Júlio Prestes como sucessor de Washington Luís, à revelia de Minas Gerais, consistiu na culminância de um processo de esvaziamento progressivo da aliança Minas-São Paulo, que se deu ao longo de sua breve existência, limitada aos governos de Epitácio e Bernardes. VISCARDI, Cláudia. *O federalismo oligárquico brasileiro: uma revisão da “política do café-com-leite”*. Anuário IEHS 16. 2001, p. 89.

foram muitas as tentativas das oposições de obter o apoio daquele “revolucionários”. No final das contas, a grande maioria dos tenentes aderiu ao projeto da Aliança Liberal, também graças ao trabalho de articulação de seu candidato Getúlio Vargas junto à coluna e junto aos seus representantes civis, como Maurício de Lacerda.

No entanto, essa adesão deu-se após muitos diálogos, negociações, desencontros, manipulações e conflitos, primeiramente em virtude de Luiz Carlos Prestes ter se negado a apoiar Getúlio Vargas, mas, por outro lado, também não deixava claro qual era a sua posição. Diante desse silêncio, a imagem do “Cavaleiro da Esperança” acabou sendo usada em favor da Aliança Liberal. A situação ficou ainda mais difícil de ser contornada quando Prestes comunicou a sua adesão ao comunismo aos seus companheiros de Coluna,⁶⁵⁴ não sendo exagero considerar possível que o líder da Coluna tenha seguido as orientações dos emissários do PCB, na reunião ocorrida em junho de 1929, quando lhe foi sugerido manter contato com o SSA, em Buenos Aires, como o próprio Prestes apontou a partir de suas memórias.⁶⁵⁵

Segundo Paulo Sérgio Pinheiro, a relação dos tenentes com o SSA teve início ainda em 1928, em Montevideú. Um encontro teria acontecido entre os remanescentes da coluna e Mauricio de Lacerda, aliado civil dos militares e um representante russo, quando Siqueira Campos solicitou apoio em dinheiro para o movimento. No encontro seguinte, dessa vez em Buenos Aires, o russo apresentava-se autorizado a estabelecer o apoio, mas a posição contrária de Juarez Távora acabou impedindo a aliança, deixando Siqueira Campos furioso.⁶⁵⁶

O autor considera que esse encontro teve continuidade com a ida de Josias Carneiro Leão a Moscou, no início de 1929, em nome da Coluna Prestes. Sua missão era buscar apoio financeiro da internacional, o que foi negado por Dimitri Manuilsky, do CEIC.⁶⁵⁷ John Foster Dulles oferece ainda mais detalhes sobre essa viagem do líder

⁶⁵⁴ REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos*. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 134.

⁶⁵⁵ MORAES, Dênis de; VIANA, Francisco. *Prestes: Lutas e autocríticas*. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1982, p. 44-5.

⁶⁵⁶ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 211.

⁶⁵⁷ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 211.

tenentista e militante do partido comunista: ele teria sido visto por Heitor Ferreira Lima - então estudante da Escola Leninista - que, à primeira vista pensou que Josias teria vindo a Moscou para articular uma visita da coluna. Dulles argumenta que a ida de Josias Carneiro Leão era de interesse da IC “e estava sendo explorada pelo Secretariado Sul-Americano”,⁶⁵⁸ evidenciando o andamento de uma aproximação entre a Coluna Prestes e o SSA.

Entretanto, o apoio de Moscou não era unanimemente aceito entre os líderes tenentistas. Enquanto Siqueira Campos e Emídio da Costa Miranda tinham interesse em dar andamento àquela aproximação e ir até a URSS, novamente Juarez Távora posicionava-se contra qualquer ajuda ou aproximação com os comunistas, como fizera quando da visita de Leôncio Basbaum e Paulo de Lacerda. Mauricio de Lacerda, então “representante civil” da coluna, seguia linha semelhante, apontando que uma possível visita de Prestes a Moscou acabaria ligando-o ao comunismo e, assim, causando divisão no seio das oposições.⁶⁵⁹ Mauricio de Lacerda teve de contornar o problema quando cresceram os rumores de uma aproximação entre Prestes e o partido comunista. A respeito disso, Lacerda fez uso de um malabarismo retórico para continuar fazendo parecer que o “Cavaleiro da Esperança” estava apoiando a campanha da Aliança Liberal.

Diante da postura de Prestes, de franca aproximação com o comunismo, bem como diante da posição geral dos tenentes, então estabelecendo contatos em prol da derrubada das oligarquias, o PCB tinha motivos para acreditar que a sua tática revolucionária estava correta. Afinal, os sinais da conversão do líder máximo da coluna ao marxismo representava um passo significativo para que o partido pudesse dirigir o movimento tenentista no sentido da sua proposta de revolução democrático pequeno burguesa, que preconizava a progressiva cooptação e direcionamento do movimento revolucionário tenentista “pequeno burguês” ao socialismo.

Diante dessas perspectivas, a disputa pela sucessão presidencial no Brasil, marcada para março de 1930, apresentava-se como um importante momento de disputa

⁶⁵⁸ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 316.

⁶⁵⁹ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 316.

política. No ano que antecedeu o pleito, as articulações eleitorais e a mobilização da opinião pública eram oportunidades de o PCB de ganhar mais espaço e de, quem sabe, contribuir à radicalização da luta, quando julgava possível contar com o apoio dos tenentes, aos que esperava somar a participação da classe operária e das massas populares, mobilizando sindicatos e o BOC.

Em fevereiro de 1929, chegou ao CEIC um documento da CCE do PCB, intitulado “A situação política nacional e a posição do PC”, onde os comunistas brasileiros expunham à Internacional as suas análises sobre os determinantes econômicos e forças políticas atuantes no país, informando caminhos por onde deveria ser construída a revolução democrático pequeno burguesa, diante da qual a disputa em torno da sucessão presidencial era apontada como um dos fatores para o surgimento de uma conjuntura efetivamente revolucionária.⁶⁶⁰

Nas primeiras linhas do parágrafo introdutório, o partido valorizava a orientação revolucionária em voga, oriunda do II Congresso. Suas teses sobre a situação política do país, assegurava a CCE, estariam sendo comprovadas pelo curso dos acontecimentos. Teria havia um reagrupamento de forças, uma aliança havia sido estabelecida entre as burguesias agrária e industrial, sob a égide do imperialismo, ao tempo em que radicalizavam-se as “massas laboriosas em geral”, que reuniam a classe operária e as “camadas mais pobres da pequena burguesia”.⁶⁶¹ Aqui, o PCB retomava os seus argumentos formulados a partir do exame sobre os efeitos e consequências movimento tenentista, que teriam origem na radicalização da pequena burguesia empobrecida e em processo de proletarização, liderada pelos militares revoltosos. A diferença é que, ao contrário de 1925 – quando apontava-se para a existência de um embate entre as frações agrária e industrial da burguesia brasileira –, identificava-se ter havido um pacto entre ambas, em prol de sua luta contra a pequena burguesia e contra a classe operária. A burguesia industrial teria tentado dirigir o movimento revolucionário, mas teria recuado diante da crescente adesão das massas. Introdutoriamente, era esse o cenário da luta de classes no Brasil, em 1929, segundo o partido comunista.

⁶⁶⁰ “A situação política nacional e a posição do PC”. 12/02/1929. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 35. Переписка ИККИ с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24/07/2018, p.1.

⁶⁶¹ “A situação política nacional e a posição do PC”. 12/02/1929. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 35. Переписка ИККИ с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24/07/2018, p. 1.

Do ponto de vista econômico, o país seguia com uma de economia predominante “agrária, semi-feudal, semi-colonial”, que era duas vezes superior à sua produção industrial e a organização do trabalho nas fazendas ocorria sob um regime de “semi-servidão, e semi-escravidão”, o que explicaria a tese do “semi-feudalismo” no Brasil. Tudo indica que essa concepção de modo de produção era uma forma de analisar o nível de exploração da mão de obra, ocorrida nos grandes latifúndios, onde imperava o domínio do chefe local, o que, inclusive, servia para justificar a frágil inserção do partido entre os trabalhadores do campo, ainda que os comunistas não abordassem essa forma de domínio como coronelismo, como acabou ficando caracterizado posteriormente na historiografia.⁶⁶² No entanto, essa noção de “semi-feudalismo” acabou sendo modificada pela IC, que impôs ao PCB a leitura de que o Brasil estava sob o domínio “feudal-burguês”, contra o qual seria necessária a consecução de uma revolução agrária e anti-imperialista, como é possível identificar em documento de fevereiro de 1930.⁶⁶³

Ainda no documento de 1929, ao estender a sua análise, dividindo o Brasil em quatro regiões – o “extremo norte”, com a borracha; o “Nordeste”, com o açúcar e o algodão; o centro-sul, como o café e o “extremo-sul”, com os cereais e o gado; reitera-se a existência de uma “semi-servidão e semi-escravidão” em quase todo o país – os comunistas enxergavam formas arcaicas na estrutura do poder oligárquico, sobre o que entendiam ser necessário uma transformação via revolução democrático-burguesa.

Os comunistas apontavam para a existência, por exemplo, no Nordeste de uma exploração da mão de obra “verdadeiramente desumana”, onde as camadas mais pobres sofriam “a mais terrível opressão econômica, política e social”⁶⁶⁴, impedindo a formação de um padrão mínimo de participação política e, conseqüentemente, o próprio trabalho do partido. Tais características seriam próprias de um sistema oligárquico de

⁶⁶² Sobre o coronelismo e sua relação com a estrutura do poder oligárquico, ver: LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto. O Município e o regime representativo no Brasil*. 7ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2012; CARONE, Edgard. *A República Velha (Instituições e classes sociais)*. 2ª edição revista e aumentada. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972; VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias: uma revisão da "política do café com leite"*. E-book - 2.ed. - Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

⁶⁶³ “Resolução do Secretariado político da IC sobre a situação brasileira”. 07/03/1930. RGASPI, Rússia. Дело 50. Программа, протоколы, резолюции политбюро и ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>, acesso em 31/07/2018.

⁶⁶⁴ “A situação política nacional e a posição do PC”. 12/02/1929RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 35. Переписка ИККИ с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24/07/2018, p. 1.

poder, que tinha os coronéis controlando os limitados espaços de intervenção política, em aliança com as oligarquias estaduais⁶⁶⁵, sobre o qual os comunistas apresentavam somente algumas pistas. Ressaltava-se também o fato de ser o café o principal produto brasileiro, aproveitando-se do fato de o Brasil possuir quase o monopólio de sua produção no mundo. Essa situação acabaria levando o Brasil à superprodução e, conseqüentemente, à uma catástrofe econômica, principalmente por conta do investimento centralizado nessa cultura, implementadas pelo Instituto do Café.⁶⁶⁶ A prevista crise no café, somada à dependência de “sucessivos ruinosos empréstimos externos”, seria a base econômica da crise que se previa para o Brasil, somando-se à disputa pela sucessão presidencial, do ano seguinte.

Diante dessas constatações, os comunistas entendiam que “deslocamentos” estavam ocorrendo no campo político, especialmente na política do café, representada pelos “grande fazendeiros e proprietários de terra, isto é, do grupo mais conservador”. No entanto, constatava-se que outros grupos já ousavam tentar intervir, uns pacificamente, “por via de acordos e compromissos”, especialmente através do PD, enquanto outros o faziam “violentamente, por via de choques armados”, de acordo com a situação e os interesses “entre as várias classes e sub-classes”.⁶⁶⁷ Juntos, todos os elementos econômicos e políticos internos, somados à pressão externa do imperialismo, conformariam uma crise revolucionária, na qual o partido deveria atuar e conduzir o movimento progressivamente à esquerda, à revolução democrático pequeno burguesa.

Apontava-se, diante dessa concepção, os “elementos subjetivos da terceira explosão revolucionária”: a Coluna Prestes, continuadora das revoluções de 1922 e 1924, então considerada aliada fundamental à tática dos comunistas, naquele momento, estava “apenas interrompida”, tendo sido responsável por criar: “um verdadeiro espírito revolucionário nas mais largas massas do povo, e este estado de espírito mantem-se e

⁶⁶⁵ Sobre a aliança das oligarquias e os coronéis, ver: LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto. O Município e o regime representativo no Brasil*. 7ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2012; CARONE, Edgard. *A República Velha (Instituições e classes sociais)*. 2ª edição revista e aumentada. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972. VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias: uma revisão da "política do café com leite"*. E-book - 2.ed. - Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

⁶⁶⁶ “A situação política nacional e a posição do PC”. 12/02/1929. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 35. Переписка ИККИ с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24/07/2018, p. 1-2.

⁶⁶⁷ “A situação política nacional e a posição do PC”. 12/02/1929. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 35. Переписка ИККИ с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24/07/2018, p. 3.

desenvolve-se por meio de intensa propaganda dos ideais e dos feitos revolucionários”.⁶⁶⁸

Esse argumento do PCB, a despeito da vontade causar uma boa impressão diante da Internacional, partia também do raciocínio de que os tenentes estavam, de fato, dispostos a intervir no cenário político nacional através das armas, o que também era impulsionado pela popularidade e prestígio alcançados pela Coluna Prestes. Portanto, era uma concepção política de todas as oposições ao poder oligárquico, que viam nos “revoltosos” os parceiros indispensáveis à dita “revolução”, seja com ou sem o uso das armas.

Para influenciar na “revolução” que se aproximava, a tática do PCB preconizava a combinação de ações legais e clandestinas. Seria preciso

proceder uma série de manobras políticas e táticas, estabelecendo alianças com as demais forças vizinhas do proletariado. É preciso em primeiro lugar reunir num bloco único, no terreno político, sob a direção comunista, a massa dos operários urbanos e rurais e a massa dos pequenos lavradores. Esta é a tarefa específica já iniciada com êxito, do Bloco Operário e Camponês. Em segundo lugar deve estabelecer-se a aliança entre o Partido Comunista – vanguarda revolucionária do proletariado – e a Coluna Prestes – vanguarda revolucionária da pequena burguesia.⁶⁶⁹

Podemos considerar este trecho como uma síntese da política revolucionária do PCB: manter um diálogo com as demais forças de oposição, dando preferência àquelas oriundas das classes médias, trabalho realizado pelo BOC que deveria reunir trabalhadores urbanos e rurais, tudo isso deveria servir como meio de estabelecer uma aliança com a Coluna Prestes, com a qual os comunistas planejavam liderar o movimento revolucionário no Brasil. Essa política sofreria uma virada e acabaria abandonada antes do fim daquele ano, desmontando a direção e desorientando as bases partidárias, que acabariam tragadas pela força do movimento de 1930, quando efetuou-

⁶⁶⁸ “A situação política nacional e a posição do PC”. 12/02/1929. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 35. Переписка ИККИ с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24/07/2018, p. 5

⁶⁶⁹ “A situação política nacional e a posição do PC”. 12/02/1929. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 35. Переписка ИККИ с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24/07/2018, p. 5

se mais uma etapa da revolução passiva no Brasil.⁶⁷⁰ Tal processo influenciou a compreensão dos comunistas sobre a conjuntura política de então, especialmente quando identificaram o recrudescimento da luta entre as frações da burguesia, destacando a posição cada vez mais radical das camadas médias, liderada pelos tenentes, contra o poder oligárquico, quando seguiam conquistando aliados, inclusive entre a própria oligarquia, como era o caso de Getúlio Vargas, do Rio Grande do Sul e de Antônio Carlos, de Minas Gerais. Apesar disso, intervenção da Internacional Comunista a partir do segundo semestre de 1929, foi decisiva para rachar o PCB exatamente no momento de derrocada do poder oligárquico.

4. A intervenção da IC no PCB

Michel Zaidan é enfático ao apontar que os comunistas brasileiros jogaram na “lata do lixo” todo o avanço resultante da revolução democrático-pequeno-burguesa. Essa atitude radical decorria da derrota da revolução chinesa, bem como das resoluções do VI Congresso da Internacional Comunista e do I Congresso dos Partidos Comunistas da América Latina e, por fim, das deliberações da IC sobre o Brasil.⁶⁷¹

Após o fracasso da insurreição de Cantão, na China, quando os comunistas foram traídos e massacrados por Chiang Kai-Shek, então comandante do Kuomintang, a IC passou a ter maior interesse no Brasil.⁶⁷² Pouco antes, aquele partido nacionalista e

⁶⁷⁰ Segundo Luiz Werneck Vianna, no Brasil, a ausência de um encontro entre intelectuais e o povo, resultou na forma passiva de revolução burguesa, seguindo o movimento lento de transição da ordem senhorial-escravocrata, para uma ordem social capitalista competitiva. Esse processo começou a criar um “fermento revolucionário” na década de 1920, ainda num contexto dominado pelo patriarcalismo quando surgiu o Partido Comunista, o tenentismo e a Coluna Prestes, momento em que: “As amplas demandas por modernização econômica e social são acolhidas por setores tradicionais das elites, sob a liderança de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, que com o apoio de parte do tenentismo, das camadas médias e da vida popular nos centros urbanos, iniciam, com a chamada Revolução de 1930, um novo andamento à revolução burguesa, já agora sob a chave clássica de uma modernização conservadora”. VIANNA, Luiz Werneck. *A Revolução Passiva*. Iberismo e americanismo no Brasil. 2ª edição, Rio de Janeiro, editora Revan, 1997, p. 48...

⁶⁷¹ Grafia em itálico no original. ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, p. 49

⁶⁷² ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, p. 49

seu líder haviam sido admitidos no CEIC.⁶⁷³ Nesse momento, o PCUS passava por um embate entre as facções lideradas por Stálin, que defendia o apoio ao Kuomintang, e Trotsky, então líder da Oposição de Esquerda que era radicalmente contrária àquela postura, denunciando que a IC e o PCUS haviam tornado o Partido Comunista Chinês em refém dos nacionalistas, até que, no dia 12 de abril, os comunistas foram atacados pelos bandos de pistoleiros de Chiang Kai-Shek.⁶⁷⁴ Esse fato acirrou o embate interno, resultando na derrota da Oposição de Esquerda - acusada de “fracionismo” e na conseguinte expulsão de Trotsky do partido e da URSS, possibilitando a ascensão de Stálin enquanto senhor incontestado do comitê central e, posteriormente, da própria Internacional, que segundo Pierre Broué, “é, de fato, um campo de prova para os grupos que se enfrentam no partido russo”. Assim, com o progressivo domínio de Stálin, superando Bukharin, que acabou destituído da presidência da IC em julho de 1929, a política comunista sofre uma viragem à esquerda em 1928, abandonando a tática de frente única.⁶⁷⁵ Vence a teoria do “socialismo num só país” e o chamado processo de “bolchevização” se alastra, convertendo os partidos comunistas em autômatos instrumentos do aparato, incapazes de explorar novas conjunturas revolucionárias.⁶⁷⁶

No bojo dessas mudanças à esquerda, intensificou-se o processo de “bolchevização”, então visto como elemento que asseguraria a disciplina partidária dos partidos comunistas, necessária à aplicação da nova linha política. Segundo Milos Hajek, “as seções restantes da Internacional tiveram de submeter-se gradualmente e aqueles que persistiram na oposição foram afastados ou expulsos”⁶⁷⁷. Espirava-se rapidamente o stalinismo e com ele a tentativa de subordinar o Movimento Comunista Internacional às razões de estado da URSS.

Na América Latina, o impacto dessa viragem chegou primeiramente em setembro de 1929, num contexto de uma ampla campanha de combate aos chamados

⁶⁷³ O Kuomintang foi admitido como partido associado e Chiang Kai-Shek como membro associado. BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014, p. 246.

⁶⁷⁴ BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014, p. 249.

⁶⁷⁵ Naquele contexto, ao lutar contra a Oposição de Esquerda, Stálin aliou-se a Bukharin, com o qual conseguiu derrotá-la. Em seguida, o Secretário Geral do PCUS implementou uma viragem à esquerda para combater o seu aliado de véspera, também derrotando-o. BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014

⁶⁷⁶ BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014, p. 279.

⁶⁷⁷ HAJEK, Milos. “A bolchevização dos partidos comunistas. IN: *História do Marxismo, Vol. VI: o Marxismo na época da Terceira Internacional. A Internacional Comunista de 1919; As frentes populares*. (Coordenação de Eric Hobsbawm). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p. 207.

“desvios de direita” na URSS, quando foi enviada uma carta aberta aos partidos do continente alertando-os que os partidos socialistas tendiam a ser absorvidos pelo estado burguês, “cuja tendência geral era de fascitizar-se”, fato que os comunistas dessa região supostamente seguiam ignorando.⁶⁷⁸

O PCB foi um dos principais alvos da IC, acusado de superestimar a força revolucionária da burguesia nacional e da pequena burguesia, bem como de não possuir uma tática independente e de, assim como os demais, não compreender a suposta natureza agrária da revolução nos países da América Latina.⁶⁷⁹ Aquele era o início de um ataque ideológico que acabaria abalando profundamente as estruturas do PCB, até porque a carta impunha a imediata exclusão de posicionamentos de “direitas”, onde enquadrava-se a tática da revolução democrático-pequeno-burguesa, por seu objetivo central de estabelecer uma aliança com os tenentes, vistos como elementos do “social-fascismo”. No entanto, em documento enviado ao Brasil, a IC reafirmava a situação ruim do PCB, mas afirmava existir algumas melhorias que seriam fruto de sua intervenção, que teria feito desaparecer “la passividade y la desgregacion” existentes em sus fileiras⁶⁸⁰, apontando-se que a proletarização teria feito o partido crescer política e numericamente em várias parte do país.⁶⁸¹

Heitor Ferreira Lima escreveu que

⁶⁷⁸ DEL ROIO, Marcos. *A Classe Operária na Revolução Burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p. 123.

⁶⁷⁹ DEL ROIO, Marcos. *A Classe Operária na Revolução Burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p. 123.

⁶⁸⁰ “Informe sobre organizacion del PC del Brasil”. Datação indisponível. RGASPI, Rússia. Дело 48. Доклады Латиноамериканского лендерсекретариата о Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>, acesso em 31/07/2018.

⁶⁸¹ Segundo o “Informe sobre organizacion del PC del Brasil”: “Em julio de 1930, el numero de afiliados del Partido era de 1800 a 2000. Debido a la carta del Comintern e por intervencion del Secretariado Sudamericano, se hizo una mayor proletarizacion de la direccion del Partido, sustituyendo vários intelectuales por obreiros de fabrica. Desde entonces el trabajo já mejorado, pero todavia no corresponde a las necesidades revolucionarias del país. Comparativamente a 1929, se puede decir que em la segunda metade de 1930, el Partido ha hecho um regular progreso. La region de Rio Janeiro es la de mayores efectivos, englobando aproximadamente a 800 miembros, o sea casi la metade de todo em Partido. La segunda region por su numero es la de Pernambuco onde existe el Secretariado del Nordeste que dirige las regiones del norte del país. Viene despues la region de Rio Grande del sur e a seguir San Paulo. Em esta ultima tenemos um regular numero de afiliados em las pequenas ciudades del interior del estado y em la ciudad de Santos. Em la ciudad de San Paulo, que es el centro mas industrial del país, los afiliados del Partido son solo 30/40 miembros. Esto es tanto peor para el Partido dada la importância industrial y política d esa ciudad.” “Informe sobre organizacion del PC del Brasil”. Datação indisponível. RGASPI, Rússia. Дело 48. Доклады Латиноамериканского лендерсекретариата о Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>, acesso em 31/07/2018, p. 1.

Tal contestação, em forma tão severa, nos deixou, a nós brasileiros, perplexos, atônitos, quase aniquilados, pois eram esforços, trabalhos, sacrifícios de tantos anos que víamos desmoronar irremediavelmente, ante nosso espanto e inconsciência, como se o mundo viesse abaixo. Foi uma espécie de desilusão.⁶⁸²

Apesar de reconhecer haver alguma razão nas críticas deferidas pela IC, Heitor Ferreira Lima achou que elas eram exageradas, desconsideravam o “lado bom do trabalho até então realizado”, tratando-se, ao seu ver, de “uma crítica insólita, um tanto parcial, tornando-nos um pouco confusos, num entrechoque violento de ideias que escaldavam nossas cabeças”⁶⁸³, relato que demonstra a atmosfera dos comunistas brasileiros diante das severas críticas e determinações da Internacional.⁶⁸⁴

Diante das críticas da Carta Aberta e das virulentas análises produzidas no I Congresso dos partidos Comunistas da América Latina, o PCB buscou adequar-se às novas determinações de Moscou, abandonando definitivamente a revolução democrático pequeno burguesa, apesar de a própria Internacional, até então, ter aprovado a tática revolucionária do PCB e, inclusive, feito a leitura da realidade brasileira a partir dessa ótica. Efetivamente, não eram muitas as diferenças teóricas entre a IC e o PCB, como é possível observar nos escritos do então líder do SSA, Jules Humbert Droz, publicado na revista *L'Internationale Comunista*, em agosto daquele ano.

Para Droz, o movimento revolucionário na América Latina era de natureza antilatifundiária, contra as condições trabalho classificadas de “semi-escravagistas” e contra o imperialismo.⁶⁸⁵ Diante desse panorama, o PCB deveria liderar o proletariado e os camponeses, ao tempo em que teria um duplo papel junto à pequena burguesia, até

⁶⁸² LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos, memórias de militância*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

⁶⁸³ LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos, memórias de militância*. São Paulo, Brasiliense, 1982, p. 104.

⁶⁸⁴ Paulo Sérgio Pinheiro entende que Heitor Ferreira Lima, com este relato, ele reconstituiu a “atmosfera” dos comunistas brasileiros no X Plenum do CEIC, realizado entre os dias 3 e 19 de julho de 1929. Atmosfera que rapidamente se estendeu a todo o partido. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

⁶⁸⁵ Para compreender como se deu o duplo poder na Revolução de 1917, ver: TROTSKY, Leon. *História da Revolução Russa*. Tomo I. São Paulo: Sundermann, 2007.

tomar a direção completa do movimento e criar uma dualidade de poder, como ocorrera na Revolução de 1917.⁶⁸⁶

Essas teses foram adaptadas por Otávio Brandão à realidade nacional, também em 1928.⁶⁸⁷ A diferença central era a força motriz da revolução: enquanto a internacional apontava que nos países colônias e semicoloniais o movimento deveria partir do campo, Brandão defendia que, na verdade, a revolução deveria se dar na zona urbana, diretamente influenciado pelos levantes tenentistas e pela Coluna Prestes, iniciados nas maiores centros urbanos do país: Rio de Janeiro e São Paulo.

Apesar dessa diferença, as teses do PCB não haviam sido rechaçadas pela IC até então, como passou a ocorrer em 1929. Essa mudança teve início a partir do VI Congresso da Internacional, realizado em setembro de 1928, quando pela primeira vez foi dedicado um capítulo sobre a revolução nos países latino-americanos, que orientava os comunistas daquela região a tomar parte ativa na luta contra o “regime feudal” e “contra o imperialismo”, com o objetivo de construir sovietes de operários, soldados e camponeses. Naquele congresso, Droz apresentou um documento analisando a situação da América Latina quando, dentre outras coisas, criticou o PCB, com foco no BOC, agremiação acusada de ser o “Kuomitang” brasileiro, bem como de ter uma atuação direitista e de estar tomando o lugar do PCB, de partido dos trabalhadores. Tais críticas foram recebidas sem resistência pela delegação brasileira⁶⁸⁸, ainda que não tenham causado imediatas mudanças na linha do partido, como consta no documento intitulado: “A situação política nacional e a posição do PC”, enviado à IC em fevereiro de 1929.⁶⁸⁹

O tom virulento da IC repetiu-se na I Conferência dos Partidos Comunistas Latino-americanos, realizado em junho de 1929, em Buenos Aires, mostrando-se implacável e incontornável. Droz posicionou-se novamente acerca das perspectivas revolucionárias da América Latina a partir do que criticou também os partidos

⁶⁸⁶ ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, p. 74.

⁶⁸⁷ ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, p. 76.

⁶⁸⁸ ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, p. 84.

⁶⁸⁹ “A situação política nacional e a posição do PC”. 12/02/1929 RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 35. Переписка ИККИ с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24/07/2018,

comunistas da região. Michel Zaidan ressalta que enquanto outras delegações resistiam àqueles ataques, especialmente a do Equador, “a delegação brasileira ratificou docilmente todas as críticas apresentadas por Droz, bem como a sua estratégia revolucionária geral para a América Latina”.⁶⁹⁰ Era o fim da revolução democrático-pequeno-burguesa, ao menos no seio da direção, uma vez que sua aplicação continuou nas bases.

No final das contas, aquela intervenção da IC - que acabou desmontando o centro diretivo do PCB, especialmente com as destituições de Astrojildo Pereira e de Otávio Brandão – resultou na participação diversa e difusa dos comunistas nos eventos relacionados à Revolução de 1930, quando a nova direção colocou-se diametralmente oposta ao movimento, ao tempo em que parte de seus militantes decidiram apoiar o movimento liderado pelos tenentes e por Getúlio Vargas.

A definitiva mudança foi implantada após o III Pleno do PCB, realizado em junho de 1929, quando foram “confessados” os chamados “desvios direitistas”, resultantes de sua suposta “falta de precisão nas perspectivas revolucionárias”. Naquele momento, os comunistas brasileiros experimentavam a força esmagadora da burocracia stalinista, dominante no PCUS e na URSS e exarada pela IC, resultando na chegada do “obreirismo”⁶⁹¹. Não por acaso, a partir de então, os comunistas brasileiros modificaram sua política revolucionária e passaram a rejeitar qualquer aliança com os tenentes e a defender a consigna de revolução agrária, com a imediata criação de soviets, em completa desconexão com o jogo político em torno da sucessão presidencial e, posteriormente, com o movimento de outubro que depôs o presidente Washington Luís. O PCB acabou isolado, perseguido e marginalizado, apesar de parte de seus membros terem apoiado a revolução.

5. O PCB, os comunistas e a revolução de 1930

⁶⁹⁰ ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, p. 93.

⁶⁹¹ Paulo Sérgio Pinheiro afirma que ali, foram definitivamente separados os “pais fundadores” do PCB, tornando-o incapaz de se impor ideologicamente diante da IC. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 241.

A disputa em torno da sucessão presidencial dominou o cenário político brasileiro entre os anos de 1929 e o início de 1930. Durante esse período, muito se especulou tanto sobre candidatos e suas alianças, quanto à tão recorrentemente mencionada e até mesmo esperada “revolução brasileira”, propagada pelo movimento tenentista durante toda a década, mas que recebeu uma difusão ainda maior com a marcha da Coluna Prestes.

Analisando esse cenário, John Foster Dulles escreveu que o jornal *Correio da Manhã* publicava diariamente a contagem de votos enviadas à sua redação pelos seus leitores, onde Luiz Carlos Prestes aparecia “Invariavelmente” na primeira posição, à frente dos “contendores de fato”⁶⁹²: Getúlio Vargas, Júlio Prestes e Antônio Carlos⁶⁹³, evidenciando como, na vindoura disputa, a proposta revolucionária possuía capital político e dava sinais de superar o jogo das “raposas” da política profissional.

Em julho de 1929, finalmente o Partido Republicano Paulista lançou o então presidente do estado de São Paulo, Júlio Prestes à sucessão presidencial. Anúncio feito pelo próprio Washington Luís, que não se furtou em apontar que 17 das 20 unidades da federação estavam apoiando aquela chapa, também composta pelo então presidente do estado da Bahia, Vital Soares.⁶⁹⁴

Em oposição, a Aliança Liberal lançou as candidaturas de Getúlio Vargas e de João Pessoa, então presidentes respectivamente dos estados do Rio Grande do Sul e da Paraíba, pela chapa da Aliança Liberal (AL) à chefia do executivo brasileiro. Duas lideranças das oligarquias dissidentes, que seguiam reunindo as forças de oposição em torno de sua candidatura, especialmente Vargas que não furtou em buscar o apoio dos tenentes à sua candidatura.

De um modo geral, a Aliança Liberal buscava abarcar em seu programa político reivindicações reverberadas pelas oposições – Partido Democrático Paulista, oligarquias dissidentes e tenentes - durante aquela década. Boris Fausto chama atenção para o fato de não haver necessariamente uma proposta industrializante em seu programa, até

⁶⁹² DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 330.

⁶⁹³ Antônio Carlos era Presidente do estado de Minas Gerais e foi um dos principais articuladores da Aliança Liberal.

⁶⁹⁴ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 330.

porque a burguesia industrial estava de certa forma subordinada à burguesia cafeeira, de quem recebia incentivos econômicos e algum apoio a nível estatal, não sendo, portanto, um núcleo interessado em mobilizar-se contra o poder dominante.⁶⁹⁵

O fato de a AL ser constituída por setores oligárquicos dissidentes ajuda a compreender as razões da inexistência de propostas relacionadas ao desenvolvimento industrial em seu programa. Aquela era uma coligação formada por oligarquias de oposição, interessadas em obter fatias maiores de poder, através da pressão política ou mesmo pelo uso das armas.⁶⁹⁶ Ao não propor um programa de natureza oposta àquele da chapa situacionista do Partido Republicano Paulista, PRP, onde, por exemplo, a ideia de um investimento industrial seria posta em contraposição ao domínio do café, os membros da AL deixavam evidentes seus interesses em deixar intacta a estrutura econômica do país, reivindicando o direito de dirigir o país. Esse processo de “conservação-mudança” que, como aponta Luiz Weneck Vianna, é recorrente no processo de revolução passiva no Brasil⁶⁹⁷, facilitado também por conta da ausência de uma posição efetivamente revolucionária, como àquela defendida pelos comunistas, até o final de 1929, quando buscavam aliar-se à revolução dos tenentes, ao tempo em que propugnavam suas ideias nos meios políticos através do BOC.

Por outro lado, Dulles lembra que o programa político da AL teria recebido sugestões de várias pessoas, dentre as quais o professor socialista Joaquim Pimenta, que sugeriu algumas reformas nas “leis de acidentes de trabalho, de férias e de cooperativas”, mas acabou surpreso ao tomar conhecimento da plataforma lida por Getúlio Vargas, num comício realizado no dia 2 de janeiro de 1930. A proposta havia avançado, sugerindo a proteção de homens, mulheres e menores trabalhadores, na

⁶⁹⁵ Sobre a relação entre as burguesias agrária e industrial, Boris Fausto afirma que: “Vinculada à classe hegemônica, associada a ela, embora possa receber uma fatia menor do excedente econômico, a burguesia industrial não tem razões nem condições para propor um projeto de estruturação do país diverso do existente. Nos limites de seus interesses particulares, os industriais das áreas dominantes constituem, na década de 1920, um setor a um tempo significativo e subordinado. FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 64.

⁶⁹⁶ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p.128.

⁶⁹⁷ VIANNA, Luiz Werneck. *A Revolução Passiva*. Iberismo e americanismo no Brasil. 2ª edição, Rio de Janeiro, editora Revan, 1997, 44

mesma proporção em que se protegia os industriais.⁶⁹⁸ Boris Fausto segue uma linha de raciocínio semelhante, afirmando que o programa da Aliança Liberal continha, de fato, algumas novidades relativas à classe trabalhadora, mescladas com demandas vinculadas mais à segurança nacional do que ao desenvolvimento industrial, evidenciando a existência equilibrada de objetivos agrários e industriais.⁶⁹⁹ Pode-se de concluir que essa proposta era parte necessária à mudança conservadora, afinal era preciso apresentar alguma solução à “questão social” ou corria-se o risco de a AL diferenciar-se muito pouco do PRP situacionista.

A questão é que o programa da Aliança Liberal seguiu obtendo um crescente apoio político, inclusive de parte dos comunistas. À época, os antigos aliados de Luiz Carlos Prestes lutavam para seguir fazendo parecer que o “Cavaleiro da Esperança” apoiava a AL, haja vista que era muito recente a sua simpatia e adesão ao comunismo. Diante disso e de seu silêncio, seu nome foi largamente empregado em prol da campanha da chapa encabeçada por Getúlio Vargas.

O silêncio de Prestes acabava sugerindo apoio à Aliança Liberal, assim como estavam fazendo os demais membros da coluna. O fato é que esse apoio tácito foi construído por Vargas e por aliados de Prestes que de tudo fizeram para vê-lo ao lado da chapa oposicionista. Durante este processo, ocorreram dois encontros entre Vargas e Prestes. O primeiro deu-se em setembro de 1929, quando várias promessas foram feitas. O segundo em janeiro de 1930, quando Vargas tentou sem sucesso obter o apoio político de Prestes, que disse não estar interessado na eleição, mas na revolução agrária e anti-imperialista, seguindo, já naquele momento, o receituário defendido pela IC aos comunistas, apesar de Prestes não estar filiado ao PCB.⁷⁰⁰

Chama atenção o fato de o Cavaleiro da Esperança estar, naquele momento, sendo apoiado exatamente por Guraliski, também conhecido por “Rústico”, revolucionário destacado pela URSS para substituir Jules Humbert Droz no SSA, com a tarefa de implementar a linha de “classe contra classe”, onde não havia espaço para

⁶⁹⁸ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 336.

⁶⁹⁹ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997, p. 62.

⁷⁰⁰ MORAES, Dênis de; VIANA, Francisco. *Prestes: Lutas e autocríticas*. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1982, p. 48.

alianças com quadros pequeno burgueses. Militante, aliás, apontado posteriormente pelo próprio Prestes como o grande responsável por sua conversão à condição de revolucionário comunista,⁷⁰¹ ao tempo em que fora o grande carrasco de Astrojildo Pereira e o maior responsável pela implantação da linha esquerdista no PCB. Ao que parece, naquele momento, a notoriedade de Prestes estavam chamando a atenção do SSA e da IC, interessados na sua efetiva conversão ao comunismo, completada com o futuro convite para conhecer a URSS. Apesar da origem “pequeno burguesa” e de sua aparente indecisão diante da Aliança Liberal, o tenente já recebia apoio da própria IC, ao tempo em que os “pais fundadores” do PCB amargavam um cruento expurgo da direção partidária.

O fascínio exarado por Prestes também acabou influenciado os comunistas brasileiros. Estes, até a intervenção da Internacional no final de 1929, viram fortalecida a sua linha de “Revolução democrático pequeno burguesa”, que via como necessário o estabelecimento de uma aliança com a Coluna.

Astrojildo Pereira, então em Moscou, por conta da intervenção da IC no PC brasileiro, passou a preocupar-se com a influência de Prestes nas fileiras comunistas. Em carta de 15 de outubro de 1929, o então secretário geral informa ter lido a “crítica aos prestistas” no jornal *A Classe Operária*, mas considerava ser necessário sair da autocrítica e atacar duramente

a concepção prestista do caudilhismo, do golpe de força militar, do pronunciamento, da ditadura pessoal, etc. Devemos combater energicamente o messianismo que faz de Prestes o ‘salvador’, o ‘Cavaleiro da Esperança’ e outras besteiras deste gênero. Isso está bem para os histéricos do jornalismo pequeno-burguês, almas de lacaio, que necessitam de um amo forte. E isso é simplesmente preparar o caminho ao fascismo.⁷⁰²

⁷⁰¹ Daniel Aarão Reis escreve que Prestes, “Em relação a Guralski, diria, muitos anos depois: ‘Foi ele quem me ajudou a tomar pelo caminho acertado (...) a renunciar (...) às honrarias com que pretendiam seduzir-me os partidários do imperialismo e do latifúndio (...) e converter-me num soldado do (...) movimento operário e comunista”. REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos*. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 139.

⁷⁰² “Camaradas”. 15/10/1929. Дело 36. Переписка Латиноамериканского ЛС с ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 24 de julho de 2018, p. 1.

Além de buscar combater a influência de Prestes, que era crescente por entre os comunistas⁷⁰³, Astrojildo aproveitava para ressaltar que colocar-se ao lado do líder tenentista era o mesmo que passar ao fascismo, seguindo à risca o receituário da tese do social-fascismo.

Astrojildo Pereira retorna de Moscou para aplicar as novas diretrizes de diminuir a influência dos intelectuais do partido, momento em que Leôncio Basbaum e Paulo de Lacerda são afastados do comitê central e Fernando de Lacerda passa à suplência do comitê central. Para seus lugares foram convocados dois operários. Espirava-se com celeridade o processo de “obreirismo” no PCB⁷⁰⁴. No entanto, apesar do avanço do “obreirismo”, Leôncio Basbaum afirma ter permanecido extraoficialmente na direção do CC. Apesar de não ter direito a voto, ele era o responsável pelo trabalho “antimil”, que era o setor militar do PCB⁷⁰⁵, bem como pelo Comitê Militar Revolucionário, ambos que não foram desmontados após a intervenção da Internacional.⁷⁰⁶ Basbaum deixa claro que, até o mês de março de 1930, os comunistas seguiam conspirando com membros da Aliança Liberal, como o presidente do estado de Minas Gerais, Antônio Carlos, de quem Astrojildo Pereira recebera revólveres, “para armar o proletariado”, com a promessa de em breve serem entregues mais armas. Nesse mesmo momento, Basbaum foi a São Paulo a serviço do CMR, para contatar “os militares conspiradores de lá”, tendo contato Josias Carneiro Leão e um oficial do Exército, que, juntos, fabricavam bombas caseiras. Basbaum afirma ter ajudado no transporte e armazenamento das bombas, que foram depositadas na casa de um estudante e membro do PCB, chamado Antônio Mendes de Almeida.⁷⁰⁷ Os escritos de Basbaum nos levam a pensar que a desmobilização ordenada pela IC não foi imediata, uma vez que os comunistas prosseguiram relacionando-se com membros da Aliança Liberal. Ao que

⁷⁰³ Leôncio Basbaum escreve que a declaração de Prestes, aderindo publicamente ao comunismo, criou uma nova fração: os “Prestistas”, que passavam a dividir espaço com os “Aliancistas”, que apoiava a Aliança Liberal e os “Putschistas”, que pretendiam levar o PCB a um golpe armado. BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p. 52.

⁷⁰⁴ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 238.

⁷⁰⁵ CUNHA, Paulo Ribeiro da. *O ANTIMIL: o setor militar –origens de uma organização. Lutas Sociais*, São Paulo, n.29, p.59-71, jul./dez. 2012.

⁷⁰⁶ BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p.77.

⁷⁰⁷ BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p.77.

parece, o movimento mais brusco realizado foi a adesão ao “obreirismo” e o afastamento dos intelectuais da direção partidária. No início de 1930, o partido passava por uma transição entre as orientações da antiga e da nova linha política.

No pleno ampliado do SSA, realizado em maio de 1930, foi dado o golpe de misericórdia na política do PCB. Com efeito, todas as críticas feitas pela IC foram reafirmadas, sendo Guralski o responsável por defenestrar Otávio Brandão e Astrojildo Pereira em definitivo. Com isso, o PCB acabou optando por ficar oficialmente à margem do processo revolucionário em curso no Brasil.

A opção do PCB de ficar à parte do movimento acabou permitindo um rearranjo político entre as forças oligárquicas e revolucionárias, bem ao sabor da revolução passiva, ao tempo em que não ofereceu à classe operária um projeto diante da reconfiguração do poder no país. Não por acaso, pouco depois da revolução, os chefes locais já encontravam-se em condições de influenciar o jogo político estadual, muitas vezes em aliança com as forças revolucionárias, seus adversários de véspera⁷⁰⁸, ao tempo em que os trabalhadores e suas organizações continuaram marginalizados, acabando à mercê da cooptação estatal⁷⁰⁹, especialmente durante o *Estado Novo*.

Diante do desmonte de seu aparato político, nas eleições de março de 1930, o PCB acabou tendo uma participação muito aquém da que teve em outros pleitos, quando conseguiu ampla mobilização de massas, alianças e vitórias eleitorais, apesar da máquina política viciada. Também contribuiu àquela derrocada a plataforma da Aliança Liberal, que atraiu parte significativa dos apoiadores esperados pelos comunistas, consubstanciada pelo silêncio de Luiz Carlos Prestes em relação à chapa liderada por Getúlio Vargas.⁷¹⁰ No entanto, venceu o candidato da situação, Júlio Prestes, e os aliancistas, insatisfeitos com a derrota, puseram-se a conspirar, ao tempo em que PCB seguiu se afastando do jogo político, expurgando os responsáveis pela linha aplicada até

⁷⁰⁸ Exemplo disso a aliança do “tenente revolucionário” Juracy Magalhães que, após ser nomeado para Interventoria da Bahia, teve que buscar o apoio dos coronéis locais, como o fez junto ao coronel Franklin Lins de Albuquerque, liderança local que havia combatido a coluna Prestes, em sua passagem pela Bahia, perseguindo-a até o exílio na Bolívia, mas que, segundo Eliana Batista, “Em dezembro de 1931, Franklin Lins de Albuquerque já fazia visitas a Barra, Bom Jesus da Lapa e outros municípios em nome do interventor”. BATISTA, Eliana Evangelista. *A Bahia para os baianos: acomodação e reação política ao governo de Getúlio Vargas (1930-1937)*. Tese de doutorado, PPGH-UFBA, Salvador, 2018, p. 56.

⁷⁰⁹ Ver: DEL ROIO, Marcos. *A Classe Operária na Revolução Burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p. 190.

⁷¹⁰ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 337.

então, sem, no entanto, impedir que parte de seus militantes se envolvessem diretamente na revolução de 1930.

6. Os comunistas nas conspirações e na revolução de 1930

Diante da derrota eleitoral, as oposições reunidas na Aliança Liberal intensificaram suas discussões sobre a possibilidade de tomar o poder através das armas.⁷¹¹ Nesse mesmo momento, os líderes da Coluna desentendem-se definitivamente. Prestes acusava Juarez Távora, Siqueira Campos e João Alberto de traidores por terem aceitado lutar ao lado de antigos inimigos, como os ex-presidentes Arthur Bernardes e Epiácio Pessoa.⁷¹² Naquela reunião, o líder da Coluna anunciou a sua adesão ao comunismo e o interesse de torná-la pública, o que os demais tenentes conseguem adiar por um mês, quando veio à lume o Manifesto de Maio, repleto de concepções da Internacional Comunista e críticas às forças reunidas na Aliança Liberal.⁷¹³

No retorno dessa reunião, Siqueira Campos, um dos mais importantes líderes tenentistas, acaba morrendo num desastre aéreo, no qual salvou-se somente João Alberto.⁷¹⁴ Esse sinistro, somado às novas posições de Prestes, foram um duro golpe no

⁷¹¹ Boris Fausto escreve que: “No entanto, ao se constituir, em agosto de 1929, a Aliança Liberal, havia alguns indícios no país de que o tradicional ensarilhar de armas da oposição, após uma derrota nas urnas, poderia não se repetir. A Aliança era uma coligação de oligarquias dissidentes cujos nomes ilustres não visavam outra coisa senão pressionar a burguesia de São Paulo e obter concessões. No seu interior se encontravam, porém, alguns quadros jovens (Virgílio de Melo Franco, José Américo, Osvaldo Aranha, Batista Luzardo etc.) que, sem diferenças ideológicas essenciais com os velhos oligarcas, deles se distanciavam por uma disposição de alcançar o poder pelo caminho das armas, se necessário. Além da existência desses quadros, a possibilidade de contar com a articulação dos “tenentes” e o apoio das classes médias eram os elementos capazes de alterar os dados de uma tranquila sucessão. Nesse ponto, é necessário restituir toda importância”. FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, Companhia das Letras, 1997, p. 128. Daniel Aarão Reis segue a mesma lógica e afirma que diante daquelas eleições de cartas marcadas, a Aliança Liberal adotou uma atitude de espera. No entanto, Osvaldo Aranha e remanescentes da Coluna queriam partir para o confronto. REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos*. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 133;

⁷¹² REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos*. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 134.

⁷¹³ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 228.

⁷¹⁴ Em suas memórias, João Alberto revela detalhes do desastre e de suas agruras para sobreviver. Ver: BARROS, João Alberto Lins. *Memórias de um Revolucionário*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1953.

movimento revolucionário. Segundo relato de Juarez Távora, o afastamento de Prestes, inclusive, retirou dos antigos “revolucionários” o comando militar da revolução, que acabou assumido por Góis Monteiro, inimigo de antes da Coluna Prestes.⁷¹⁵

A situação mudou por conta do assassinato do presidente da Paraíba, João Pessoa, companheiro de chapa de Getúlio Vargas nas eleições de março de 1930, reacendendo a chama da revolução nos aliancistas e, especialmente, nas camadas populares da Paraíba e de Pernambuco.⁷¹⁶ Naquele momento, o PCB seguia aplicando a doutrina da “proletarização”, expulsando seus intelectuais e criticando duramente a Prestes, Aliança Liberal e Washington Luís. Entretanto, grassava nas bases comunistas a simpatia pelo “Cavaleiro da Esperança”, que segundo John Foster Dulles, só era superada pela popularidade de Getúlio Vargas e da Aliança Liberal.⁷¹⁷ Este agrupamento de comunistas, simpáticos à AL foi, inclusive, identificado por Leôncio Basbaum como a fração “Aliancista”.⁷¹⁸

Não foram poucos os militantes do PCB que haviam apoiado a campanha eleitoral da Aliança Liberal e, com o reanimação do movimento, parte das bases pecebistas e comitês regionais também engajaram-se no movimento de outubro de 1930.⁷¹⁹ Exemplo disso foi Cristiano Cordeiro e o Comitê Regional de Pernambuco, assim como os militantes Pedro Mota Lima, Danton Jobin, Josias Carneiro Leão, Plínio

⁷¹⁵ Talvez essa assunção do comando da revolução por um ex-inimigo seja uma das mais emblemáticas entre os diversos adesismos ocorridos nesse processo, realçando ainda mais como o processo de conservar-mudando aconteceu no Brasil. TÁVORA, Juarez. *Uma vida e muitas lutas - memórias: a caminhada no altiplano*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976. v. 2.

⁷¹⁶ João Pessoa foi o candidato à vice-presidência na chapa da Aliança Liberal, acabou dando novo ânimo às articulações revolucionárias da Aliança Liberal, de modo que as conspirações para a eclosão do levante alastraram-se, tomando formas cada vez mais sérias, o que os comunistas, então ainda em diálogo aberto com setores aliancistas, eram informados. Circulação de informações que, além de informar o conjunto dos militantes, contribuía para o surgimento de apoiadores dentro do partido. DEL ROIO, Marcos. *A Classe Operária na Revolução Burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p. 184; DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 356; BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República*. De 1889 a 1930. Volume 2. 4ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p. 272.

⁷¹⁷ Segundo John Foster Dulles: “Efetivamente, a popularidade gerada por Getúlio Vargas e pela Aliança Liberal contribuiu mais que a atração exercida por Luiz Carlos Prestes, e pela Liga de Ação Revolucionária, para motivar uma desarticulação nas hostes comunistas do país”, aqui, também referindo-se aos trotskistas, que viam na Aliança Liberal “um passo à frente”. DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p.353.

⁷¹⁸ BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República*. De 1889 a 1930. Volume 2. 4ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p. 272.

⁷¹⁹ Marly Vianna escreve que a plataforma da Aliança Liberal, de fato, empolgou também os comunistas do PCB. VIANNA, Marly Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: Sonho e realidade*. 3ª edição, São Paulo: Expressão Popular, 2011, p.69.

Melo que atuaram em defesa dos ideais da AL,⁷²⁰ sendo que esses dois últimos, após a revolução, ainda acabaram conseguindo acordos em prol da legalização do PCB em São Paulo, em diálogo com o então interventor João Alberto. Posteriormente, Cristiano Cordeiro chegou a afirmar que “o número de comunistas a passaram para o lado da revolução de 1930 foi de tal magnitude que causou cisão e desorganização nas fileiras do Partido”.⁷²¹

Antes disso, após o Pleno Ampliado do CEIC, realizado em fevereiro de 1930, as ordens expressas foram de imediato desligamento dos movimentos pequeno burgueses e de remanescentes da Coluna Prestes. Com o expurgo dos principais líderes, Astrojildo Pereira e Otávio Brandão, o comitê central acabou transformado num simples componente da IC, quando passou a ser constante a presença de “instrutores delegados” enviados de Moscou para “orientar” o partido brasileiro.⁷²²

Naquele momento completava-se não somente uma mudança na linha política, mas uma profunda “reviravolta organizacional”,⁷²³ exatamente quando a revolução aparecia no horizonte, como é possível ver na edição do jornal *A Classe Operária*, publicado no dia 30 de setembro de 1930, quando faltavam poucos dias para o rebentar da revolução da Aliança Liberal, iniciada no dia 3 de outubro. Na manchete de capa, intitulada “TRABALHADORES, A POSTOS! Contra o Golpe de Estado Fascista! Contra a infame Repressão Policial! Pela luta Revolucionária de Massas!”, os comunistas faziam suas análises sobre o movimento e exortavam os trabalhadores à ação orientada pelo partido.⁷²⁴

Nos primeiros parágrafos alertava-se quanto à existência de “notícias insistentes” de que o Rio Grande do Sul “iniciou já, praticamente, a insurreição armada, concentrando forças rebeldes na fronteira de Santa Catarina”, o que o governo federal

⁷²⁰ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p.353

⁷²¹ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p.358.

⁷²² PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 238-39.

⁷²³ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 241.

⁷²⁴ “TRABALHADORES, A POSTOS! Contra o Golpe de Estado Fascista! Contra a infame Repressão Policial! Pela luta Revolucionária de Massas!”, p.1. Jornal *A Classe Operária*. 29/09/1930. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 50. Программа, протоколы, резолюции политбюро и ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 31/07/2018. Grafia em caixa alta, como no original.

tentava esconder.⁷²⁵ A situação na Paraíba era de crescente agitação, em São Paulo a polícia militar estava fazendo exercícios militares, preparando-se “para os combates próximos” e no Distrito Federal, “as manobras militares do Exército e da Marinha” assumiam, segundo os articulistas, “feição claramente política”. Diante de tais evidências, concluía-se que um golpe de estado vinha “a galope”, de modo que estava “virtualmente declarada” a “guerra civil”. As forças inimigas já haviam assumido posição de combate, de modo que “O choque armado, generalizado por todo país, é coisa que já ninguém pode evitar”.⁷²⁶ Este, no entanto, não interessava nem aos trabalhadores do campo e da cidade, nem aos soldados, marinheiros e policiais. O PCB alertava que “O golpe de estado liberal e a reação conservadora significam em primeiro lugar a luta dos diversos grupos de proprietários de terras e burgueses para decidir qual o padrão que há de dominar o Brasil: se o imperialismo americano, se o imperialismo inglês”.⁷²⁷ Diante disso, os trabalhadores do campo deveriam lutar contra os fazendeiros e formar “comitês de luta”, os trabalhadores da cidade também deveria organizar seus comitês de luta. Quanto aos soldados e marinheiros e policiais, o PCB orientava que deviam recusar morrer “pelos golpes de estado e pela contrarrevolução”, referindo-se ao movimento da Aliança Liberal, que consideravam prestes a ser deflagrado.

Apesar da campanha contra a revolução da Aliança Liberal, o líder do Comitê Regional de Pernambuco e membro fundador do PCB, Cristiano Cordeiro, engajou-se no movimento de outubro de 1930. Segundo Paulo Cavalcanti, Cristiano Cordeiro “conspirou”⁷²⁸ com Carlos de Lima Cavalcanti, ex-deputado e líder civil da revolução de 1930 em Pernambuco que, após a vitória do movimento, fora nomeado Interventor

⁷²⁵ “TRABALHADORES, A POSTOS! Contra o Golpe de Estado Fascista! Contra a infame Repressão Policial! Pela luta Revolucionária de Massas!”, p.1. Jornal *A Classe Operária*. 29/09/1930. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 50. Программа, протоколы, резолюции политбюро и ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 31/07/2018. Grafia em caixa alta, como no original.

⁷²⁶ “TRABALHADORES, A POSTOS! Contra o Golpe de Estado Fascista! Contra a infame Repressão Policial! Pela luta Revolucionária de Massas!”, p.1. Jornal *A Classe Operária*. 29/09/1930. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 50. Программа, протоколы, резолюции политбюро и ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 31/07/2018. Grafia em caixa alta, como no original.

⁷²⁷ “TRABALHADORES, A POSTOS! Contra o Golpe de Estado Fascista! Contra a infame Repressão Policial! Pela luta Revolucionária de Massas!”, p.1. Jornal *A Classe Operária*. 29/09/1930. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 50. Программа, протоколы, резолюции политбюро и ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 31/07/2018. Grafia em caixa alta, como no original

⁷²⁸ CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto, como o caso foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes: memórias*. São Paulo: Alfa-ômega, 1978, p. 87.

Federal naquele estado.⁷²⁹ Paulo Cavalcanti afirma ainda que o líder comunista contou-lhe que a direção do PCB teria deixado a decisão de apoiar ou não a revolução da AL ao CR de Pernambuco. Assim, “Diante dessa omissão, Cristiano optou por engajar-se na revolta”.⁷³⁰

A sugestão de que o CC foi permissivo, num contexto em que estava sob ordens expressas da IC precisa ser relativizada, até porque nenhuma outra fonte sugere tal postura. O fato é que, no Estado, o movimento obteve efetiva participação das massas, dando um verniz de movimento popular à revolução de 1930 na região, diferentemente do que ocorrera em outros estados, conforme afirma Souza Barros: “Em Pernambuco, a Revolução de 1930 foi um movimento de povo, estudantes e operários. Apesar das desinteligências havidas entre a organização e os líderes de esquerda, aderiram aqueles à revolução, aberta e francamente”⁷³¹.

Para Michel Zaidan, a participação do PCB no movimento, após consultar a direção, era coerente com a sua herança “nacional-popular”, de modo que “os comunistas não fizeram mais que se integrarem numa vasta mobilização popular que enxergava no ‘tenentismo’ uma esperança de renovação democrática da sociedade brasileira”. Se houve algum equívoco, foi o fato de não terem tomado tal postura nacionalmente, “de tal forma que pudessem toma-lo em suas mãos e transformá-lo numa verdadeira revolução”.⁷³² Em outras palavras, era o que estava previsto caso fosse mantida a linha da revolução democrático pequeno-burguesa.

Com a queda de Astrojildo Pereira, Heitor Ferreira Lima, então chegado da Escola Leninista, acabou sendo escolhido para o cargo de Secretário Geral, encontrando o partido “desarvorado”⁷³³ e providenciando a expulsão dos “aliancistas” do PCB. Foram sumariamente expulsos Pedro Mota Lima, Josias Carneiro Leão, Aristides Lobo,

⁷²⁹ “Carlos de Lima Cavalcanti”. CPDOC/FGV. *Era Vargas (1930-1945)*. Dossiês. Retirado de https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/carlos_de_lima_cavalcanti. Acesso em 14 de novembro de 2021.

⁷³⁰ CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto, como o caso foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes: memórias*. São Paulo: Alfa-ômega, 1978, p. 87.

⁷³¹ BARROS, Manuel Souza. *A década de 20 em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Editora Paralelo, 1972, p. 130.

⁷³² ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985, p. 42-3.

⁷³³ LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos, memórias de militância*. São Paulo, Brasiliense, 1982, p. 139.

Reis Perdigão, Paulo Mota Lima⁷³⁴ e Luís de Barros, não constando, no entanto, o nome de Cristiano Cordeiro. Ao mesmo tempo, ele tentou recuperar os demais militantes de base atuantes na Revolução de 1930.⁷³⁵ As medidas da direção do PCB, expulsando estes membros, foram publicadas em edição do jornal “A Classe Operária”, de 25 de novembro de 1930, na matéria intitulada, “Partido Comunista, Partido de Classe, Partido do Proletariado”, assinada pelo Bureau Político:

Alguns elementos pequeno burgueses, dos ais alguns já há muito expulsos do partido e outros ainda membros do partido, mas que nunca tivera nada de comum com a luta do proletariado (Plínio de Mello, Josias Leão, Luiz de Barros, etc.) tomaram parte ativa no golpe de estado reacionário da Aliança Liberal.⁷³⁶

Os militantes citados foram aqueles que haviam, de fato, lutado na revolução de 1930, a partir do que conseguiram a autorização para o funcionamento do PCB em São Paulo junto a João Alberto, então delegado militar da revolução no Estado.⁷³⁷ Sobre isso, vale pena lembrar que Josias Carneiro Leão e João Alberto haviam estabelecido contato quando a Coluna Prestes aproximou-se de Pernambuco, momento em que preparava-se o levante da malograda “Coluna Cleto Campelo”. Soma-se a isso o fato de Luiz de Barros ser irmão do ex-líder tenentista.

O Bureau Político rotula seus membros de “renegados do comunismo”, por terem participado “ativamente nos estados maiores dos generais reacionários, prestando-se às manobras miseráveis dos generais aliancistas, como por exemplo a criação do partido comunista ‘legal’ em São Paulo”, através do qual esperavam “tapear a repressão

⁷³⁴ DEL ROIO, Marcos. *A Classe Operária na Revolução Burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p. 184.

⁷³⁵ Heitor Ferreira Lima escreveu que “uma das primeiras medidas por nós tomadas foi a publicação em *A Classe Operária* de uma lista de elementos expulsos do PCB, como Pedro Mota Lima, candidato a deputado pela Aliança Liberal; Josias Leão, muito ligado a João Alberto, em São Paulo, e o irmão deste, Luís de Barros, que entraram logo para a carreira diplomática; Reis Perdigão, interventor do Maranhão, e outros mais, além de alguns trotskistas notórios, o que me valeu violenta crítica dos atingidos. Procedemos assim afim de marcar o novo rumo que desejavamos”. LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos, memórias de militância*. São Paulo, Brasiliense, 1982, p. 140.

⁷³⁶ “Partido Comunista, Partido de Classe, Partido do Proletariado”. Jornal *A Classe Operária*. 25/03/1930. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 50. Программа, протоколы, резолюции политбюро и ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 31/07/2018.

⁷³⁷ “Alberto, João”. Verbete. Biográfico. CPDOC-FGV. Retirado de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-alberto-lins-de-barros-1>. Acesso em 21/08/2021.

violenta de que são vítimas os trabalhadores”.⁷³⁸ Diante disso, decreta: “O Partido Comunista expulsa de suas fileiras todos esses elementos como traidores do proletariado”.

No entanto, eles não foram os únicos comunistas envolvidos na revolução, havia também militantes de base, que o BP relativizou e buscou reabilitar às suas fileiras. Estes eram, segundo o jornal, “elementos pessoalmente sinceros que participaram do golpe de estado da Aliança liberal pensando ingenuamente servir a causa revolucionária”. Apesar de não terem seus nomes citados, ao que parece, estavam em número considerável, haja vista que foram alvos de um apelo à sua reabilitação e reintegração aos quadros partidários, bastava “romper abertamente com a Aliança Liberal, declará-la fascista e imperialista e mesmo fora das fileiras do partido provarem sua fidelidade à causa da revolução operária e camponesa”.⁷³⁹ Esses apelos às bases dimensionam o quão frágil estava o PCB naquele momento, atravessado pelo “obreirismo”. Se a participação na revolução era um crime capital, como o fora para Josias Leão, Luiz de Barros e Plínio de Mello, somente o desespero e a “escassez de quadros”, como confessou Heitor Ferreira Lima⁷⁴⁰, poderiam explicar aquela proposta de perdão ao suposto crime de traição ao proletariado.

Josias Carneiro Leão esteve entre os “aliancistas”, participando das conspirações da AL. O militante acabou preso pela polícia paulista em julho de 1930, quando trabalhava na confecção caseira de bombas, arte que segundo John Foster Dulles, havia sido ensinada por Siqueira Campos.⁷⁴¹ Solto após a mobilização causada pela morte de João Pessoa, Josias planejava procurar Prestes, mas ao ficar sabendo dos “planos definitivos e irrevogáveis de se iniciar a revolução da Aliança Liberal dentro de poucos dias”, através de elementos ligados a Miguel Costa, ele preparou-se para atuar no levante no Rio Grande do Sul sob as ordens daquele ex-líder da Coluna.

⁷³⁸ “Partido Comunista, Partido de Classe, Partido do Proletariado”. *Jornal A Classe Operária*. 25/03/1930. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 50. Программа, протоколы, резолюции политбюро и ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 31/07/2018.

⁷³⁹ “Partido Comunista, Partido de Classe, Partido do Proletariado”. *Jornal A Classe Operária*. 25/03/1930. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 50. Программа, протоколы, резолюции политбюро и ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 31/07/2018.

⁷⁴⁰ Segundo Heitor Ferreira, o partido estava “quase paralisado, como se estivesse acuado, numa das piores senões a pior fase de sua existência. LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos, memórias de militância*. São Paulo, Brasiliense, 1982, p. 139.

⁷⁴¹ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 356.

Plínio de Melo, também expulso do PCB, foi a São Paulo com o objetivo organizar o movimento operário em nome da Aliança Liberal. Por conhecer João Alberto e sua tolerância ao comunismo ele aproveitou a oportunidade para pedir a autorização para o funcionamento do PCB, em parceria com Josias e Luiz de Barros⁷⁴², recebendo, no entanto, a advertência de que os três seriam responsabilizados por qualquer sinal de subversão.

A despeito da aprovação, o PCB paulista não logrou êxito em sua legalidade e a nível nacional os comunistas eram denunciados como inimigos da revolução, o que era factível, dada a virulência com a qual atacavam o movimento revolucionário. No entanto, à medida em que as forças revolucionárias tomaram o poder e intensificou-se um processo de acomodação entre vitoriosos e derrotados, foi a classe trabalhadora e suas organizações passaram a figura na alça de mira das forças “revolucionárias”.

Leôncio Basbaum escreveu sobre a desagregação nas bases do PCB que, segundo o autor, “se achava minado por várias correntes nitidamente pequeno-burguesas”, sendo então interpenetrado pela influência do “aliancismo” e do “prestismo”, assim definidos:

“aliancismo”, corrente pragmática que não “acreditava na capacidade e na linha independente do Partido e se inclinava para a Aliança Liberal; ao *putchismo* que desejava simplesmente levar o PCB a um golpe armado, com ou sem o apoio dos revolucionários dos dois 5 de Julho – juntava-se agora o *prestismo* pelo qual o partido era substituído por Prestes.⁷⁴³

Os escritos de Leôncio Basbaum sobre o estabelecimento dessas correntes, dentro de um partido centralizado como o PCB, evidencia, na verdade, efeitos do brusco abandono da revolução democrático pequeno burguesa, trabalhada internamente desde 1925, que considerava indispensável o estabelecimento de uma aliança com os tenentes. Entretanto, naquele momento, os “revoltosos” estavam divididos entre a liderança da Aliança Liberal e Luiz Carlos Prestes, polos que atraíam também os comunistas.

Basbaum afirma que parte os comunistas efetivamente votaram na Aliança Liberal, ratificando a existência de um “aliancismo” no PCB. Segundo o ex-dirigente,

⁷⁴² DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 365.

⁷⁴³ BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República. De 1889 a 1930*. Volume 2. 4ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p. 272-73. Grifos em itálico no original.

os comunistas o fizeram “acreditando que votavam em Prestes ou, simplesmente, que mais valia o pouco que a AL nos prometia com possibilidades de vitória, do que o muito que nós prometíamos sem esperança alguma”.⁷⁴⁴ Pragmatismo político que, tudo indica, repetiu-se quando os aliancistas puseram-se em marcha revolucionária.

John Foster Dulles tem interpretação semelhante, afirmando que, naquele momento, comunistas e trotskistas acreditavam que as propostas da Aliança Liberal davam “um passo à frente no movimento social”, cabendo-lhes apoiá-la.⁷⁴⁵ Posição duramente criticada pelo PCB, que chamará os trotskistas de “renegados” e “traidores do proletariado” por terem ajudado os “aliancistas” a enganar o proletariado e os camponeses”. Postura que teria sido fundamentada em Lênin, a partir da obra “Esquerdismo, doença infantil do comunismo”, que os pecebistas tratam supostamente de refutar no jornal *A Classe Operária*, argumentando que a situação brasileira, segundo eles, “não é a da Rússia de 1917”⁷⁴⁶, como os trotskistas pensavam.

Com a proposta de radicalizar o movimento revolucionário, o PCB propunha a imediata criação de conselhos operários, como ocorrera na Revolução Russa⁷⁴⁷, o que levou militantes do Rio Grande do Sul, engajados na nova linha, construíram um soviete na cidade de Itaqui, que foi destruído pelas forças revolucionárias.

John Foster Dulles escreveu que, em 48 horas, o Rio Grande do Sul foi tomado pelos revolucionários da Aliança Liberal, quando os comunistas de Itaqui, localizada na fronteira com a Argentina, “agindo de acordo com as novas diretrizes do PCB, empreenderam o imediato estabelecimento de um soviete; o soviete de Itaqui foi esmagado pelas forças de Vargas”.⁷⁴⁸

Prestes também recorda-se de Itaqui, onde, segundo ele, houve “o primeiro soviete brasileiro com palavras de ordem muito esquerdistas, pregando um governo tipo soviético, de soldados, operários e camponeses”, que, em muito diferenciava-se das

⁷⁴⁴ BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p.78.

⁷⁴⁵ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 353.

⁷⁴⁶ “HINO À ITAQUI REVOLUCIONÁRIA!”. *Jornal A Classe Operária*, p.2. 20/04/1931. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 57. Воззвания и заявления ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 10/08/2018. Grafia em caixa alta, como no original.

⁷⁴⁷ TROTSKY, Leon. *História da Revolução Russa*. São Paulo, Sundermann, 2007.

⁷⁴⁸ DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977, p. 357.

ideias propostas por ele propostas no “Manifesto de Maio”⁷⁴⁹, em alusão às orientações da nova linha do PCB, de “classe contra classe”.

Daniel Aarão Reis escreve que o PCB, de fato, vivia em grande dificuldade, conclamando, sem sucesso, as massas contra uma revolução que estava sendo aplaudida pelas multidões, com a exceção de Itaquí, onde “fora possível organizar algo que se assemelhasse a um ‘conselho’ revolucionário de trabalhadores, logo desbaratado”. Ele aponta para o fato de o partido ter tentado essa experiência ter sido usada como um exemplo a ser seguido.⁷⁵⁰

De fato, pelo menos até o ano seguinte, o PCB tomou o movimento de Itaquí como um exemplo a ser seguido, como é possível ver no *A Classe Operária*, de 20 de abril de 1931, onde foi publicada partitura e a letra do “Hino da Itaquí Revolucionária”, segundo o jornal, em homenagem “À memória dos operários e camponeses fuzilados em Outubro de 1930, na heroica Itaquí, pelos bandidos da Aliança Liberal”.⁷⁵¹ Afinal, apesar da derrota de outubro de 1930, o PCB prosseguiu convocando as massas para a sua revolução, agrária e anti-imperialista, de modo que evocar a memória dos “Pioneiros da luta classe”, como consta na letra atribuída a um homem chamado Petrov, era um modo de mostrar à classe trabalhadora que era possível organizar sovietes e derrubar o dito governo revolucionário de Getúlio Vargas.⁷⁵²

Por outro lado, se a direção havia se rendido à proposta da IC - de uma revolução agrária e anti-imperialista, a ser realizada com as massas agrárias - as bases optaram por aderir ao movimento revolucionário da forma que foi possível. O PCB vinha sendo trespessado pelo “prestismo” e pelo “aliancismo” desde 1929. Com o avançar da campanha da Aliança Liberal, supostamente apoiada também por Prestes, não é de se estranhar a simpatia dos comunistas, a isso se deve somar a linha da revolução democrático pequeno-burguesa, desenvolvida oficialmente desde 1925, que

⁷⁴⁹ MORAES, Dênis de; VIANA, Francisco. *Prestes: Lutas e autocríticas*. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1982, p.51

⁷⁵⁰ REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos*. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 141.

⁷⁵¹ “HINO À ITAQUI REVOLUCIONÁRIA!”. *Jornal A Classe Operária*, p.2. 20/04/1931. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 57. Воззвания и заявления ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 10/08/2018. Grafia em caixa alta, como no original.

⁷⁵² “HINO À ITAQUI REVOLUCIONÁRIA!”. *Jornal A Classe Operária*, p.2 20/04/1931. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 57. Воззвания и заявления ЦК КП Бразилии. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru/>. Acesso em 10/08/2018. Grafia em caixa alta, como no original.

com o advento da Coluna, quando Prestes acabou figurando na condição de aliado preferencial do partido até o final de 1929. Desse modo, pode-se dizer que o fascínio por Prestes também teve início internamente e acabou ganhando mais espaço à medida em que o “Cavaleiro da Esperança” esquerdizava-se, de modo que a intervenção no CC, realizada pela IC, não foi suficiente para desconstruí-lo e à medida em que ele prosseguia parecendo estar ao lado da Aliança Liberal, acabou também atraindo quadros do PCB, o que também importunava líderes aliancistas, preocupados em livrar a sua revolução de qualquer aproximação ao comunismo.⁷⁵³

O fato é que a intervenção da IC, ao alterar de forma brusca e radical a tática revolucionária do PCB, contribuiu à sua derrota na Revolução de 1930, acabando por fragmentá-lo física e ideologicamente, levando-o ao afastamento das suas bases operárias e perda de parte da militância, apesar de o PCB ter contribuído diretamente para a revolução até 1929 e parte de seus quadros tenham tomado parte no movimento, à revelia da direção, até a vitória de outubro de 1930. No final, os vencedores aproveitaram-se do fato de o partido estar atacando publicamente o movimento - chamando-o de golpe de estado fascista e a Junta governativa de governo ditatorial - para evidenciar que os comunistas em nada contribuíram para a derrotar as oligarquias, sendo, por isso, um mal a ser extirpado para o bem da revolução.

⁷⁵³ Paulo Sérgio Pinheiro escreve que relatórios dos EUA apontavam para uma aproximação dos comunistas da revolução e do governo provisório, o que teve resposta com a criação do Serviço Especial de repressão Comunismo, logo após a vitória revolucionária. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 258, p. 262. Talvez por isso Juarez Távora tenha reafirmado o caráter conservador da revolução ao New York Times, como aponta Young: “Numa reportagem do New York Times em Pernambuco, a 13 de outubro, declarou Juarez Távora: ‘A revolução não tem o caráter de motim, mas é apoiada por todas as classes, incluindo fazendeiros ricos, industriais, as classes médias e os trabalhadores. Todo o nordeste brasileiro acima do Rio São Francisco está em nossas mãos. Temos a satisfação de informar a todas as nações, através da *Associated Press*, sobre os propósitos construtivos da revolução, que pretende restaurar a moralidade administrativa e reestabelecer o crédito do Brasil no exterior, não abusando de empréstimos e praticando uma severa economia interna. É inteiramente falso que o movimento tenha qualquer conexão com a política bolchevista. É importante notar que as insígnias vermelhas usadas por todos são um símbolo antigo e digno do Partido Liberal, que incorpora uma grande força conservadora”. YOUNG, Jordan. “Aspectos militares da Revolução de 30”. IN: FIGUEIREDO, Eurico de Lima (Org.). *Os militares e a Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 28. Juarez Távora, em suas memórias, reiterou tal posição, dizendo que, na verdade, a revolução teve de imediato procurar meios de defender-se da ameaça oriunda da propaganda comunista que, segundo, ele, estava “sob a chefia experimentada de Luís Carlos Prestes”. TÁVORA, Juarez. *Uma vida e muitas lutas - memórias: a caminhada no altiplano*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976. V. 2, p. 16.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou a atuação do Partido Comunista do Brasil (PCB), durante a crise dos anos de 1920, até a Revolução de 1930. Para atingir este objetivo, revisitamos as origens do partido para compreender o seu funcionamento interno e seus contatos junto ao Movimento Comunista Internacional. Buscamos também identificar a sua relação com a classe trabalhadora e com as demais forças políticas do país, até porque o movimento de derrubada das oligarquias, que se desenrolou durante toda a década de 1920, teve também a contribuição dos comunistas, apesar da intervenção da III Internacional, a partir de setembro de 1929. Concluímos que durante este período, o PCB apresentou-se na cena política como uma ameaça à revolução restauradora proposta pelos tenentes e pela Aliança Liberal, uma vez que pretendia levar às últimas consequências o programa mínimo de derrubada as oligarquias, o que incomodava as frações burguesas, então interessadas apenas num rearranjo de poder.

Ao longo da pesquisa, obtivemos como primeiros resultados a caracterização da relação entre o PCB e a III Internacional: podemos afirmar que, entre 1922 e 1929, a Seção Brasileira da IC possuía efetiva autonomia necessária para atuar e para formular a sua própria teoria revolucionária, baseada nas teses de Otávio Brandão, publicadas na obra *Agrarismo x Industrialismo*, que foram a base da política oficial do partido no II Congresso, realizado em 1925. Teses que preconizavam a realização da revolução democrático pequeno-burguesa para extirpar o poder da burguesia agrária.

A partir desta política revolucionária os comunistas estabeleceram metas, realizaram alianças e intervieram no plano político nacional, a despeito do reduzido espaço de atuação aos partidos e movimentos de esquerda na Primeira República. Identificamos que este desenvolvimento resultou no crescimento do PCB no país e a sua consolidação como força política no cenário nacional, quando os comunistas abriram um canal de diálogo com os tenentes, por eles identificados, à nível local, como a vanguarda revolucionária a ser convertida em força nacional-revolucionária, como orientava a IC, em suas teses sobre os países coloniais e semicoloniais, como era o caso do Brasil. Ou seja, eles eram vistos pelo PCB como a ponta de lança para a definitiva destruição dos domínios das oligarquias.

Aplicação desta linha política buscava equalizar a nível local as diretrizes da revolução mundial, então sob a coordenação da IC. Esta proposta tinha a chancela da IC - que estava informada pelos relatórios e dados enviados pelos comunistas brasileiros - sobre as condições sociais, políticas e econômicas do Brasil, uma vez que havia uma correspondência assídua e regular entre ambos.

Apesar do recrudescimento da repressão por conta dos levantes tenentistas de 1922 e 1924 e, posteriormente, com a Coluna Prestes, o PCB atuou nas margens da legalidade através do BOC, realizando alianças eleitorais com quadros da pequena burguesia, ao tempo em que expandiu-se pelo país, fomentando a criação de comitês regionais, associações e sindicatos de trabalhadores, combatendo anarquistas e socialistas dentro do movimento operário quando, clandestinamente, propôs a organização de um Comitê Militar Revolucionário, em parceria com os tenentes, com os quais visava dar andamento à revolução. Até porque, nos levantes tenentistas e durante a passagem da Coluna Prestes em Pernambuco, os comunistas buscaram auxiliar os militares em marcha, oferecendo-lhes apoio tático, com o objetivo de incluir trabalhadores e camadas populares, visando converter o movimento numa coalizão nacional-popular, como preconizava a IC e a tese da revolução democrático pequeno burguesa, o que sofreu resistência de setores conservadores do tenentismo, avessos ao comunismo e tementes ao que chamavam de “indisciplina” das massas na revolução.

Constatamos que a Revolução de 1930 contou também com a participação dos comunistas, apesar de o Partido não ter tomado parte oficialmente do movimento de outubro, por conta da interdição da IC. Naquele contexto, o PCB foi a público para denunciar a revolução da Aliança Liberal como um golpe de estado fascista, exortando a classe trabalhadora, soldados e marinheiros para que criassem imediatamente sovietes no Brasil.

No entanto, verificamos a existência de muitos apoiadores da Aliança Liberal dentro das fileiras do Partido Comunista. Estes aderiram por vários motivos: influência de Prestes, o Cavaleiro da Esperança, que demorou a desvincular-se publicamente do movimento; pelo entendimento de que o movimento aliancista representava um algum avanço, por visar a derrubada do poder dominante; e, por fim, pela crença de que era possível converter aquela insurreição numa verdadeira revolução social, antessala da revolução socialista, como preconizava as teses do PCB, até a intervenção da IC.

Concluimos que o Partido Comunista da década de 1920 foi um organismo dinâmico e “vivo”, animado pelo projeto de revolução mundial que, a partir da realidade brasileira, envidou esforços para construir a revolução socialista no Brasil. Ao contrário de parte da Historiografia, entendemos que, até 1930, o PCB não foi um agrupamento monolítico e subserviente aos interesses de Moscou, mas um partido unido dos interesses de uma vontade coletiva da classe trabalhadora, então considerada marginal pelo estado dominado pelas oligarquias. Assim, para além das ações conscientemente realizadas, o PCB encarnava uma vontade nacional-popular ao pautar os problemas econômicos e políticos do Brasil, ao contrário das demais oposições que relutavam em discuti-los, acabando por apresentar-se como um componente nocivo à proposta de revolução como restauração, portada pelos setores mais radicais, como os tenentes revolucionários. Ou seja, o PCB ameaçava a forma passiva de revolução em curso, principalmente por sua proposta de radicalizar o movimento através de uma aliança entre a classe trabalhadora e a pequena burguesia, contra os domínios burguesia agrária que, como sabemos, foi desembaraçadamente reacomodada no poder após os eventos de outubro de 1930.

Desse modo, apesar do apoio dos comunistas, a ausência do PCB na revolução de 1930 privou o Brasil da possibilidade uma reforma mais profunda⁷⁵⁴, superando entraves oriundos do domínio agrário e estabelecer um caminho nacional-popular e moderno para o país.

⁷⁵⁴ Partimos de Gramsci quando ele afirma que “O moderno Príncipe deve e não pode deixar de ser o anunciador e o organizador de uma reforma intelectual e moral, o que significa, de resto, criar o terreno para um novo desenvolvimento da vontade coletiva nacional-popular no sentido da realização de uma forma superior e total de civilização moderna”. GRAMSCI, Antônio. *Maquiavel. Notas sobre o estado e a política*. Cadernos do Cárcere, volume 3. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 8º edição, 2017, p. 18.

<https://grabois.org.br/>

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC/FGV

Acervo Juarez Távora – Documentação Política e Funcional

<https://cpdoc.fgv.br>

Centro de Memória da Unicamp, CMU

<https://atom.cmu.unicamp.br/>

Biblioteca Nacional

Hemeroteca Digital

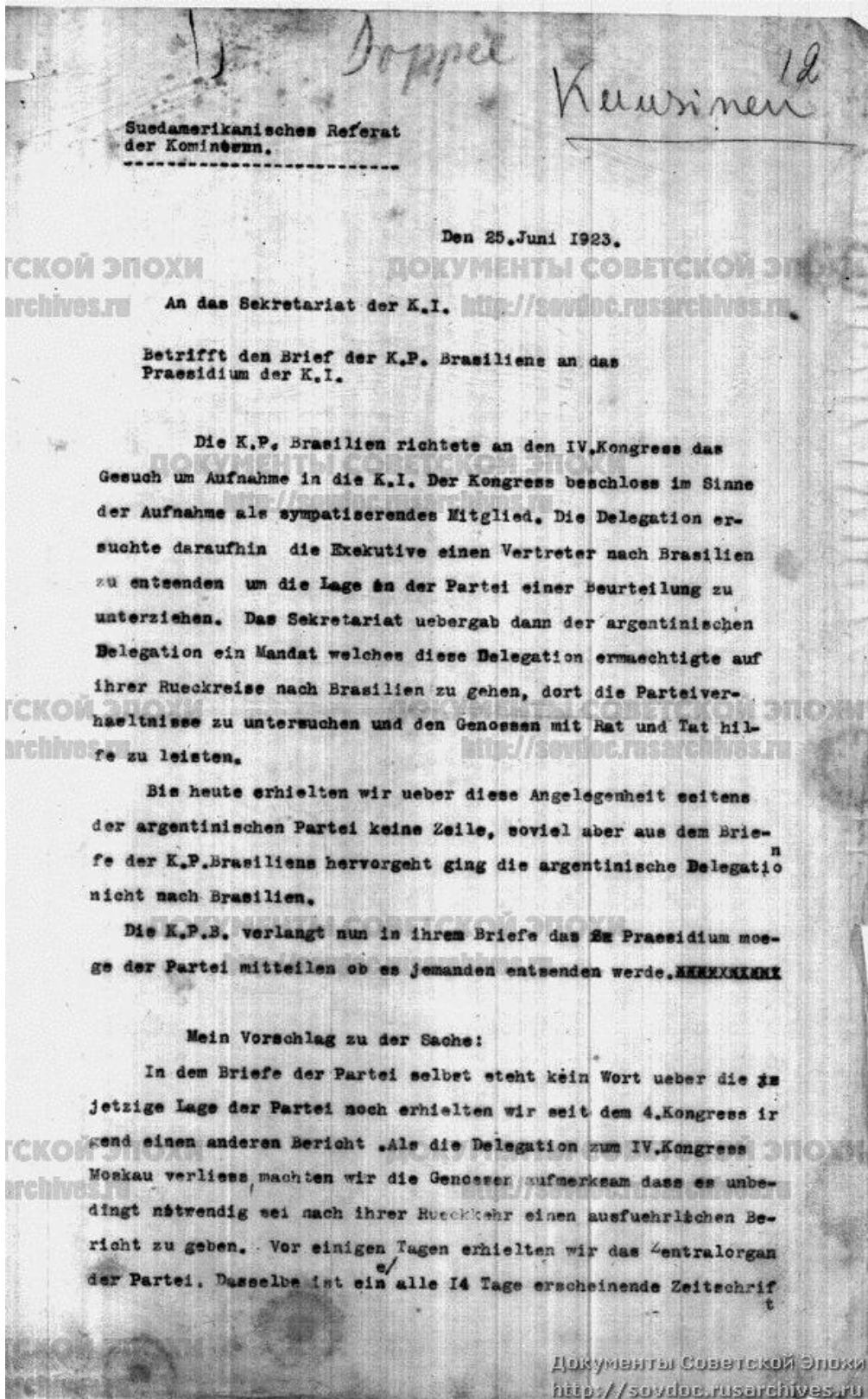
<https://bndigital.bn.gov.br/>

Marxists Internet Archive

Imprensa proletária

<https://www.marxists.org>

ANEXOS



An das Sekretariat der K.I. 25/6/1923. RGASPI, Moscou, Rússia. Дело 9. Письма ИККИ в ЦК КП
Бразилии и переписка о КПБ. Retirado de <http://sovdoc.rusarchives.ru>. Acesso em 30 de outubro de

13

- 2 -

deren Inhalt jedoch fuer dortige Verhaeltnisse viel zu theoretisch ist. Es sind sehr viele Uebersetzungen aus dem Bulletin Communiste und aus anderen franzoesischen Zeitungen. Ueber die eigentlichen Tagesfragen der Arbeiter oder ueber die Gewerkschaftsprobleme finden wir fast gar nichts. Dieses laesst mich auf eine allzu intellektuelle Fuehrung schliessen.

Ich schlage Ihnen deshalb vor: einen Brief an die K.P.B. zu schreiben dessen Inhalt folgende wichtigsten Punkte enthalten soll:

- 1) Dass das in argentinien organisierte Propagandabureau fuer Suedamerika den Auftrag erhielt ueber die Brasilianischen Parteiverhaeltnisse zu berichten.
- 2) Dass wir von der Partei selbst einen ausfuehrlichen Bericht ueber die Lage der Partei, ueber die Gewerkschaftsbewegung ueber die Lage der Arbeiterschaft und Bauern und ueber die politische Lage des Landes im allgemeinen erwarten.
- 3) Die Partei soll an Stelle der theoretischen Zeitschrift eine Wochenzeitung herausgeben. Der Inhalt dieser Zeitung muss sich beschaeftigen mit den wirklichen Tagesfragen der Arbeiterklasse im allgemeinen und insbesondere der Gewerkschaftsbewegung. Ebenfalls, dass diese Zeitung in einer fuer Arbeiter taugliche Sprache geschrieben sein muss.

Beiliegend uebersende ich Ihnen noch eine kurze Darstellung der Entwicklung der brasilianischen Arbeiterbewegung.

Mit kommunistischem Gruss

A. STIRNER

Документы Советской Эпохи
<http://sovdoc.rusarchives.ru>

**NEM COM UNS,
NEM COM OUTROS!**

Os salários baixos, a miséria e a fome, milhares de trabalhadores das cidades e dos campos são condenados à morte pela fome. Enquanto isso, os bandidos que nos famizam e oprimem preparam complotos cujos resultados serão ainda mais duros para as massas trabalhadoras.

Os jornais liberais estão cheios de hipocrisia sobre a "revolução" que se prepara no Rio Grande do Sul, em Minas e no Parahyba. Mas que vem a ser de facto esta fúria revolucionária? Ela será um golpe de estado favorito contra os trabalhadores. Essa é a "revolução" que os Flores da Cunha, Tavora, Maurício de Lacerda, agentes do imperialismo, preparam.

Ellos conspiram a revolta dos trabalhadores, com os oficiais e camponeses. Ellos fazem em "revolução" para enganar as massas e impedir o verdadeiro levante das massas trabalhadoras. Ellos querem vencer ainda mais o Brasil aos seus patrões norte-americanos, aos Forças e outros. Ellos querem implantar uma ditadura fascista ainda mais violenta e mais hipócrita que a ditadura da actual governação actual.

Camaradas trabalhadores!
A essa preparação do golpe de estado fascista, nós devemos responder preparando a nossa própria luta.

Lutemos contra a reacção!
Lutemos contra a diminuição dos salários, pelo aumento dos salários.

Lutemos contra o desemprego, pelas 7 horas de trabalho, pelos \$6000 por dia dos desempregados!
Lutemos pela liberdade sindical e dos sindicatos.

Lutemos juntos com os trabalhadores dos campos, juntos com os pequenos lavradores contra os impostos, contra a opressão feudal, contra a polícia!
A revolta desta luta nos liberta para a nossa revolução, pelo governo operário e camponês.

Trabalhadores, abaixo os golpes de estado fascistas!
Nós lutamos contra os golpes de estado fascistas; essa se enforca rebatida semáxi, qual deverá ser a posição dos operários e camponeses revolucionários?

Apoiar os governistas? NUNCA! De maneira nenhuma!
Apoiar os fazendeiros e burgueses da Aliança Liberal? Apoiar os para que combata eles os vendidos ainda mais aos imperialistas? Para que eles nos facilitem, como na Argentina e na Bolívia? NUNCA!

Si a luta armada entre os governistas reaccionários começa, esta é a única que deve seguir, trabalhador.
Não apoiar um ou outro, mas lutar contra os dilapidados.

Operário agrícola, pequeno lavrador! Não seguir as governistas reaccionárias, mas formarás os comités de luta, tomardes a terra nos fazendeiros, dividindo-a entre os pequenos lavradores e operários agrícolas. Tu és irmão, organiza os comités de luta, grupos de defesa de vossas organizações para defendê-las dos ataques policíacos!

Abri pela força os vossos sindicatos de classe! E com essas fortalezas vossas, desencadeais greves de massas, por vossas reivindicações!
REPETAMOS AS LUTAS HERÓICAS DE 1918!

Contra a Reacção e Contra as Ameaças de Golpes Fascistas, Preparemos Em Cada Fabrica e Em Cada Fazenda Grèves de Massas!

Rio, 29 de Setembro de 1930

PROLETARIOS DE TODOS OS PAIZES, UNI-VOS!

Ano VI - Num. 101

A CLASSE OPERARIA

ORGAO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRAZIL (Secção Brasileira da Internacional Comunista)

TRABALHADORES, A POSTOS!

Contra o Golpe de Estado Fascista! Contra a Infame Repressão Policial! Pela luta Revolucionaria de Massas!

Segundo noticias insistentes destes últimos dias, que o governo tenta occultar, o Rio Grande do Sul iniciou já, praticamente, a insurreição armada, concentrando forças rebeldes na fronteira de Santa Catharina.

Como confirmação destas noticias, o senador liberal Flores da Cunha, discursando em Livramento, disse considerará "fracassadas todas as tentativas no sentido de não ser convulsionado o país" e, mais, que "que não fariam os azares da Argentina".

Na Parahyba recrudescem a agitação, que se dirige contra o proprio governador actual, accusado de moderação em relação ao governo federal.

Em S. Paulo, a policia militar realiza manobras militares como um exercito que se prepara para os combates proximos.

A mesma coisa aqui no Districto Federal, onde as manobras militares do exercito e da policia assumem feição claramente politica, com a troca de discursos politicos entre os generaes e o presidente da Republica.

Todos estes factos, cuja coincidência não é obra do acaso, mostram de maneira evidente que o golpe de estado militar ahí vem a galope.

A guerra civil está virtualmente declarada. As forças inimigas tomaram posição de combate. O choque armado, generalizado por todo o país, é coisa que já ninguém pode evitar.

Trabalhadores, a postos!
Os perigos dos golpes de estado e reacção fascista batem já a vossa porta!

Operários e camponeses!
Lembrad-vos dos acontecimentos actuaes na Bolívia, na Perú, na Argentina. O golpe de estado militar nesses países, a serviço do imperialismo americano e do imperialismo inglês, foi feito contra os trabalhadores, fuzilados e massacrados pelos agentes do imperialismo!

O degollador Flores da Cunha fala do "exemplo argentino". E' o exemplo da execução sumaria de milhares operários em Buenos Aires, Córdoba, Rosario.

Para os trabalhadores, o degollador Flores da Cunha ou o sclerado Laudelino de Abreu não fazem differença.

Laudelino de Abreu representa a repressão policial fascista ao serviço dos conservadores, isto é, ao serviço do imperialismo inglês. Flores da Cunha representa o golpe de estado fascista ao serviço dos liberais, isto é, do imperialismo yankee. Para os trabalhadores, tanto ser torturado lentamente pelo scario Laudelino como ser degollado pelo sanguinario Flores.

Não vos illuddes, trabalhadores das cidades e dos campos!

O golpe de estado liberal e a reacção conservadora significam em primeiro lugar a luta dos diversos grupos de proprietários de terras e burgueses para dividir qual o patrião que ha de dominar o Brasil: si o imperialismo americano, si o imperialismo inglês.

Em segundo lugar, com estas lutas, os dois grupos aliam — e nato estão de perfeito accordo uns e outros — illudir as massas e esmagar a revolução dos trabalhadores e camponeses.

Trabalhadores dos campos! pequenos lavradores! forasteiros e colonos! — contra os fazendeiros, contra os golpes fascistas, formad vossos comités de luta! Tomad a terra. Armad-vos e recatad a policia! Dividid a terra entre os que a cultivam com o suor do seu rosto!

Soldados e marinheiros! soldados de policia! — Si os generaes fascistas vos mandarem morrer pelos golpes de estado e pela contra-revolução, não lutad! Praterizeid a vossa arma, não matad! Não matad os vossos companheiros, os vossos generaes! Apoiad a luta dos vossos irmãos trabalhadores!

Trabalhadores das cidades! — Formad vossos comités de luta em cada fabrica, em cada officina! Organizad-vos!

Operários de industria, dos transportes e da lavoura! — Desempenhai greves de massas por vossas proprias reivindicações!

Contra as conspirações imperialistas!
Abaixo os golpes de estado fascistas contra as massas!
Abaixo a reacção policial contra a classe operaria!
Viva a luta revolucionaria dos trabalhadores das cidades e dos campos!

Trabalhadores! A' Luta Pela Existencia Legal dos Sindicatos! Fortalecei-os como em 1918!

Só a Luta Organizada dos trabalhadores os salvará!

Em 1918, os trabalhadores ganharam as 7 horas e o augmento de salários, porque eram fortes e temidos pelo patronato e pelo governo.

O patronato e seu governo policial só temem os trabalhadores organizados, isto que o intendente burguez Vieira de Moura disse um dia é a para verdade. Tão para como a agua que Vieira de Moura não bebe.

Por isso mesmo, o governo fez-nos todos os sindicatos e perseguia toda organização e organização do proletariado. Elle precisava ter os trabalhadores desorganizados para poder estral-os na miséria em que hoje estão.

Hoje, desorganizados com seus sindicatos de luta sem vossas fortalezas, os trabalhadores não podem lutar, não podem vencer a nossa luta! E o patronato correge sobre os trabalhadores, põe-nos na rua, rebaixa os salários, reduz-nos a mais triste situação de miséria e de escravidão!

TRABALHADORES!
O unico meio de vos salvardes da miséria e da escravidão é a luta massiva e geral

contra os bandidos que vos matam de fome!

E o unico meio de vencerdes essa luta é terdes sindicatos como em 1918: fortes e capazes de defender vossas liberdades, contra a policia!

Hoje tendes já um partido, o vosso, o Partido Comunista! Elle vos dirigirá na luta revolucionaria!

Fallei-vos uma organização sindical combativa como a de 1918.

Conquistad-a!
Organizad em vossas proprias organizações de classe, alto

ha ninguém que possa derrotar-vos!

Lutad, pela legalidade de vossas organizações de classe! Em cada empresa, em cada officina, em cada lavanda, formad vossos comités de luta, grupos de defesa de vossas organizações para defendê-las dos ataques policíacos!

Abri pela força os vossos sindicatos de classe! E com essas fortalezas vossas, desencadeais greves de massas, por vossas reivindicações!
REPETAMOS AS LUTAS HERÓICAS DE 1918!

Trabalhadores! Lutemos Pela Liberdade Dos Sindicatos Revolucionarios! Pelo Augmento Dos Salarios! Pela Jornada de 7 horas e Pela Indemnisação de 6\$000 Por Dia Dos Desempregados!

<http://sovdoc.rusarchives.ru>

54

A Junta dos generaes reaccionarios acaba de dissolver o meeting convocado pela Confederação Geral do Trabalho para a Praça Mauá. Os generaes fascistas mostram assim a sua verdadeira figura. Trabalhadores e soldados! Protestemos! Organizemos em cada bairro comícios de protesto contra a nova reacção dos generaes disfarçados de revolucionarios!

Não Permittamos
que a Reacção
se consolide!

Rio, 27 de Outubro de 1930

PROLETARIOS DE TODOS OS PAIZES, UNI-VOS!

Anno VI - Num. 105

A CLASSE OPERARIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMMUNISTA DO BRAZIL. (Secção Brasileira da Internacional Communista)

**Trabalhadores! Reabri e Defendei os Sindicatos Revolucionarios!
Todos para Dentro dos Sindicatos! Viva a Frente Unica Proletaria!**

VIVA A LIBERDADE SYNDICAL!

Os generaes que deram o golpe de estado militar para salvar a situação e o poder dos fazendeiros e burguezes vendidos aos imperialistas, declaram que a "revolução está victoriosa". A "revolução está victoriosa" mas o poder se encontra nas mãos dos generaes reaccionarios.

Os patrões continuam a explorar os trabalhadores. Os trabalhadores sem trabalho continuam a morrer de fome. De novo se organiza a policia contra as massas trabalhadoras.

Enquanto os trabalhadores festejam a queda do governo de Washington Luiz, os generaes reaccionarios por detrás das cortinas disputam o poder e consolidam a reacção contra as massas.

O meeting dos trabalhadores convocado pela Confederação Geral do Trabalho foi violentamente dissolvido pela policia dos novos governantes.

O governo dos generaes reaccionarios começa portanto a desmascarar-se, mostrando a sua verdadeira natureza reaccionaria.

Elles pretendem desarmar os trabalhadores e os reservistas, porque os generaes reaccionarios têm medo do povo armado. Ao mesmo tempo que suprimem o direito de reunião para os trabalhadores, elles libertam os peores reaccionarios do antigo regimen e collocam a frente da policia o Coronel Klingner, fiel defensor de Bernardes e de Washington Luiz.

Os Mauricio de Lacerda, os Juarez Tavoras, os Oswaldos Aranhas, os Bernardes, os generaes da Junta Militar — cada qual quer o poder para si proprio, para o seu grupo. Como chacates, elles disputam entre si o poder, e ao mesmo tempo começam a repressão contra os trabalhadores, porque todos elles têm medo das massas, têm medo da verdadeira revolução operaria e camponesa que está em marcha.

Nem a Junta Militar, nem a Aliança Liberal não são capazes de resolver nem um só dos problemas da revolução brasileira. Não poderão resolver a crise economica, não poderão restabelecer a unidade do paiz despe-

daçado pela luta dos fazendeiros e burguezes ao serviço dos banqueiros estrangeiros.

A disputa do poder entre os generaes reaccionarios e os diversos grupos de burguezes significa a continuação da guerra civil, do sofrimento e da miséria para os trabalhadores, e o desmembramento do Brazil, em beneficio dos imperialistas.

Para os trabalhadores não há outra solução: ou a continuação de todos os horrores da guerra civil reaccionaria, da oppressão dos generaes fascistas, ou a luta revolucionaria das massas operarias e camponesas em proveito das proprias massas.

Trabalhadores!
Não permittamos que a reacção se consolide!

O Partido Communista, vanguarda do proletariado, apella para todos os trabalhadores:

Reabrir immediatamente as sedes dos syndicatos revolucionarios.

Organisar grupos de dezias operarios e camponeses para defender a existencia legal dos syndicatos, é as greves.

Formar em cada fabrica e officina comissões operarias para apresentar immediatamente as reivindicações mais

essenciais legal das suas organizações de classes!

Deixamos a existencia legal dos syndicatos!

Defendamos a existencia legal dos syndicatos!

Defendamos a existencia legal dos syndicatos!

Defendamos a existencia legal dos syndicatos!

Defendamos a existencia legal dos syndicatos!

Defendamos a existencia legal dos syndicatos!

Defendamos a existencia legal dos syndicatos!

Defendamos a existencia legal dos syndicatos!

Defendamos a existencia legal dos syndicatos!

Defendamos a existencia legal dos syndicatos!

— Abertura immediata das fabricas fechadas.

— Aumento de 30% nos salarios das mulheres e dos jovens.

— Pagamento de 60000 aos desempregados forçados inclusive os que só trabalham 2 e 3 dias por semana.

— Reconhecimento pelos patrões dos syndicatos de classes.

Trabalhadores! Communistas, anarchistas, syndicalistas, catholicos, em partido, unamos-nos todos para a luta pelos nossos interesses!

Viva a liberdade syndical!
Viva a frente unica proletaria!
Viva a luta pelos nossos interesses!

Viva a liberdade syndical!
Viva a frente unica proletaria!
Viva a luta pelos nossos interesses!

Viva a liberdade syndical!
Viva a frente unica proletaria!
Viva a luta pelos nossos interesses!

Viva a liberdade syndical!
Viva a frente unica proletaria!
Viva a luta pelos nossos interesses!

Viva a liberdade syndical!
Viva a frente unica proletaria!
Viva a luta pelos nossos interesses!

Viva a liberdade syndical!
Viva a frente unica proletaria!
Viva a luta pelos nossos interesses!

Manifesto do Partido Communista

O governo de Washington Luiz é fraco, baseado na mentira, nos sofrimentos e no sangue do povo!

O generaes que ainda tentam massacrar os trabalhadores organizamos uma Junta Militar que, sob a máscara da "pacificação", tramo os seus golpes à revelia das massas e prepara a "reacção" fascista contra as massas operarias e camponesas.

O governo da Junta Militar, que se diz "do povo", não deu nada ainda aos trabalhadores: pelo contrario, elle reorganiza de novo a policia para repressão dos trabalhadores.

Na declaração da Junta Militar não ha uma unica palavra sobre a liberdade syndical e de greves.

Trabalhadores! Os generaes reaccionarios deram um golpe militar para covardias aos patrões.

Constituir comités de sem trabalho para organizar essas organizações de operarios parados e exigir do governo o pagamento de indenização.

Nenhuma illusão nos burguezes da Junta Militar e da Aliança Liberal.

Confiar unicamente nas suas forças e organizações dos operarios e camponeses.

Viva a luta independente dos operarios e camponeses pelos seus proprios interesses!

Viva a revolução operaria e camponesa!

tar a cabeça da revolução das massas operarias e camponesas.

A Junta Militar quer "pacificar" e restabelecer a "ordem", a velha ordem de oppressão e exploração.

Para as massas operarias a revolução começa agora, a verdadeira revolução realizada pelas massas em proveito das proprias massas, revolução que dará o poder às massas operarias e camponesas.

Trabalhadores!
A vossa unica salvação está em organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Organizar a luta independente das massas operarias e camponesas, porque unicamente a revolução operaria e camponesa realizada pelas proprias massas é dirigida pelo proletariado consciente com o Partido Communista a frente poderá destruir o poder dos fazendeiros, dar a terra aos que trabalham nella, expulsar os imperialistas estrangeiros que escravizam e dividem o poder dos fazendeiros.

Viva a Liberdade de Reunião, de Associação e de Imprensa Proletaria!

Документы Советской Эпохи
<http://sovdoc.rusarchives.ru>

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Dilton Oliveira de; MASCARENHAS, Maria José Rapassi (Org.). *Sociedade, relações de poder na Bahia*. Edufba, 2014.

BARTZ, Frederico. *Movimento Operário e Revolução Social no Brasil: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto alegre entre 1817 e 1922*. Tese de doutorado, UFRGS, 2014.

BARROS, João Alberto Lins. *Memórias de um Revolucionário*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1953.

BARROS, Manuel Souza. *A década de 20 em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Editora Paralelo, 1972.

BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República*. De 1889 a 1930. Volume 2. 4ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976.

BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976.

BATISTA, Eliana Evangelista. *A Bahia para os baianos: acomodação e reação política ao governo de Getúlio Vargas (1930-1937)*. Tese de doutorado, PPGH-UFBA, Salvador, 2018.

BORGES, Vavy. *Tenentismo e Revolução Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

BRANDÃO, Otávio. *Agrarismo e Industrialismo*. Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924. São Paulo, editora Anita Garibaldi, 2ª edição, 2006.

REGO, Otávio Brandão. *Otávio Brandão (depoimento, 1977)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1993

BRANDÃO, Otávio. *Combates e Batalhas*. Memórias, vol. 1. São Paulo, Alfa-ômega, 1978.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista (1919-1943)*. São Paulo: Sundermman, 2007.

_____. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014

- CAMARERO, HERNAN. *Buenos Aires-Moscú. El partido comunista argentino y la Revolución Rusa hasta los años treinta*. Escuela de História, nº 29, 2017.
- CARR, Edward Hallet, *Que é história?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3a ed. 1982.
- CARONE, Edgard. *O PCB: 1922-1943*. São Paulo, Diefel, 1982, vol. 1.
- CARONE, Edgard. *A República Velha (Instituições e classes sociais)*. 2ª edição revista e aumentada. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- CARRION, Raul. *O Partido Comunista do Brasil no Rio Grande do Sul 1922-1929*. Monografia, Rio Grande do Sul, 1997.
- CASTELUCCI, Aldrin. *Trabalhadores, máquina política e eleições na Primeira República*. Tese de doutorado, PPGH, UFBA, 2008.
- CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. *Industriais e operários baianos numa conjuntura de crise (1914-1921)*. Salvador, FIEB, 2004.
- CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto, como o caso foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes: memórias*. São Paulo: Alfa-ômega, 1978.
- CHILCOTE, Ronald. *O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982.
- CLAUDÍN, Fernando. *A crise do movimento comunista. Vol. 1 – a crise da Internacional Comunista*. Tradução e introdução José Paulo Neto. São Paulo, Global, 1985.
- CUNHA, Paulo Ribeiro da. *O ANTIMIL: o setor militar –origens de uma organização*. *Lutas Sociais*, São Paulo, n.29, p.59-71, jul./dez. 2012.
- DE DECCA, Edgard. *Salvadori. 1930, o silêncio dos vencidos: memória, história e revolução*. São Paulo: Brasiliense, 2004, 6ª edição, 2004.
- DEL ROIO, Marcos. *A Classe Operária na Revolução Burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.
- DEL ROIO, Marcos. “A gênese do Partido Comunista (1919-29)”. IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A Formação das Tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.
- DEMIER, Felipe Abranches. *O longo bonapartismo brasileiro, 1930-1964*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

- DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. 2ª edição. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977
- DULLES, John Watson Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. (1900-1935). Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1977.
- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e história*. 16ª edição (revisada e ampliada), 5ª reimpressão, companhia das Letras, 1997.
- FAUSTO, Bóris (dir.) *O Brasil Republicano*, vol. 9: sociedade e instituições (1889-1930). 8ª ed. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2006.
- FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A Formação das Tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de almeida Neves (organizadores). *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 7ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014.
- FIGUEIREDO, Eurico de Lima (Org.). *Os militares e a Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979,
- FONTES, José Raimundo. *Manifestações operárias na Bahia. O Movimento Grevista 1888-1930*. Dissertação de mestrado, Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, 1982.
- FONTES, José Raimundo. *A Bahia de todos os trabalhadores: classe operária, sindicato e política (1930-1947)*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo, 1996.
- FREITAS, Antônio Fernando Guerreiro de. *Os donos do fruto de ouro*. Dissertação do Mestrado em Ciências Sociais, Salvador, UFBA, 1979.
- GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere, volume 3: Maquiavel. Notas sobre o estado e a política*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 8ª edição, 2017.
- _____. *Cadernos do Cárcere. Volume 5: O Risorgimento. Notas sobre a história da Itália*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

GOMES, Margarete Santos Nunes. *Caprichos e trapiches: memórias das ex-trabalhadoras da atividade fumageira em Conceição do Almeida-BA (1960-1980)*. Dissertação de mestrado, PPGHIS/UNEB, Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2010.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos extremos. O breve século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric John (org.). *História do Marxismo, Vol. VI: o Marxismo na época da Terceira Internacional. A Internacional Comunista de 1919; As frentes populares..* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. *América Latina em la Internacional Comunista, 1919-1943*. Dicionario biografico. Ariadna Ediciones, Santiago, Chile, 2015

KAREPOVS, Dainis. *A esquerda e o parlamento no brasil: o Bloco Operário e Camponês (1924-1930)*. Tese de doutorado. FFCH-USP, 2001.

KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto. O Município e o regime representativo no Brasil*. 7ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LENIN, Vladimir Ilitch Ulianov. *Dois Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática*. Editora Livramento, São Paulo, 1975.

LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos, memórias de militância*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna Prestes. Marchas e Combates*. 3ª edição, São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1979.

LINS, Marcelo da Silva. *Os vermelhos nas terras do cacau: a presença comunista no sul da Bahia (1935-1936)*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2007.

MACHADO NETO, Antônio Luiz. *A Bahia Intelectual. (1900-1930)*. Universitas. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. Nº 12/13, maio/dezembro de 1972.

MARX, Karl. *O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2006.

MAYER, Jorge Miguel. *Morato, Francisco*. CPDOC, Verbete biográfico. Retirado de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-antonio-de-almeida-morato>. Acesso em 22 de outubro de 2021.

MOREIRA, Regina da Luz. *BRASIL, Assis*. CPDOC, Verbete biográfico. Retirado de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joaquim-francisco-de-assis-brasil>. Acesso em 22 de outubro de 2021

MAZZEO, Antônio. *Sinfonia inacabada*. A política dos comunistas no Brasil. São Paulo, Boitempo, 1999.

MORAES, Dênis de; VIANA, Francisco. *Prestes: Lutas e autocríticas*. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1982.

MORAES, João Quartim de. “A influência do leninismo de Stálin no comunismo brasileiro”, IN: MORAES, João Quartim de; REIS, Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*. Volume 1, 2ª edição, Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007

[NEQUETE, Abílio. *Apontamentos realizados de 8 a 19 de julho de 1944 - caderno nº II*, p. 21] Apud: CARRION, Raul. *O Partido Comunista do Brasil no Rio Grande do Sul 1922-1929*. Monografia, Rio Grande do Sul, 1997. Retirado de http://www.raulcarrion.com.br/pcdob_fundacao.asp#_ftn7 . Acesso em 20 de agosto de 2020.

OLIVEIRA, Tiago Bernadon. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Fundação Roberto Marinho, 1995.

PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB, 1922-1928: notas e documentos*. São Paulo: Anita Garibaldi, Fundação Mauricio Grabois 2012.

PEREIRA, Astrojildo. “cxxxxxx”. IN: ZAIDAN, Michel (org.). *Construindo o PCB*. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1980.

PERÓ, Judith Figuerola. *El Catala de L'URSS. Andreu Nin. Revolucionari i traductor*. Tese de doutorado. Departamento de tradução e de interpretação. Universidade Autônoma de Barcelona. Barcelona, Espanha, 2016.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

- PRASHAD, Vijay. *Estrela Vermelha sobre o Terceiro Mundo*. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
- PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- PRESTES, Anita Leocádia. *Os Militares e a Reação Republicana*. Petrópolis, Rio de Janeiro: editora Vozes, 1993.
- REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos*. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 9ª ed. Ampl. Rio de Janeiro: editora FGC, 2007.
- REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês (1835)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- RESENDE, Maria Efigênia Lage. “O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico”. In: *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente*.
- ROSITO, Renata Irene Haas. *O Pensamento político de Abílio de Nequete*. Datilografado. PUC, 1972
- RODEGHERO, Carla Simone. *O Diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. 2ª edição, Passo Fundo: UPF, 2003.
- ROMANI, Carlos. *Clevelândia, Oiapoque - aqui começa o Brasil!: trânsitos e confinamentos na fronteira com a Guiana Francesa (1900-1927)*. Tese de doutorado. Unicamp, 2003.
- SAMPAIO, Consuelo Novais. *O Poder Legislativo da Bahia (1889-1930)*. Salvador, Assembleia Legislativa, UFBA, 1985.
- SIZILIO, Ricardo José. *Vai, Carlos, ser Marighella na vida: um outro olhar sobre os caminhos de Marighella na Bahia (1911-1945)*. Dissertação de mestrado. PPGH/UFBA, 2017.
- TÁVORA, Juarez. *Uma vida e muitas lutas - memórias: a caminhada no altiplano*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976. v. 2.

TROTSKY, Leon. *História da Revolução Russa*. São Paulo, Sundermann, 2007.

VIANNA, Luiz Werneck. *A Revolução Passiva*. Iberismo e americanismo no Brasil. 2ª edição, Rio de Janeiro, editora Revan, 1997.

VIANNA, Marly Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: Sonho e realidade*. 3ª edição, São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VINHAS, Moisés. *O Partidão – A luta por um partido de massas: 1922 – 1974*. São Paulo: Ed Hucitec, 1982.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias: uma revisão da "política do café com leite"*. Ebook - 2.ed. - Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

Z Aidan, Michel (org.). *Construindo o PCB*. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1980.

_____. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: global, 1985.

_____. *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Belo Horizonte, Oficina de livros, 1989.